
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE
NACIONAL (PROEF)**

VALORES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

**Análise de uma intervenção pedagógica com estudantes dos anos finais
do ensino fundamental**

BRUNO GIUSTI



**Rio Claro – SP
2026**

**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE
NACIONAL (PROEF)**

**VALORES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
Análise de uma intervenção pedagógica com estudantes dos anos
finais do ensino fundamental**

BRUNO GIUSTI

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Maria
Candida Soares Del Masso

Rio Claro – SP

2026

G538v Giusti, Bruno

Valores nas aulas de educação física : Análise de uma intervenção pedagógica com estudantes dos anos finais do ensino fundamental / Bruno Giusti. -- Rio Claro, 2026

223 p. : il., tabs., fotos + objeto educacional

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientadora: Maria Candida Soares Del-Masso

1. Educação Física Escolar. 2. Valores. 3. Princípios. 4. Ídolos. I. Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: VALORES EM XEQUE: Ídolos como arquétipos e suas influências no comportamento dos alunos nas aulas de Educação Física

AUTOR: BRUNO GIUSTI

ORIENTADORA: MARIA CANDIDA SOARES DEL MASSO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em Educação Física, área: Educação Física Escolar pela Comissão Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **MARIA CANDIDA SOARES DEL MASSO**
Data: 11/03/2026 16:13:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. MARIA CANDIDA SOARES DEL MASSO
(Participação Virtual) UNESP / IEP3 / Instituto de Educação e Pesquisas em Práticas Pedagógicas

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDA MORETO IMPOLCETTO**
Data: 16/03/2026 09:12:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. FERNANDA MORETO IMPOLCETTO (Participação Virtual)

Departamento de Educação Física / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Documento assinado digitalmente
 **ROBERTO TADEU IAICHITE**
Data: 14/03/2026 12:36:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. ROBERTO TADEU IAICHITE (Participação Virtual)

Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Rio Claro, 09 de março de 2026.

Título alterado para: Valores nas aulas de Educação Física: Análise de uma intervenção pedagógica com estudantes dos anos finais do ensino fundamental.

Dedico este trabalho aos meus pais Maria Teresa Caldeira Giusti e Nivaldo Giusti por terem me transmitido os mais importantes valores, através do amor e do exemplo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por esta oportunidade de realizar mais esse sonho, e sou muito grato a Ele principalmente aos pais que me deu.

Meus pais, Maria Teresa Caldeira Giusti e Nivaldo Giusti, sempre estiveram presentes fazendo o possível e o impossível para que chegássemos até aqui. Sou muito grato a vocês e lembro de cada esforço que fizeram ao longo de nossas vidas. O mínimo que devo fazer é honrá-los e tentar retribuir todo o amor que sempre me foi dado. Todas as minhas conquistas, nunca foram, não são e nunca serão somente minhas. Sempre será nossa, pois graças a base que vocês me proporcionaram conseguimos chegar aonde chegamos até agora. E vamos, que tem muito a conquistar pela frente...Amo vocês!

Agradeço à minha orientadora, Maria Candida Soares Del-Masso, por toda a atenção, troca de ideias, e principalmente por abraçar de imediato o projeto previamente pensado. Só tenho a agradecer por nossa relação, que já deu certo logo à primeira vista durante uma das aulas presenciais do PROEF. Espero que possamos trabalhar juntos novamente.

Não posso deixar de citar a parceria e apoio da minha namorada Natália Estorino, que mesmo tendo pouco tempo para ficarmos juntos devido aos compromissos semanais, me incentivou a sempre estudar mais durante o mestrado, e mais do que isso, está instigando demais a ideia de eu fazer o doutorado e seguir os estudos em frente. Obrigado, você me motiva a ser cada vez melhor. Te amo!

Agradeço aos colegas de profissão que durante este período "cobriram" algumas aulas minhas para que eu pudesse estar presente nas aulas presenciais e online do PROEF, bem como sou muito grato a todos que conheci durante esta jornada inesquecível chamada mestrado. Nossa turma foi realmente sensacional, um ajudando e incentivando o outro a seguir em frente. Vou levar vocês para sempre comigo.

É com muita alegria e saudosismo que entrego esta pesquisa e encerro minha jornada no PROEF. O mestrado na UNESP de Rio Claro que sempre quis fazer!

Finalmente, agradeço à Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação PROEF Educação Física em Rede Nacional.

Muito Obrigado!

RESUMO

Os valores e princípios éticos da sociedade brasileira mudaram abruptamente num período curto de poucas décadas. Tal fato pode ser conhecido mediante constante choque de comportamentos, prioridades e condutas de gerações que convivem em um mesmo cenário histórico. A cultura tem influência direta sobre valores e princípios éticos e inevitavelmente acaba influenciando o comportamento de toda uma sociedade. Quando falamos de valores e princípios é inevitável não nos aprofundarmos nas questões sobre moral e ética. Tais ideias e questionamentos nos levaram a refletir a magnitude de como a sociedade, principalmente os jovens tendem a ser bombardeados pela mídia e influenciados por referências que podem determinar o comportamento, ações e atitudes de toda uma geração. Nesse cenário, os ídolos podem influenciar as pessoas que podem passar a se comportar em diferentes situações mediante esse ideal intencionalmente influenciado. Esta pesquisa tem por objetivo compreender e analisar quais valores são importantes para os estudantes do ensino fundamental das séries finais de uma escola da rede pública estadual do interior do Estado de São Paulo e como esses valores podem refletir na indisciplina e mau comportamento nas aulas de Educação Física. Também objetiva conhecer se esses valores são influenciados por ídolos mediante as diferentes mídias sociais, além de analisar se uma intervenção pedagógica nas aulas de Educação Física centrada no tema valores e ética seria capaz de agregar conhecimento visando a mudança de comportamentos dos alunos. A pesquisa foi realizada em uma escola da Rede Estadual de Ensino no município de Rio Claro – SP, local sede de trabalho do professor pesquisador. Participaram da 1ª e 2ª fases da pesquisa os estudantes do oitavo ano do Ensino Fundamental II - Anos Finais, período da manhã, totalizando 22 estudantes, 11 meninos e 11 meninas, que responderam ao questionário impresso. A escolha da turma decorreu do sorteio, utilizando a Tabela de Números Equiprováveis, entre as turmas que o professor pesquisador era responsável. Após análise das respostas da 1ª fase, os dados subsidiaram a organização da sequência didática para as aulas de Educação Física, abordando os temas valores, princípios e a influência dos ídolos no comportamento do estudante. Após aplicação da sequência didática em 8 aulas, onde situações, falas e ocorridos entre os estudantes foram registrados através de anotações no “diário de bordo” do Professor e gravações em áudio de debates e discussões sobre a temática os estudantes responderam o 2º questionário, cujos resultados foram analisados por comparação no caso dos questionários, e por categorização na aplicação da sequência didática, através da análise do diário de bordo e da transcrição na íntegra das aulas gravadas em áudio. Este resultado originou a construção do Recurso Educacional deste estudo. A partir dos diferentes aspectos identificados na literatura e estudos de teóricos da área, somado à análise dos resultados e características comportamentais dos estudantes durante a experimentação das aulas, os dados sugeriram que ações pedagógicas intencionais, fundamentadas teoricamente e alinhadas às legislações educacionais, possuem capacidade concreta de transformar percepções, fortalecer valores, aprimorar a convivência e contribuir para a formação moral dos estudantes.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Valores; Princípios; Ídolos.

ABSTRACT

The values and ethical principles of Brazilian society have changed abruptly in a short period of just a few decades. This can be understood through the constant clash of behaviors, priorities, and conduct between generations that coexist in the same historical context. Culture has a direct influence on values and ethical principles and inevitably ends up influencing the behavior of an entire society. When we mention values and principles, it is inevitable that we delve into questions of morality and ethics. These ideas and questions have led us to reflect on the magnitude of how society, especially young people, tend to be affected by the media and influenced by references that can determine the behavior, actions, and attitudes of an entire generation. In this scenario, idols can influence people, who may behave differently in situations based on intentionally influenced ideals. This research aims to understand and analyze which values are important to students in the final years of elementary school at a state public school in the interior of São Paulo state, and how these values may be reflected on indiscipline and misbehavior in Physical Education classes. This study also aims to understand whether these values are influenced by idols through different social media, as well as to analyze whether a pedagogical intervention in Physical Education classes focused on the theme of values and ethics would be able to add knowledge aimed at changing students' behavior. The research was carried out in a state school in the municipality of Rio Claro – SP, research professor's workplace. The first and second phases of the research involved eighth-grade students from the final years of elementary school (grades 6-9), morning session, totaling 22 students (11 boys and 11 girls), who answered a printed questionnaire. The class selection was done by drawing lots, using the Equiprobable Numbers Table, among the classes for which the research professor was responsible. After analyzing the responses from the first phase, the data supported the organization of the teaching sequence for Physical Education classes, addressing the themes of values, principles, and the influence of idols on student behavior. After applying the teaching sequence in 8 classes, where situations, conversations, and events among the students were recorded through notes in the Teacher's "logbook" and audio recordings of debates and discussions on the subject, the students answered a second questionnaire, results were analyzed by comparison in the case of the questionnaires, and by categorization in the application of the teaching sequence. This result led to the development of the Educational Resource for this study. Based on the different aspects identified in the literature and studies by theorists in the field, combined with the analysis of the results and behavioral characteristics of the students during the classroom experimentation, the data suggested intentional pedagogical actions, theoretically grounded and aligned with educational legislation, possess concrete capacity to transform perceptions, strengthen values, improve coexistence, and contribute to the moral development of students.

Keywords: School Physical Education; Values; Principles; Idols.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Valores e Princípios.....	67
Figura 2: Valores e Princípios – Meninas.....	72
Figura 3: Valores e Princípios – Meninos.....	73
Figura 4: Ídolos.....	74
Figura 5: Valores atribuídos aos ídolos.....	79
Figura 6: Valores atribuídos aos ídolos -Meninas.....	80
Figura 7: Valores atribuídos aos ídolos -Meninos.....	81
Figura 8: Respostas positivas.....	83
Figura 9: Respostas negativas.....	85
Figura 10: Respostas apresentadas relacionadas ao gênero.....	87
Figura 11: Motivos para a indisciplina.....	89
Figura 12: Motivos pela não ocorrência de indisciplina.....	90
Figura 13: Valores e Princípios – Meninas (comparação questionários 1 e 2).....	109
Figura 14: Valores e Princípios – Meninos (comparação questionários 1 e 2).....	110
Figura 15: Ídolos e seus valores atribuídos (comparação questionários 1 e 2).....	112
Figura 16: Ídolos - Meninas (comparação questionários 1 e 2).....	115
Figura 17: Ídolos - Meninas (comparação questionários 1 e 2).....	116
Figura 18: Respostas positivas (comparação questionários 1 e 2).....	118
Figura 19: Respostas negativas (comparação questionários 1 e 2).....	119
Figura 20: Questionário 2 – Fase 2.....	120
Figura 21: Respostas apresentadas relacionadas ao gênero (comparação questionários 1 e 2).....	121
Figura 22: Quais as contribuições que as aulas sobre “valores, princípios e ídolos” lhe trouxeram? O que você aprendeu sobre o assunto?.....	123
Figura 23: Quais as contribuições que as aulas sobre “valores, princípios e ídolos” lhe trouxeram? O que você aprendeu sobre o assunto? - relacionadas ao gênero.....	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição dos Estudantes por séries.....	59
Quadro 2: Definição dos termos da pesquisa.....	66
Quadro 3: Valores e Princípios.....	68
Quadro 4: Aulas 1 e 2.....	93
Quadro 5: Aulas 3 e 4.....	94
Quadro 6: Aulas 5 e 6.....	95
Quadro 7: Aulas 7 e 8.....	96
Quadro 8: Resultados aulas 1 e 2.....	99
Quadro 9: Resultados aulas 3 e 4.....	101
Quadro 10: Resultados aulas 5 e 6.....	103
Quadro 11: Resultados aulas 7 e 8.....	105
Quadro 12: Valores e Princípios (comparação questionários 1 e 2).....	108
Quadro 13: Tabela de categorização.....	128

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivo.....	21
1.2 Recurso Educacional	21
2 Valores e Princípios para se pensar a ética na Educação Física	22
3 Ídolos da sociedade atual como espelhos aos estudantes	35
4 Aulas de Educação Física: possível cenário para a perda de autonomia e autoridade do Professor no contexto pedagógico	44
5 PERCURSO INVESTIGATIVO	55
5.1 Universo da pesquisa.....	57
5.2 Participantes	58
5.3 Materiais e Métodos	59
5.4 Procedimentos para a coleta de dados	60
5.5 Procedimentos para a análise de dados	61
5.6 Aspectos Éticos	62
5.6.1 Benefícios da pesquisa.....	62
5.6.2 Informações sobre os riscos e procedimentos para minimizá-los	62
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES	64
6.1 Resultado e análise do Questionário 1	65
6.2 Aplicação das Aulas	90
6.2.1 Síntese das aulas planejadas e realizadas (Recurso Pedagógico).....	91
6.2.2 Análise sobre a aplicação do planejamento de aulas	95
6.3 Resultado do questionário 2 após a aplicação das aulas.....	105
6.4 Criação dos eixos classificatórios	126
6.5 Recurso Educacional	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS.....	137
APÊNDICE 1	147
APÊNDICE 2.....	150
APÊNDICE 3.....	153
APÊNDICE 4.....	155
APÊNDICE 5.....	161

APÊNDICE 6.....	200
APÊNDICE 7.....	204
APÊNDICE 8.....	223

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Bruno Giusti e me formei no ano de 2008 em licenciatura plena em Educação Física pela UNESP de Rio Claro e em Pedagogia há 3 anos pelo Claretianos, também em Rio Claro. Tenho duas especializações na área da Educação Física nas áreas de Educação Física na clínica médica e Educação Física na área escolar. Atualmente atuo como professor de Educação Física na rede municipal de Rio Claro com o público infantil, desde 2022, e na rede estadual desde 2017, passando pelo ensino médio e hoje em dia com o fundamental anos finais. Também atendo como *personal trainer* há quase 17 anos. Sou de Guarulhos-SP e vim morar em Rio Claro em 2005, com 17 anos de idade, para cursar a graduação na UNESP. A partir daí nunca mais voltei a morar na minha cidade natal pois durante a graduação e ao me formar já estava trabalhando e encaminhado na profissão nesta cidade que me adotou.

Durante a graduação na UNESP, passei por alguns laboratórios de pesquisa para que eu me inteirasse de diversos assuntos diferentes na área. Tive bolsa PIBIC pelo laboratório de Educação Física Adaptada sob a orientação da professora Eliane Mauerberg, e também tive bolsa de projeto de extensão pelo laboratório de Psicologia do Esporte sob a orientação do professor Afonso Antonio Machado. Tive aula com a professora Suraya Darido, por quem sou imensamente grato por ser uma das idealizadoras deste curso de mestrado profissional em Educação Física Escolar.

Fazer mestrado é um desejo que tenho desde a época de graduação, tanto que cheguei a prestar a prova para tal durante meu quarto ano e passei, porém a vaga que havia disputado acabou não sendo disponibilizada para aquele ano (2009). Depois de alguns anos já trabalhando e não mais cursando na UNESP passei a conversar com um ex-professor de sociologia, o Romualdo. Fizemos um pré-projeto de pesquisa sobre a influência do ídolo na sociedade, onde eu estudei sobre a figura do Ayrton Senna, trabalho esse publicado e apresentado em congressos da área. Porém o professor estava sendo transferido para a UNESP de Araraquara e devido a rotina do meu trabalho não foi possível seguir com o projeto adiante, pois eu não iria conseguir ir até o professor com a frequência necessária. Participei de vários congressos durante minha graduação, cheguei a expor painéis e apresentar trabalhos,

bem como publicar alguns artigos em revistas científicas, o que na época até fez a vez do meu TCC.

Atualmente estou com uma carga bastante alta de aulas na semana (67 aulas), compreendendo os três empregos (Professor estadual, Professor municipal e *Personal Trainer*). Neste ano de 2025 foi possível reduzir apenas um período (segunda-feira vespertino) para me dedicar ao mestrado com a qualidade de estudo que gosto de realizar, somado aos finais de semana. Já estou a muitos anos nesse ritmo de trabalho e acredito que agora posso explorar algumas outras vertentes, pois pretendo me dedicar em alguns outros aspectos da minha vida. Idealizo após o término deste curso tentar uma vaga para doutorado, e tenho ciência que isso me demandaria mais tempo do que já exige o mestrado. Tenho bastante interesse na área de pesquisa e sempre tive um desejo muito grande em fazer mestrado e doutorado, bem como seguir nesse meio de pesquisa e lecionar concomitantemente. Espero que esta oportunidade de mestrado amplie minhas possibilidades para também uma carreira acadêmica.

Na área escolar já vivenciei diversos desafios e dificuldades, o que só reforça a ideia que sempre temos muito a aprender, e isso é maravilhoso. Algo que vejo com extrema constância em todas as turmas em que leciono e lecionei é o fato de os alunos da geração atual apresentarem valores e prioridades totalmente diferentes de gerações anteriores. Muitas vezes diversos estudantes se mostram apáticos e sem metas de vida como consequência dessa mudança citada, o que os leva a terem comportamentos descabíveis e inaceitáveis dentro e fora do âmbito escolar. Isso é algo que gera em mim um extremo incômodo. E justamente por isso sempre tive a vontade de estudar o tema da dissertação que apresento.

Tenha a certeza de que estou fazendo o meu melhor, pois não tem outro jeito de fazer as coisas em nossas vidas senão pelo estudo. Me sinto muito feliz e grato pela oportunidade que estou tendo e vou fazer de tudo para honrar este curso que me foi concedido.

1 INTRODUÇÃO

É notório que os valores e princípios éticos da sociedade brasileira mudaram abruptamente num período curto de poucas décadas. Tal fato pode ser constatado com o constante choque de comportamentos, prioridades e condutas de gerações que convivem em um mesmo cenário histórico. Tal cenário têm dificultado a atuação docente dentro da escola e pontualmente nas aulas de Educação Física, pois para nós Professores seria prazeroso construir e experienciar com nossos alunos conteúdos da cultura corporal de movimento que embasa a Educação Física escolar, porém barramos e nos desgastamos na dificuldade de lidar com situações onde a crise de valores morais e éticos fica claro, tornando nossa profissão mais penosa, e mais do que isso, fazendo com que a Educação Física não seja desfrutada e absorvida da maneira que a disciplina merece.

Nesse sentido nos preocupa também o quão claro está a crise cultural de nossa sociedade, pois a cultura tem influência direta sobre valores e princípios éticos e inevitavelmente acaba influenciando no comportamento de toda uma sociedade. Segundo Nuñez (2023, p. 08) “é por meio da cultura que as sociedades se desenvolvem e crescem, propiciando uma vida melhor para a população de um país”, portanto quanto mais desenvolvida a cultura mais desenvolvido será o país. Françoso e Neira (2014, p. 535) citam Freire em seu estudo quando definem “cultura como atividade que transforma, como trabalho produzido por diferentes movimentos e grupos que constituem o povo. Portanto é todo o resultado da práxis humana que produz acréscimos ao mundo natural.” Para os autores, de maneira diretiva, cultura é a aquisição sistemática da experiência humana.

Importante salientar em nosso estudo que concordamos com Shrivastava (2017, p. 104) quando em seu artigo tentou identificar a necessidade de valores morais no cenário atual, pois para o autor “os valores refletem a personalidade de alguém, sua atitude, comportamento, sua missão e visão. Valores morais podem trazer paz de espírito, ambiente alegre, melhor qualidade de vida, sustentabilidade, harmonia em sociedade global.” Alinhado com Bracht (1997), entendemos que essa concepção nos serve de base para também pensar a Educação Física como espaço formativo de desenvolvimento de atitudes e valores morais, capazes de influenciar a formação integral dos alunos.

Usaremos de maneira aproximada essa linha de raciocínio para a definição de valores em nossa pesquisa, associando com a ideia no qual valor pode ser entendido como:

Maneira de ser ou de agir que uma pessoa ou instituição reconhece como ideal, podendo ainda ser percebido como um princípio de julgamento das pessoas e das coisas, dos comportamentos ou das ideias que exprimem o que realmente importa. O valor é uma qualidade estrutural que tem existência e sentido em situações concretas. Apoia-se duplamente na realidade, pois, a sua estrutura valiosa surge das qualidades empíricas e o bem ao qual se incorpora dá-se em situações concretas; mas o valor não se reduz às qualidades empíricas nem se esgota nas suas realizações concretas, deixa aberto um largo caminho para a actividade criadora do homem (Garcia; Lemos, 2005, p.18).

Quando falamos de valores e princípios é inevitável não se aprofundar nas questões sobre moral e ética, e ao fazermos isso, segundo Tognetta e La Taille (2008) podemos perceber que poucas pesquisas foram realizadas para dar sustentação empírica a essa forma de relacionar a moral e a ética, de articular valores morais ao “eu”. Para esses autores a pergunta moral é “como devo agir?”. E a pergunta ética é “que vida eu quero viver?”. Se a primeira dessas questões indica, portanto, um sentimento de obrigatoriedade, a segunda aponta um sentido para a vida. Sendo assim, a pergunta que inspira a ética é “que vida eu quero viver?”. Vejamos que essa pergunta implica outra, relacionada ao eu, “quem eu quero ser?”.

Diante de tais reflexões, torna-se relevante compreender como se dá a construção da moralidade e dos valores no desenvolvimento humano. Sendo assim, para Yves de La Taille (2016), os valores morais são construções que integram tanto aspectos intelectuais quanto afetivos do desenvolvimento humano. Eles correspondem ao conjunto de normas, princípios e ideais que orientam o agir ético dos indivíduos, mas também englobam os sentimentos que acompanham tais condutas, como por exemplo a vergonha, a culpa, o orgulho e a admiração.

Assim, o valor moral não se reduz à obediência a regras, pois envolve a adesão emocional e racional a ideais de convivência, justiça e respeito mútuo. Inspirado em Piaget, La Taille (2016) entende que a moralidade resulta de um processo de construção, no qual a interação social e o reconhecimento do outro são essenciais para o amadurecimento moral.

Aqui a ideia central de Piaget, segundo La Taille (2016) é que há um desenvolvimento moral, tanto de maneira cognitiva quanto afetiva. Ou seja, para ele a moralidade passa por vários níveis identificáveis, desde a infância até a idade adulta.

Na concepção de La Taille (2016) a ética, por sua vez, ocupa um plano reflexivo e crítico em relação à moral. Se a moral diz respeito às práticas e valores que orientam a ação cotidiana, a ética constitui o campo da análise racional dos fundamentos morais, permitindo questionar normas, revisar princípios e deliberar sobre o que é justo. Nessa perspectiva, ética e moral são complementares, pois a primeira se volta à reflexão sobre o dever e o valor, enquanto a segunda se manifesta na vivência concreta das normas e afetos que sustentam a vida em sociedade.

Em sua obra, La Taille (2016) decide retomar a distinção entre moral e ética, devido justamente às mudanças aceleradas e pluralismo de valores que encontramos em nosso contexto atual. Problemática esta citada logo no início de nosso trabalho como um fator identificado e vivenciado em nosso cotidiano como Professor de Educação Física. Portanto, para o autor o valor moral é compreendido como o conjunto de normas e valores que orientam o comportamento humano dentro de uma determinada sociedade. Ou seja, é o domínio da prática, da ação concreta e das regras de convivência. Já a ética é a reflexão crítica sobre esses valores e normas, isto é, o campo filosófico que questiona e fundamenta a moral, buscando compreender o que deve ser considerado bom, justo ou desejável em determinada época e cultura.

Ao analisarmos Betti (1991), quando busca refletir filosofica e sociologicamente sobre o valor educativo da Educação Física, notamos que em nossa disciplina esses valores devem se manifestar tanto nas interações entre alunos quanto na mediação do professor, que orienta comportamentos e atitudes, e com isso tende a reforçar o respeito, a justiça e a cooperação em contextos de jogo, esporte e atividade física.

Aqui, é crucial pontuarmos que durante a revisão bibliográfica realizada para a construção deste estudo, constamos uma limitação significativa relacionada à disponibilidade de pesquisas científicas específicas sobre valores morais e éticos no contexto da Educação Física Escolar. Embora existam estudos consolidados sobre aspectos pedagógicos, desenvolvimento socioemocional e comportamento dos alunos, a produção acadêmica que aborda diretamente a integração de valores éticos e morais às práticas de Educação Física ainda é escassa. Tal limitação evidencia a necessidade de ampliar a investigação nessa área, reforçando a relevância do

presente estudo ao buscar fundamentar a atuação docente através da promoção de atuações que desenvolvam valores éticos e morais, através da compreensão do que é relevante para os nossos alunos da atualidade a respeito do assunto. Adicionalmente, a lacuna identificada justificou a inclusão de referências provenientes de áreas correlatas, como Psicologia, Filosofia, Sociologia e Pedagogia, permitindo uma fundamentação teórica mais ampla e consistente para a análise dos valores e princípios no contexto escolar.

Diante da tal escassez optamos por apoiar a análise teórica nas ideias de Yves de La Taille, cujas contribuições sobre ética, princípios e formação moral em contextos educacionais oferecem subsídios consistentes para compreender os desafios observados nas práticas pedagógicas. Dessa forma, a obra de La Taille nos serve como base conceitual para fundamentar a investigação, oferecendo parâmetros para analisar como os valores morais podem ser incorporados e promovidos nas aulas de Educação Física.

Tais ideias e questionamentos nos levaram a refletir na magnitude de como a sociedade, principalmente os jovens tendem a ser bombardeados pela mídia e influenciados por referências que podem determinar o comportamento, ações e atitudes de toda uma geração. Ou seja, como ídolos podem influenciar nas respostas dessas perguntas levantadas anteriormente e como as pessoas podem passar a se comportar em diferentes situações através desse ideal intencionalmente influenciado.

Neste ponto do nosso trabalho também é importante salientar que usaremos para o termo “ídolo”, também as nomenclaturas “mito” e “herói”, não havendo nenhuma espécie de diferenciação entre as palavras dentro do nosso universo de pesquisa.

Sendo assim, Bomfim (2015) analisou narrativas míticas desde a Grécia Antiga até os dias atuais, fazendo uma bela analogia entre os deuses do Olimpo e os “mitos”, ou ídolos contemporâneos. O autor mediante seu levantamento bibliográfico concluiu que para se tornar um ídolo é necessário ter feito algo muito importante para uma sociedade, ter se destacado dentro de sua profissão e conseqüentemente ser representante de um determinado grupo.

Acrescentamos a isso, a citação de Lima (2004), que caracteriza o herói por sua capacidade extrema de manter-se sob controle em situações adversas, superando obstáculos difíceis, realizando façanhas que se revestem em benefício

dos outros, além de si próprio. Geralmente, apresenta uma nobreza de caráter, um senso de justiça e uma generosidade que lhe conferem uma aura romântica. Não raro, sacrifica-se em prol da coletividade.

Ao citarmos o termo “herói” é importante ressaltar que tal expressão na Antiguidade, segundo Goff (2009), estava relacionada a um ser fora do padrão devido sua coragem e vitórias conquistadas, alimentadas pelo imaginário popular, que através de histórias relacionadas a tal ser, estimulava sonhos e auto-projeção.

Na Era Moderna, as imagens do herói ganham força adicional junto ao inconsciente coletivo, graças ao poder multiplicador dos meios de comunicação e das mídias sociais. Corroborando tal informação podemos voltar a citar Bomfim (2015) quando ressaltar que os mitos contemporâneos podem ser encontrados em filmes, novelas, histórias em quadrinhos e até na internet. Cabe aqui ressaltarmos e atualizarmos as colocações, pois acreditamos que atualmente os mitos são principalmente divulgados pela internet através de redes sociais e outros meios da web.

Podemos perceber que atualmente o mecanismo de construção do ídolo, bem como da auto-projeção pela massa em geral não é diferente de outras épocas passadas, pois o fã sempre se identifica com seu ídolo, projetando nele seus sonhos, conquistas, desejos e diversos outros sentimentos e sensações. Ou seja, o indivíduo comum se enxerga nesse herói projetado, se identifica com ele, hoje com uma magnitude e velocidade muito maiores devido aos diversos meios de comunicação, e o fácil acesso a todos eles.

Tendo essa informação, podemos facilmente perceber que o ídolo tende a ditar atitudes e comportamentos de uma sociedade mediante seu poder de massificação, e auto-projeção. Portanto, devemos nos aprofundar no papel da mídia, que sabendo disso, usa todo esse processo de idolatria ao seu favor, já que entende sobre a necessidade que o indivíduo tem de se projetar em ídolos.

Muitos estudos relatam o poder de massificação da mídia em diferentes âmbitos da sociedade, no qual podemos citar como exemplos regras comportamentais, atitudes, escolhas, modismo, consumo, entre outros. Pensando nas consequências de tudo isso, Ataíde e Cavalcanti (2023) buscaram investigar os impactos comportamentais, socioculturais e neurobiológicos da exposição precoce às mídias eletrônicas em crianças e adolescentes, e perceberam uma relação direta com

a adultização precoce desses jovens causados por uma série de fatores, principalmente o uso excessivo das redes sociais somados com a falta de supervisão dos pais, o que levou os autores a sugerirem uma restrição do uso dessas mídias para essa faixa etária.

Para Lima (2010) a mídia influencia as crianças na construção de identidades, na mudança de comportamentos e na formação de opiniões, e como umas das consequências disso, aponta para uma importante observação de como é raro encontrar hoje uma criança que fabrica seus próprios brinquedos, que brinca na rua com os vizinhos ou que faz aviãozinho de papel. Na pesquisa é ressaltado que a mídia pode educar ou deseducar, e que nesse processo a construção de personalidade acontece, pois nessa fase, a criança recebe bases e princípios que levará durante toda a sua vida.

Outra observação que podemos fazer é o fato de a “era digital” confrontar diretamente com o poder do imaginário da criança, minando-o, e como consequência disso temos o precoce amadurecimento desses jovens, características do imediatismo, muito bem aproveitados pela indústria cultural de consumo que colabora diretamente com a mudança de valores da sociedade. Portanto, enxergamos aqui um ciclo vicioso onde a mudança de princípios, valores, comportamentos e atitudes são retroalimentadas constantemente.

Para embasar nossa linha de pensamento trazemos a seguinte reflexão: Massificação e solidão são características da globalização da indústria cultural. A mídia modela as posturas e cria necessidades levando ao consumo do supérfluo. Isso é feito não só por meio de estratégias de publicidade e marketing, como também por meio de estratégias subliminares, que desfilam diariamente em todos os gêneros televisivos (Pacheco, 2009, p. 30).

Pensando nas consequências de tudo o que foi citado sobre o poder da mídia, Maia et al. (2006) discorrem sobre a importância de uma atuação profissional efetiva do Professor de Educação Física para o desenvolvimento de um trabalho que ofereça subsídios para uma postura crítica perante o que é oferecido pela sociedade por meio da mídia.

Devemos nos atentar que geralmente o próprio indivíduo não se dá conta que está sendo influenciado pela mídia, como comprovado no estudo de Nunes, Amorim e Hallal (2010) onde obtiveram um alto percentual de respostas positivas quando os

indivíduos foram questionados se acreditavam que a mídia influenciava no estilo de vida individual, porém a minoria dessas pessoas disse ter modificado seu comportamento como consequência de algo do gênero.

Nessa linha de raciocínio, Giusti e Machado (2009) analisaram em seu estudo a importância do ídolo no que diz respeito a uma transformação da sociedade, seu poder de representar um povo, despertando-o, e assim servir como um modelo a ser seguido, enaltecendo características escondidas de uma população. Nessa pesquisa foi utilizado como modelo a figura de Ayrton Senna da Silva, devido ao seu impressionante poder de massificação e indução de pensamento principalmente nas décadas de 1980 e 1990, perdurando até os dias atuais. É exaltado nessa pesquisa a importância de um ídolo ter consciência de seu papel na sociedade, e como suas atitudes podem influenciar positiva ou negativamente uma população, pois a imagem que uma sociedade tem de si mesma pode desempenhar um papel crucial na maneira como ela molda seu futuro.

Enriquecendo tal ideia, Guimarães et al. (2001) a partir de dados coletados revelam uma visão otimista de que é possível que os jovens possam integrar as virtudes morais ao que admiram, embora haja um bombardeio de contra virtudes em sua formação atual.

Há diversos estudos que relacionam a influência de ídolos em diversos fatores comportamentais de jovens, mas pouco são as pesquisas específicas sobre aspectos atitudinais e comportamentais a respeito dos alunos dentro da escola. Cabe aqui citar alguns exemplos dessas relações, como o estudo de Randons et al. (2011) quando buscaram analisar a influência dos ídolos no comportamento de jovens consumidores, percebendo nas respostas do questionário que jovens do gênero masculino apresentaram mais relação à figura do ídolo no momento de compra de certos produtos ou marcas, sendo mais influenciados pelas opiniões dos atletas, quando comparados às mulheres.

Como uma das consequências de toda a problemática levantada até então vivenciamos constantemente no ambiente escolar o apontamento e a reclamação de professores de Educação Física a respeito da ocorrência de indisciplina e falta de respeito dos alunos durante suas aulas. Para La Taille (1996), a indisciplina é entendida como comportamentos que se opõem as regras que regem o convívio num determinado contexto, já que para a disciplina em si é considerada como sendo uma

série de comportamentos regidos por um conjunto de normas. Portanto, a indisciplina se daria por uma espécie de desobediência e revolta ou falta de conhecimento dessas regras.

Adiante iremos discorrer sobre três temáticas que circundam o estudo e tem relação direta com nosso assunto a ser analisado e refletido. Iremos abordá-los em uma ordem lógica de surgimentos, acontecimentos e consequências, já que acreditamos que os valores morais e éticos presentes e vivenciados em nossa sociedade contemporânea tenham relação direta com o aparecimento de determinados ídolos e esses, por sua vez, poderiam influenciar diretamente no comportamento de nossos alunos durante as aulas de Educação Física.

1.1 Objetivo

Esta pesquisa tem por objetivo compreender e analisar os valores considerados importantes pelos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual do interior de São Paulo, investigando de que modo tais valores se relacionam com a indisciplina nas aulas de Educação Física e são influenciados por ídolos difundidos nas mídias sociais. Visa analisar se uma intervenção pedagógica nas aulas de Educação Física centrada no tema valores e ética é capaz de agregar conhecimento junto aos alunos a respeito do tema e na mudança de seus comportamentos.

1.2 Recurso Educacional

A partir do resultado do estudo, organizamos uma sequência didática dirigida aos professores intitulada “Valores éticos e morais: Como a Educação Física pode lhe auxiliar?”. A sequência didática foi organizada no formato de um e-book abordando conteúdo da Educação Física com especial ênfase nos temas que envolvem valores, ídolos, entre outros assuntos relacionados que possam surgir durante a investigação e análise dos materiais coletados nesta pesquisa junto aos estudantes.

2 Valores e Princípios para se pensar a ética na Educação Física

A partir da proposta de estudo, pretendemos ter como eixo neste estudo os seguintes temas centrais de análise: Valores e princípios em crise; Influência dos ídolos no comportamento dos alunos: a Indisciplina e a falta de respeito como consequências dos temas citados anteriormente.

Atualmente é fácil percebermos que princípios morais e éticos estão em segundo plano quando a questão vem à tona quanto à discussão, preocupação e promoção do assunto. Corroborando essa ideia:

A responsabilidade de promover valores morais nos alunos não é levada a sério pelos pais, professores e instituições, o que resulta na erosão contínua dos valores humanos e das relações sociais. Portanto, há uma necessidade urgente de tomar medidas sérias para a restauração dos valores morais entre jovens (Shrivastava, 2017, p. 107).

Kaur (2016) em sua pesquisa com 50 meninos e 50 meninas, sendo estudantes de diferentes escolas particulares, identificou mediante a análise dos questionários aplicados que tanto os rapazes como as garotas tinham valores morais muito baixos, o que vai de acordo com o que acabamos de citar anteriormente. “A aprendizagem das relações interpessoais inicia-se na família, mas a escola é um lugar importante para o desenvolvimento e reflexão sobre a própria aprendizagem”, argumenta (Valente (1989, p. 33). Para o autor, as múltiplas relações existentes entre os jovens é um terreno fértil para uma aprendizagem sistemática, onde podem experimentar os seus modos de relação, melhorando a qualidade para si e para os outros.

Complementando o estudo anterior, Kaur (2019) destaca que para se tornarem cidadãos capazes e morais, as crianças precisam ter oportunidades de aprender valores morais, não apenas através dos professores nas escolas que podem transmitir educação moral aos filhos, mas também por meio dos pais, detentores de um grande poder de tornar as crianças conscientes da importância de levar a vida de forma ética. Maria Rita Kehl (2002), discute acerca dos valores que regem, ou não, o psiquismo humano. A autora aponta que vivemos hoje em uma sociedade alicerçada pelo prazer narcisista, o acúmulo de dinheiro e da exclusão do outro. Os valores que fundamentam a sociedade na qual vivemos são “anti-valores”, incapazes de levar as pessoas à sua real satisfação como sujeitos psíquicos e sociais, pois atualmente há a

descrença no reconhecimento da lei e a desmoralização dos códigos que até então regiam culturas e os seres psiquicamente, restando, às sociedades modernas, o mero narcisismo individual.

Todos nós já ouvimos falar na expressão “jeitinho brasileiro”. Devido nossa prática diária letiva ao longo dos anos, ao pararmos para refletir mais a fundo sobre o termo, podemos perceber que nele muito se reflete a confirmação de uma assustadora crise ética e moral em todos os âmbitos da sociedade contemporânea. É escancarado o fato de haver grande distorção do que é certo e errado, bom e ruim. Situação bastante diferente do que analisamos há algumas décadas atrás, na ética tradicional, onde a maioria desses termos eram claramente definidos e inconfundíveis, ou no mínimo existia um “comum acordo” mais generalizado. Nesse sentido, para Barcelos *et al.* (2022) a prática educativa, inclusive nas aulas de Educação Física, assume papel fundamental, pois a cidadania e os valores éticos são essenciais para que os alunos possam atuar com cooperação, dignidade, respeito na vida em sociedade.

A partir dessa perspectiva, torna-se evidente que o “jeitinho” não é apenas uma expressão cultural inofensiva, mas representa uma zona de ambiguidade moral em que a regra e a exceção se confundem, exigindo um reordenamento das práticas pedagógicas e éticas para resgatar a clareza entre o justo e o injusto.

Em seu estudo Macintyre (2001 *apud* Longo; Lins, 2018, p. 92) acusa o descaso quanto à ética e à moral presentes na sociedade contemporânea como resultado da desordem moral que tem origem no que chama de Emotivismo, isto é, na “doutrina de que todos os julgamentos avaliativos e, mais especificamente, todos os julgamentos morais, nada mais são que expressões de preferência, expressões de atitude ou sentimento”. Para Longo e Lins (2018), torna-se necessário que se faça uma reflexão sobre aprendizagem de valores na infância, notadamente no espaço escolar. Corroborando tal análise, Guimarães *et al.* (2001, p. 19) analisam a escola como “um ambiente em que são reforçados valores correntes na sociedade convencional, mas pode e deve ser também ambiente de problematização de valores, já que na escola estão presentes, no seu dia a dia, vários conflitos entre valores”.

Para os autores:

A reflexão sobre os conflitos sobre valores na escola se faz com a presença da ética que serve para verificar a coerência entre práticas e princípios, e questionar, reformular ou fundamentar os valores e as normas, componentes de uma moral, sem ser em si mesma normativa. Assim, o objetivo da ética na escola é desenvolver a autonomia dos

indivíduos, propiciando a eles refletir sobre algo, assimilar e questionar este conjunto de regras e normas, para permitir que tenham consciência de uma série de comportamentos adequados para crescer em sociedade. Valores e atitudes podem, se estiverem incluídas nos conteúdos de ensino, ser trabalhados em todas as disciplinas. (Guimarães *et al.*, 2001, p. 19).

Segundo Valente (1989) a educação para os valores realiza-se em todos os momentos, permeia o curriculum e também todas as interações interpessoais na escola e as relações desta com a família e a sociedade.

Assim, acreditamos que a Educação Física, como qualquer outra disciplina do currículo pedagógico, tem a responsabilidade na concretização de todo esse processo. A escola é um espaço que promove a socialização dos indivíduos a partir de regras e normas estabelecidas. Por esse meio o indivíduo pode expressar seus valores mais relevantes através de atitudes que se diferenciam de acordo com a personalidade de cada um e variam de acordo com aspectos afetivos, cognitivos e de conduta.

Longo e Lins (2018) alertam sobre o processo de globalização, no que se refere à busca desenfreada por bens materiais, a violência, a intolerância e o surgimento de patologias neste novo século. “O que torna o debate sobre valores e virtudes não apenas relevante, mas urgente, e ressalta que ética é uma aquisição e, por isso, precisa ser ensinada” (Longo; Lins, 2018, p. 101). Para os autores há no ser humano uma busca do bem que o leva a progredir nas virtudes quando essas lhe são oferecidas, mas caso isso não aconteça será dirigido por desejos, pulsões e paixões desordenadas.

Para Oliveira e Silva (2022) a globalização é entendida como um fenômeno que transforma rapidamente as relações sociais, políticas e econômicas, gerando uma "modernidade líquida" marcada pela fluidez, individualismo e consumo acelerado. Nesse cenário, a cultura passa por mudanças significativas, deixando de ser um elemento estável e conservador para se tornar um campo de tensões entre consumo, identidade e poder. Os autores ao citarem Bauman apontam que a cultura pode ter um papel ambivalente, pois pode servir à reprodução do status quo ou ser uma força crítica e reflexiva capaz de promover liberdade e transformação social.

Aqui podemos falar novamente sobre ética e corroborar com o que Nuñez (2023) relatou em seu estudo a respeito do assunto. O autor apontou que a ética passou por uma série de quebras de paradigmas importantes, passando por

Aristóteles, Sócrates e Kant. Este último associando o termo "dever", juntamente com as características do "bem" e da "felicidade" contribuídas pelos dois pensadores antes relatados respectivamente.

É importante esclarecermos que em nosso estudo partimos do pressuposto que a ética é baseada na filosofia da moral, ou seja, o comportamento ético se apoia na realização de boas práticas aos olhos dos princípios morais de uma determinada sociedade, comportamentos esses que devem estar acima de interesses pessoais. Só assim a verdadeira liberdade, adiante discutida, será garantida.

Ao analisarmos esta afirmativa podemos fazer as seguintes questões:

"Esses princípios morais estariam passando por uma série de transformações em nossa sociedade contemporânea?";

"As diferentes mídias teriam um papel crucial nessa transformação moral da sociedade?";

"Toda essa possível mudança teria o poder de ameaçar a liberdade das pessoas?".

Quando dizemos liberdade estamos nos enveredando no mais profundo do termo, levantando questões como expressões de pensamento, a não influência por reflexões alheias, o poder de senso crítico e discernimento de todas as pessoas que compõem uma sociedade. E vamos mais além, liberdade essa ou a falta dela que pode influenciar no comportamento do ser, muitas vezes sem ele se dar conta, apenas pelo fato de estar inserido em uma cultura ou ideologia imposta no meio social no qual está inserido.

Aprofundando um pouco mais sobre o assunto, Valente (1989) ressalta que as pessoas podem ser ajudadas ao se debruçarem sobre as questões de valores e a integrarem as suas escolhas, podendo então continuar a fazer isso pela vida a fora, aumentando a sua possibilidade de autodireção esclarecida, citando aqui a teoria da clarificação de valores na visão de Rath, onde o mais importante é a questão do processo de aquisição dos valores de cada indivíduo, a partir de um conjunto disponível. "É o processo de recriação permanente dos valores em cada tempo que, dizem, se pode oferecer aos jovens e que lhes servirá pela vida fora, nas situações diversificadas em que tiverem de fazer opções" (Valente, 1989, p. 5).

Percebemos que o papel principal do professor nessa teoria consiste em apresentar os exercícios aos alunos: dilemas, histórias, incidentes, e questioná-los a respeito dessas questões. Portanto os alunos devem ser desafiados pelos professores a refletirem e repensarem diversas condutas e atitudes. Neste estudo defendemos a ideia de que nem tudo em nós são valores. Temos objetivos, aspirações, crenças, que não sendo ainda ou nunca venham a ser valores, são por vezes os seus indícios.

Através de nossa vivência docente acreditamos que a falta de busca por objetivos, por crescimento social e a discrepância na escolha de prioridades e virtudes a serem valorizados, muito vistos nos estudantes da atual geração, são indícios dessa transformação moral, e nos alerta sobre a importância de nos mantermos livres, em todos os quesitos, principalmente o comportamental e racional.

Todo esse turbilhão de mudanças citado leva a uma certa desordem visível no comportamento dos estudantes, o que nada mais é que o reflexo da falta de ordem na sociedade em que estamos inseridos. Logo notamos que a escola é o reflexo de uma crise que atinge a sociedade em sua totalidade. Tanto que nos dias de hoje, para MacIntyre (1998), há um grande descaso em relação às questões éticas e morais, o que leva a uma desordem comportamental em nosso cotidiano.

Quando falamos em ordem nos referimos ao termo no seu mais áureo sentido, capaz de promover o desenvolvimento e crescimento da sociedade. Infelizmente quando há perturbação nesse quesito, segundo Nuñez (2023), a sociedade tende a caminhar em direção à ruína, ficando à mercê de um bombardeio de ações intencionais que buscam a manipulação da população de acordo com seus interesses próprios. Um indício dessa desordem é visto por nós Professores dentro das salas de aula, quando somos obrigados a ir muito além do nosso papel de lecionar e passamos a tratar questões de má formação familiar, de comportamento inadequado e outras problemáticas que envolvem a vida pessoal dos estudantes e das pessoas do seu convívio. Essa realidade é discutida por Oliveira e Graça (2020), ao analisarem como professores de Educação Física frequentemente precisam lidar com situações de indisciplina e desajuste comportamental, muitas vezes relacionadas a aspectos familiares e sociais que extrapolam o contexto escolar. Os autores destacam que, nessas circunstâncias, o docente acaba assumindo funções de caráter educativo e emocional que vão além da dimensão pedagógica, buscando promover a socialização e o equilíbrio relacional dos alunos dentro do ambiente escolar. Sendo

assim, é fácil percebermos que, muitas vezes, enquanto lecionamos, deixamos de lado a transmissão cultural específica previamente planejada para tratar de "questões base" de uma sociedade que estão claramente em falta. Essa questão é citada por Krug (2019), quando em seu estudo evidencia como os professores de Educação Física da Educação Básica percebem a indisciplina dos alunos como geradora de marcas docentes, quando precisam, na prática, assumir papéis que transcendem a transmissão de conteúdo específico da disciplina, envolvendo mediação comportamental, suporte emocional, e até intervenção no convívio social dos alunos.

Estudantes com diferentes distúrbios sociais e psicológicos devido a problemas familiares, dificuldades em se relacionar, entre outros problemas, são cada vez mais comuns dentro das escolas, o que nos remete a pensarmos que essa transformação ética e moral já vem acontecendo há longo tempo. Esse cenário é discutido por Santos e Pereira (2021), que analisam como as fragilidades familiares e emocionais dos alunos impactam diretamente o ambiente escolar, exigindo dos professores uma postura que vai além da dimensão pedagógica, atuando também como mediadores afetivos e sociais. Os autores destacam que a escola tem se tornado um espaço de compensação das carências vividas fora dela, o que reforça a importância da formação docente voltada para o acolhimento e o desenvolvimento socioemocional.

E temos que lidar com isso como Professores. Mas... e quando o próprio Professor advém de uma base familiar conturbada? Sobre isso, o estudo de Nascimento e Silva (2020) aponta que as experiências familiares e emocionais dos docentes influenciam significativamente sua prática pedagógica e sua forma de lidar com os conflitos e desafios cotidianos da profissão. Podemos perceber que toda essa desordem previamente citada gera um ciclo vicioso difícil de ser penetrado e modificado, na medida em que tanto alunos quanto professores carregam, em suas trajetórias, marcas e valores que interferem nas relações educativas.

A influência das adversidades familiares no comportamento dos alunos dentro da escola é um tema que deve ser estudado na área da educação, especialmente no contexto da Educação Física. Diversos estudos científicos evidenciam fatores como conflitos familiares, violência doméstica, instabilidade econômica e falta de apoio emocional as quais impactam diretamente o desenvolvimento socioemocional e acadêmico dos estudantes no interior da escola e

da sala de aula. Nesse sentido, a pesquisa de Lima e Santos (2020) nos demonstra que alunos expostos a ambientes familiares conflituosos apresentam maiores índices de indisciplina e desmotivação nas aulas de Educação Física, refletindo uma dificuldade de concentração e cooperação durante as atividades. De modo semelhante, o estudo de Rocha e Krug (2018) aponta que a ausência de apoio emocional e o convívio em contextos de violência interferem negativamente na autoestima e no engajamento escolar dos jovens, comprometendo suas relações interpessoais.

Apoiado nessas pesquisas, acreditamos que crianças e adolescentes expostos aos ambientes familiares adversos apresentam maior propensão a desenvolverem comportamentos que são externados como agressividade, desobediência e dificuldades de relacionamento interpessoal, pois estudantes que vivenciam situações de violência em casa tendem a reproduzir esses comportamentos na escola, tratando a violência como uma forma normal de resolver conflitos, como citado nos artigos anteriormente mencionados. Esse é mais de um dos motivos para nos preocuparmos com a identificação precoce de estudantes em situação de violência, aliada a intervenções psicológicas especializadas, para que tentemos interromper esse ciclo e possamos promover melhorias significativas no comportamento e no desempenho escolar.

No contexto da Educação Física, a presença de adversidades familiares pode afetar diretamente a participação e o desempenho dos alunos nas atividades educacionais propostas. O estresse emocional resultante de conflitos familiares pode levar a dificuldades de concentração, baixa autoestima e resistência à colaboração em grupo, prejudicando o aprendizado e a integração social dos estudantes durante as aulas. como observado por Vinha *et al.* (2021), que aponta que a ausência de estrutura familiar e de limites claros influencia diretamente o comportamento dos alunos e suas relações no ambiente escolar. A escola desempenha um papel crucial no apoio aos alunos que enfrentam dificuldades familiares. É evidente que um vínculo positivo com a escola possa atenuar os efeitos negativos de relacionamentos familiares disfuncionais, contribuindo para a redução de problemas de conduta na adolescência. Além disso, o clima escolar positivo, caracterizado por relações respeitadas e de apoio emocional, pode estar associado a menores índices de comportamentos problemáticos entre os estudantes.

É fundamental que a escola adote práticas pedagógicas inclusivas e sensíveis às necessidades dos alunos provenientes de contextos familiares desafiadores, vulneráveis e problemáticos. A formação continuada dos educadores, a promoção de ambientes seguros e acolhedores e a implementação de programas de apoio psicossocial são estratégias eficazes para mitigar os impactos das adversidades familiares no comportamento escolar. Nesse sentido, o estudo de Alves (2012) destaca a importância da capacitação dos educadores físicos para lidar com a realidade de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, enfatizando a necessidade de uma formação que contemple aspectos sociais e emocionais, além dos técnicos. As adversidades familiares têm um impacto significativo no comportamento dos alunos dentro da escola, afetando seu desenvolvimento emocional, social e acadêmico. Assim, é imperativo que a comunidade escolar, em colaboração com as famílias e profissionais de saúde mental, desenvolvam estratégias integradas para apoiar esses estudantes, promovendo um ambiente educacional que favoreça o bem-estar e o aprendizado de todos.

Até o momento desta reflexão citamos aqui três itens que têm relação direta com a ética previamente discutida. Liberdade, Cultura e Família, itens cruciais para a existência da ética e da moral, corroborando as ideias de Nuñez (2023).

O que percebemos no atual cenário são características dos alunos dessa geração com comportamento de não pertencimento a esse mundo e sociedade que aqui se encontram. Uma espécie de desilusão com a vida no sentido de como, aonde e por qual motivo ela se desenvolve. É notável o desânimo e pouca importância com o futuro na maioria das conversas impessoais que temos com os estudantes. Podemos fazer uma analogia entre tal desilusão e o desenvolvimento da ideia de suicídio apresentada no livro “O Suicídio”, de Durkheim (2000), quando argumenta ao longo de sua obra que o suicídio não é determinado apenas por causas individuais, como miséria, alcoolismo ou sofrimento pessoal, mas principalmente por fatores sociais, como a falta de integração e a sensação de desconexão com o coletivo. Tal desilusão pela falta de interação social e senso de coletivo também pode ser notada entre a relação dos estudantes e a própria ciência, a produtora do conhecimento, o que ousamos dizer que pode justificar a pouca afinidade entre os jovens e o ambiente escolar. Por mais que tenhamos nos desenvolvido na ciência e pesquisa, parece que em muitos aspectos no âmbito da vida do ser humano, que envolvem questões

básicas e essenciais, essas que mexem com as entranhas do ser, que dão o verdadeiro sentido à vida, muitas não foram resolvidas, gerando certo desconforto e confusão, principalmente na cabeça dos mais jovens, que estão em plena formação da própria identidade e personalidade.

Ao mesmo tempo, conforme destacam Cortella e La Taille (2005), ocorre uma sensação de estranheza por parte dos jovens em relação ao prolongamento da adolescência e juventude no mundo adulto. Ou seja, os adultos contemporâneos desejam que a vida jovem se estenda o máximo possível, e assim agem no seu dia a dia, de tal forma que force esse acontecimento. Isso se dá por vários motivos, seja por comodismo, falta de brio e/ou coragem de enfrentar a vida ou apenas por mera escolha.

Outra característica muito impactante e presente em nossos estudantes é o individualismo. Estudo de Silva *et al.* (2009) investigou a prática de esportes individuais e coletivos em jovens, evidenciando que a escolha por atividades individuais pode refletir uma tendência ao isolamento e à busca por autonomia, características que podem ser exacerbadas em contextos familiares desafiadores. É certo que no ser humano existe a necessidade de pertencimento a determinados grupos, e isso também é visto nas turmas de estudantes. Entretanto, ocorre de os outros grupos a que não pertence serem vistos como menos importantes ou necessários para a vida em sociedade. Ou seja, o que tentamos dizer aqui, é que por mais que os estudantes naturalmente se separem e convivam em grupos onde sentem mais afinidade, o que observamos dentro de uma sala de aula, da escola, ou fora dela, é que eles se comportam de maneira individualizada em relação à maioria das pessoas, e muitas vezes até mesmo dentro do próprio grupo, pois as relações se mostram frágeis e inconsistentes na primeira crise de relacionamento interpessoal. Nesse sentido, estudo de Baia, Almeida e Pereira (2021) apontam que a falta de vínculos sólidos e a fragilidade das relações interpessoais na escola podem contribuir para a sensação de não pertencimento, afetando negativamente o desenvolvimento social e emocional dos alunos. Assim, notamos que no fundo, os estudantes não se sentem pertencentes a nada, e isso certamente gera uma ideia de não coletividade, de não convivência, o que pode alimentar ainda mais comportamentos desconexos com a realidade. É muito comum estudantes de uma mesma sala não saberem ao menos o nome do colega que se senta um pouco mais longe de sua carteira. Isso

também espelha uma crise de princípios, valores morais e éticos em que devemos nos preocupar e olharmos com mais cuidado.

Uma consequência muito forte desse comportamento refletido na sociedade é o quanto de discordância vivenciamos em nosso meio atual, em todos os âmbitos de nossas vidas, seja político, religioso, ideológico, entre outros. O que presenciamos atualmente é uma espécie de surto generalizado onde cada um vive o seu mundo e defende seus próprios ideais, independentemente do quão isso afeta o outro. A empatia se perde cada vez mais! Esse fenômeno reflete o enfraquecimento dos valores morais coletivos e o crescimento de uma cultura individualista, na qual o “eu” se sobrepõe ao “nós”, como aponta Bauman (2001) ao discutir a fragilidade dos laços humanos na modernidade líquida.

Acreditamos que esse individualismo e falta de pertencimento pode ser a causa ou consequência de tantos casos de *bullying* dentro da escola sendo esse um comportamento agressivo e repetitivo, que envolve a intenção de causar dano emocional, psicológico ou físico a outra pessoa. Nesse contexto, Fuchs *et al.* (2021) revelam que a vitimização por bullying está associada a indivíduos com habilidades motoras limitadas, baixo desempenho motor e menor participação nas aulas de Educação Física, evidenciando a necessidade de estratégias pedagógicas que promovam a inclusão e o fortalecimento dos vínculos entre os estudantes. Esse tipo de atitude ocorre com frequência em ambientes como escolas, locais de trabalho e até nas redes sociais. O *bullying* pode ser verbal através de xingamentos e zombarias, físico como agressões ou psicológico gerando situações de isolamento social e manipulação. Frente a isso, a vítima pode ser profundamente afetada, levando-a à problemas como ansiedade, depressão, baixa autoestima e, em casos extremos, até o suicídio. A vítima de *bullying* geralmente se sente impotente e sem suporte, e é importante que haja conscientização sobre a gravidade dessa prática, para que os responsáveis tais como professores, pais e amigos possam agir rapidamente e prevenir danos.

O combate ao *bullying* envolve educação sobre respeito, empatia, e a criação de ambientes seguros, onde todos possam se expressar sem medo de serem ridicularizados ou agredidos. A respeito do combate ao *bullying* para a identificação, segundo os autores Botelho e Souza (2007) defendem como uma primeira estratégia, a identificação desses casos por parte do corpo docente de Educação Física., o

primeiro ponto é analisar quais papéis os alunos representam, ou seja, como os alunos se envolvem com o *bullying*. Assim, uma vez identificados, um bom recurso para combatê-lo é aplicar conceitos da ética e da axiologia às atividades desenvolvidas em aulas de Educação Física. Como outras estratégias, os pesquisadores defendem a elaboração e a utilização, em aulas de Educação Física, de materiais impressos, como livros infantis, infanto-juvenis, gibis e literatura de cordel, que discutam criticamente o *bullying*, já que para eles, na área da Educação Física, não há indícios da existência de programas educacionais brasileiros voltados para a identificação, prevenção e controle desse tipo de violência. Acreditamos ser mais um motivo para que a Educação Física desenvolva estratégias para prevenção desse fenômeno durante toda a educação básica, desde a educação infantil até o último ano do ensino médio.

Logo, podemos perceber que o *bullying* durante as aulas de Educação Física é uma questão preocupante e bastante presente em muitas escolas. Correa *et al.* (2018) identificou e caracterizou o bullying nas aulas de Educação Física em escolas do município do Rio de Janeiro, revelando que as aulas estão repletas de agressões verbais e físicas, com destaque para casos de exclusão social e zombarias relacionadas ao desempenho físico dos alunos. Esse tipo de *bullying* pode se manifestar de diversas formas, como piadas de mau gosto, exclusão social, críticas ao desempenho físico, e até agressões físicas. Somado a isso pode afetar emocionalmente a vítima, pode prejudicar o desenvolvimento físico e social do aluno, além de afetar sua autoestima e confiança.

Portanto o que vivemos atualmente é um “apodrecimento dos valores”, da dignidade, sejam eles familiar, político, econômico, ideológico ou social. A vida coletiva está ficando cada dia mais difícil. E isso se deve a que? Ou a quem? Poderia ser a mídia que manipula a massa de acordo com seus interesses? Poderia ser com os ídolos que essa mídia produz na atualidade, determinando modos de comportamento e consumo?

Assim, notamos que recai sobre a escola um papel que não é somente dela, o de tentar contornar toda essa situação e recolocar diversas questões de cunho moral e ético nos trilhos. Como se diz no senso comum, é necessário atualmente que “o óbvio precisa ser dito!”.

Algo bastante complexo de resolver referente às questões de cunho ético e moral é o fato de determinados comportamentos e atitudes já estarem enraizados e

normalizados pelos pais e/ou responsáveis pelos estudantes que ali nos deparamos. A escola então teria que agir como uma espécie de intermediária entre a família, através de programas que envolvam toda a comunidade escolar, além de tratar essas temáticas de maneira transdisciplinar. Corroborando os apontamentos de La Taille (2009) notamos que é uma problemática muito profunda ao envolver costumes transmitidos entre gerações, que resulta nesse cenário atual em que nos encontramos.

Nesse momento fica claro que é tarefa imediata da escola criar meios cabíveis e possíveis de lidar e poder recuperar questões morais e éticas de seus alunos e da sociedade, mediante as relações com valores e princípios a serem tratados por diversos meios e exemplos, inclusive através da relação direta de um desenvolvimento crítico acerca do surgimento e existência de ídolos nas mídias comunicativas e nas redes sociais. Na atualidade há uma organização didática no currículo pedagógico da educação básica para diversos temas e disciplinas, porém não existe uma sistematização acerca do desenvolvimento do conhecimento a respeito de temas sobre ética, valores morais e princípios, cabendo ao Professor a iniciativa em transmitir por conta própria o assunto, e na maioria das vezes, de maneira informal. Sabemos que a postura do Professor e o exemplo no dia a dia são meios potentes de ressaltar tais valores. Mas seria apenas isso o suficiente? Acreditamos que deveria haver algo pré-planejado na forma de conteúdos de ensino.

Alinhado com essa ideia, Borges (2020) em seu livro, trata da importância de integrar valores morais na educação escolar. O autor defende que a escola não deve ser apenas um espaço de aprendizagem acadêmica, mas também um ambiente em que se cultivem atitudes éticas, como respeito, solidariedade, empatia e responsabilidade. A proposta central da obra é que a educação moral deve ser abordada de forma contínua e crítica, para que os valores não sejam apenas ensinados, mas praticados no cotidiano da escola. Para o autor a formação de valores deve ser vista como um processo gradual, em que se "semeia" desde as primeiras etapas da educação e, com o tempo, esses valores se consolidem nos estudantes. Além disso, o livro explora como os educadores podem ser agentes de transformação, não apenas transmitindo conhecimentos, mas também sendo exemplos vivos de comportamentos éticos. A obra sugere estratégias pedagógicas para que a educação

moral, no real sentido do termo, seja efetiva e se torne parte essencial da formação integral dos alunos.

Nessa linha de raciocínio é notável que para cultivar uma sociedade mais ética e justa, a educação precisa ir além do ensino encontrado atualmente, incorporando valores morais e éticos de maneira prática e reflexiva no ambiente escolar.

Com todo o exposto até então cabe-nos refletir: Que ser humano queremos formar na escola? Quais valores ensinar? Como transmitir tais princípios? “A educação integral do homem não pode ser negligenciada em momento algum, em nome de bandeira sociológica, psicológica ou qualquer outra que esteja na moda”, ressalta Valente (1989, p. 33).

Assim, as perguntas iniciais feitas nesta sessão verificando se os “princípios morais estariam passando por uma série de transformações em nossa sociedade contemporânea”, acreditamos que sim destacando que “As diferentes mídias têm um papel crucial nessa transformação moral da sociedade”; ressaltando que as “possíveis mudanças teriam o poder de ameaçar a liberdade das pessoas”.

Fica evidente com o levantamento dos estudos realizado em nossa pesquisa, como no caso dos já citados Randons *et al.* (2011) e Ataíde e Cavalcanti (2023), como que os comportamentos sociais tendem a servir como modelo para os estudantes. Muitas vezes reproduzidos sem reflexão e apenas por estar na “moda”. Isso serviria de espelho para os estudantes? Iremos analisar essa temática na sessão seguinte.

3 Ídolos da sociedade atual como espelhos aos estudantes

Para que uma pessoa exerça a ética em sua vida cotidiana é necessário que desde a infância tenha absorvido base sólida e significativa a respeito de virtudes, valores, cultura, entre outros temas que envolvam quesitos morais. Tal argumento vai ao encontro com o que aponta La Taille (2008) ao referir-se que dimensões morais devem ser trabalhadas desde os anos iniciais dentro da escola, pois ética, princípios morais e cidadania se aprendem, não são coisas espontâneas. Além de tudo isso, existe o fato de a criança ter vivenciado uma série de exemplos de comportamentos em sua família e nos meios de comunicação em que sempre consumiu, muitas vezes sem reflexão e orientação. Reforçando a importância de tal ideia, lembramos Longo e Lins (2018), quando ressaltam que ética é uma aquisição, e por isso, precisa ser ensinada.

Sendo assim, os dados contidos nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (Brasil, 2006) recomendam o trabalho com valores desde o início da educação básica, tendo em vista a formação da criança para o exercício da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum. MacIntyre (2001) ao introduzir uma discussão acerca dos valores que regem, ou não, o psiquismo humano confirma que vivemos hoje em uma sociedade alicerçada pelo prazer narcisista, o acúmulo de dinheiro e da exclusão do outro. Para o autor, os valores que fundam a sociedade na qual vivemos no século XXI são 'anti-valores'. Partilhando do mesmo conhecimento, Kehl (2002) argumenta que há certa facilidade para constatar a existência de uma crise ética mundial que desencadeia de forma acumulativa não apenas sintomas sociais, mas nos alertando para necessidade de novas reflexões morais. O autor também nos alarma para o crescimento do narcisismo individual na sociedade contemporânea.

Quando debruçamos nosso olhar para essas informações, voltamos a refletir sobre a problemática da família apontada no item anterior, pois é possível que façamos uma relação direta sobre a influência dos ídolos na sociedade através de diferentes meios midiáticos, o que também tem influência direta na construção ética desde muito cedo na vida de um ser ao desenvolver-se no ambiente familiar.

E ao adentrarmos nesse assunto automaticamente temos que refletir sobre o papel da mídia na formação e manutenção dessas figuras influenciadoras da

sociedade. A mídia desempenha um papel fundamental na formação de ídolos, pois é através dela que as pessoas têm acesso às informações, imagens e histórias sobre figuras públicas. Mediante programas de televisão, redes sociais, revistas e sites, a mídia não apenas divulga talentos, mas também constrói narrativas em torno deles, destacando suas conquistas, desafios e personalidades. Isso ajuda a criar uma conexão emocional com o público, que muitas vezes se identifica com esses ídolos e compra a ideia sem muita reflexão sobre o impacto em sua vida.

O que percebemos atualmente no Brasil é que vivemos em um momento órfão de ídolos incontestáveis, onde toda e qualquer figura pública vira alvo fácil da polarização ou da efemeridade digital. Atualmente observamos que a emoção não é mais coletiva e os algoritmos gritam muito mais do que o coração. Uma prova disso é quando Azevedo, Mezzaroba e Zoboli (2014) em seu artigo, analisaram a possível influência midiática na construção de ídolos esportivos e como são percebidos no universo dos jovens encontrando um forte poder simbólico midiático, incorporando significados mercadológicos. As mídias, em todas as suas formas, interferem e transformam a maneira como as pessoas se comportam dentro de uma determinada sociedade. Essa interferência pode gerar impactos inclusive sobre a percepção que o indivíduo possui sobre a própria realidade e seus relacionamentos interpessoais, o que tende a gerar uma possível distorção de valores. Assim, podemos perceber que é imediata a necessidade de a escola fazer da mídia uma temática a ser estudada de forma crítica e reflexiva para que seus estudantes possam disseminar de forma consciente o que venham a consumir através dos diferentes meios de comunicação no decorrer de suas vidas.

Diniz, Rodrigues e Darido (2012) reforçam a ideia de que a mídia influencia a maneira como os alunos interpretam a realidade, destacando a necessidade de a escola refletir sobre essas questões e criar estratégias didáticas para usufruir desse meio.

Corroborando nosso raciocínio, Caldas (2006) aponta que os meios de comunicação atuais têm influência direta na formação/deformação das pessoas, independente de suas idades. Reforçando, Belloni (2005) argumenta que a mídia interfere diretamente no modo como os alunos recebem e interpretam as informações que são obtidas no meio pedagógico e social.

Nesse momento é possível que tragamos à tona o recente caso da influenciadora Virginia Fonseca que, contendo mais de 50 milhões de seguidores até então, foi chamada para depor no dia 13 de maio de 2025 na CPI¹ das *Bets* sobre sua atuação e divulgação na promoção de plataformas de apostas. Tal episódio reforça mais uma vez essa questão crucial sobre o poder da influência digital sobre o comportamento dos jovens e como isso pode ser usado, e muitas vezes abusado, em práticas comerciais de risco, como as apostas esportivas online como neste caso citado. Ao pararmos para observar a situação ocorrida durante a CPI das *Bets* notamos que a influenciadora muito se utilizou do poder que a imagem tem de transmitir mensagens: Virginia compareceu ao Senado acompanhada de seu marido, o cantor Zé Felipe, vestindo um moletom preto estampado com o rosto de uma de suas filhas. Durante o depoimento, ela foi criticada nas redes sociais e pela imprensa por seu comportamento, sendo acusada de não levar a comissão a sério e agir como uma adolescente. A influenciadora confundiu o microfone com o canudo de seu copo e tirou uma selfie com o senador mineiro Cleitinho Azevedo. Além disso, ela finalizou suas declarações iniciais afirmando "bora pra cima" (sic da influenciadora), o que provocou risadas entre os presentes. A atitude de Virginia foi amplamente criticada por sua falta de decoro e pela utilização de itens de suas marcas como forma de propaganda durante a sessão. Sua postura foi vista por muitos como desrespeitosa, especialmente considerando a gravidade das questões discutidas na comissão. A influenciadora perdeu mais de 600 mil seguidores após o depoimento, refletindo a desaprovação do público em relação à sua conduta.

Podemos perceber nesse caso descrito que há novamente uma distorção gigantesca de valores morais, onde poucas coisas são levadas a sério, tanto por parte de autoridades como também por parte dos ídolos da atualidade, o que gera uma grande confusão na cabeça dos jovens do que é certo e o que é errado, podendo ter como consequência distúrbios de comportamento durante seu cotidiano. Portanto, é necessário refletirmos sobre o que a mídia produz em relação à Educação Física, e o que isso interfere no comportamento e formação de nossos alunos que acabam sendo bombardeados através desse mecanismo dinâmico midiático e virtual, para que

¹ Comissão Parlamentar de Inquérito ou CPI é uma comissão temporária formada dentro do Poder Legislativo e que tem como propósito a investigação de más ações tomadas pelo Poder Executivo e seus agentes. Essa comissão pode ser formada em todos os níveis do Legislativo: federal, estadual e municipal.

possamos transformar essa situação em ferramenta didática para nossas aulas e assim contribuir criticamente para a realidade de nossos alunos.

Pires (2003) aponta diferentes linhas de pesquisa que estudam a relação entre mídia e Educação Física e para ele essas interações ficam evidentes em diversas situações em forma de meios de comunicação de massa, principalmente aqueles que têm como objeto central a temática do esporte telespetáculo ou a construção da imagem social de corpo. Diante esse cenário, Camillo e Betti (2010) defendem que a Educação Física Escolar deve refletir criticamente sobre a influência que os meios de comunicação exercem sobre a temática cultura corporal de movimento e sobre nossos estudantes. Para o autor a influência da mídia é evidente no campo da cultura corporal a partir do momento que sugere e reproduz práticas corporais como meios de consumo. Sendo assim, o campo pedagógico acaba por sofrer forte influência da mídia, o que pode se tornar um problema para a educação, especialmente para a Educação Física (Betti, 2003). Ao pararmos para refletir, toda essa artimanha da mídia associada as diferentes fases de desenvolvimento do indivíduo que nós Professores vivenciamos dentro da escola durante a formação letiva, há um grande risco do estudante ser influenciado e consequentemente adotar valores e comportamentos que favorecem tal lado manipulativo.

No que se refere a adolescência, público avaliado nesta pesquisa, percebemos que é uma fase marcada por intensas transformações físicas, psicológicas e sociais, que afetam diretamente o modo como os jovens se relacionam com a prática corporal e com as aulas de Educação Física Escolar. Portanto, é notório que a Educação Física Escolar desenvolva aspectos importantes em todas essas fases do indivíduo, e na adolescência esses aspectos são muito visíveis, pois desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral dos adolescentes, promovendo não apenas a saúde física, mas também aspectos sociais, emocionais e cognitivos.

As transformações corporais que ocorrem durante a puberdade, como o crescimento acelerado, alterações hormonais e o surgimento das características sexuais secundárias, influenciam diretamente a autoestima e a percepção de si. Darido (2004) destaca que muitos adolescentes começam a apresentar maior preocupação com a imagem corporal, o que pode levá-los à evitação de atividades

físicas, especialmente aquelas que envolvem exposição do corpo, como a prática de esportes em grupo ou com uniformes padronizados.

Podemos também citar Kunz (1994) quando aponta que as mudanças cognitivas da adolescência trazem maior capacidade reflexiva, o que implica uma postura mais crítica frente às atividades propostas nas aulas. Porém esse processo, no entanto, nem sempre é acompanhado por metodologias pedagógicas que dialoguem com os interesses e as vivências dos adolescentes, resultando em desmotivação e afastamento da disciplina. Segundo Tani (2003) e Darido (2005), a Educação Física Escolar contribui significativamente para o desenvolvimento das habilidades motoras dos adolescentes, melhorando assim a coordenação motora, o equilíbrio e a agilidade, aspectos essenciais para o crescimento saudável nessa fase da vida. Além disso temos a questão das interações sociais durante as aulas, que permite que os adolescentes desenvolvam habilidades de trabalho em equipe, respeito às regras e empatia. Barbosa e Souza (2010) ressaltam que essas experiências contribuem para a formação de valores sociais e emocionais, fundamentais para a convivência em sociedade.

Nesse sentido, ao refletirmos sobre a questão da inclusão e diversidade, tema tão delicado para esse momento da vida do ser humano, a Educação Física Escolar tem papel significativo na promoção da inclusão e respeito à diversidade, como defendem Silva e Lima (2012) ao destacarem a importância de práticas pedagógicas que considerem as diferentes realidades e necessidades dos estudantes, promovendo um ambiente escolar mais inclusivo e equitativo.

Para que todos esses ganhos mediante as aulas de Educação Física aconteçam é necessário um levantamento detalhado de possíveis problemáticas enfrentadas durante o percurso de nossa disciplina. Uma das problemáticas recorrentes está relacionada à padronização dos conteúdos nas aulas de Educação Física, normalmente centrados em esportes tradicionais e competitivos. Bracht (2003) critica o modelo tecnicista ainda predominante nas escolas, que não considera as diferenças de habilidade, gênero ou interesse dos alunos. Isso favorece a exclusão de estudantes que não se adaptam ao padrão dominante, reproduzindo desigualdades e desestimulando a participação.

No que diz respeito ao gênero, Taffarel (1992) observa que as práticas corporais ainda são fortemente marcadas por estereótipos sexistas. Meninas, por

exemplo, costumam ser marginalizadas em práticas esportivas mais vigorosas, como o futebol, enquanto meninos podem sofrer sanções simbólicas por se interessarem por danças ou atividades menos associadas à masculinidade hegemônica.

Outro ponto importante é a influência do contexto sociocultural nas escolhas dos adolescentes. Darido (2004) destaca que o aumento do sedentarismo, aliado ao crescimento do uso de tecnologias e à falta de espaços públicos seguros, tem diminuído o tempo dedicado às atividades físicas fora da escola, tornando a aula de Educação Física um espaço ainda mais importante e desafiador para a promoção da saúde e do movimento.

Diante dessas turbulências pessoais e problemáticas que nossos alunos enfrentam, é fundamental que a Educação Física adote práticas pedagógicas cada vez mais inclusivas, dialógicas e diversificadas. Para Bracht (2003) e Kunz (1994), é preciso reconhecer o adolescente como sujeito ativo de sua aprendizagem, com interesses próprios, e não como mero executor de técnicas esportivas. Percebemos então a necessidade de uma Educação Física embasada pedagogicamente no que diz respeito à conscientização crítica das vivências corporais e seus valores e princípios agregados. Para Fantin (2006) essas ações pedagógicas utilizando os meios de comunicação são uma possibilidade de diálogo crítico e criativo com a cultura da mídia, fazendo com que os estudantes a entendam como uma forma de produção cultural, e que, portanto, precisa de uma análise crítica e reflexiva. A escola precisa se atualizar e seguir as modificações culturais da sociedade para poder construir metodologias de aprendizagem mais significativas para seus estudantes.

Com a grande inversão de valores discutida neste trabalho devemos enfatizar a importância do Professor enquanto mediador do conhecimento, já que diferentes informações e saberes podem ser facilmente distorcidos ou naturalizados. É nesse momento que entra a importância da formação crítica dos nossos alunos, tornando-os capazes de realizar uma leitura reflexiva da entre mídia e cultura corporal e como isso pode atingir a sociedade como um todo. É necessário que enxerguemos a Educação Física além da prática.

Andando em paralelo a tudo isso, os ídolos têm uma influência significativa no comportamento dos alunos, pois muitas vezes eles servem como modelos a serem seguidos. Quando os jovens admiram figuras públicas, como artistas, atletas ou influenciadores, tendem a imitar suas atitudes, estilos de vida e até mesmo valores.

Isso pode se manifestar de várias maneiras, como na forma de vestir, nas escolhas musicais, nas atividades extracurriculares e até nas interações sociais. Além disso, os ídolos podem impactar a autoestima e a motivação dos alunos. Por exemplo, um atleta que fala sobre a importância do trabalho duro e da perseverança pode inspirar os alunos a se dedicarem mais aos estudos ou a se esforçarem em suas atividades esportivas. Por outro lado, a pressão para se conformar a certos padrões promovidos por esses ídolos pode levar a comportamentos negativos, como a busca por aceitação a qualquer custo ou a comparação excessiva com os outros.

Para embasar nosso apontamento a respeito do assunto Abade e Pereira (2021) buscaram pontuar características de adoração de ídolos e celebridades que podem estar influenciando e interferindo nas relações interpessoais e no cotidiano dos adolescentes e perceberam que esse comportamento de idolatrar demonstra ter impactos em diversos aspectos do cotidiano adolescente, como as relações interpessoais, vida escolar e saúde mental. Para os autores há um novo perfil de ídolo, devido a falsa proximidade gerada pelas redes sociais, onde os jovens demonstram admiração por suas referências e acabam formando “tribos” ou grupos com o mesmo perfil de comportamento. É possível enxergar nesse tipo de relação atual uma certa superficialidade acompanhada de um falso benefício para o fã, pois tal situação pode estar diretamente ligada a futuras limitações no desenvolvimento da identidade, , autoestima, autonomia e saúde mental, além de ter grandes chances de desmascarar uma falta de relação parental sentida por esse jovem.

Nesse período é comum haver mudanças psicológicas, corporais e sociais que influenciam diretamente no comportamento do adolescente que se encontra lidando com sua nova identidade, inclusive isso tem levado a uma mudança na característica do comportamento com os pais. Oliveira e Hanke (2017) demonstram que o declínio da figura paterna dificulta ainda mais essa fase de subjetividade do adolescente.

A idolatria por parte dos jovens é um indicativo de uma possível característica de compensação, principalmente pautada na perspectiva do que deveria ser proveniente dos pais. Para isso, Cheung e Yue (2012) destacam que essa dedicação pelo ídolo pode vir a compensar a ausência parental.

Flanzer (2009) ressalta que adolescência não se trata apenas de uma fase da vida do ser humano, é também um momento marcado por uma crise psíquica a ser

superada, onde a fase infantil está sendo abandonada ao mesmo tempo que é necessário abrir e descobrir o caminho para se tornar um indivíduo ativo na sociedade. Pensando na situação que os adolescentes se encontram nesse momento de suas vidas Cohen (2004) defende que o apoio emocional pode auxiliar através da empatia, cuidado, tranquilização e confiança. Porém devemos ter em mente que esse apoio emocional do qual falamos não é apenas o virtual, através das “tribos” formadas as quais citamos. Para Shensa *et al.* (2020) tal apoio é resultado de relações presenciais e, para eles, as redes sociais podem não ser o suficiente para uma possível prevenção de diversas condições como, por exemplo, a depressão.

Atualmente os jovens se interessam e idolatram outros perfis de celebridades quando comparados com as gerações passadas, e isso se dá justamente pelas diferentes mídias existentes nos dias de hoje, principalmente a Internet e suas redes sociais. Sendo assim, percebemos que os jovens dessa atual geração se interessam por *youtubers*, *streamers*, *digital influencers*, entre outros. Consequentemente, é comum notarmos que cantores, atores, esportistas entre outros famosos de épocas passadas, tentam se reinventar nessa era digital para manter sua popularidade adquirida há décadas atrás.

Cheung e Yue (2003) ressaltam em seu estudo que os jovens da atualidade tendem a considerar estrelas do pop e do esporte como ídolos e a influência desses ídolos na vida dos adolescentes gera diferentes impactos na construção da autoidentidade. Os autores concluíram que existem efeitos significativos entre educação, idolatria e aquisição de identidade e que essa tem grande chance de ser suscetível a influência negativa causada pela exposição à idolatria e tudo que a permeia. Outro perigo que percebemos é que essa idolatria romantizada pode distanciar o jovem de sua própria realidade e fazer com que ele tenha mais dificuldade em seus relacionamentos interpessoais. Mas também podemos pensar no lado positivo de toda essa questão da idolatria, ou seja, quando o jovem tem como sua referência um ídolo que o inspira e consequentemente o ajuda no seu autodesenvolvimento, seja ele físico, psíquico e/ou social, facilita a construção de uma identidade adequada a sua realidade. Ao se espelhar em ídolos que acrescentam aspectos, tanto positivos quanto negativos, podemos observar situações de desenvolvimento da autonomia, contrariando situações de alienação comuns em casos de espelhamentos platônicos, principalmente quando gerados pela mídia. Para

que isso seja possível de acontecer é necessário, segundo Cheung e Yue (2003) que o jovem seja mais ativo na escolha de seus ídolos. Ou seja, é preciso desenvolvemos a autonomia e senso crítico em nossos alunos para que eles possam saber diferenciar o que lhe acrescentará ou não para seu próprio desenvolvimento, evitando assim que caiam em armadilhas plantadas por diferentes mídias tecnológicas.

Fraser e Brown (2009) reforçam tal ideia quando argumentam que no momento em que as pessoas escolhem e analisam seus ídolos e seus valores, e passam a incorporar essas características observadas que acham relevantes para elas próprias, cria-se aí poderosas formas de transformação social e pessoal, além da possibilidade de ampliar e compartilhar sua rede social com pessoas que compartilham dos mesmos ideais.

Em síntese, a influência dos ídolos é complexa e pode ter tanto efeitos positivos quanto negativos no comportamento dos alunos, dependendo de como esses jovens interpretam e internalizam as mensagens que recebem. É importante que haja um diálogo aberto sobre essas influências, ajudando os alunos a desenvolverem um senso crítico em relação aos seus ídolos e ao que eles representam. Dessa forma, a escola cumpre o seu papel no auxílio na construção da identidade pessoal dos alunos.

A partir dessas reflexões, no item seguinte iremos abordar o papel desempenhado pelo professor e como ele é visto quanto a sua função pedagógica no atual cenário pedagógico no chão da escola.

4 Aulas de Educação Física: possível cenário para a perda de autonomia e autoridade do Professor no contexto pedagógico

Nas últimas décadas, a percepção social do professor passou por transformações significativas, refletindo mudanças culturais, políticas e econômicas. Enquanto no passado o docente era visto como uma autoridade respeitada, hoje enfrenta desafios relacionados à desvalorização profissional, à sobrecarga de funções e a responsabilidade de assumir papéis que não lhes cabem.

No período entre as décadas de 1950 até 1980, os professores eram reconhecidos como figuras centrais na formação dos indivíduos e da sociedade. A profissão era associada a prestígio, estabilidade e respeito. A sociedade valorizava o papel do docente como formador de cidadãos e transmissor de conhecimento. Segundo Gatti (2000), essa valorização estava ligada à percepção de que o professor desempenhava uma função essencial na construção da identidade nacional e no desenvolvimento social. Com o passar dos anos, diversos fatores contribuíram para a desvalorização da profissão docente. A crescente pressão por resultados em avaliações padronizadas, como o ENEM, e a implementação de políticas educacionais que priorizam disciplinas consideradas "nucleares", como Língua Portuguesa e Matemática, relegaram áreas como a Educação Física a um segundo plano. É comum a Educação Física frequentemente ser tratada como uma atividade complementar e não essencial, refletindo uma desvalorização curricular e profissional.

Além disso, a remuneração dos professores não acompanhou o aumento do custo de vida, resultando em salários baixos que não atendem às necessidades dos profissionais, o que contribui para a insatisfação profissional, a sobrecarga de trabalho e muitas vezes a procura por outras atividades profissionais para a complementação da renda.

Para Silva e Menezes (2016) a imagem do professor também sofreu alterações na percepção dos alunos. No passado, o docente era visto como uma figura autoritária e rígida, enquanto atualmente é percebido como um profissional mais acessível, comunicativo e facilitador da aprendizagem. No entanto, essa mudança nem sempre se traduz em maior respeito ou valorização da profissão, refletindo uma relação ambígua entre as expectativas dos estudantes e a realidade enfrentada pelos educadores. O papel do Professor na atualidade transcende a simples transmissão

de conteúdos, posicionando-o como um agente transformador essencial na formação integral dos alunos.

Atualmente o Professor deve ser visto como um facilitador da aprendizagem, promovendo ambientes e situações que estimulem a autonomia e o pensamento crítico-reflexivo dos alunos. Segundo Perrenoud (1999), a formação contínua é fundamental para que os educadores se adaptem às novas exigências educacionais, sejam elas burocráticas ou relacionadas as demandas de perfis de estudantes da nova geração, permitindo-lhes atuar de maneira mais eficaz e reflexiva. Essa visão a respeito do papel do Professor, diferente da impressão que dá ao ser discutida, é bastante antiga. Dewey (1938) já enfatizava a importância do professor como mediador da aprendizagem, defendendo a ideia de orientar os estudantes na construção do conhecimento a partir de suas experiências concretas.

Além disso, devemos pensar em um mundo cada vez mais tecnológico onde a integração das tecnologias digitais no processo educativo exige que os professores desenvolvam habilidades específicas para utilizá-las de forma pedagógica. Moran (2015) reforça a ideia de que os Professores devem estar capacitados para utilizar as novas tecnologias, promovendo assim uma aprendizagem ativa e colaborativa. Podemos citar aqui as metodologias ativas como o ensino baseado em projetos e a aprendizagem baseada em problemas são cada vez mais valorizadas, pois colocam o aluno no centro do processo educativo, estimulando sua participação ativa e engajamento. As metodologias ativas e o ensino baseado em projetos também têm alcançado destaque na Educação Física. Essas abordagens visam promover uma aprendizagem mais significativa, crítica e autônoma, alinhada às demandas contemporâneas da educação. As metodologias ativas, portanto, são estratégias para o apoio pedagógico que colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem, incentivando sua participação ativa e reflexão crítica. Na Educação Física, essas metodologias têm sido aplicadas para desenvolver competências práticas e teóricas nos futuros profissionais da área, bem como utilizadas como ferramenta de ação no contexto das aulas para os estudantes de várias etapas da educação escolar.

Acreditamos que para toda ação pedagógica relativamente nova é necessário um maior entendimento integral a respeito do assunto, sendo necessário ajustes para que tais metodologias se tornem, de fato, eficazes. Um exemplo do que

estamos abordando é a revisão bibliográfica realizada por Kogure, Mendes e Andreotti (2023) onde os pesquisadores analisaram 14 estudos sobre o uso de metodologias ativas na formação de professores de Educação Física e os resultados indicaram que, embora haja uma percepção positiva sobre essas metodologias, sua aplicação ainda é limitada, sendo necessário mais capacitações docentes e ajustes curriculares para sua efetiva implementação.

Zapatero, Rubio e Villagrasa (2018) também investigaram no ensino médio a consolidação das metodologias ativas em Educação Física nas escolas espanholas. Apesar do reconhecimento dos benefícios dessas metodologias, os professores ainda mantêm práticas instrutivas tradicionais, evidenciando a necessidade de uma mudança mais profunda nas práticas pedagógicas.

Acreditamos que essas estratégias metodológicas são ferramentas eficientes para um cenário de ensino e de aprendizagem que busquem desenvolver seus estudantes de maneira integral, tornando-os mais críticos e autônomos dentro da sociedade. Mas é fato que, como toda nova ação pedagógica estratégica, essa necessita de lapidações para que se torne cada vez mais aplicável e eficaz, e assim atinja os resultados de maneira significativa. Igualmente importante é esclarecermos acerca do Ensino Baseado em Projetos (PBL ²), que se caracteriza como uma abordagem que envolve os alunos em projetos complexos e interdisciplinares, promovendo a aprendizagem ativa e a resolução de problemas reais. Na formação de professores de Educação Física, o PBL tem sido utilizado para integrar teoria e prática, desenvolvendo habilidades profissionais e identidade docente.

Além disso, Pasqualetto, Veit e Araujo (2017) realizaram uma revisão da literatura sobre o uso do PBL destacando a importância dessa metodologia para o desenvolvimento de competências investigativas e colaborativas junto aos alunos no contexto de aulas de física, o que nos faz pensar na possibilidade da implementação de tal metodologia em outras disciplinas, inclusive na Educação Física.

É fato que as metodologias ativas e o Ensino Baseado em Projetos são abordagens pedagógicas que têm mostrado resultados positivos na Educação Física, especialmente na formação inicial de professores. No entanto, sua implementação

² *PBL* é a sigla para Project-Based Learning, termo em inglês que designa a metodologia conhecida em português como Ensino Baseado em Projetos ou Aprendizagem Baseada em Projetos, caracterizada pela organização do processo de ensino a partir do desenvolvimento de projetos investigativos que articulam teoria e prática em situações-problema contextualizadas.

efetiva requer investimentos em formação docente, revisão curricular e apoio institucional. Sob nosso ponto de vista é fundamental que as instituições de ensino promovam ambientes que favoreçam a adoção dessas metodologias, visando uma educação mais crítica, participativa e alinhada às necessidades contemporâneas. Independente das metodologias utilizadas é sabido que o Professor cada vez mais desempenha um papel crucial na promoção da inclusão e no respeito à diversidade no ambiente escolar. Relacionado ao tema, Batista e Lopes (2021) argumentam que o docente deve ser um mediador do processo de aprendizagem que reconheça e valorize as diferenças individuais, adequando suas práticas pedagógicas para atender às necessidades de todos os alunos. Acreditamos que essa abordagem contribui para a construção de um ambiente escolar mais equitativo e acolhedor.

Assim, além das competências cognitivas, os professores são responsáveis pelo desenvolvimento de habilidades socioemocionais nos alunos, como empatia, resiliência e trabalho em equipe. Habilidades essas essenciais para o sucesso no mercado de trabalho contemporâneo, como ressaltam Sousa e Coelho (2021), ao pontuarem que os Professores atuam como mentores, orientando os estudantes em suas jornadas acadêmicas e profissionais, ajudando-os a identificar suas paixões e a desenvolver planos de ação para alcançá-las. Ou seja, por trás disso é necessário haver o já citado trabalho integral do ser humano. Ou seja, a relação estabelecida entre professores e alunos é um fator-chave para o aprendizado bem-sucedido. Sabemos que é um grande desafio construir relações de confiança e respeito, que se reflitam na sala de aula, ainda mais com o choque de gerações existentes dentro do ambiente escolar, a qual já apontamos neste trabalho. Uma relação positiva entre Professor-aluno impacta diretamente a motivação e o envolvimento dos estudantes no processo de aprendizado. Um professor que demonstra interesse pela vida do aluno, suas histórias e suas dificuldades, cria um espaço seguro e acolhedor, onde é possível explorar novos conhecimentos e desenvolver novas habilidades.

Assim, percebemos que o papel do professor na educação contemporânea é multifacetado e exige uma constante atualização e reflexão sobre suas práticas pedagógicas. No caso do Professor de Educação Física acreditamos que esse dinamismo se multiplica, pois nossa disciplina permite aos estudantes vivenciarem e fruírem diferentes vivências e emoções devido a característica da relação direta entre teoria e prática, o que abre espaço para situações em que os estudantes se sentem

mais à vontade para se expressarem e demonstrarem suas necessidades afetivas, emocionais e sociais. É notório então, o papel multifacetado do professor de Educação Física que evolui conforme as demandas educacionais e sociais.

Para que isso seja possível Magalhães (2020) enfatiza a relevância das Ciências Humanas na formação do professor de Educação Física, o que proporciona uma formação mais integral ao Professor. Associado a isso, Nascimento e Lopes (2020) defendem uma prática pedagógica da Educação Física fundamentada na teoria construtivista com base em Jean Piaget, onde o aluno é visto como sujeito ativo na construção do conhecimento—e o Professor atua como mediador, estimulando a autonomia e a reflexão crítica dos estudantes. Para enriquecer ainda mais a atuação dos Professores de Educação Física, Marques e laochite (2019) ressaltam a importância da experiência prática na formação docente, sugerindo que a configuração curricular deve considerar as vivências dos professores em sala de aula para uma formação mais eficaz, bem como Lima (2006) aborda a relação entre teoria e prática na ação educativa, enfatizando que a prática pedagógica deve estar alinhada aos valores e objetivos da Educação Física Escolar, superando a dicotomia entre teoria e prática.

Em relação a complexidade da docência em Educação Física, Fensterseifer e Rezer (2016) destacam a necessidade de uma formação contínua e crítica para lidar com os desafios do ensino e promover uma prática pedagógica reflexiva.

Como já discutido em nosso meio acadêmico, o papel do Professor de Educação Física deve ir além da instrução técnica e esportivista. Deve ser um facilitador do desenvolvimento integral dos alunos, promovendo uma educação crítica, reflexiva e contextualizada. Para isso, é essencial uma formação docente que integre conhecimentos científicos, pedagógicos e humanísticos, preparando o Professor para os desafios da prática educativa no atual cenário. Ao atuar como mediador do conhecimento, adequando-se às novas tecnologias, promovendo a inclusão e desenvolvendo habilidades socioemocionais, o docente contribui significativamente para a formação de cidadãos críticos, criativos e preparados para os desafios do século XXI.

Pois bem, sabemos que tudo que foi apontado neste item é de suma importância, porém também temos conhecimento de que diversos fatores externos e

que não estão ao alcance dos Professores, influenciam negativamente para o bom andamento da função docente. Os Professores enfrentam uma série de desafios em sua atuação docente, que impactam diretamente na qualidade do ensino e no seu bem-estar profissional. Um dos principais entraves enfrentados por nós Professores diz respeito às condições de trabalho e infraestrutura escolar. Segundo Nunes e Almeida (2020), muitos docentes atuam em ambientes pouco adequados, com escassez de recursos pedagógicos e salas superlotadas. Essas condições não apenas dificultam a realização de um trabalho de qualidade, mas também contribuem para o adoecimento físico e mental do professor. Além disso, a desvalorização social e econômica da profissão docente é um fator recorrente nas discussões sobre a crise na educação, onde muito é citado quanto aos baixos salários, a ausência de reconhecimento e a falta de valorização por parte da sociedade que contribuem para a desmotivação dos profissionais, agravando a rotatividade e o desinteresse pela carreira docente.

Outro aspecto relevante é o comportamento e a falta de engajamento dos alunos no processo de aprendizagem. O desinteresse dos estudantes e os episódios frequentes de indisciplina nas salas de aula têm gerado desgaste emocional entre os professores, que muitas vezes se sentem impotentes para lidar com essas situações, o que compromete o processo de ensino-aprendizagem da turma toda.

Paralelamente, a introdução das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) nas escolas, embora seja uma tendência inevitável e necessária, ainda encontra resistência e dificuldades práticas, pois muitos docentes não receberam formação adequada para o uso eficiente dessas tecnologias, o que os leva a insegurança e receio de não atender às novas exigências pedagógicas. Somado a isso está a questão da infraestrutura de rede de internet aberta, que nem todas as escolas possuem, dificultando que ações inovadoras sejam realizadas.

Por fim, um problema estrutural que permeia todos os demais é a formação inicial e continuada dos Professores. É fácil percebermos que a formação docente no Brasil ainda é excessivamente teórica, distante da realidade das escolas. Além disso, a ausência de programas de formação continuada limita a capacidade de atualização dos professores frente às transformações sociais e educacionais.

Ao dirigirmos nosso olhar para a área da Educação Física, percebemos que a situação não é muito diferente. Em estudo realizado por Durães *et al.* (2017) foi

revelado que muitos Professores de Educação Física enfrentam a falta de infraestrutura adequada, como quadras esportivas e materiais pedagógicos. Em alguns casos, as aulas são ministradas em espaços improvisados, como pátios e salas de aula, e os docentes recorrem ao uso de materiais alternativos ou até mesmo à compra de equipamentos com recursos próprios. Essa situação compromete a eficácia do ensino e a segurança dos alunos.

Em relação à formação docente Paixão, Barroso e Custódio (2016) destacaram que também a formação inicial dos Professores de Educação Física muitas vezes não os prepara adequadamente para os desafios da prática acadêmica. Muitos ingressam na profissão sem a segurança necessária para trabalhar os conteúdos específicos da disciplina, enfrentando dificuldades no planejamento e na adequação às demandas da escola. Além disso, a falta de apoio institucional e a sobrecarga de trabalho contribuem para o desânimo e a desistência precoce da carreira. Tendo relação direta com a problemática da formação inicial e continuada dos professores de Educação Física, Fiorini e Manzini (2016) evidenciaram que a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física apresenta desafios significativos. Os Professores enfrentam dificuldades na adaptação de atividades, na utilização de recursos pedagógicos adequados e na gestão da diversidade em sala de aula. Embora existam situações de sucesso, a falta de formação específica e de apoio institucional dificultam a implementação efetiva de práticas inclusivas.

É impossível não notarmos a necessidade de inovar as práticas pedagógicas na Educação Física, e pensando nesse sentido, Bagnara e Fensterseifer (2016) abordaram os desafios enfrentados pelos professores de Educação Física ao tentarem implantar práticas pedagógicas efetivas. Os autores desvendaram que a resistência à mudança, a falta de tempo para planejamento e a pressão por resultados imediatos são fatores que dificultam a implementação de estratégias didáticas inovadoras e concluíram que os docentes necessitam de apoio contínuo e de espaços para reflexão e desenvolvimento profissional.

Segundo La Taille (2008) nove em cada dez educadores reclamam que as salas de aula estão cada vez mais incivilizadas. Para o autor é urgente que se dê um basta na situação, propondo assim a não imposição de regras rígidas dentro da instituição, mas sim através de uma formação ética que levem as pessoas a resolverem conflitos de forma coletiva. Durante nossa atuação docente percebemos

que diversas vezes o sistema educacional dificulta, ou até mesmo impede, que os docentes desenvolvam estratégias ou atividades que viabilizem o desenvolvimento integral da criança, incluindo aqui, o desenvolvimento moral e ético, pois é muito comum que a atuação do Professor seja guiada por uma exigência estatal, para que assim, sob nosso ponto de vista, a escola seja mais um dos meios de manipulação da sociedade. Acreditamos que o ideal seria a educação se caracterizar por ser um transmissor de cultura isenta de uma ideologia específica, sendo um mecanismo para o desenvolvimento crítico e autônomo dos seus estudantes, preparando-os de fato para a vivência e atuação na sociedade.

Racionalmente, a escola é, ou deveria ser, um ambiente propício para o ensino e construção de valores que colaborassem para a atuação eficaz e justa diante de possíveis situações desafiadoras, nas quais exigissem a utilização de questões éticas e morais. Porém, o que vemos hoje na atuação prática, com a perda de autoridade dos Professores, muitas vezes caminha no sentido contrário a tal ideia. Vale ressaltarmos que "se o Professor perde a autoridade o produto de seu trabalho se perde também", destaca Nuñez (2023, p.5).

Sabemos que durante o período da educação infantil, as crianças são expostas as vivências de aulas que buscam o desenvolvimento de alguns valores básicos para se viver em sociedade. Nessa linha de pensamento, Lima e Santos (2018) buscaram identificar como os professores da educação infantil concebem os valores em relação às suas práticas pedagógicas e ao desenvolvimento moral das crianças. Os resultados revelaram que os valores aparecem nos discursos e ações dos Professores, assim como nas atividades que eles propõem aos alunos, porém os docentes assumem uma posição adultocêntrica em suas práticas. Com isso percebemos que existe uma linha tênue, e muito fácil de ser rompida, no educar para valores, corroborando diretamente com Longo e Lins (2018), ao estudar a formação dos próprios Professores, quando apontam que ao observar o cotidiano das escolas brasileiras nota-se que nem sempre se garante o papel de educar eticamente, perdendo assim a oportunidade de educar, através da centralização na criança, para a autonomia moral e promoção de reflexões acerca dos valores.

Não nos surpreendendo, Longo e Lins (2018) em uma de suas pesquisas constataram que o curso de Educação Física da instituição então pesquisada, foi o único que apresentou disciplinas relacionadas diretamente com as questões éticas,

como por exemplo Bases Epistemológicas e Axiológicas da Educação Física e Ética e Bioética da Educação Física. O que mais uma vez demonstra a importância da disciplina no currículo escolar em todas as fases da vida educacional do estudante.

A Educação Física naturalmente tende a ser uma disciplina com mais proximidade com a maioria dos alunos, justamente pela característica de suas atividades. E ao nos depararmos com essa situação extremamente burocrática e mecanizada em que os Professores se encontram que ajuda e muito nessa perda de autonomia já dita por parte do Professor, podemos recorrer aos aspectos de afetividade durante o processo de ensino aprendizagem para tentar equilibrar essa balança e encontrarmos uma saída desse lugar onde o Professor se encontra “afogado” em obrigações que vão muito além do ato pedagógico em si.

Nessa linha de raciocínio Mello e Rubio (2013) destacam a importância da afetividade no processo de ensino e de aprendizagem. Sendo assim, os autores buscaram analisar se o fortalecimento das relações afetivas entre professor e aluno contribua para um melhor rendimento escolar. Para eles, o afeto é um meio importante e eficiente para que o aluno se sinta seguro e consiga atingir os objetivos educacionais.

Já na década de 1950, para Piaget o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo os componentes cognitivo e afetivo (Dantas, 1992), componentes esses desenvolvidos de maneira interligadas. Associado a isso, podemos perceber em nossa prática diária que o estudante que é tratado com afeto torna-se uma pessoa mais solidária, o que vem a contribuir com várias vertentes em nossa sociedade. Essa observação caminha diretamente ao citado por Wallon (*apud* Dantas, 1992), quando diz que a afetividade é anterior ao desenvolvimento, e as emoções têm papel predominante no desenvolvimento da pessoa. Wallon defendeu a ideia da existência de uma alternância das ações cognitivas e afetivas durante o desenvolvimento do ser humano. Ou seja, razão e emoção são inseparáveis. Tal constatação é comum em Piaget, Vygotsky e Wallon.

Segundo La Taille, Oliveira e Dantas (1992) os estudantes atingem melhores resultados escolares quando considerado seus interesses e quando os conhecimentos propostos têm relação direta com suas necessidades. Ao abordar o mesmo assunto de pesquisa, Silva (2001), ressalta como é relevante o papel do Professor na criação de um ambiente de aprendizado mais tranquilo, onde os alunos

se sintam mais seguros com a afetividade sendo demonstrada e exercida através da postura ao lecionar, de atividades escolhidas e de dinâmicas de interações.

Ao pensarmos sobre tal temática perceberemos o quão importante é o papel do Professor ao adquirir o hábito de praticar gestos acolhedores e educados, como respeitar, escutar, sorrir, entre outros, para que assim o aluno se sinta parte participativa nesse processo educativo e tenha um melhor desenvolvimento. Nós, Professores, ao tomarmos tais atitudes, certamente conseguiremos adquirir a confiança de nossos alunos auxiliando-os assim com mais facilidade em suas atividades e projetos de vida. Afinal de contas o Professor é, ou deveria ser, um líder, uma referência para os estudantes?

Nesse momento podemos recair em uma questão intrigante: Nos tempos atuais, o Professor realmente é um referencial? Os estudantes, em sua maioria, têm projetos de vida a buscar?

Ao nos aprofundarmos nessa reflexão nos deparamos com o seguinte questionamento: E quando o Professor não consegue mais dar o "exemplo ideal" ou exercer seu trabalho com características de empatia e acolhimento, gerando o ambiente de afeto anteriormente discutido?

Isso pode acontecer por uma série de motivos, dentre eles más condições de atuação, baixa remuneração, excesso de trabalho, estresse etc., o que impossibilita uma boa atuação ao lecionar, abandonando uma série de aspectos importantes para um processo educativo de qualidade.

Vale e Aguillera (2016) levantaram tais problemáticas junto aos Professores e constataram, através de revisão de literatura, que o Estresse e a Síndrome de Burnout são os principais motivos de afastamento da vida acadêmica e perceberam a necessidade de promover melhores condições de trabalho e de saúde mental aos Professores.

Ao refletirmos sobre a situação, é claro percebermos que muitas vezes se torna muito difícil o Professor criar um ambiente favorável e assim conseguir transmitir importantes valores e princípios para os estudantes em meio a situações em que ele próprio não as tem. Muitas vezes os Professores abandonam seu papel pedagógico e educacional, pois falta, de todos os lados, esses valores e princípios discutidos em nosso texto. Falta essa, muitas vezes por parte da gestão, da secretaria da educação, do município, do estado, do governo, e também dos próprios alunos. É notório que tal

situação facilmente desmotiva o profissional que muitas vezes tem a sensação de estar dando "murro em ponta de faca", e com sua insistência acaba se auto desmotivando e até adoecendo pois se vê sozinho em uma batalha desleal. Cenário esse perfeito para a retroalimentação da situação do atual cenário escolar e da nossa sociedade: falta de valores e princípios, refletindo no empobrecimento de sonhos e projetos de vida.

Não nos resta dúvidas de que as dificuldades enfrentadas pelos professores de Educação Física são inúmeras e exigem uma abordagem integrada para sua superação. Assim, é fundamental investirmos na formação inicial e continuada dos docentes, para que esses tenham as ferramentas necessárias para lidar com os desafios da prática pedagógica cotidiana. Também se faz necessário a melhoria da infraestrutura escolar e o real apoio institucional para a implementação de práticas inclusivas e inovadoras. Somente assim será possível garantir uma Educação Física de qualidade, que contribua efetivamente para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Todo esse relato sobre a transformação na percepção social do professor evidencia a necessidade urgente de políticas públicas que promovam a valorização da profissão. Isso inclui melhorias nas condições de trabalho, investimentos em formação continuada e reconhecimento profissional do papel fundamental do docente na sociedade. Somente por meio de ações concretas e efetivas será possível resgatar o prestígio da profissão e garantir uma educação de qualidade para as futuras gerações.

5 PERCURSO INVESTIGATIVO

O presente estudo se insere no campo das pesquisas de abordagem qualitativa, já que é direcionado à compreensão de fenômenos educacionais relacionados ao desenvolvimento de valores morais e éticos no contexto da Educação Física Escolar. Concentramos a investigação na análise das percepções, atitudes e manifestações comportamentais de estudantes do oitavo ano pois buscamos compreender os processos de construção de valores morais e éticos e suas relações estabelecidas no ambiente escolar.

A abordagem qualitativa é caracterizada pela valorização da interpretação dos fenômenos sociais e educacionais em seus contextos naturais, priorizando a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. Para Lüdke e André (1986), esse tipo de investigação possibilita examinar fenômenos educacionais em profundidade, considerando a complexidade das interações presentes no cotidiano escolar. Sendo assim, durante essa abordagem o pesquisador procura compreender processos, relações e significados construídos pelos participantes da pesquisa.

De forma semelhante, Bogdan e Biklen (1994) ressaltam que a investigação qualitativa busca compreender os fenômenos a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, valorizando suas interpretações, experiências e interações sociais. Assim, o conhecimento produzido só é capaz de acontecer através de uma análise cuidadosa das situações vivenciadas no campo empírico, permitindo ao pesquisador elaborar interpretações fundamentadas teoricamente.

Ainda nesse sentido, autores como Denzin e Lincoln (2006) destacam que a pesquisa qualitativa envolve um conjunto de práticas interpretativas que permitem compreender a realidade social por meio da análise das experiências, discursos e interações humanas. Podemos perceber que tal abordagem é especialmente adequada para investigações que envolvem dimensões subjetivas, como valores, crenças, atitudes e percepções, elementos que não podem ser plenamente compreendidos apenas por meio de mensurações quantitativas.

Dessa forma, justificamos a escolha pela abordagem qualitativa devido sua natureza de fenômeno investigado, uma vez que a construção de valores morais e

princípios éticos envolve processos subjetivos e relacionais que se manifestam nas interações sociais e nas experiências vividas pelos sujeitos no contexto escolar.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, caracterizamos nosso estudo como uma pesquisa-ação. Pois esse tipo de abordagem metodológica articula produção de conhecimento científico e intervenção na realidade investigada, permitindo que a pesquisa se desenvolva em diálogo direto com as práticas pedagógicas vivenciadas no contexto escolar.

Segundo Thiollent (2009), a pesquisa-ação consiste em um tipo de investigação social realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, envolvendo a participação ativa dos sujeitos implicados na situação investigada. Fica claro então que nessa perspectiva, pesquisadores e participantes colaboram na identificação de problemas e na elaboração de estratégias que contribuam para a compreensão e transformação da realidade estudada. Na mesma linha de raciocínio Barbier (2007) também destaca que a pesquisa-ação pressupõe a participação dos sujeitos envolvidos no processo investigativo e a construção coletiva do conhecimento a partir da reflexão sistemática sobre a prática.

Já no campo da Educação Física Escolar, Rufino e Darido (2010) apontam a pesquisa-ação como uma estratégia metodológica relevante para investigar a prática pedagógica e o papel do Professor no processo educativo. Para eles, tal abordagem permite aproximar a produção de conhecimento acadêmico das realidades concretas vivenciadas no ambiente escolar, contribuindo para superar a histórica separação entre teoria e prática. O que vai de encontro justamente com o PROEF (Mestrado Profissional em Educação Física), programa pelo qual foi desenvolvida esta pesquisa.

Betti (2003) também enfatiza que, embora o conhecimento científico seja uma importante fonte de fundamentação para a atuação docente, a prática pedagógica não pode ser compreendida exclusivamente a partir de modelos teóricos. Para o autor o cotidiano escolar apresenta situações complexas e dinâmicas que exigem do professor capacidade de reflexão crítica, sensibilidade pedagógica e interpretação das experiências vividas pelos alunos.

Portanto, através desse olhar o ambiente escolar torna-se um espaço privilegiado para a vivência de experiências relacionadas à cooperação, ao respeito às regras, à resolução de conflitos e à reflexão sobre comportamentos e atitudes. Particularmente nas aulas de Educação Física, podemos oferecer aos estudantes

vivências que favoreçam a interação social, a tomada de decisões coletivas e o enfrentamento de desafios compartilhados, aspectos estes que contribuem significativamente para o desenvolvimento integral do sujeito.

Dessa maneira, em nosso percurso investigativo desenvolvido neste estudo, buscamos articular investigação científica, prática pedagógica e reflexão crítica sobre o cotidiano escolar. Mais do que apresentar um modelo metodológico prescritivo, pretende-se contribuir para o fortalecimento de práticas pedagógicas reflexivas, capazes de estimular nos estudantes a construção de valores fundamentados no respeito, na cooperação, na responsabilidade e na convivência ética no ambiente escolar. Práticas estas que não devem ser vistas como verdades absolutas capazes de solucionar toda a problemática do tema, mas podem servir de um “start” para a abordagem do assunto que deve ser revisitado com os estudantes constantemente.

5.1 Universo da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada em uma escola da Rede Estadual de Ensino em uma cidade do interior paulista, local sede de trabalho do professor pesquisador. A escola localiza-se em uma cidade com cerca de 220 mil habitantes, cidade essa distante aproximadamente 180 km da capital do estado.

A escola atende estudantes da educação básica do ensino fundamental anos finais, compreendendo turmas do sexto ao nono ano. Possui 664 estudantes, 29 professores e 9 funcionários.

Localizada no interior do estado de São Paulo, essa cidade é conhecida por seu ambiente tranquilo e qualidade de vida, combinando aspectos urbanos e áreas verdes. Possui uma economia diversificada, com destaque para setores como agricultura, indústria e serviços. Além disso, é um polo educacional regional, com várias instituições de ensino que atendem desde a educação infantil, básica até o ensino superior. Tal cidade também valoriza a cultura e o esporte, oferecendo opções de lazer para moradores e visitantes.

A instituição de ensino da qual se refere esta pesquisa oferece educação gratuita e de qualidade para a comunidade local. Conta com uma equipe de professores qualificados e uma infraestrutura adequada para promover o aprendizado em diferentes áreas do conhecimento. A escola valoriza o desenvolvimento integral

dos estudantes, incentivando o desempenho pedagógico e a participação em atividades culturais, esportivas e sociais. Está inserida em um bairro residencial, próximo a áreas comerciais e de fácil acesso para os alunos.

5.2 Participantes

A escola, universo de pesquisa, atende 664 estudantes matriculados no Ensino Fundamental II, os quais estão distribuídos por séries, conforme Quadro 1 a seguir. Participaram da pesquisa na 1ª Fase, os estudantes regularmente matriculados no Ensino Fundamental II - Anos Finais, mais especificamente os estudantes do oitavo ano C, período da manhã, turma essa sorteada com a utilização da Tabela de Números Equiprováveis (Santos, 2018), entre as demais turmas do 8º e 9º anos sob a responsabilidade do professor-pesquisador. A turma sorteada foi composta por 22 estudantes, sendo 11 meninos e 11 meninas, na faixa etária de 13 a 14 anos de idade.

Quadro 1: Distribuição dos Estudantes por séries

	6ºAno A: 38	7ºAno A: 38	8ºAno A: 38	9ºAno A: 34
	6ºAno B: 38	7ºAno B: 38	8ºAno B: 37	9ºAno B: 36
	6ºAno C: 38	7ºAno C: 38	8ºAno C: 37	9ºAno C: 35
	6ºAno D: 38	7ºAno D: 39	8ºAno D: 35	9ºAno D: 36
			8ºAno E: 35	9ºAno E: 36
Total	152	153	182	177

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Os participantes receberam o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), disponível no Apêndice 1, para leitura e ao se disporem a participar assinaram o referido documento. Os estudantes também receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponível no Apêndice 2, que foi entregue ao pais e/ou responsáveis para que autorizassem a participação do estudante na pesquisa.

Somente com os 2 aceites – TALE e TCLE, o estudante participou do estudo. Caso existisse o declínio do estudante ou do pai e/ou responsável, o estudante não participaria do estudo.

A 2ª fase da pesquisa, ou seja, a aplicação e vivência das aulas e o preenchimento do segundo questionário, foi aplicada com os mesmos estudantes.

5.3 Materiais e Métodos

Este estudo foi realizado em 2 fases. Para os estudantes do 8º ano C do Ensino Fundamental II, que fizeram parte do estudo, conforme especificados no Quadro I, foram entregues uma carta de apresentação da proposta da pesquisa, para que os estudantes tivessem ciência dos objetivos do estudo e estivessem esclarecidos quanto a sua participação na pesquisa.

Na primeira fase os estudantes responderam, um questionário em papel, contendo dados de identificação e 3 perguntas abertas: “Questão 1- Pense sobre você e escreva quais são os seus principais valores e princípios. Quais são mais presentes em você? Quais características de comportamento e atitudes que mais percebe em você?”; “Questão 2 - Quais são seus ídolos? Quais atletas e/ou pessoas famosas te inspiram e te servem de referência? Por que você admira essas pessoas?”; “Questão 3: Na sua opinião, acontece muitos casos de indisciplina e falta de respeito nas aulas de Educação Física? Se sim, por quais motivos você acha que isso acontece?”.

Para isso os estudantes tiveram o tempo de uma aula (45 minutos) para responderem o questionário que foi aplicado pelo próprio professor-pesquisador.

Vale ressaltar que a proposta inicial era aplicar o questionário via *Google Forms*. Porém, com a promulgação da Lei nº 15.100 (Brasil, 2025), de 13 de Janeiro de 2025 que dispõe sobre a proibição do uso de aparelhos eletrônicos pessoais por parte dos estudantes dentro do estabelecimento escolar, optamos por utilizar o questionário em papel, pois assim não afetaria o cronograma de coleta de dados e não desrespeitaríamos a legislação vigente.

Importante salientar que previamente foi realizado um pré-teste ou “piloto do questionário” aplicado a um grupo de 10 professores, de outra escola que o professor-pesquisador está vinculado, para que pudéssemos reduzir e/ou até mesmo eliminar termos e perguntas que pudessem levar a possíveis incompreensões. Após análise do pré-teste, não houve necessidade de alterar as questões da pesquisa.

A 1ª fase consistiu na aplicação do questionário, disponível no Apêndice 3, contendo dados de identificação do estudante e levantamento autoanalítico a respeito

dos próprios valores e princípios que os estudantes consideravam importantes. Levantamento este ocorrido pela própria característica das questões da pesquisa. Após análise das respostas desta primeira fase, os dados subsidiaram a organização da 2ª fase do estudo, que foi a construção, aplicação e vivência de uma sequência didática para a Educação Física, disponível nos Apêndices 4 e 5, composta de 6 aulas mais 2 aulas extras além do planejado devido o interesse demonstrado pelos alunos, abordando os temas sobre valores, princípios e a influência dos ídolos no comportamento do estudante, acompanhado pela aplicação do mesmo questionário da fase 1 acrescido de mais uma questão (“Questão 4 – Quais as contribuições que as aulas sobre ‘valores, princípios e ídolos’ lhe trouxeram? O que você aprendeu sobre o assunto?”), disponível no Apêndice 8, para os mesmos 22 alunos participantes do início da pesquisa. Importante salientar que durante a aplicação do material didático-pedagógico utilizamos uma espécie de “diário de bordo”, disponível no Apêndice 6, para realizar anotações sobre situações e falas entre os estudantes que enriquecessem a discussão da pesquisa e compusessem assim seus resultados. Além disso, quando das aulas “não práticas” contendo debates e discussões sobre o tema abordado utilizamos um gravador de voz e realizamos a futura transcrição na íntegra, disponível no Apêndice 7.

Após a aplicação da sequência didática e do segundo questionário, os resultados foram analisados por comparação (questionários 1 e 2) e categorizados (análise comportamental e atitudinal durante as aulas) através das anotações realizadas no “diário de bordo” e também das análises das gravações de áudio para que compusessem a construção do Recurso Educacional, parte este estudo.

5.4 Procedimentos para a coleta de dados

O questionário da 1ª fase foi aplicado aos estudantes regularmente matriculados no Ensino Fundamental II pelo professor-pesquisador no dia 21 de abril de 2025, quando foi utilizada a própria aula de Educação Física para tal aplicação. Importante ressaltar que não houve explicação prévia sobre o assunto com uma das estratégias do estudo. A única informação que os estudantes tinham eram as contidas no próprio documento entregue a eles que antecedia as questões, conforme disponível no Apêndice 3.

Durante a aplicação foi solicitado que os alunos se mantivessem em silêncio para que não houvesse nenhum tipo de influência de seus colegas, além de serem instruídos a usarem caneta azul ou preta e escrevessem de maneira legível.

Em relação à fase 2, o planejamento das aulas foi elaborado após levantamento de dados do primeiro questionário e respectiva análise, em seguida ser aplicado e vivenciado pelos alunos, a partir do dia 28 de julho de 2025. Essas aulas aconteceram por pares, pois a turma tinha duas aulas de Educação Física seguidas por semana. Durante as aulas práticas fomos anotando todas as situações e falas relacionadas a temática de nossa pesquisa que nos chamassem atenção para futura análise e coleta de resultados. Além disso, quando das aulas “não práticas” contendo debates e discussões sobre o tema abordado utilizamos um gravador de voz e realizamos a futura transcrição na íntegra.

Após o término da experimentação das aulas, no dia 25 de agosto de 2025, o questionário da 2ª fase foi aplicado para os mesmos alunos com as mesmas solicitações para o preenchimento. A única diferença é que dessa vez já não havia mais as informações iniciais a respeito do assunto que havia no questionário da fase 1, pois acreditamos que os alunos já haviam absorvido esses conhecimentos e entendimento prático e teórico a respeito do assunto abordado.

5.5 Procedimentos para a análise de dados

Após a finalização da coleta do questionário da fase 1, foram geradas planilhas em *excel* para a análise dos dados.

Em relação a aplicação das aulas, analisamos as falas gravadas na íntegra, bem como as discussões, comportamentos e atitudes dos alunos, anotadas em nosso “diário de bordo” e categorizamos esses dados em três eixos de classificação principais: “Valores Morais: respeito, responsabilidade, humildade e justiça”; “Valores Éticos: empatia, cooperação, solidariedade e paciência” e “Valores Sociais: pertencimento, diálogo, inclusão e reconhecimento do outro.”

Para a análise do questionário da fase 2, foram novamente geradas planilhas em *excel*, para que fosse possível compararmos se nosso planejamento de aula foi capaz ou não de agregar conhecimento e/ou causar uma mudança comportamental em nossos estudantes.

5.6 Aspectos Éticos

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, Instituto de Biociências, Campus de Rio Claro/SP, cadastrada na Plataforma Brasil e aprovada mediante os Pareceres CAAE nº 84030224.7.0000.5465 e Parecer nº 7.433.182.

5.6.1 Benefícios da pesquisa

O presente projeto traz como benefícios a compreensão acerca da concepção que os estudantes do Ensino Fundamental II possuem sobre os termos valores, princípios e ídolos, concepções essas que subsidiarão o material para a construção da sequência didática do Caderno de Educação Física.

Dessa maneira, a partir dos diferentes aspectos identificados na literatura e estudos de teóricos da área, somado à análise dos questionários, os dados poderão sugerir conteúdos para a implementação de uma Sequência Didática que após finalizada poderá auxiliar os professores de Educação Física em seu contexto profissional.

5.6.2 Informações sobre os riscos e procedimentos para minimizá-los

Toda atividade de pesquisa científica que envolve seres humanos apresenta algum risco, mesmo que mínimo, ao participante. Desta forma, com base na metodologia escolhida, análise bibliográfica, documental, observação e participação direta, os riscos apresentados são: divergências entre o material analisado e as novas propostas do pesquisador. Assim, também pode ocorrer constrangimentos, desconfortos, timidez, sentimento de medo, inibição por receio de ser julgado, ao participar do estudo e ser observado, responder alguma questão que julgue errada, ou em situações de diálogo, debate e interação quando da realização da aplicação do questionário de pesquisa.

Nesse sentido, os métodos e técnicas utilizados pelo pesquisador para diminuir a ocorrência dos possíveis riscos previstos na pesquisa foram dirimidos.

Assim, eventuais solicitações do participante para que não participasse do estudo, por se julgar exposto a observação e registro, o pesquisador se dispôs a esclarecer, a qualquer momento, o que estava observando em determinada ação e o que faria com tal informação. O participante também pôde a qualquer momento deixar de participar do estudo sem qualquer ônus.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O objetivo deste estudo consistiu em compreender e analisar quais valores são importantes para os estudantes do ensino fundamental das séries finais de uma escola da rede pública estadual do interior do Estado de São Paulo e como esses valores podem refletir na indisciplina e mau comportamento nas aulas de Educação Física, objetivando também conhecer se esses valores são influenciados por ídolos mediante as diferentes mídias e redes sociais.

Para que pudéssemos compreender o que os participantes pensavam sobre os temas do estudo, perguntamos a cada um dos participantes quais eram seus principais valores e princípios, quais eram seus ídolos, atletas e/ou pessoas famosas que eles se inspiravam ou que fossem referências para eles. Ao final foram solicitados a responder se havia casos de indisciplina e desrespeito nas aulas de Educação Física e por qual motivo. A análise e compreensão dessas respostas subsidiaram a construção de uma sequência didática a ser aplicada aos estudantes participantes do estudo.

Para que os estudantes tivessem clareza quanto as perguntas do questionário, no próprio material de coleta de dados estavam descritos os significados dos termos perguntados a partir das informações contidas no dicionário *online* (Toda Matéria, 2011; Dicio, 2025) e apresentados no Quadro 2.

Importante salientarmos que a princípio decidimos por escolher definições do dicionário por acreditarmos que seriam definições neutras de ideologia, advindas do senso comum, não havendo influência de pensamento de um ou outro determinado autor. Buscamos, portanto, fazer com que nossos alunos não fossem influenciados por tais definições introdutórias. Já sabíamos que no decorrer da vivência futura dos planos de aula construídos de acordo com as respostas que obteríamos dessa primeira fase essas definições iriam se aprofundar mediante debates, experimentações e discussão.

Quadro 2: Definição dos termos da pesquisa

Valores	Reunião das normas, preceitos morais e/ou regras sociais, que são passadas de uma pessoa, sociedade, grupo ou cultura para outra(s) disponível em https://www.dicio.com.br/valores/
	“Valores são o conjunto de características de uma determinada pessoa ou organização que determinam a forma como estas se comportam e interagem com outros indivíduos e com o meio ambiente. Existem diversos tipos de valores: estéticos, religiosos, éticos, profissionais, familiares etc.” disponível em: https://www.significados.com.br/?s=valores
Princípios	Regras; preceitos morais. Caráter; modo de se comportar que denota justiça, ética” disponível em https://www.dicio.com.br/principios/
Ídolo	“Celebridade por quem se tem grande admiração ou a quem se ama apaixonadamente: ele é o ídolo da juventude” disponível em https://www.dicio.com.br/ídolo/

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

6.1 Resultado e análise do Questionário 1

Ao interpretar os resultados obtidos na análise das respostas, cabe ressaltar que os estudantes participantes da pesquisa não foram alunos do professor pesquisador em anos anteriores, o que poderia sugerir influência em suas ideias, opiniões e escolhas relacionadas ao assunto a ser estudado e refletido nesta pesquisa.

A primeira questão investigada junto aos participantes referiu-se aos principais valores e princípios, quais estavam mais presentes em suas vidas e como eles os percebiam, dados que estão apresentadas na Figura 1 e na íntegra no Quadro 3.

Figura 1: Valores e Princípios



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Quadro 3: Valores e Princípios

Respostas - Valores e princípios próprios	Frequência
Respeito	9
Estresse	5
Extrovertido	5
Educação	4
Dedicação	3
Esforço	3
Honestidade	3
Responsabilidade	3
Ser calmo	3
Amigável	2
Ajudar	2
Bom amigo	2
Bom senso	2
Legal	2
Humildade	2
Bondade	1
Caráter	1
Determinação	1
Disciplina	1
Empatia	1
Família	1
Felicidade	1
Fiel	1
Formal	1
Generosidade	1
Impulsivo	1
Orgulhoso	1
Personalidade forte e definitiva	1
Pontual	1
Positivismo	1
Resiliência	1
Ser carinhoso	1
Ser quieto	1
Sinceridade	1

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

As respostas apontaram que a compreensão do que entendiam sobre princípios e valores era bastante superficial e distinta entre eles, pois surgiram termos que não são considerados necessariamente valores e/ou princípios, e além disso houve uma diversidade muito grande nas respostas apresentadas pelos alunos. Os termos valores e princípios são centrais na formação dos indivíduos e a escola deveria desempenhar um papel crucial na construção dessas concepções que interferem na

formação da identidade ética dos seus alunos, influenciando não apenas seu desenvolvimento intelectual, mas também seu comportamento social e moral. Novamente trazemos os apontamentos de Shrivastava (2017, p. 104) quando em seu artigo identificou a necessidade de valores morais no cenário atual, pois para o autor os “valores refletem a personalidade de alguém, sua atitude, comportamento, sua missão e visão”.

Nesse cenário, a Educação Física, segundo Darido (2004), pode ser compreendida como uma área que ultrapassa o ensino do gesto motor ou dos esportes, devendo analisar, interpretar, relacionar e compreender com seus alunos as amplas manifestações da cultura corporal de movimento, propiciando assim condições para que os alunos obtenham autonomia e passem a produzi-la, reproduzi-la e também transformá-la, ao nosso ver também oferece um espaço para a reflexão sobre valores como por exemplo respeito, solidariedade, justiça, colaboração, entre outros. Porém observando estes resultados foi possível percebermos uma ampla diversidade de respostas sobre os temas valores e princípios presentes em suas vidas. Enquanto alguns estudantes mencionaram valores tradicionais relacionados com a amizade e o respeito, outros citaram elementos ligados a formalidade, estado emocional e de humor, que não se encaixam diretamente no conceito clássico de valores morais, sob nosso ponto de vista a partir da literatura consultada.

Ao refletirmos sobre essa grande diversidade entre os valores morais citados somos capazes de notarmos tal situação como um reflexo do perfil do contexto da sociedade contemporânea em que nos encontramos, onde esses jovens estão cada vez mais expostos à cultura de consumo e às redes sociais, que promovem uma visão individualista e pouco empática. Toda essa discussão vai ao encontro à de Bourdieu (1996), quando defende que as práticas sociais e culturais são profundamente influenciadas pelos campos de poder e pela construção de capitais simbólicos, como a fama e o *status*, que muitas vezes substituem ou diluem valores éticos mais tradicionais.

Além disso, Apple (2003) argumenta que a educação escolar muitas vezes é orientada por uma lógica de mercado, em que valores como o consumo e o sucesso material acabam se tornando mais visíveis e valorizados entre os alunos. Nesse contexto, os jovens podem, sem perceber, associar esses aspectos ao conceito de “valor”, uma vez que eles são frequentemente exaltados pela mídia, pela publicidade

e pelas redes sociais. Ao pensarmos por essa vertente, podemos ter restrições que a Educação Física, como disciplina que muitas vezes lida diretamente com o corpo e com a performance, também pode ser um campo no qual valores como sucesso e visibilidade se confundem com princípios morais.

Nesse ponto devemos nos remeter à Silva (2012) quando diz que com a transição para a modernidade líquida, marcada pela fluidez, incerteza e constante mudança, a Educação Física enfrenta novos desafios. As práticas corporais tornam-se mais fragmentadas e diversificadas, refletindo a multiplicidade de identidades, interesses e estilos de vida dos jovens. Para o autor a disciplina deve lidar com a crise das certezas e a flexibilização dos projetos sociais, que afetam a organização curricular, os valores transmitidos e as formas de engajamento dos estudantes.

Uma das explicações mais plausíveis que podemos indagar para as respostas dos alunos pode ser encontrada na enorme influência das redes sociais na vida dos adolescentes. Estudos de Turkle (2011) sobre o impacto da tecnologia e da conectividade digital na formação da identidade dos jovens indicam que as redes sociais desempenham um papel fundamental na construção da autoimagem e na busca por reconhecimento público. Nessa linha de raciocínio o conceito de valor se dilui, passando a englobar a busca pela visibilidade nas plataformas digitais, onde o número de seguidores e o sucesso nas postagens se tornam símbolos de prestígio social, e assim o supérfluo se sobressai. Assim, a Educação Física, que muitas vezes valoriza aspectos de performance e tecnicismo, ao nosso ver deve cuidar para não ser mais um meio fértil para o reforço dessa ideia associada ao sucesso material e ao reconhecimento, e sim combater tal situação e embutir valores morais e éticos que realmente tendem a acrescentar em nossos jovens.

Já sabemos que essa “cultura de imagem” promovida pelas redes sociais pode ter um efeito profundo sobre a percepção dos alunos em relação aos valores. Como Debord (1997) explica em sua obra “A Sociedade do Espetáculo”, a sociedade contemporânea é marcada pela priorização da imagem e da aparência em detrimento das relações autênticas e dos valores morais profundos. Assim, não é surpreendente que muitos jovens, especialmente aqueles que estão em um momento de construção da identidade, valorizem mais aspectos como a visibilidade e a fama dentro do seu grupo. E é aí que a Educação Física deve estabelecer aspectos relevantes e

aprofundados nesse assunto, para que não seja, como citamos anteriormente, mais um reforçador de tal situação.

Outra hipótese que podemos levantar é a confusão provavelmente ocorrida por parte dos alunos pesquisados entre valores éticos e desejos pessoais ou preferências relacionadas ao estilo de vida. E aí, como Professores de Educação Física devemos nos atentar, pois quando nossa disciplina não é abordada de maneira crítica, podemos reforçar a ideia de que os valores morais estão diretamente ligados ao desempenho físico ou ao sucesso nas atividades esportivas, o que pode levar os alunos a associar esses aspectos como valores essenciais.

Além disso, a falta de uma abordagem pedagógica que discuta de maneira mais profunda os conceitos de ética, cidadania e solidariedade pode contribuir para essa confusão conceitual. Esse pensamento vai diretamente ao encontro de Freire (1996), quando diz que a educação deve ser um processo de conscientização crítica, no qual os alunos são estimulados a refletir sobre suas próprias práticas e valores, estabelecendo uma relação entre os conhecimentos adquiridos e a realidade social em que estão inseridos. Sem essa reflexão crítica, os estudantes podem ter dificuldades em distinguir entre o que é um valor ético e o que é um desejo superficial ou influenciado por pressões externas, como as redes sociais ou os estereótipos culturais, fato que muito provavelmente nos deparemos em nossa pesquisa.

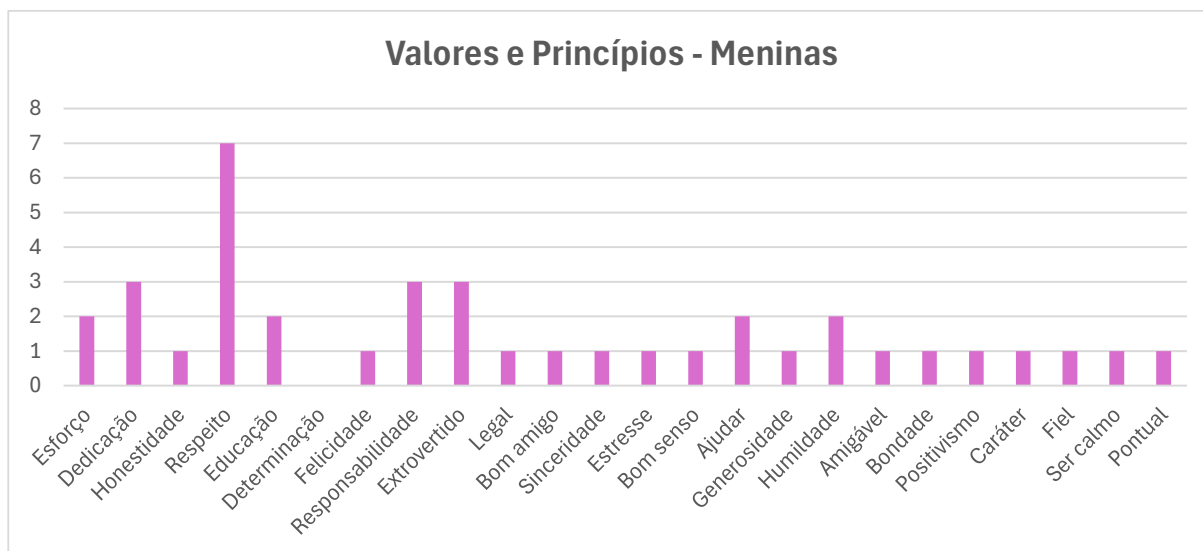
Esses primeiros dados analisados nos afloraram o pensamento de que a Educação Física tem um papel significativo não apenas na promoção da saúde e do bem-estar físico, mas também na construção de valores sociais e éticos. Segundo Saviani (2008), a escola deve ser um espaço de formação integral, no qual os alunos não só desenvolvem habilidades cognitivas, mas também são preparados para a convivência ética e cidadã. Nesse sentido, entendemos que a Educação Física pode se tornar um campo privilegiado para a promoção de valores como o respeito, a colaboração e a justiça, além de incentivar a reflexão crítica sobre o corpo, a imagem e o consumo. No entanto, é necessário que a prática pedagógica nesse campo seja conduzida de maneira que estimule os alunos a refletirem sobre os valores que realmente importam, ajudando-os a fazer uma distinção clara entre os aspectos materiais e os princípios morais que orientam a convivência em sociedade.

As respostas analisadas quanto ao gênero demonstraram diferenças significativas a respeito da importância dada a determinados assuntos relacionados à

valores. As meninas destacaram fortemente os valores de respeito, com sete votos, seguido por responsabilidade, extroversão e dedicação, cada um com três votos, e esforço, educação, ajuda e humildade com duas menções. Esses dados nos indicam ênfase maior em relacionamentos interpessoais positivos, comportamento social e atitudes voltadas para o coletivo, como respeito, amizade e extroversão. Tal resultado dialoga com estudos de La Taille (2006) quando apontam que a socialização, no contexto escolar e social, tende a valorizar mais fortemente aspectos ligados à convivência, cooperação e sensibilidade às relações interpessoais.

Além disso, as meninas valorizam a educação e o esforço pessoal, evidenciado pela dedicação, determinação e responsabilidade, o que nos sugere uma preocupação com o desenvolvimento pessoal e escolar, o que se aproxima da perspectiva de Piaget (1994), ao indicar que a construção dos valores morais ocorre progressivamente nas interações sociais e na internalização de normas que orientam a convivência e o compromisso com o outro. Os dados citados encontram-se na Figura 2 a seguir.

Figura 2: Valores e Princípios - Meninas

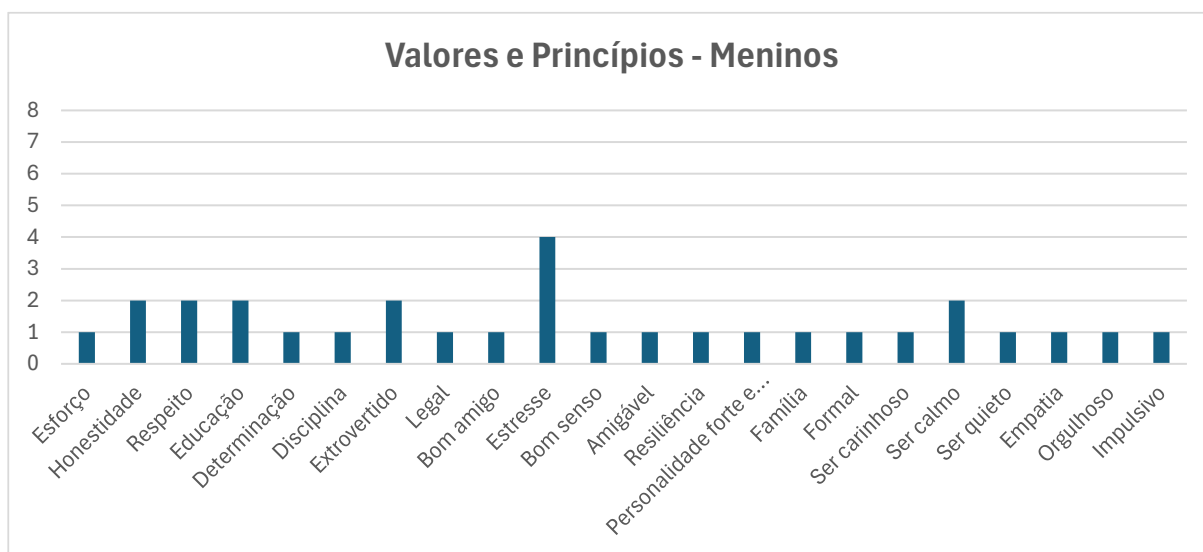


Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Para os meninos, o valor mais citado foi estresse, com quatro votos, seguido por honestidade, respeito, educação, extroversão e ser calmo, com dois, além de vários valores com uma menção para esforço, disciplina, determinação, amigabilidade, personalidade forte, entre outros. Notamos maior diversificação nas escolhas dos meninos, com menos concentração em um único valor (Figura 1).

Podemos entender essa diferença nas respostas através dos estudos de Piaget (1994) sobre desenvolvimento moral e social, quando apontam que durante a infância e o início da adolescência os indivíduos passam por um processo de experimentação e reorganização de valores e referências sociais, construindo gradualmente seus próprios critérios de julgamento moral.

Figura 3: Valores e Princípios - Meninos



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

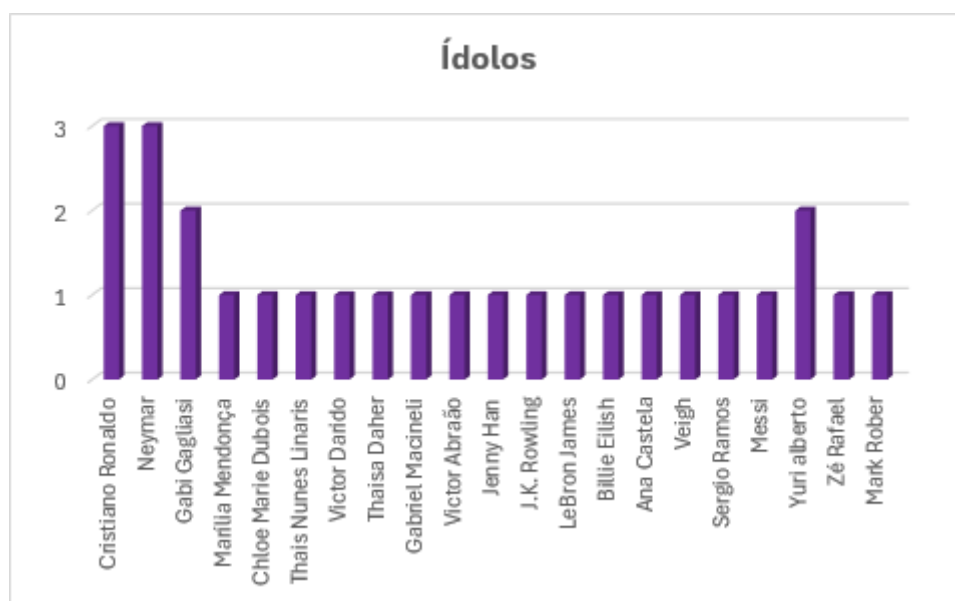
Podemos notar que eles também destacaram mais valores relacionados à autocontenção e à estabilidade emocional, como ser calmo, ser quieto e resiliência, indicando uma valorização da tranquilidade e do controle emocional ao mesmo tempo em que o estresse foi o item mais citado, o que nos demonstra uma instabilidade de comportamento nessa fase de adolescência na vida do ser humano. Esse fato vai diretamente ao encontro com La Taille (2006), ao apontar em seu estudo que o desenvolvimento moral e afetivo envolve conflitos internos e oscilações emocionais, especialmente em momentos de transição do desenvolvimento, nos quais os jovens buscam equilibrar emoções, normas sociais e expectativas pessoais.

Esses dados nos sugerem que as meninas tendem a valorizar mais o relacionamento com os outros, a responsabilidade e o engajamento social, enquanto os meninos demonstram uma preocupação maior com o autocontrole, o equilíbrio e o estado de humor. Essas diferenças podem refletir construções sociais de gênero, experiências individuais e/ou o ambiente familiar e escolar, oferecendo um ponto de

partida importante para reflexões sobre como meninos e meninas percebem e constroem seus valores desde antes da adolescência, como citado em um estudo de La Taille (2006) sobre socialização e educação moral indicando que meninos e meninas são frequentemente expostos a expectativas sociais no processo de formação de valores e comportamentos, influenciando suas percepções sobre responsabilidade, convivência e autocontrole.

A questão seguinte identificou quais eram os ídolos preferidos pelos participantes, ainda sem a distinção de gênero dos estudantes para o apontamento das respostas. Investigou também quais eram os atletas e/ou pessoas famosas que os inspiravam e se essas pessoas os serviam de referência. A Figura 4, a seguir, apontam a incidência das respostas no que se referiu aos ídolos.

Figura 4: Ídolos



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Podemos observar que os participantes possuem ídolos bastante diferentes entre si. Os três primeiros mais votados são do esporte. Sendo os dois primeiros do futebol e o terceiro do vôlei. No total tivemos como ídolos escolhidos seis jogadores de futebol, quatro cantores, dois influencers em atividade física, dois influencers sem um assunto ou área específica, dois jogadores de vôlei, dois escritores, um influencer engenheiro e um influencer pecuarista. Para Bento (2006) a presença marcante de referências esportivas pode ser compreendida ao considerarmos o papel social do esporte como espaço de construção de identidade,

disciplina e reconhecimento social entre jovens, sendo frequentemente associado a modelos de superação e dedicação.

Em um primeiro momento essa variedade de referências pode nos aparentar desconectada, mas na verdade refletiu uma realidade mais profunda: os diferentes valores e princípios presentes na sociedade brasileira atual e consequentemente os efeitos disso na convivência dentro da própria escola. Indo para um lado um pouco menos otimista podemos pensar até na inexistência ou pouca importância dada a valores e princípios na atualidade. Esse tipo de pensamento vem à tona quando pensamos em determinadas situações que presenciamos em nosso cotidiano letivo. Tal análise tem relação direta com pensamentos de Bauman (2001) ao argumentar que a contemporaneidade é marcada por relações mais fluidas e instáveis, nas quais valores e referências passam por constantes transformações, influenciando diretamente as formas de convivência social e as expectativas das novas gerações.

Diante do exposto, é possível percebermos que vivemos em uma sociedade marcada por múltiplos contextos sociais, culturais e econômicos. Cada aluno chega à escola com uma bagagem, moldada por suas vivências familiares, acesso à informação, experiências e exemplos de valores transmitidos pelo meio em que vivem. Como resultado, o que um aluno pode considerar admirável como valor, por outro colega de sala pode ser completamente diferente em relação ao seu pensamento e opinião a respeito do assunto. Acreditamos que isso contribui para a escolha de ídolos distintos, muitas vezes sem nenhuma relação entre si. Essa visão reforça a ideia de Freire (1996), onde a escola deve se configurar como um espaço de encontro entre diferentes experiências sociais e culturais, tornando-a assim fundamental para a construção de valores coletivos e para o desenvolvimento da convivência democrática.

Notamos com facilidade que essa diversidade na escolha de referências que constatamos não se limitou apenas aos gostos pessoais. Ela também se refletiu no modo como os alunos se agrupam, ou se afastam, dentro da própria sala. É comum ver a turma dividida em pequenos grupos que pouco interagem entre si. Alguns se unem por gostarem do mesmo tipo de música ou por seguirem os mesmos influenciadores; outros se aproximam por compartilharem valores familiares ou interesses escolares. Em certos casos, essas divisões resultam em isolamento social,

falta de diálogo e até conflitos velados, que segundo Del Petre e Del Petre (2005) a ausência de interação entre grupos pode dificultar o desenvolvimento de competências socioemocionais importantes, como empatia, cooperação e respeito às diferenças.

Como pontuamos anteriormente no texto, essa dinâmica de comportamento dos jovens acaba muitas vezes resultando no individualismo, até mesmo dentro de grupos específicos formados por eles próprios. Ou seja, existe uma falta de coletividade constante na maneira de agir e levar a vida dessa nova geração que nos deparamos dentro da escola, a ponto de, como já exemplificado anteriormente, estudantes de uma mesma sala não saberem ao menos o nome do colega que se senta um pouco mais longe de sua carteira, sugerindo uma crise de princípios, valores morais e éticos em nossa atualidade. Ao analisarmos os resultados e refletirmos a respeito, esse tipo de comportamento espelha, em parte, as contradições da sociedade atual. Por um lado, vivemos um momento de valorização da diversidade e da liberdade de expressão, enquanto por outro, enfrentamos o crescimento do individualismo, da competição e da dificuldade em lidar com o diferente. Como Dunkem (2013) discute, os próprios jovens, ainda em formação de identidade, tendem a buscar segurança em grupos que reforcem suas opiniões, gostos e valores o que acaba limitando o contato com colegas que pensam ou vivem de forma diferente.

Associado a esse comportamento individualista, podemos somar a questão do ambiente digital em que nossos estudantes estão quase que integralmente inseridos, o que contribui para a criação de bolhas de pensamento e de consumo. Assim, esses jovens passam a maior parte do tempo interagindo com pessoas que reforçam seus pontos de vista, o que pode dificultar a convivência em espaços presenciais como a escola, onde o contato com a diversidade é inevitável. Para reforçar ainda mais essa ideia estudos como o de Santaella (2003) sobre cultura digital indicam que as redes sociais tendem a reforçar preferências e crenças pré-existentes, criando ambientes de interação mais homogêneos e menos abertos ao diálogo.

Pensando nesse ambiente digital, principalmente nas redes social, logo nos vem em mente a questão da possibilidade de o supérfluo estar sendo cultuado pelos jovens, pois é cada vez mais comum encontrarmos jovens que têm como ídolos os influenciadores digitais, presentes em redes sociais como TikTok, Instagram e

YouTube, exercendo forte influência sobre o comportamento, a linguagem, a forma de vestir etc., ou seja, atuando diretamente nos valores desses estudantes, o que muitas vezes pode nem ser real e verdadeiro. Santaella (2003) nos diz que a visibilidade e a popularidade passam a ocupar lugar central na construção de referências sociais entre jovens. No entanto, um aspecto nos chama atenção: corre-se o risco de muitos desses ídolos serem escolhidos não por representarem ideias, conquistas ou atitudes significativas, mas por estarem associados ao consumo, à aparência e ao estilo de vida baseado no supérfluo.

Essa lógica passa a fazer sentido, quando passamos a refletir sobre o assunto e perceber que a cultura digital atual valoriza intensamente a exposição, a estética, o número de seguidores e o consumo. Roupas de marca, viagens, procedimentos estéticos, celulares de última geração e ostentação de riqueza se tornaram símbolos de "sucesso" para muitos influenciadores. Isso acaba influenciando a forma como os jovens constroem seus próprios ideais. Para parte dos alunos, ser admirado ou reconhecido parece estar mais ligado à imagem que se projeta nas redes do que ao conteúdo ou aos valores transmitidos. A partir disso, muitas vezes o aluno passa a não ver mais sentido na escola, nos estudos, e em todo esse esforço. Esse fenômeno também é discutido por Bauman (2001) quando argumenta que a lógica do consumo na modernidade tende a valorizar a satisfação imediata e a visibilidade social em detrimento de processos mais longos de formação e construção pessoal.

Mas porque o supérfluo passaria a ser cultuado pelos jovens? A hipótese em que acreditamos está embasada em um contexto social amplo e problemático. Obviamente muitos desses estudantes convivem com a escassez de recursos e com uma realidade difícil, e veem nos influenciadores um símbolo de ascensão rápida e acessível, e grande parte das vezes com pouco esforço. A ideia de "ficar famoso" apenas por fazer vídeos virais ou por seguir uma tendência parece, para alguns, mais concreta e possível do que investir em caminhos mais longos, como os estudos ou o trabalho. Isso reforça o valor do imediatismo e do consumo, em vez do esforço e da formação pessoal, o que passa a eliminar do cotidiano alguns valores muito considerados no passado, como foco, determinação, disciplina, perseverança, entre outros. Aspectos estes frequentemente discutidos por Freire (1996) e La Taille (2006) no campo da formação moral e da educação para valores.

E tudo isso acaba sendo alimentado pela mídia, fazendo com que se espelhe em figuras que pouco ou nada representam em termos de conteúdo, empatia, responsabilidade ou contribuição social. A imagem passa a valer mais do que a essência. Acreditamos ser isso é muito triste. Nessa linha de raciocínio Diniz, Rodrigues e Darido (2012) reforçam a ideia de que a mídia influencia a maneira como os alunos interpretam a realidade, destacando a necessidade de a escola refletir sobre essas questões e criar estratégias didáticas para usufruir desse meio.

É importante destacarmos que nem todo influenciador digital é vazio ou superficial. Há muitos criadores de conteúdo que promovem o conhecimento, a cidadania, a saúde mental e outras causas importantes. Inclusive temos exemplos disso em nossos resultados. O problema está em como os algoritmos e a lógica comercial das redes sociais dão mais visibilidade justamente ao que é mais apelativo e superficial, o que nem sempre está alinhado com valores que deveriam ser fortalecidos, sob nosso ponto de vista, na formação dos nossos estudantes. Infelizmente nos dias de hoje, valoriza-se mais o "ter" do que o "ser", mais a aparência do que o conteúdo.

De uma maneira geral, podemos identificar que o aparecimento dessa diversidade de ídolos entre os alunos está profundamente ligado às características da sociedade brasileira contemporânea, ou seja, uma sociedade plural, desigual, em constante mudança e cheia de contrastes, o que se bem aproveitado deveria ser muito bom para o desenvolvermos de nossos alunos. Porém, essa mesma diversidade, quando não embasada mediante o respeito e diálogo, pode contribuir para a fragmentação dentro da própria turma, gerando grupos fechados e até situações de isolamento, como acabamos de analisar.

Nos cabe trazer novamente, Maia *et al.* (2006) quando ressaltam sobre a importância de uma atuação profissional efetiva do Professor de Educação Física para o desenvolvimento de um trabalho que ofereça subsídios para uma postura crítica perante o que é oferecido pela sociedade por meio da mídia. Ou seja, como Professores devemos estimular um ambiente escolar mais acolhedor, onde as diferenças sejam vistas como fonte de aprendizado e não como barreiras de convivência.

Em relação aos valores identificados pelos participantes no que se refere ao que esses ídolos transmitiam, os resultados estão identificados na Figura 5.

Figura 5: Valores atribuídos aos ídolos



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

A figura 5 apresentada nos revela os valores e princípios atribuídos aos ídolos escolhidos pelos alunos. A análise desses dados evidenciou quais qualidades os estudantes mais admiravam e desejavam ver refletidas em suas referências pessoais, e os valores mais citados, com quatro menções cada, foram esforço, competência e ensinar. Acreditamos que esses elementos indicam que os alunos valorizavam figuras que se dedicam, possuem habilidades e compartilham conhecimento, demonstrando apreço pelo trabalho árduo, pela excelência e pela generosidade intelectual. Isso sugere que seus ídolos não são apenas bem-sucedidos, mas também contribuem para o desenvolvimento dos outros e servem de exemplo. Esses resultados vão na contramão de nossa preocupação discutida no item anterior a respeito do perigo do supérfluo embutido em vários ídolos da atualidade.

Além disso, outros valores relevantes, mencionados duas vezes cada, incluem disciplina, determinação, ser legal, respeito e caráter. Esses dados nos reforçam a imagem de ídolos persistentes, éticos e agradáveis. A disciplina e a determinação destacam que o caminho para o sucesso é importante para os alunos, enquanto o respeito e o caráter indicam a valorização da integridade e de uma postura

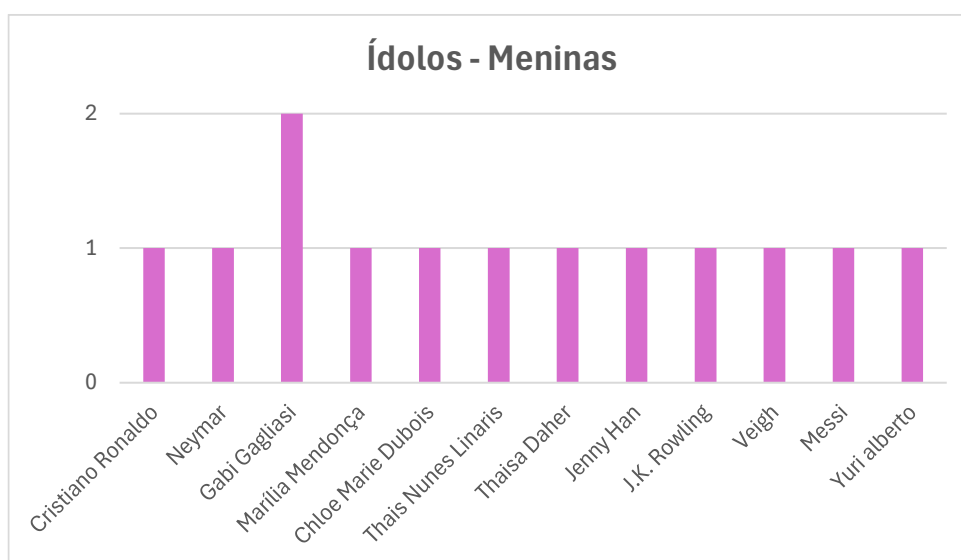
correta. Podemos relacionar esses dados com as discussões de Piaget (1994) sobre desenvolvimento moral e construção de valores sociais, nas quais a admiração por figuras consideradas exemplares contribui para a internalização de princípios éticos e comportamentais. Por outro lado, valores menos citados, com apenas uma menção, como calma, educação, extroversão e ser serva de Deus, embora presentes, aparecem com menor destaque. Isso pode nos sugerir que os estudantes tendem a valorizar mais o desempenho e as ações concretas dos ídolos do que traços de personalidade ou espiritualidade. Podemos fazer uma relação direta com o tecnicismo ainda presente em nossa sociedade e consequentemente nas escolas.

Conseguimos aqui identificar uma clara valorização do mérito, da perseverança e da capacidade de influenciar positivamente os outros pelo exemplo. Essa percepção é saudável e reflete o desejo de crescimento pessoal. A pergunta que fica é: já que os jovens parecem valorizar tanto quem lhes trazem conhecimento, por que os Professores são desrespeitados constantemente durante suas ações letivas?

O que fica para nós educadores é a esperança, o desejo e a tentativa de nos tornarmos uma espécie de referência para esses jovens, desde que incorporem determinadas características citadas, o que representaria uma oportunidade valiosa para fortalecer vínculos e inspiração aos alunos mediante a nossa prática cotidiana.

No que se refere aos valores atribuídos aos ídolos, realizamos a análise diferenciando pelo gênero.

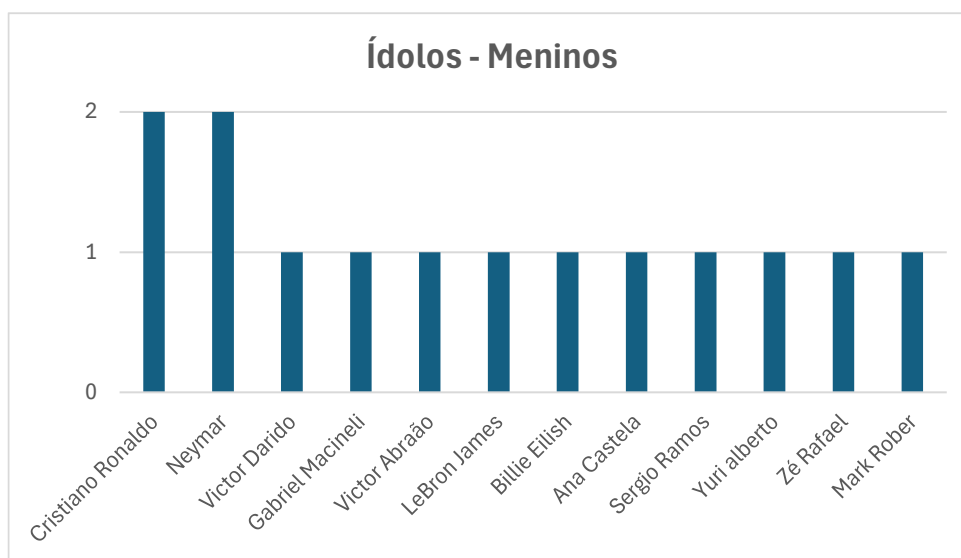
Figura 6: Valores atribuídos aos ídolos -Meninas



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

A Figura 6 apresentou os ídolos escolhidos pelas meninas e revelou uma grande diversidade de referências, com a maioria dos nomes recebendo apenas uma citação, exceto Gabi Gagliassi, que foi mencionada por duas alunas. Entre os ídolos citados, encontram-se atletas como Cristiano Ronaldo, Neymar, Yuri Alberto e Thaísa Daher; cantores como Marília Mendonça e Veigh; escritoras como J.K. Rowling e Jenny Han; além de influenciadoras da internet como Chloe Marie Dubois e Thaís Nunes Linhares. Essa variedade nos indicou que as meninas buscam como valores a inspiração em figuras femininas atuantes em diferentes áreas, como música, literatura, esporte e redes sociais, ao mesmo tempo em que também reconhecem o valor de alguns ídolos masculinos. Essa diversidade de referências confirma o que Bauman (2001) afirma ao defender que os jovens constroem suas identidades a partir de múltiplas influências culturais e midiáticas.

Figura 7: Valores atribuídos aos ídolos -Meninos



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Da mesma forma, os meninos demonstraram diversidade em suas escolhas. Cristiano Ronaldo e Neymar foram os únicos com duas citações, enquanto os demais nomes foram lembrados uma vez. Os ídolos citados por eles incluem uma predominância de atletas, como Cristiano Ronaldo, Neymar, LeBron James, Sérgio Ramos, Yuri Alberto e Zé Rafael, o que sugere uma valorização da performance esportiva, da competitividade e do sucesso no meio esportivo. Além disso, há espaço

para influenciadores e divulgadores científicos como Mark Rober, cantores como Billie Eilish e Ana Castela, e personalidades conhecidas no meio digital, como Victor Dario, Victor Abrahão e Gabriel Macineli. Isso revela que, embora o esporte seja o foco principal, os interesses dos meninos também se expandem para áreas como ciência, música e atividade física.

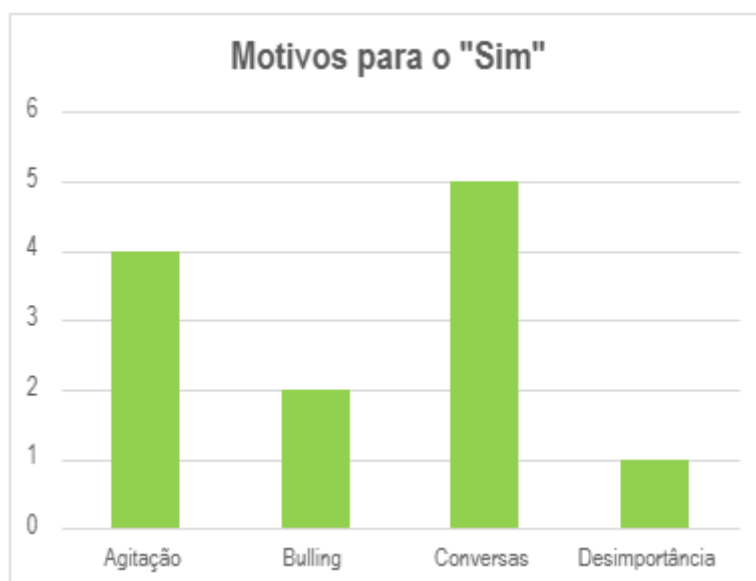
Entre os pontos em comum entre os dois grupos, podemos destacar Cristiano Ronaldo e Neymar, que aparecem nas listas de meninos e meninas. Esses dois nomes são exemplos de figuras amplamente admiradas, provavelmente por suas conquistas esportivas, forte presença na mídia e influência internacional. Yuri Alberto também é um nome que aparece em ambos os grupos, indicando talvez uma identificação dos alunos com figuras mais próximas da realidade brasileira e com perfis mais jovens. Os dados nos mostram que tanto meninos quanto meninas escolhem seus ídolos com base em aspectos como sucesso, talento e inspiração pessoal, dado este que corrobora com as ideias de Santaella (2003), pois para ele essa variedade reflete a multiplicidade de interesses presentes entre os estudantes e demonstra como os ídolos influenciam seus valores, aspirações e comportamentos, aspecto frequentemente discutido nas pesquisas sobre juventude, mídia e cultura contemporânea.

Enquanto os meninos demonstram uma tendência maior a valorizar figuras do esporte, as meninas diversificam mais suas referências entre diferentes áreas como literatura, música, esporte e redes sociais. Essa variedade reflete a multiplicidade de interesses presentes entre os estudantes e demonstrando como os ídolos influenciam seus valores, aspirações e comportamentos.

Acreditamos que conhecer e entender essas escolhas pode ser uma ferramenta poderosa para Professores criarem conexões significativas com os alunos. Uma sugestão seria usarmos esses ídolos como ponto de partida para trabalhar temas como esforço, ética, criatividade e superação no ambiente escolar.

Indo ao encontro da questão-chave do estudo, perguntamos na última questão como viam a indisciplina e a falta de respeito nas aulas de Educação Física justificando suas respostas. Dos 22 participantes, 12 responderam positivamente e 10 negativamente. A Figura 8 aponta os resultados encontrados em relação as respostas positivas.

Figura 8: Respostas positivas



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

A análise dos dados apresentados nos demonstrou a percepção dos 12 alunos que responderam “sim” à pergunta sobre a existência de indisciplina e falta de respeito nas aulas de Educação Física. Os gráficos e a tabela analisados apontaram não apenas a quantidade de respostas, mas também os motivos específicos identificados pelos estudantes. O motivo mais citado foi “conversas”, mencionado por cinco alunos. Eles relataram excesso de falas paralelas, agressões verbais e atitudes desrespeitosas, o que compromete o ambiente da aula e indica problemas de convivência, como citado diversas vezes neste trabalho sendo uma característica comum nos jovens de hoje, somada da dificuldade de lidar com regras claras. Tardif (2014) embasa tal quadro ao apontar que a indisciplina escolar muitas vezes está associada a dificuldades de convivência, ausência de diálogo e fragilidade na construção coletiva das regras.

Outro motivo apontado, com quatro respostas, foi a “agitação”. Os próprios alunos observaram comportamentos como gritos durante as explicações, impaciência e pressa para iniciar as atividades. Ao nosso ver, esse tipo de atitude ansiosa prejudica o bom andamento da aula, pois interfere na escuta, dificultando o entendimento das orientações do Professor contribuindo para o descontrole da turma.

Esses dados nos sugerem falta de autocontrole emocional por parte dos alunos. Uma das hipóteses para o comparecimento desta característica nos jovens é o uso excessivo de meios eletrônicos somado à falta de supervisão dos pais, vindo ao

encontro do que sugerem Ataíde e Cavalcanti (2023) ao investigaram os impactos comportamentais, socioculturais e neurobiológicos desse tipo de exposição em crianças e adolescentes, e perceberam uma relação direta com a adultização precoce desses jovens. Acreditamos que essa adultização, ou seja, o “pular etapas” pode influenciar diretamente no comportamento desses jovens.

Voltando a nossa figura, vemos que dois alunos mencionaram o *bullying* como um fator de indisciplina. Durante as aulas vemos que isso está diretamente relacionado com diferenças de habilidade física, deficiências, gênero ou experiências. Visualizamos isso como um sinal claro de exclusão e desrespeito, o que pode vir a tornar a aula um espaço desagradável para alguns estudantes. Esse dado nos acende um alerta sobre a urgência de promover empatia, inclusão e respeito à diversidade. Sobre esse assunto Del Pettre e Del Pettre (2005) afirmam que situações de *bullying* no contexto escolar estão frequentemente associadas à dificuldade de reconhecimento do outro e à fragilidade na construção de valores coletivos, exigindo intervenções pedagógicas que promovam o respeito e a convivência democrática.

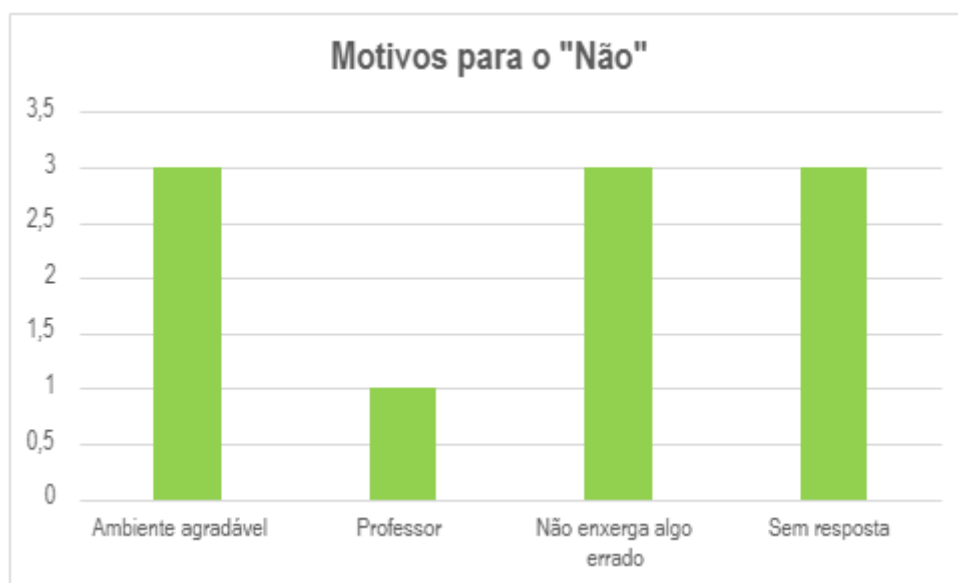
Por fim, um aluno afirmou não ver importância na aula de Educação Física. Uma explicação plausível é a de que em seu histórico esse aluno tenha vivenciado aulas no estilo “rola a bola”, expressão usada para referir-se a aulas sem proposta pedagógica clara. Isso nos reforça a ideia de que, quando a disciplina é tratada de forma meramente recreativa, sem intencionalidade, ela perde valor aos olhos dos estudantes. Darido e Rangel (2011) defendem a superação da prática da “rola bola”, que segundo os autores caracteriza-se por representar um abandono pedagógico, onde a falta de planejamento transforma a aula em lazer sem aprendizado.

De modo geral, as respostas nos indicaram que a indisciplina nas aulas de Educação Física foi percebida por parte significativa da turma como um problema real e multifatorial. Os relatos apontaram deficiências na organização do grupo, conflitos interpessoais, ausência de empatia e falta de inclusão. Além disso, indicaram que a disciplina pode estar sendo subestimada quanto ao seu papel educativo, o que contribuiu para a desmotivação de alguns alunos.

Diante disso, é possível inferir que há necessidade de ações práticas e planejadas para transformar esse cenário ao qual nos deparamos diariamente. Acreditamos que é necessário estabelecer regras claras e rotinas bem definidas para reduzir a agitação em sala. É igualmente importante desenvolvermos atividades que

promovam o respeito, a cooperação e combatam ao *bullying*, valorizando as diferenças individuais. Sendo assim, o diálogo entre alunos e Professor deve ser incentivado, fortalecendo o vínculo e o senso de pertencimento. Além disso, o planejamento das aulas precisa ser reformulado para torná-las mais atrativas, inclusivas e com objetivos pedagógicos claros, indo além do simples “jogar bola”.

Figura 9: Respostas negativas



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Ao analisarmos as respostas dos 10 alunos que disseram “não”, ou seja, que não percebiam indisciplina ou falta de respeito nas aulas de Educação Física nos foi revelado uma visão positiva do ambiente e da condução das aulas, embora também indicasse que parte dos estudantes não se posicionava claramente sobre o tema. Três alunos afirmaram que “não enxergava nada de errado” durante as aulas. Para nós, essa resposta pode ter diferentes significados: alguns podem realmente não estar atentos aos episódios de indisciplina; outros podem se sentir confortáveis com a dinâmica da aula, mesmo que ela contenha ruídos ou comportamentos inadequados; e há ainda os que talvez percebam tais situações, mas não se sintam diretamente afetados por elas, podendo ser relacionado a uma característica de não empatia.

Outros três alunos destacaram o “ambiente agradável” como justificativa para sua resposta, demonstrando que, para eles, a aula de Educação Física ocorre em um clima positivo, com respeito e boa convivência entre os colegas. Essa percepção nos fez interpretar que tais estudantes vivenciaram experiências bem-

sucedidas na disciplina, possivelmente influenciadas pelo bom relacionamento com o Professor ou entre os próprios estudantes, o que vai ao encontro de Tardif (2014) ao afirmar que ambientes educativos positivos contribuem significativamente para o engajamento dos alunos e para a diminuição de comportamentos indisciplinados.

Outros dois alunos mencionaram que “gostavam da forma como o Professor conduzia a aula”, valorizando a atuação docente como um fator importante para a manutenção da ordem e da produtividade durante as atividades. Esse reconhecimento reforça o papel central do educador na mediação dos conflitos e na organização de um ambiente mais disciplinado e acolhedor, reforçando o que Freire (1996) diz a respeito da importância do Professor mediador.

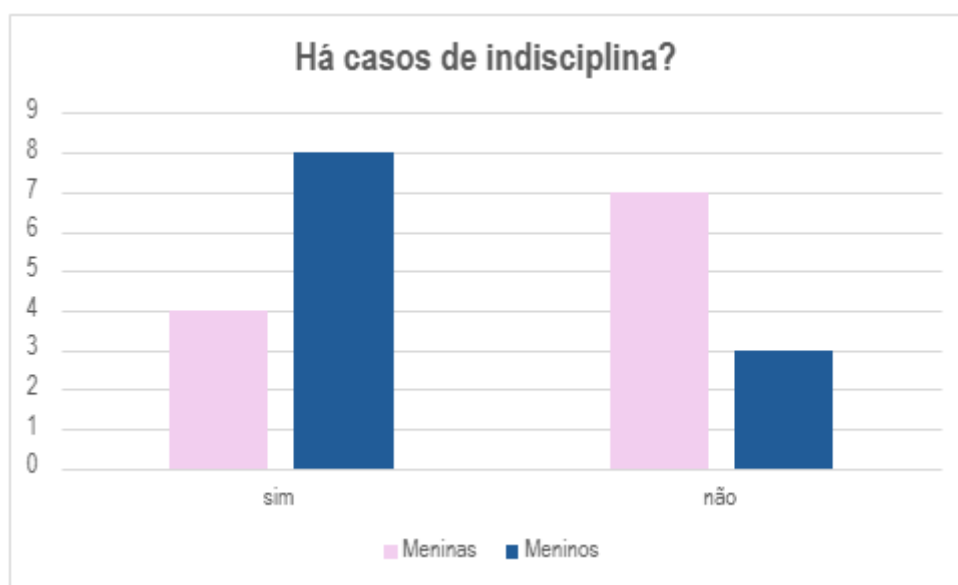
Além destes, três alunos não justificaram suas respostas. Essa ausência de justificativas nos aparentou falta de reflexão, desinteresse ou insegurança em se posicionar sobre o tema. Tal falta de resposta também pode nos indicar que, para esses alunos, a questão não despertava atenção ou envolvimento suficiente.

De forma geral, as respostas mostraram que, para uma parte da turma, a Educação Física não é percebida como um espaço problemático. Essa percepção pode surgir de experiências realmente positivas, mas também pode refletir uma falta de sensibilidade quanto às dificuldades enfrentadas por outros colegas, como exclusão, *bullying* ou desrespeito, já que vimos aqui nesta pesquisa que os jovens estão cada vez mais individualistas. Podemos lembrar o que foi citado por Durkheim (2000), quando fala sobre a falta de coletivismo. Em relação à problemática do *bullying* relembremos Botelho e Souza (2007) quando defendem como uma primeira estratégia, a identificação desses casos por parte do corpo docente de Educação Física, ou seja, nós Professores devemos estar atentos e ativos ao combate de tal quadro.

Portanto, podemos perceber que existe um grupo de estudantes que se sente confortável e satisfeito com a dinâmica da aula, valorizando o ambiente coletivo e a atuação do Professor. No entanto, é importante observarmos que a maioria dos que disseram “não” afirma não perceber nada de errado, o que pode sinalizar uma visão limitada sobre a realidade da turma como um todo. Quando comparamos esses dados com os dos 12 alunos que responderam “sim” à pergunta sobre a existência de indisciplina, percebemos que as experiências não são homogêneas e que, possivelmente, há conflitos silenciosos ou invisíveis para parte da turma.

Diante disso, acreditamos que, nós Professores, devemos pensar na hipótese de utilizar essas percepções como ponto de partida para promover momentos de escuta, rodas de conversa e práticas que incentivem a empatia. Essas estratégias ajudam os alunos a desenvolverem uma consciência coletiva mais crítica, permitindo que compreendam melhor o respeito, a inclusão e o papel de cada um na construção de um ambiente escolar mais justo e acolhedor.

Figura 10: Respostas apresentadas relacionadas ao gênero



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Nas respostas apontadas na Figura 10 sobre a indisciplina sob o ponto de vista das meninas e dos meninos, observamos que a imagem nos revela diferenças significativas entre as percepções da indisciplina nas aulas de Educação Física. A maioria dos meninos (8 de um total de 11) respondeu “sim”, ou seja, reconhece que há casos de indisciplina durante as aulas. Já entre as meninas, a maioria (7 de 11) respondeu “não”, indicando que não percebe esse problema de forma tão evidente.

Acreditamos que essa divergência nas respostas pode estar relacionada às diferentes formas de vivenciar a aula. Os meninos talvez estejam mais expostos ou até mais envolvidos em situações de conflito, agitação e desrespeito, o que os levam a perceberem com mais clareza os episódios de indisciplina. Também é possível que demonstrem maior autocritica em relação ao comportamento da turma. Por outro lado, as meninas podem vivenciar as aulas de forma mais tranquila, talvez

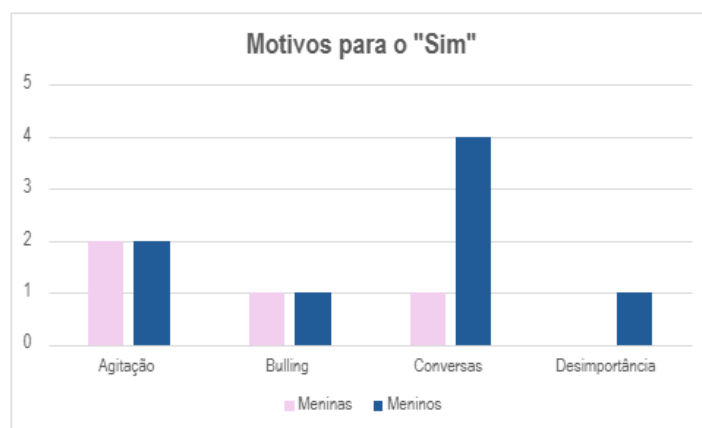
mais passiva ou menos integrada a esses conflitos, o que pode explicar a percepção de que o ambiente está sob controle.

Outro ponto que podemos destacar é que essas diferenças também podem refletir distintas compreensões sobre a concepção do que é “indisciplina” e o quanto ela afeta o andamento da aula. Enquanto alguns estudantes veem pequenos episódios como naturais ou irrelevantes, outros podem considerar essas mesmas situações como prejudiciais.

Evidenciamos aqui, de maneira bem clara, que as respostas mostram que a percepção sobre o ambiente escolar e o comportamento coletivo varia de acordo com o gênero. Ao nosso ver, isso é mais um motivo para que os Professores adotem uma escuta ativa e promovam momentos de diálogo entre os alunos, com o objetivo de alinhar percepções, promover empatia e construir coletivamente um ambiente mais respeitoso e equilibrado nas aulas de Educação Física. Sendo assim, Freire (1996), afirma que o diálogo constitui um elemento essencial do processo educativo, pois possibilita a construção coletiva do conhecimento, o respeito às diferentes perspectivas e o fortalecimento das relações humanas no ambiente escolar.

Quando perguntados sobre o motivo das respostas afirmativas quanto a indisciplina, os achados apontaram que os meninos dão maior ênfase para as “conversas”, motivo citado por quatro deles. Esse fator pode estar associado a interrupções, xingamentos, brigas e falta de respeito, mostrando uma percepção mais crítica sobre o comportamento coletivo da turma. Outro ponto que apareceu apenas entre os meninos foi a “desimportância” atribuída à aula, sugerindo que alguns alunos não valorizam a disciplina, o que pode gerar desinteresse e, conseqüentemente, comportamentos indisciplinados. Já para as meninas, os principais fatores apontados foram agitação, seguido por *bullying* e conversas, sendo este último já em menor número. Isso pode indicar que, embora reconheçam os mesmos problemas, eles são percebidos com menos intensidade ou que as meninas não se sentem tão diretamente afetadas por essas situações. É importante destacar que nenhuma menina citou a desimportância da aula, o que pode indicar uma maior valorização da Educação Física por parte deste grupo, conforme apresentado na Figura 11 a seguir.

Figura 11: Motivos para a indisciplina

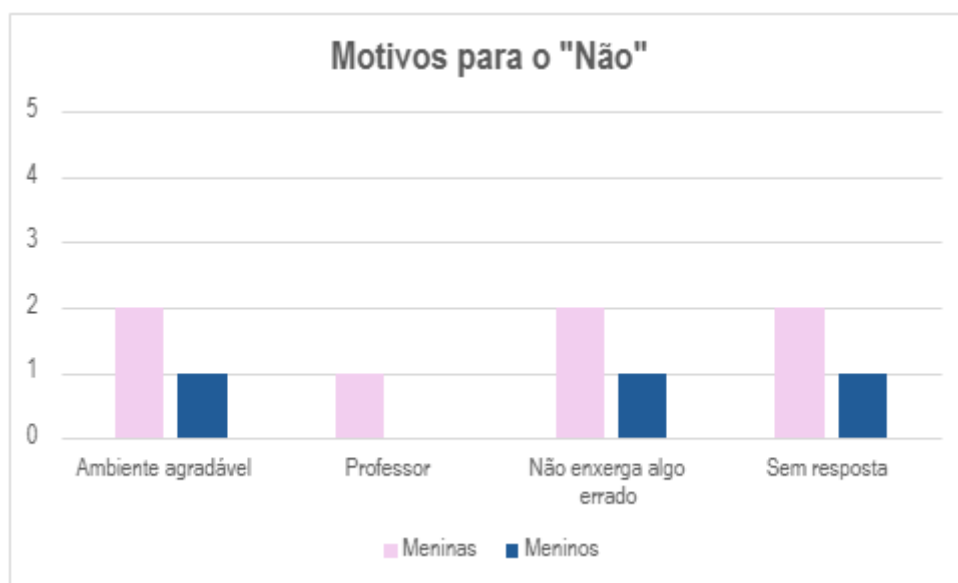


Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Ao analisarmos a Figura11 nos é revelado tanto semelhanças quanto diferenças nas percepções dos dois grupos, pois meninos e meninas citaram a agitação e o *bullying* como causas do problema. A agitação citada pelos jovens sempre esteve relacionada à ansiedade, pressa para iniciar as atividades e barulho durante as explicações, indicando que é uma característica comum da vivência da aula, ou seja, uma espécie de afobação. O *bullying*, embora menos frequente, também apareceu igualmente nos dois grupos, refletindo a percepção de situações de exclusão ou desrespeito entre colegas.

Nos cabe destacar que os achados demonstram que, embora existam pontos em comum entre meninos e meninas quanto às causas da indisciplina, os meninos demonstram maior sensibilidade ao descontrole da turma e à falta de valorização da aula. Essa diferença aponta a importância de o Professor observar atentamente as dinâmicas entre os alunos e promover ações que incentivem o respeito, o engajamento e a valorização da Educação Física.

Figura 12: Motivos pela não ocorrência de indisciplina



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

A figura 12 indica os motivos citados por meninos e meninas que responderam “não” à pergunta sobre a existência de indisciplina nas aulas de Educação Física. Ou seja, esses alunos não percebem desrespeito ou comportamentos inadequados durante as aulas. A análise dos dados evidenciou que as meninas, em maior número, relataram motivos positivos para justificar essa resposta, enquanto entre os meninos a presença foi menor, mas com justificativas semelhantes.

Entre os motivos mais citados pelas meninas estão a presença de um ambiente agradável e respeitoso, a boa condução da aula pelo professor, e a percepção de que não há nada de errado ocorrendo. Esses fatores indicam que, para elas, o clima da aula é tranquilo e bem estruturado, o que contribui para a sensação de ordem e harmonia. Além disso, parte das meninas também não apresentou justificativas específicas, o que pode indicar uma percepção naturalizada de que tudo ocorre normalmente.

Já entre os meninos, os poucos que responderam “não” apresentaram justificativas semelhantes às das meninas, ainda que em menor quantidade. Isso nos mostra que, para esse grupo, embora a maioria perceba problemas nas aulas, como apontado em gráficos anteriores, alguns ainda enxergam um ambiente positivo, organizado e bem conduzido.

Sendo assim, os achados indicam que as meninas tendem a ter uma visão mais positiva do ambiente das aulas de Educação Física, destacando fatores como respeito, boa atuação docente e clima agradável. Os meninos, embora em menor número, também reconhecem essas qualidades quando não percebem indisciplina.

Esses dados reforçam a importância de compreendermos as diferentes experiências dos alunos em sala, valorizando o diálogo e a escuta ativa como ferramentas para manter um ambiente saudável e inclusivo para todos.

Ao término da análise das respostas da fase 1 do estudo apresentadas pelos participantes, a fase 2 foi elaborada com o objetivo de esclarecer conceitos teóricos e experiências práticas a respeito dos valores e princípios, e como isso pode estar relacionado com o surgimento e escolha de ídolos em determinadas épocas em nossa sociedade, influenciando assim o comportamento no dia a dia de maneira inconsciente.

Indo ao encontro do proposto nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (Brasil, 2006) ao recomendarem o trabalho com valores desde o início da educação básica, tendo em vista a formação da criança para o exercício da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, nossa ideia foi associar o tema com situações e assuntos da Educação Física, para que através de reflexões e práticas de dinâmicas, jogos e pesquisa, os alunos absorvessem a ideia e repensassem sobre o assunto, afim de rever suas próprias escolhas e atitudes nas aulas de Educação Física até então.

6.2 Aplicação das Aulas

Para nosso estudo foi importante analisarmos bem detalhadamente as respostas do questionário 1 para que estes dados subsidiassem a construção do material didático-pedagógico que foi aplicado aos estudantes participantes do estudo.

Para isso estruturamos como Recurso Educacional um Planejamento Didático, disponível no Apêndice 4, contendo 6 aulas sobre o tema mais 2 aulas extras além do planejado devido o interesse demonstrado pelos alunos, que foi aplicado quatro meses após finalização da fase 1, ou seja, o primeiro questionário. A descrição detalhada das aulas com suas atividades, imagens e embasamento científico se encontra no Apêndice 5. Ao término dessas oito aulas, foi aplicado o mesmo

questionário utilizado na fase 1, acrescido de uma quarta questão (“Quais as contribuições que as aulas sobre “valores, princípios e ídolos” lhe trouxeram? O que você aprendeu sobre o assunto?”), para que pudéssemos identificar e analisar se houve mudanças quanto ao conteúdo discutido e experienciado sugerindo que o entendimento e a opinião dos estudantes a respeito do assunto sofressem algum tipo de mudanças, e quais mudanças seriam essas. Nesse sentido retomamos os apontamentos de Kaur (2019) que diz que para se tornarem cidadãos capazes e morais, as crianças precisam ter oportunidades de aprender valores morais, e, portanto, acreditamos que esta seria uma oportunidade.

6.2.1 Síntese das aulas planejadas e realizadas (Recurso Pedagógico)

A partir da análise detalhada dos resultados do questionário 1 identificamos necessidades e deficiências nos estudantes e com isso desenvolvemos um recurso pedagógico a fim de trabalhar a temática envolvida, sabendo que tal planejamento não é a solução para todos os problemas e que deve ser adaptado de acordo com a realidade que cada Professor venha a encontrar. Sugerimos também que tal recurso pedagógico venha a ser revisitado regularmente durante o período letivo a fim de os estudantes absorverem cada vez mais o assunto, e assim poder ter de fato autonomia a respeito de seus valores morais e éticos.

A seguir desenvolvemos quadros onde sintetizamos nossa sugestão de recurso pedagógico. O recurso pedagógico está descrito detalhadamente no apêndice 5, onde consta além da descrição de cada atividade, recursos utilizados e embasamento científico relacionando os temas abordados.

Quadro 4: Aulas 1 e 2

Aula 1 e Aula 2 – Valores e Princípios nos Esportes e na Vida / Valores em Esportes Inclusivos	Atividade	Objetivo pedagógico (valores morais, éticos e sociais)	Lógica principal
Conversa com os alunos	Debate e reflexão coletiva	Autorreflexão; diálogo; pensamento crítico	Origem dos valores; influência familiar; fair play; ética no cotidiano
Atividade prática 1 – Corrida Cega	Dinâmica em duplas com aluno vendado	Confiança; cooperação; empatia; comunicação	Confiança mútua; cuidado com o outro; descentralização; responsabilidade
Atividade prática 2 – Corrida de 100 metros com uma perna	Corrida adaptada	Justiça; igualdade; equidade; reflexão ética	Equidade; diferenças; justiça social; empatia

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 5: Aulas 3 e 4

Aula 3 e Aula 4 – Ética e Justiça nos Jogos / Ídolos e Influência de Valores	Atividade	Objetivo pedagógico (valores morais, éticos e sociais)	Lógica principal
Conversa com os alunos	Debate e reflexão coletiva sobre experiência vivida	Autorreflexão; diálogo; sensibilização; consciência social	Empatia; confiança; convivência; dignidade; diversidade; ética
Vídeos sobre modalidades paralímpicas e cotidiano de pessoas com deficiência	Exibição e discussão de vídeos	Sensibilização; empatia; inclusão; respeito	Superação; acessibilidade; diversidade; solidariedade; justiça
Vídeos biográficos de ídolos do esporte	Análise de trajetórias de atletas	Reflexão ética; pensamento crítico; valores esportivos	Superação; disciplina; caráter; liderança; responsabilidade
Queimada com regras desiguais	Jogo com condições desiguais entre equipes	Justiça; equidade; consciência crítica; reflexão social	Desigualdade; privilégio; justiça; igualdade de oportunidades
Mímica dos Ídolos	Representação corporal de ídolos esportivos	Expressão corporal; comunicação; cooperação; reflexão sobre valores	Admiração; identidade; inspiração; valores pessoais

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 6: Aulas 5 e 6

Aula 5 e Aula 6 – Ele merece ser seu ídolo? / Mídia e Construção da Imagem de Ídolos	Atividade	Objetivo pedagógico (valores morais, éticos e sociais)	Lógica principal
Conversa com os alunos	Debate sobre deficiência, inclusão e valores sociais	Sensibilização; reflexão ética; consciência cidadã	Empatia; respeito; solidariedade; convivência; justiça social
Análise de comerciais com ídolos	Observação crítica de propagandas com atletas	Leitura crítica da mídia; reflexão ética; pensamento crítico	Persuasão; influência; valores midiáticos; consumo consciente
Tribunal dos Ídolos	Debate e argumentação sobre figuras de referência	Argumentação; julgamento moral; pensamento crítico	Admiração; crítica; responsabilidade; valores pessoais
Montagem de propaganda sincera em cartolina	Produção de propaganda ética sobre ídolos	Comunicação responsável; reflexão crítica; criatividade	Honestidade; coerência; valores; representação ética

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 7: Aulas 7 e 8

Aula 7 e Aula 8 – Atividades extras / Valores e inclusão nas práticas corporais	Atividade	Objetivo pedagógico (valores morais, éticos e sociais)	Lógica principal
Biografia do meu ídolo	Apresentação de trabalhos sobre trajetórias de personalidades admiradas	Autorreflexão; pesquisa; pensamento crítico; construção moral	Admiração; valores pessoais; persistência; humildade; responsabilidade
Basquete sentado	Jogo adaptado com todos os alunos sentados	Cooperação; empatia; respeito; solidariedade	Interdependência; adaptação; trabalho coletivo; inclusão
Handebol sentado	Modalidade adaptada com restrição de movimento	Cooperação; inclusão; justiça; respeito	Empatia; colaboração; equidade; convivência
Vôlei sentado	Continuidade das práticas esportivas adaptadas	Inclusão; cooperação; comunicação; respeito	Solidariedade; paciência; equidade; trabalho coletivo
Jogo da bola vendada	Dinâmica em roda com alunos vendados	Confiança; escuta; cooperação; responsabilidade	Confiança; atenção; solidariedade; interdependência

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

6.2.2 Análise sobre a aplicação do planejamento de aulas

As oito aulas observadas nos revelaram um percurso pedagógico intencionalmente construído com base em vivências corporais e discussões reflexivas dentro do âmbito da cultura corporal de movimento, principal objeto de estudo da Educação Física Escolar. Tivemos como objetivo trabalhar o desenvolvimento de valores éticos e morais entre os estudantes. O conjunto das atividades nos propiciou a articulação entre experiências práticas e momentos de problematização e reflexão, em consonância com a concepção teórico-ideológica da Educação Física, conforme propõem Bracht (1997) e Darido e Rangel (2011).

Para Bracht (1997), a Educação Física escolar deve transcender a mera execução técnica do movimento, assumindo uma dimensão formativa e crítica, na qual

o corpo é entendido como expressão de cultura, história e valores. Da mesma forma, Darido e Souza (2007) enfatizam que as práticas corporais, quando mediadas pedagogicamente, tornam-se espaços privilegiados para a reflexão sobre atitudes, respeito, solidariedade e cooperação, contribuindo para a formação ética e cidadã.

Tal perspectiva encontra respaldo na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/1996 (Brasil, 1996), que em seu artigo 2º estabelece que a educação tem por finalidade o “pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Dessa forma, o trabalho com valores éticos e morais constitui não apenas uma escolha pedagógica, mas uma exigência legal e formativa do sistema educacional brasileiro.

Conforme defendem Darido e Souza (2007) e Bracht (1997), a Educação Física Escolar deve ultrapassar a dimensão técnica do movimento e assumir uma função social e educativa, promovendo aprendizagens que envolvam o sujeito em sua totalidade, ou seja, corporal, afetiva, cognitiva e ética. Nesse sentido, as atividades analisadas corroboram o entendimento de que a Educação Física não se restringe à performance ou ao rendimento, mas constitui um espaço de humanização, onde o corpo é meio e expressão de valores culturais e morais.

As aulas observadas confirmam também a importância da intencionalidade pedagógica do professor. O papel docente, conforme Darido e Rangel (2011) e Kunz (1994), é essencial para transformar a vivência corporal em experiência significativa e formativa. Quando o professor propõe desafios, reflexões e instiga o diálogo, ele promove o que Kunz denomina de “ação comunicativa”, isto é, uma prática em que os alunos constroem sentido por meio da interação e da cooperação. Essa abordagem dialógica foi observada em diversas situações, nas quais os estudantes refletiram sobre as dificuldades do outro, discutiram comportamentos éticos e avaliaram criticamente suas próprias atitudes.

Além disso, a presença de atividades adaptadas, como jogos sentados e o uso de vendas, proporcionou experiências de descentralização e empatia corporal, fazendo com que os alunos se colocassem no lugar do outro. Essa vivência se aproxima da concepção de Kunz (1994), segundo a qual o corpo é compreendido como linguagem e meio de construção de valores. Tais práticas revelam a potência do movimento para fomentar o reconhecimento da diferença e a valorização da diversidade, objetivos que se alinham ao projeto de uma Educação Física crítica e

emancipadora (Bracht, 1997). Nesse sentido, as experiências vivenciadas por nós ao longo das aulas, especialmente os jogos adaptados, o trabalho de biografias e os momentos de debate constituíram um campo fértil para a observação e o desenvolvimento de valores morais, éticos e sociais.

Ao intervirmos pontualmente para valorizar tais atitudes, reforçamos a compreensão de que o jogo não é apenas competição, mas espaço de experiência ética compartilhada. Essa prática nos confirma a perspectiva defendida por Darido e Rangel (2011) de que o movimento corporal, mediado pedagogicamente, pode-se converter em meio para a construção de valores e atitudes solidárias.

Tal prática é coerente com o proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), que, ao tratarem da área de Educação Física, indicam como objetivo o desenvolvimento de “atitudes de respeito mútuo, solidariedade e cooperação, repudiando qualquer forma de exclusão, discriminação ou preconceito” (Brasil, 1998).

Para analisarmos e avaliarmos os resultados obtidos com a aplicação da sequência didática previamente descrita, utilizaremos uma organização onde os dados serão levantados a cada duas aulas em conjunto, pois assim que foram aplicadas na prática. Para posteriormente dividirmos as análises das aulas em três eixos de classificação: “1. Valores Morais: respeito, responsabilidade, humildade e justiça”; “2. Valores Éticos: empatia, cooperação, solidariedade e paciência”; “3. Valores Sociais: pertencimento, diálogo, inclusão e reconhecimento do outro”. Eixos estes construídos a partir da análise do “diário de bordo” (Apêndice 6) anotado durante a realização das aulas e da transcrição na íntegra das aulas gravadas em áudio (Apêndice 7).

Aulas 1 e 2 – “Valores e Princípios nos Esportes e na Vida” e “Valores em Esportes Inclusivos.”

As aulas 1 e 2 de Educação Física, centradas nos temas “Valores e Princípios nos Esportes e na Vida” e “Valores em Esportes Inclusivos”, nos revelam como os estudantes relacionam conceitos morais e éticos em diálogo com práticas corporais. As falas registradas apontam tensões, percepções e dúvidas sobre o próprio comportamento e o comportamento do outro, articulando processos de construção moral e compreensão social conforme discutem Piaget (1994), La Taille (2002; 2016) e autores da Educação Física Escolar como Betti (1991), Bracht (1997), Darido e Souza (2007), Darido e Rangel (2011), Kunz (1994) e Freire (1996).

A seguir, o quadro desenvolvido a partir de nosso “diário de bordo” e transcrição das gravações em áudio das aulas 1 e 2:

Quadro 8: Resultados aulas 1 e 2

Aula / Tema	Situação observada	Registro de falas ou acontecimentos	Reflexões do professor pesquisador
Valores e Princípios nos Esportes e na Vida	Discussão inicial sobre o conceito de valores	Alunos associaram valores a “qualidade”, “caráter”, “educação”, “princípios” e “atitudes”. Um estudante afirmou que valor é “uma coisa que define se a pessoa é boa ou ruim”.	Percebo que os estudantes possuem uma noção inicial de valores muito ligada ao julgamento moral entre “bom” e “ruim”. Essa visão parece indicar uma compreensão ainda heterônoma da moralidade, baseada em avaliações externas.
Debate sobre valores pessoais	Perguntei quais valores cada aluno acreditava possuir.	Um aluno afirmou não possuir nenhum valor. Outro disse possuir “respeito e empatia”, mas foi questionado pelos colegas, que disseram que seu comportamento nem sempre demonstra isso.	A situação revelou tensões entre discurso e prática. O episódio evidenciou como os próprios estudantes observam incoerências comportamentais entre os colegas, o que gerou um momento de reflexão coletiva.
Discussão sobre “jogar limpo”	Conversa sobre atitudes éticas no esporte	Alunos mencionaram “não trapacear”, “não subornar”, “ser honesto” e “não machucar o adversário”.	A ideia de fair play apareceu espontaneamente. Os alunos parecem compreender o jogo limpo como um princípio moral importante tanto no esporte quanto nas relações cotidianas.
Valores em esportes inclusivos	Atividade prática: “corrida cega” (um aluno vendado guiado pelo colega)	Durante a atividade, surgiram falas como: “Calma, vou devagar para você não cair”; “Confia em mim que eu te explico o caminho”.	A atividade provocou atitudes de cuidado e responsabilidade entre os alunos. Foi possível perceber manifestações de empatia, cooperação e paciência durante a condução dos colegas.
Vivência de limitação corporal	Atividade prática: corrida de 100 metros com apenas uma perna	Alguns alunos comentaram: “Agora entendi como é difícil”; “Tem que esperar o colega se equilibrar”; “Temos que combinar bem para correr juntos”.	A experiência de vivenciar limitações corporais parece ter despertado reflexões sobre inclusão e respeito às diferenças. Muitos alunos demonstraram reconhecer o esforço de pessoas com deficiência.
Reflexões sociais durante o debate	Conversa sobre mudanças geracionais e comportamentos	Surgiram comentários como: “As crianças nem brincam mais”, “bebê usando corrente”, “criança com roupa curta”.	A discussão se ampliou para questões sociais mais amplas. Percebo que os alunos possuem percepções críticas sobre mudanças nos comportamentos e nas relações sociais ao longo das gerações.
Construção de vínculos	Pergunta feita aos alunos: “em quais colegas vocês confiam?”	Os alunos citaram alguns colegas específicos, justificando com atitudes como ajuda, respeito e amizade.	A atividade evidenciou a importância do pertencimento e da confiança no ambiente da aula de Educação Física. O clima social da turma parece influenciar diretamente a participação nas atividades.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Aulas 3 e 4 – “Ética e Justiça nos Jogos” e “Ídolos e Influência de Valores”

Nas aulas 3 e 4, dedicadas ao debate sobre ética, justiça, valores e influência social no contexto dos jogos e das práticas inclusivas, nos foi revelado elementos importantes do processo de construção moral e ético dos estudantes. As falas dos alunos demonstraram emoções, percepções e argumentos que dialogam com referenciais clássicos da moralidade, como Piaget e La Taille e também com abordagens críticas da Educação e da Educação Física escolar, como Betti, Bracht, Darido, Kunz e Freire.

A seguir, o quadro desenvolvido a partir de nosso “diário de bordo” e transcrição das gravações em áudio das aulas 3 e 4:

Quadro 9: Resultados aulas 3 e 4

Aula / Tema	Situação observada	Registro de falas ou acontecimentos	Reflexões do professor pesquisador
Ética e Justiça nos Jogos	Retomada da atividade sobre deficiência visual realizada nas aulas anteriores	Ao perguntar como se sentiram ao depender do colega, vários alunos responderam imediatamente: "Medo".	A dependência do outro gerou sentimentos de insegurança, revelando como a confiança é elemento central nas relações de cooperação. Essa emoção parece ter favorecido reflexões sobre responsabilidade e cuidado nas interações.
Discussão sobre confiança	Debate sobre atitudes necessárias para conduzir um colega vendado	Um aluno afirmou: "Não trair a confiança". Outro comentou: "Porque ele podia te machucar, querendo ou não".	As falas evidenciam a compreensão de que a confiança implica responsabilidade moral. Os estudantes demonstraram reconhecer que suas ações podem afetar diretamente a segurança do outro.
Prática corporal: queimada com regras desiguais	Jogo realizado com equipes possuindo vantagens diferentes	Durante a atividade surgiram comentários como: "Não é justo eles terem mais vidas"; "A gente fica em desvantagem, parece até que estão trapaceando".	A experiência de desigualdade provocou forte percepção de injustiça. O jogo tornou-se um espaço fértil para discutir equidade e refletir sobre como regras podem favorecer ou prejudicar grupos.
Estratégias diante da desigualdade	Reação dos alunos durante a queimada com regras desiguais	Alguns alunos disseram: "A gente tem que se ajudar mais porque eles estão com vantagem". Outros demonstraram atitude oposta: "Quero ir para o outro time, eles vão ganhar fácil!".	A situação revelou diferentes posturas éticas diante da desigualdade: enquanto alguns buscaram cooperação para superar a desvantagem, outros preferiram migrar para o lado considerado mais forte.
Atividade de mímica dos ídolos	Alunos representando ídolos escolhidos para que os colegas adivinhassem	Durante a atividade surgiram falas como: "Calma, deixa ele terminar a mímica"; "Ajuda aí, gente, ele está tentando".	A atividade exigiu paciência e colaboração entre os alunos. Observou-se incentivo coletivo e maior tolerância diante das dificuldades de expressão dos colegas.
Debate sobre ídolos e valores	Exibição de pequenos vídeos biográficos de personalidades admiradas	Alguns alunos comentaram: "Ele venceu muita coisa na vida, mesmo com dificuldade"; "Ela ajuda muita gente, por isso eu gosto dela".	As escolhas dos alunos indicam que características como superação, solidariedade e ajuda ao próximo são reconhecidas como qualidades admiráveis. Os ídolos funcionam como referenciais simbólicos de valores.
Reflexão sobre relações sociais	Discussão sobre dependência e convivência entre as pessoas	Um aluno afirmou: "Na maioria das vezes a gente depende do outro". Outro comentou: "O tempo inteiro a gente está se relacionando com alguém".	As falas revelam uma percepção clara da interdependência social. Os estudantes demonstraram compreender que as relações humanas são estruturadas pela convivência e pela cooperação.
Confiança e proximidade entre colegas	Pergunta sobre participar da atividade vendado com alguém a quem não confia	Um aluno respondeu em tom de brincadeira: "Podendo dar a sua cara na parede". Outro afirmou: "Não tem proximidade, não tem intimidade".	Mesmo em tom humorado, as respostas indicam que a confiança depende de vínculos construídos ao longo da convivência. A discussão revelou a importância da proximidade e do relacionamento para o sentimento de segurança.
Construção de vínculos	Pergunta sobre como a intimidade entre colegas é construída	Um aluno respondeu: "Relacionamentos, convivências".	A fala evidencia que os próprios alunos reconhecem o papel da convivência na construção de laços sociais. A aula tornou-se um espaço de reflexão sobre pertencimento e reconhecimento do outro.
Comunicação e organização coletiva	Estratégias das equipes durante o jogo de queimada	Comentários como: "A gente tem que conversar mais para organizar o time"; "Falta comunicação, por isso a gente perde".	Os alunos perceberam que o diálogo é fundamental para a organização coletiva. A necessidade de comunicação surgiu como elemento importante para cooperação e participação no jogo.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Aulas 5 e 6 – “Ele merece ser seu ídolo?” e “Mídia e Construção da Imagem de Ídolos”

As aulas 5 e 6 nos evidenciaram como o debate sobre deficiência, ídolos esportivos e influenciadores emergiu como um espaço privilegiado para trabalhar valores morais no contexto da Educação Física Escolar.

A seguir, o quadro desenvolvido a partir de nosso “diário de bordo” e transcrição das gravações em áudio das aulas 5 e 6:

Quadro 10: Resultados aulas 5 e 6

Aula / Tema	Situação observada	Registro de falas ou acontecimentos	Reflexões do professor pesquisador
Ele merece ser seu ídolo?	Debate inicial sobre deficiência e desigualdades sociais	Ao perguntar sobre as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência, um aluno comentou que existe "falta de acesso em todos os sentidos".	A fala revelou sensibilidade para perceber desigualdades estruturais na sociedade. Os estudantes demonstraram ampliar sua reflexão para além da dimensão esportiva, reconhecendo injustiças sociais.
Debate sobre atitudes sociais	Discussão sobre comportamentos inadequados em relação ao outro	Alguns alunos mencionaram "falta de respeito" e "falta de gentileza" como atitudes comuns na sociedade.	As respostas indicam que os estudantes conseguem identificar violações de princípios morais básicos nas relações sociais, reconhecendo a importância do respeito nas interações cotidianas.
Atividade do "Tribunal dos Ídolos"	Grupos apresentaram qualidades e defeitos de ídolos escolhidos	Um aluno comentou que seu influenciador favorito "fala uns palavrões que não são necessários". Outro citou que o jogador Cafu "era meio maldoso nos vestiários".	A atividade estimulou um olhar crítico sobre figuras admiradas. Os alunos demonstraram compreender que ídolos também possuem falhas, exercitando julgamento moral e reflexão sobre responsabilidade social.
Reflexão coletiva sobre valores	Discussão sobre a importância de princípios na convivência social	Foi enfatizado que, quando uma sociedade não valoriza princípios e valores, a convivência se torna mais difícil.	Busquei reforçar o caráter coletivo da responsabilidade moral, estimulando os alunos a compreender que valores são fundamentais para a construção de uma convivência justa.
Debate sobre inclusão e deficiência	Pergunta aos alunos sobre valores necessários para facilitar a vida de pessoas com deficiência	Os estudantes citaram espontaneamente valores como "acolhimento", "empatia", "respeito" e "carinho".	A presença dessas respostas indica que os alunos reconhecem a importância da empatia e da solidariedade nas relações sociais, associando tais valores à inclusão.
Discussão sobre empatia	Reflexão sobre a importância de se colocar no lugar do outro	Um aluno afirmou: "Você se coloca no lugar do outro".	A fala evidencia a compreensão clara do conceito de empatia, elemento central para o desenvolvimento de atitudes éticas nas relações humanas.
Dinâmica do "Tribunal"	Organização do debate entre os grupos	Foi necessário orientar os alunos para garantir escuta e organização: "Para que o debate seja legal, eu preciso do silêncio".	A atividade exigiu cooperação, paciência e respeito ao tempo de fala dos colegas, promovendo uma experiência de diálogo coletivo e escuta ativa.
Interação entre os grupos	Questionamentos entre os grupos durante o debate	Um grupo perguntou ao outro como haviam começado a gostar das lívres de determinado influenciador.	A troca de perguntas entre os grupos favoreceu o diálogo argumentativo e a participação coletiva, fortalecendo a construção de um ambiente de debate respeitoso.
Discussão sobre ídolos esportivos	Comentários sobre trajetórias marcadas por superação	Um aluno afirmou sobre Vinícius Júnior: "Mesmo ele tendo sofrido muitos preconceitos, ele continuou".	A fala demonstra solidariedade diante de situações de injustiça social e reconhecimento da importância da perseverança e da luta contra o preconceito.
Inclusão social	Debate sobre políticas e práticas de inclusão	Um aluno destacou que algumas regras sociais "facilitam", como vagas reservadas e prioridade em filas.	A observação revelou que os estudantes reconhecem mecanismos sociais de inclusão como instrumentos importantes para promover equidade.
Construção de pertencimento	Conversa sobre preferências esportivas entre os grupos	Ao perguntar se todos torciam para o mesmo time, vários alunos responderam afirmativamente.	A identificação com equipes esportivas demonstrou um forte sentimento de pertencimento e identidade coletiva entre os estudantes.
Reconhecimento do outro	Escolhas finais de ídolos após o debate	Alguns grupos passaram a valorizar ídolos apresentados por outros colegas. Um aluno comentou sobre Vinícius Júnior: "Por causa do racismo que ele sofre, e ele supera isso".	Observei um movimento de ampliação do reconhecimento do outro e de valorização de histórias marcadas por desafios sociais. Essa mudança indica amadurecimento nas reflexões dos estudantes sobre valores e justiça social.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Aulas 7 e 8 – Atividades Extras

Nessas aulas tivemos a entrega dos trabalhos sobre “Biografia do meu Ídolo”, o “Basquete sentado”, “Handebol sentado”, “Vôlei sentado” e o “Jogo da bola vendada”.

A seguir, o quadro desenvolvido a partir de nosso “diário de bordo” e transcrição das gravações em áudio das aulas 7 e 8:

Quadro 11: Resultados aulas 7 e 8

Aula / Tema	Situação observada	Registro de falas ou acontecimentos	Reflexões do professor pesquisador
Apresentação das biografias dos ídolos	Recebimento e início da socialização dos trabalhos sobre os ídolos escolhidos	Os alunos demonstraram entusiasmo ao apresentar as trajetórias de suas personalidades admiradas, destacando conquistas esportivas e histórias de vida.	Percebi que a atividade despertou forte envolvimento dos estudantes. A escolha de ídolos revelou elementos importantes de identificação e admiração, permitindo compreender quais valores os alunos reconhecem como significativos.
Discussão sobre características dos ídolos	Debate coletivo sobre quais qualidades tornam uma pessoa admirável	Alguns alunos destacaram qualidades como “superação”, “humildade”, “dedicação” e “ajuda ao próximo”.	As falas indicam que os estudantes associam a admiração não apenas ao sucesso esportivo, mas também a valores morais e comportamentos considerados positivos.
Reflexão sobre exemplos de conduta	Comparação entre atitudes positivas e negativas de figuras públicas	Durante o debate, alguns alunos reconheceram que seus ídolos também possuem falhas e comportamentos criticáveis.	A reflexão demonstrou amadurecimento moral, pois os estudantes passaram a compreender que a admiração não implica ignorar imperfeições, mas reconhecer valores e limites nas trajetórias das pessoas.
Troca de experiências entre os estudantes	Alunos comentaram as escolhas de ídolos dos colegas	Alguns estudantes passaram a se interessar por histórias apresentadas por outros colegas e fizeram perguntas sobre as trajetórias relatadas.	A interação revelou um ambiente de troca e aprendizado coletivo, favorecendo o reconhecimento das experiências e referências culturais dos colegas.
Ampliação do debate sobre influência social	Discussão sobre o papel dos ídolos na formação de valores	Os alunos refletiram sobre como figuras públicas podem influenciar comportamentos e atitudes, especialmente entre jovens.	A discussão evidenciou que os estudantes reconhecem o impacto social de personalidades do esporte e da mídia na formação de opiniões e valores.
Identificação de valores nas trajetórias dos ídolos	Reflexão coletiva sobre quais atitudes devem ser seguidas como exemplo	Alguns alunos afirmaram que admiram seus ídolos por “não desistirem diante das dificuldades” ou por “ajudarem outras pessoas”.	Essas falas reforçam a presença de valores como perseverança, solidariedade e responsabilidade social como critérios de admiração entre os estudantes.
Construção de diálogo e escuta	Momento de socialização das reflexões finais sobre a atividade	Durante a apresentação dos trabalhos, os alunos ouviram atentamente os colegas e comentaram sobre as histórias apresentadas.	A atividade favoreceu um ambiente de escuta e diálogo, permitindo que diferentes perspectivas fossem compartilhadas e discutidas coletivamente.
Reflexão final sobre valores	Encerramento das atividades com retomada dos valores discutidos ao longo das aulas	Os estudantes relacionaram os exemplos apresentados às discussões realizadas nas aulas anteriores sobre respeito, empatia, justiça e cooperação.	A socialização das biografias contribuiu para consolidar os debates desenvolvidos ao longo da intervenção, permitindo que os alunos conectassem as experiências práticas das aulas de Educação Física com exemplos reais de trajetórias inspiradoras.
Atividades extras e práticas de esportes adaptados	Vivência de modalidades adaptadas, como voleibol e basquete com adaptações nas regras e na forma de participação	Durante as atividades, alguns alunos comentaram sobre a dificuldade de realizar movimentos com as adaptações propostas e destacaram a necessidade de cooperação entre os colegas.	As práticas adaptadas permitiram que os estudantes percebessem que o esporte pode ser organizado de diferentes maneiras para garantir a participação de todos. A experiência favoreceu reflexões sobre inclusão e respeito às diferenças corporais.
Jogo da bola vendada	Atividade em que parte dos estudantes realizava a prática com os olhos vendados, dependendo da orientação dos colegas	Durante a dinâmica, surgiram falas de orientação como “vai mais para a esquerda”, “cuidado”, e “devagar que tem gente na frente”.	A atividade exigiu confiança entre os participantes e reforçou a importância da comunicação e do cuidado com o outro. A experiência possibilitou aos alunos refletirem sobre os desafios enfrentados por pessoas com deficiência visual em práticas esportivas.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

6.3 Resultado do questionário 2 após a aplicação das aulas

A análise comparativa entre o primeiro e o segundo questionário nos evidenciou mudanças significativas na forma como os estudantes compreenderam e hierarquizaram valores e princípios. No momento inicial, os resultados nos indicaram um cenário marcado pela fragmentação e pela dispersão das respostas, em que predominava a dificuldade em distinguir valores éticos de preferências pessoais ou de interesses imediatos. Esse quadro nos sugeriu que, embora os estudantes já possuíssem noções intuitivas sobre a importância de determinadas atitudes, ainda não conseguiam organizá-las de maneira consistente em um sistema de referências capaz de orientar a convivência.

Com a implementação da sequência de seis aulas e mais duas aulas extras sobre o tema, observamos no segundo questionário uma reorientação perceptível nas escolhas dos alunos. As respostas passaram a refletir maior clareza conceitual e maior coesão coletiva. Essa mudança nos apontou para o impacto positivo das práticas pedagógicas que incentivaram a reflexão crítica, a problematização de situações concretas do cotidiano e o exercício de análise de dilemas morais. Percebemos que a experiência em sala de aula, portanto, não apenas ampliou o repertório conceitual dos alunos, mas também contribuiu para que valores abstratos se transformassem em referências mais concretas de ação.

No entanto, foi necessário reconhecer algumas limitações do nosso estudo. Primeiramente, o tempo relativamente curto da intervenção pedagógica (oito aulas) restringiu a possibilidade de mudanças mais profundas e duradouras, uma vez que a construção de valores são um processo contínuo e de longa duração. Além disso, acreditamos que a aplicação dos questionários em um mesmo grupo de estudantes pode ter sido influenciada por fatores externos, como experiências familiares, sociais ou midiáticas, que também afetam a formação moral e podem ter interferido nos resultados. Outro aspecto a considerarmos é que a própria dinâmica da escola, marcada por desafios estruturais e curriculares, pode limitar a consolidação dessas aprendizagens no longo prazo.

Apesar dessas limitações, os dados obtidos nos oferecem importantes implicações pedagógicas. Em primeiro lugar, nos demonstram que trabalhar valores e princípios de forma planejada e sistemática na sala de aula gera impactos

mensuráveis na percepção dos estudantes, mesmo em curto prazo. Isso reforça a necessidade de incluir, no currículo escolar, espaços permanentes para a discussão ética, indo além de abordagens pontuais ou superficiais. Em segundo lugar, os resultados nos sugerem que a adoção de metodologias participativas, centradas no diálogo, na problematização e na vivência prática, favorece o engajamento dos alunos e a internalização de valores. Por fim, o estudo aponta para o papel central da escola como mediadora no processo de formação ética e cidadã, mostrando que a educação de valores não deve ser vista como responsabilidade exclusiva da família, mas como uma tarefa compartilhada, essencial para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Quadro 12: Valores e Princípios (comparação questionários 1 e 2)

Fase 1

Respostas - Valores e princípios próprios	Frequência
Respeito	9
Estresse	5
Extrovertido	5
Educação	4
Dedicação	3
Esforço	3
Honestidade	3
Responsabilidade	3
Ser calmo	3
Amigável	2
Ajudar	2
Bom amigo	2
Bom senso	2
Legal	2
Humildade	2
Bondade	1
Caráter	1
Determinação	1
Disciplina	1
Empatia	1
Família	1
Felicidade	1
Fiel	1
Formal	1
Generosidade	1
Impulsivo	1
Orgulhoso	1
Personalidade forte e definitiva	1
Pontual	1
Positivismo	1
Resiliência	1
Ser carinhoso	1
Ser quieto	1
Sinceridade	1

Fase 2

Respostas - Valores e princípios próprios	Frequência
Respeito	10
Educação	6
Alegria	4
Engraçado	4
Legal	4
Amigável	3
Empatia	3
Honestidade	3
Sinceridade	3
Estresse	2
Responsabilidade	2
Ser calmo	2
Simpatia	2
Ansiedade	1
Autenticidade	1
Autocuidado	1
Caráter	1
Carinhoso	1
Carisma	1
Compaixão	1
Companheiro	1
Disciplina	1
Divertido	1
Falar muito	1
Família	1
Foco	1
Igualdade	1
Justiça	1
Lealdade	1
Ser comportado	1
Seriedade	1
Perfeccionista	1

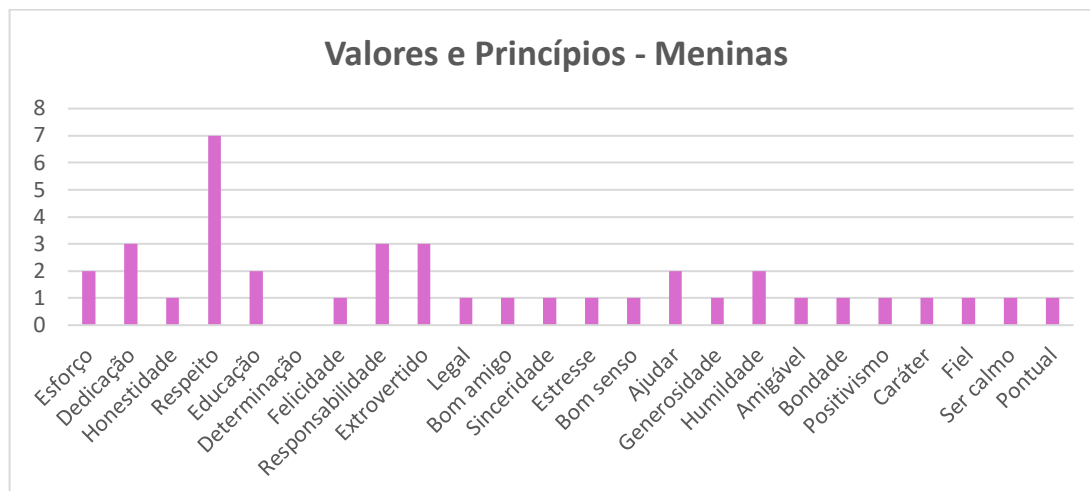
Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

O segundo questionário, aplicado após a intervenção, nos revelou alterações importantes tanto na frequência quanto na diversidade de valores citados. O “respeito” manteve-se como um valor central, passando de nove para dez citações.

Valores como “educação” apresentaram aumento na frequência de ocorrência, indicando que a sequência de aulas contribuiu para o reforço desses princípios entre as alunas. Observamos também uma diminuição de respostas associadas a aspectos negativos, como “estresse”, que deixou de ser mencionado, o que pode refletir mudanças na percepção das alunas em relação aos valores pessoais.

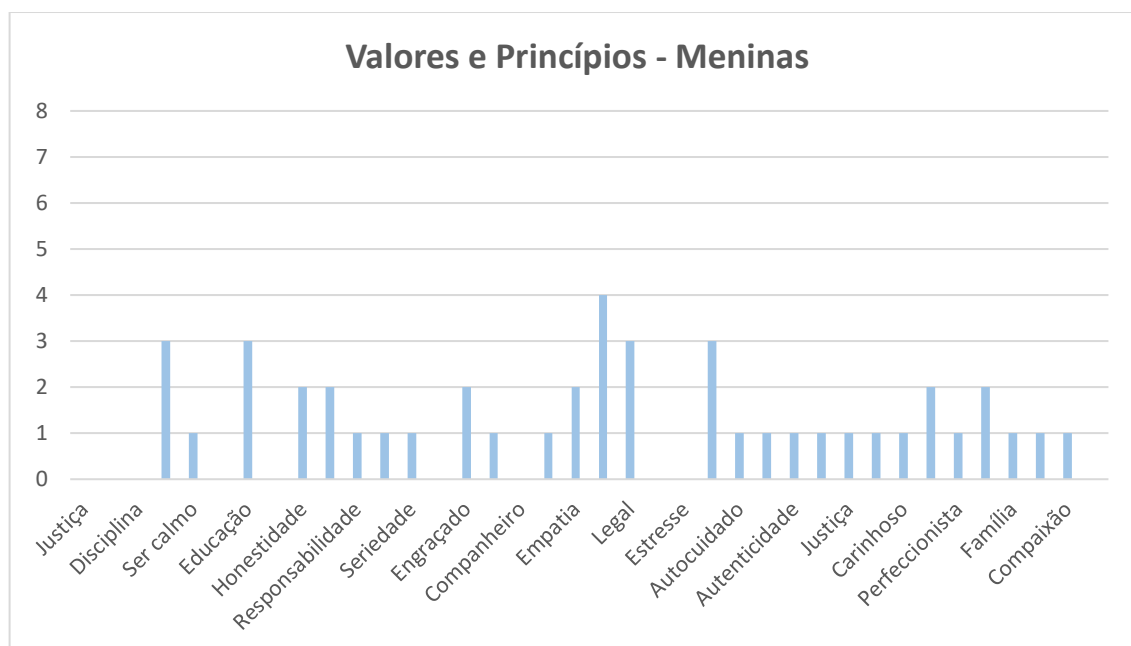
Figura 13: Valores e Princípios – Meninas (comparação questionários 1 e 2)

Fase 1



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Fase 2



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Além das alterações quantitativas, na figura 13, verificamos uma ampliação significativa do repertório de valores reconhecidos pelas meninas. Surgiram novas referências que não haviam sido mencionadas anteriormente, como “justiça”, “lealdade”, “alegria”, “seriedade”, “engraçado”, “empatia”, “autocuidado”, “foco”,

“autenticidade”, “carisma”, “igualdade”, “carinhoso”, “simpatia”, “perfeccionista”, “compaixão” e “família”. Esses dados nos indicam que a intervenção educativa promoveu não apenas a consolidação de valores previamente existentes, mas também estimulou a reflexão sobre princípios adicionais, abrangendo dimensões éticas, sociais e emocionais, ampliando a compreensão das alunas sobre valores e princípios próprios.

Por outro lado, alguns valores presentes na primeira aplicação, como “dedicação”, “esforço”, “felicidade”, “ajudar”, “generosidade”, “humildade” e “positivismo”, deixaram de ser citados ou tiveram menor frequência de ocorrência, o que pode nos indicar uma reorganização das prioridades percebidas pelas alunas, com maior ênfase em valores sociais e de interação interpessoal após as atividades pedagógicas.

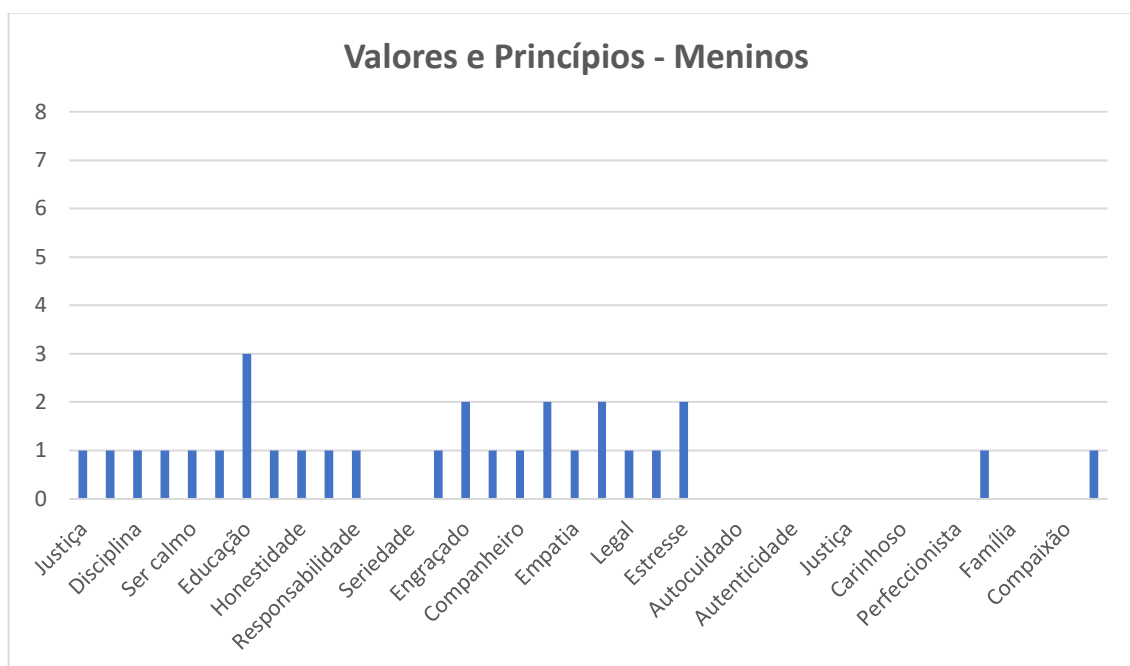
De maneira geral, os resultados nos sugerem que nossa intervenção educativa contribuiu para reforçar valores centrais como “respeito”, “honestidade” e “educação”, ampliar o repertório de princípios reconhecidos, incluindo conceitos relacionados à “justiça”, “empatia” e “autocuidado”; reduzir a associação a sentimentos negativos, evidenciada pela diminuição de citações de “estresse”; e promover maior maturidade na compreensão de valores, evidenciada pela diversidade de princípios citados e pelo equilíbrio entre valores pessoais e sociais.

Figura 14: Valores e Princípios – Meninos (comparação questionários 1 e 2)

Fase 1



Fase 2



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

A figura 14, nos mostra alterações significativas na percepção dos valores pelos meninos. Valores centrais como “educação” e “honestidade” mantiveram-se presentes, com um pequeno aumento ou redistribuição de citações, sugerindo reforço desses princípios. Notadamente, a frequência de respostas negativas diminuiu, com a menção de “estresse” reduzida de quatro para duas citações, refletindo uma mudança na percepção de valores e na autoavaliação emocional dos alunos.

Além das alterações quantitativas, houve introdução de novos valores que não haviam sido citados anteriormente, como “justiça”, “ser calmo”, “engraçado”, “companheiro”, entre outros. Isso indica que a intervenção educativa promoveu uma ampliação do repertório de princípios reconhecidos, incluindo valores relacionados à convivência social, ao cuidado emocional e à expressão de características positivas de personalidade.

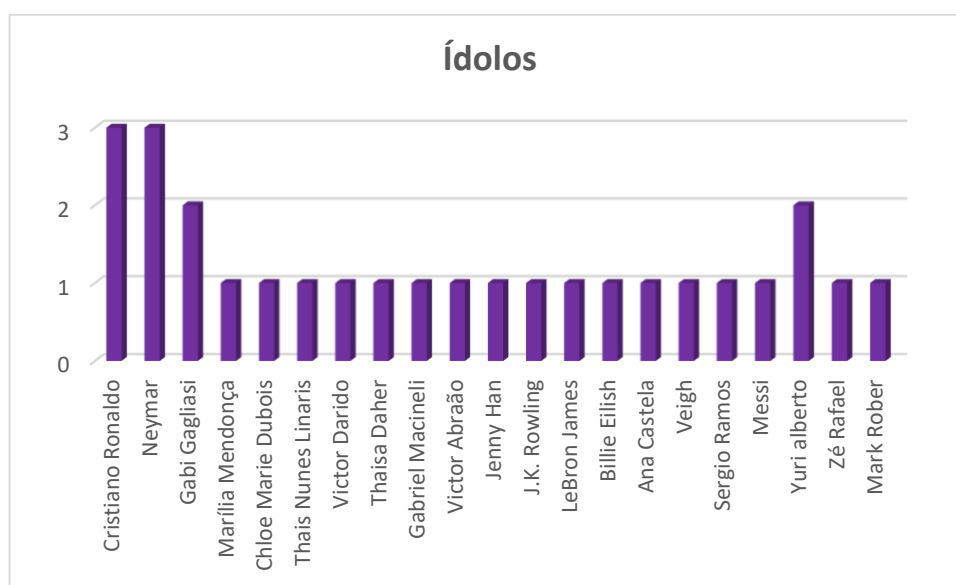
Alguns valores presentes no primeiro questionário, como “determinação”, “bom amigo”, deixaram de ser citados, o que pode indicar uma reorganização das prioridades percebidas pelos meninos, com maior atenção a valores sociais e interpessoais após a sequência de aulas.

De forma geral, os resultados nos sugerem que a intervenção educativa contribuiu para o reforço de valores éticos centrais, como “respeito” e “honestidade”, para a ampliação do repertório de princípios reconhecidos, incluindo aspectos de “justiça”, “empatia” e expressão emocional, para a redução de associações negativas, refletida na diminuição de citações de “estresse” e para o maior equilíbrio entre valores pessoais e sociais, demonstrando evolução na percepção de princípios.

Assim, acreditamos que a sequência de aulas se mostrou eficaz ao estimular a reflexão crítica dos meninos sobre seus próprios valores e princípios, evidenciando a importância de práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento ético, moral e socioemocional no contexto escolar.

Figura 15: Ídolos e seus valores atribuídos (comparação questionários 1 e 2)

Fase 1



Ídolos

Celebridade	Ídolos
Zeca Ramos	1
Gabriel Macineli	1
David Goggins	1
Vinicius Júnior	1
Sérgio Ramos	1
Pepe	1
Ousmane Dembélé	1
Cristiano Ronaldo	1
Neymar	4
Cafú	2
LeBron James	1
Ayrton Senna	1
Lúcio	1
Florentino Pérez	1
Racionais	1
Elon Musk	1
Ninguém	1
Adele	1
J.K. Rowling	1
Colleen Hoover	1
Sarah Adams	1
Gabi Gagliassi	1
Hungria	1
Yuri Alberto	4



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Cabe destacar que na Figura 15 nos foi revelado alterações importantes tanto na escolha dos ídolos quanto nos valores a eles associados. Alguns ídolos previamente predominantes, como “Cristiano Ronaldo”, tiveram redução no número de citações, enquanto outros, como “Neymar” e “Yuri Alberto”, apresentaram aumento, indicando para nós uma reorganização das referências de inspiração. Houve também a inclusão de novos ídolos, como “David Goggins”, “Vinicius Júnior”, “Pepe”, “Ousmane Dembélé”, “Cafú”, “Ayrton Senna”, “Floflo Biuta”, “Racionais”, “Elon Musk”, “Adele”, “Colleen Hoover”, “Sarah Adams” e “Hungria”, o que evidencia ampliação do repertório de figuras de referência pelos alunos.

Em relação aos valores associados, observamos uma diversificação significativa. Além de habilidades técnicas e traços de personalidade, surgiram princípios como “persistência”, “determinação”, “caráter”, “competitivo”, “educação”, “gentileza”, “respeitado” e “reflexivo”.

Essa mudança nos sugere que a intervenção educativa contribuiu para que os alunos passassem a reconhecer e valorizar atributos éticos, sociais e emocionais nos modelos que escolhem como referência, indo além da mera habilidade ou desempenho em determinada área.

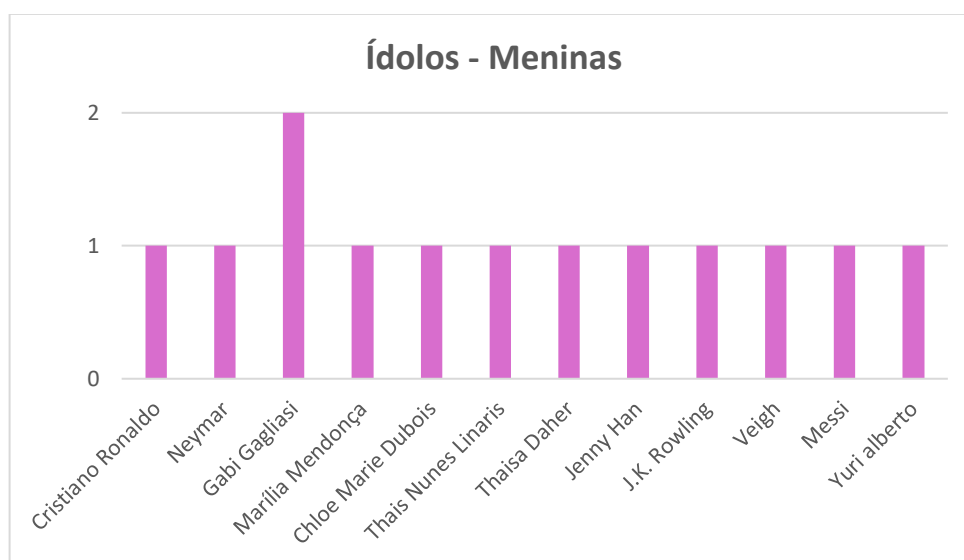
Alguns valores citados anteriormente, como “disciplina” e “esforço”, tiveram menor frequência ou não apareceram na segunda aplicação do questionário. Essa alteração pode nos indicar reorganização das prioridades e percepções críticas dos

alunos sobre o que constitui um ídolo inspirador, evidenciando reflexão sobre diferentes dimensões de valor e competência.

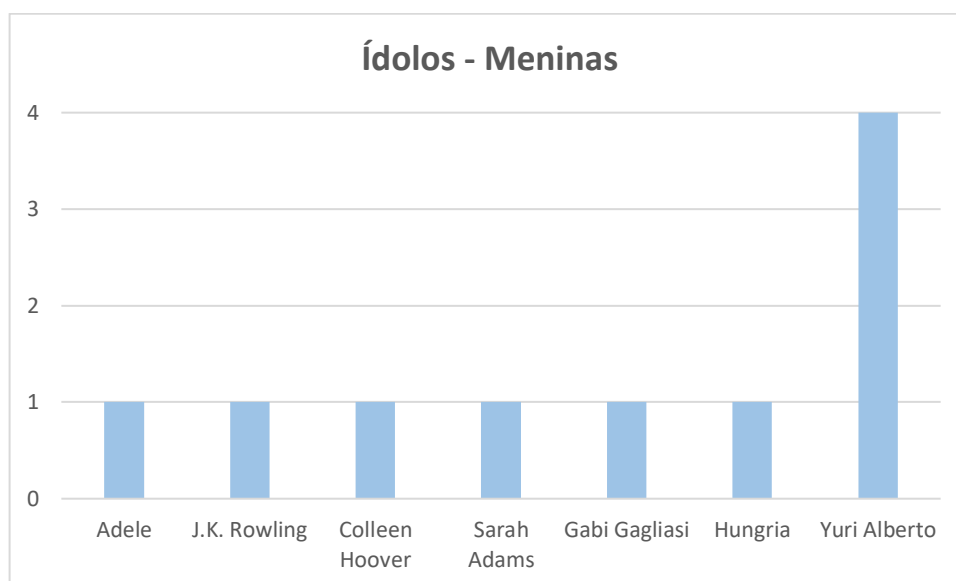
Foi possível percebermos que a intervenção educativa contribuiu para que os alunos desenvolvessem uma compreensão mais crítica e abrangente sobre ídolos e modelos de inspiração, evidenciando a relevância de práticas pedagógicas voltadas à formação ética, moral e socioemocional no contexto escolar.

Figura 16: Ídolos - Meninas (comparação questionários 1 e 2)

Fase 1



Fase 2



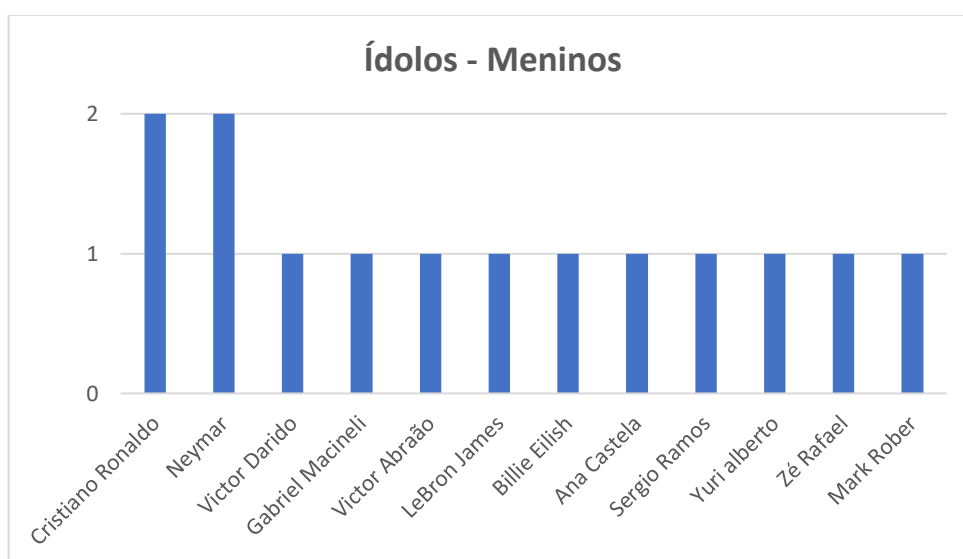
Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Ao analisarmos a Figura 16, referente aos ídolos para as meninas e seus valores agregados, nos é revelado alterações importantes na escolha dos ídolos e na percepção dos valores a eles associados. Observamos uma reorganização das referências de inspiração, como por exemplo os ídolos previamente mais citados, como “Cristiano Ronaldo”, “Neymar”, “Marília Mendonça”, “Chloe Marie Dubois”, “Thais Nunes Linaris”, “Thaís Daher”, “Jenny Han”, “Veigh” e “Messi”, deixaram de ser mencionados pelas meninas. Em contrapartida, surgiram novos ídolos, incluindo “Adele”, “Colleen Hoover”, “Sarah Adams” e houve aumento expressivo nas citações de “Yuri Alberto” (de 1 para 4 citações). “Gabi Gagliasi” manteve-se presente, embora com diminuição (de 2 para 1 citação).

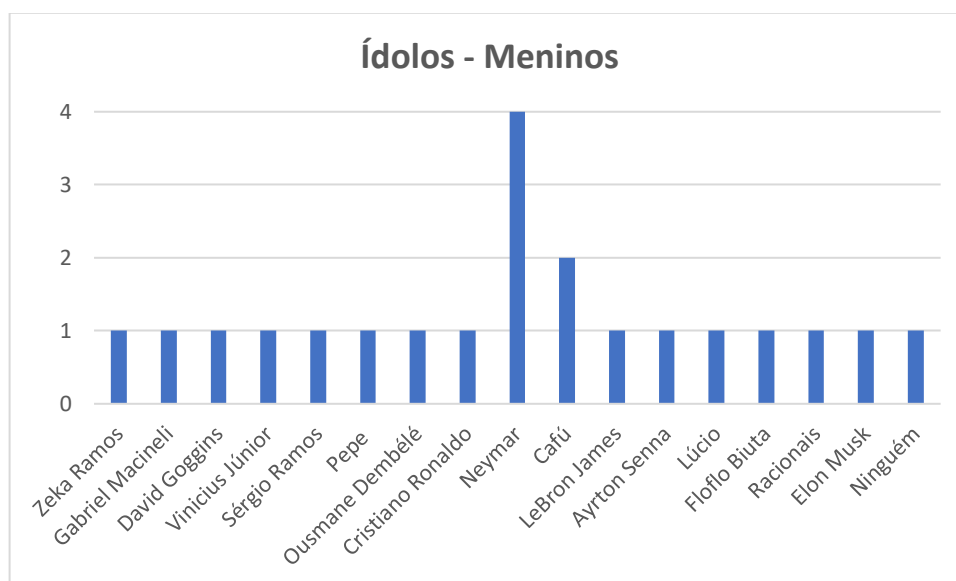
Essa mudança sugeriu indica que a intervenção educativa contribuiu para que as meninas passassem a valorizar ídolos não apenas pelo reconhecimento ou popularidade, mas também pelos valores, caráter e princípios associados, refletindo maior consciência crítica na escolha de modelos inspiradores. Além disso, houve ampliação do repertório de referências, incorporando figuras de diferentes áreas, como música e literatura, o que evidenciou reflexão sobre múltiplas dimensões de inspiração e princípios pessoais.

Figura 17: Ídolos - Meninas (comparação questionários 1 e 2)

Fase 1



Fase 2

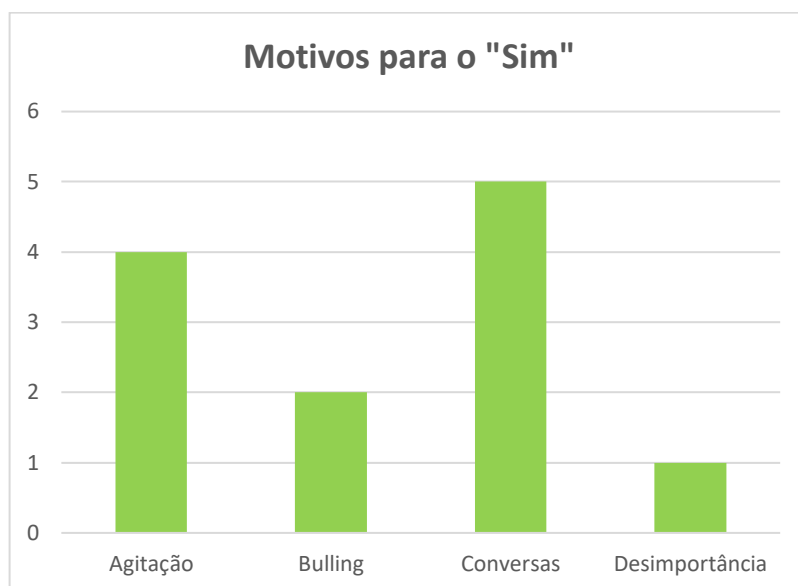


Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Ao analisarmos a Figura 17 nos é revelado alterações significativas tanto na escolha dos ídolos quanto nos valores associados. Alguns ídolos previamente predominantes, como Cristiano Ronaldo, tiveram redução nas citações, enquanto outros, como Neymar, aumentaram, evidenciando reorganização das referências de inspiração. Além disso, surgiram novos ídolos, como “David Goggins”, “Vinicius Júnior”, “Pepe”, “Ousmane Dembélé”, “Cafú”, “Ayrton Senna”, “Floflo Biuta”, “Racionais”, “Elon Musk”, que não haviam sido mencionados na primeira aplicação.

Figura 18: Respostas positivas (comparação questionários 1 e 2)

Fase 1



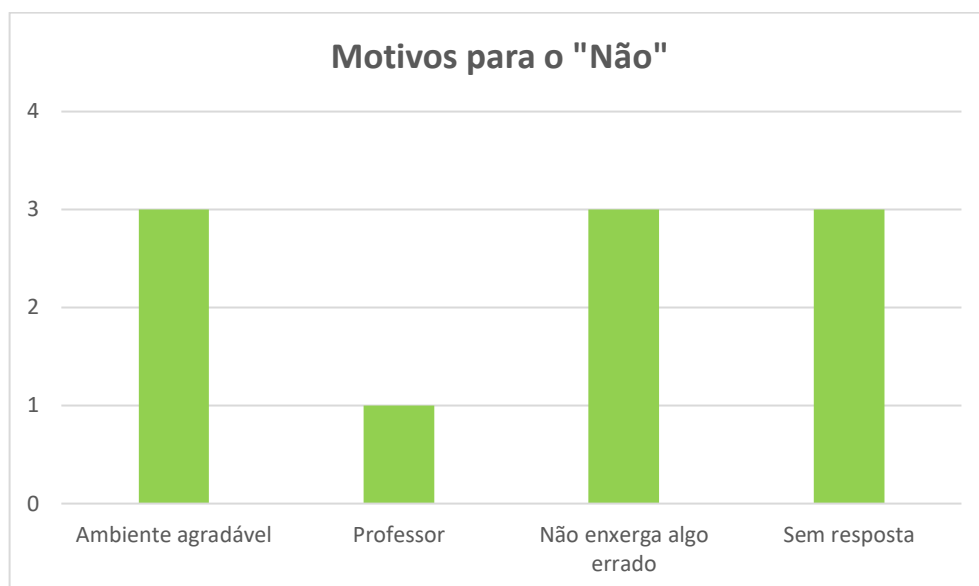
Fase 2



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Figura 19: Respostas negativas (comparação questionários 1 e 2)

Fase 1



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Ao analisarmos as Figuras 18 e 19, nos foi revelado um aumento significativo no número de alunos que identificaram casos de indisciplina, passando de 12 para 22 citações. Além disso, houve segmentação mais detalhada dos tipos de comportamento, como pudemos perceber através do número de citações dos seguintes itens: “conversas e distrações” (9 citações); “desrespeito” (8 citações); “agitação” (3 citações); “*bullying*” (1 citação); “desimportância” (1 citação) e “desvalorização dos estudos” (1 citação).

Essa alteração sugeriu que os alunos passaram a perceber a indisciplina de maneira mais crítica e diferenciada, distinguindo comportamentos que afetam a aula de formas distintas, como distração, desrespeito ou desvalorização da aprendizagem.

Embora o número de alunos identificando indisciplina tenha aumentado, esse resultado não nos indicou necessariamente maior ocorrência de comportamentos problemáticos, mas sim uma maior sensibilidade e capacidade de análise crítica por parte dos alunos, sugerindo que a sequência de aulas contribuiu para o desenvolvimento da consciência ética, moral e socioemocional no contexto escolar.

Figura 20: Questionário 2 – Fase 2

Fase 2

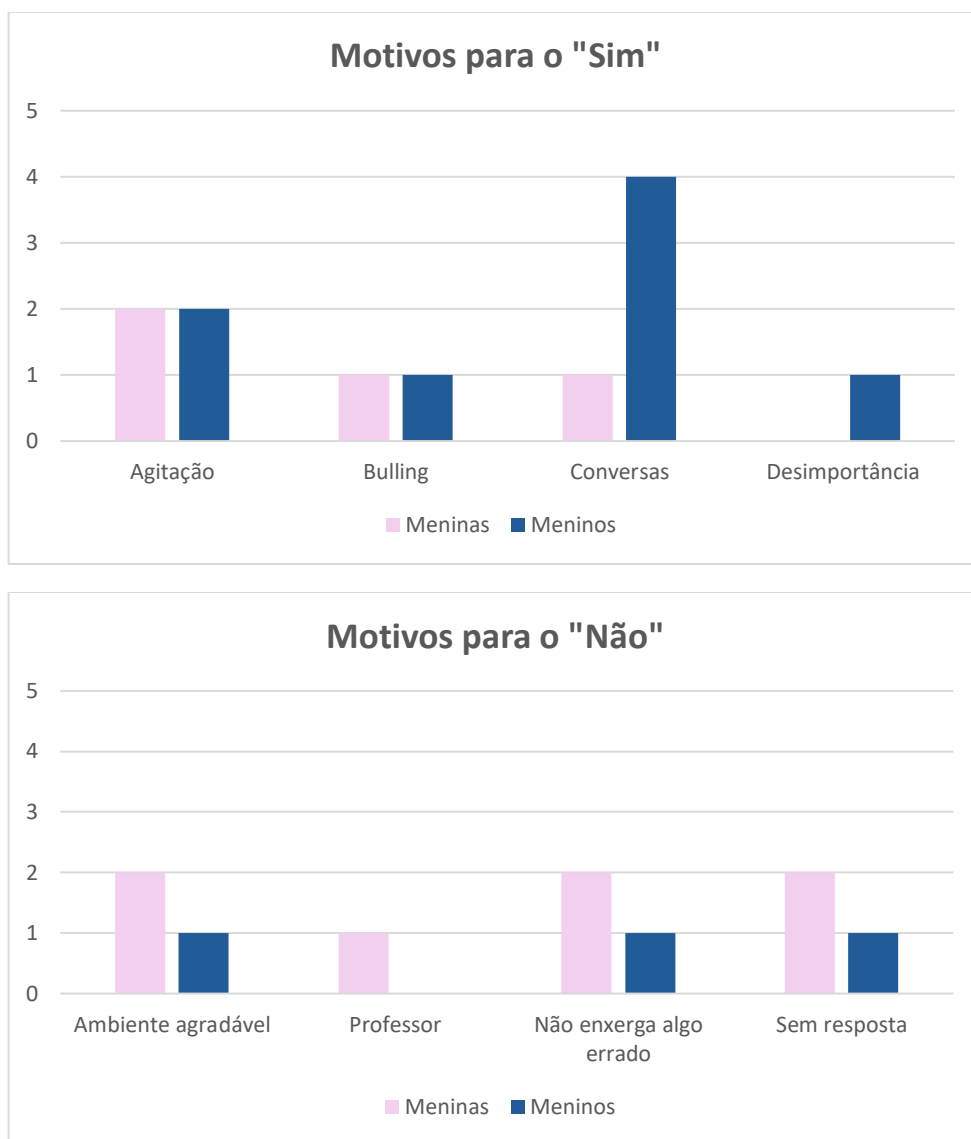
Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Como podemos observar na Figura 20, nenhum aluno respondeu negativamente à pergunta sobre indisciplina. Esse resultado sugere que todos os alunos passaram a reconhecer algum tipo de comportamento inadequado ou indisciplinado durante as aulas, refletindo uma mudança significativa na percepção sobre o ambiente escolar e as interações em sala.

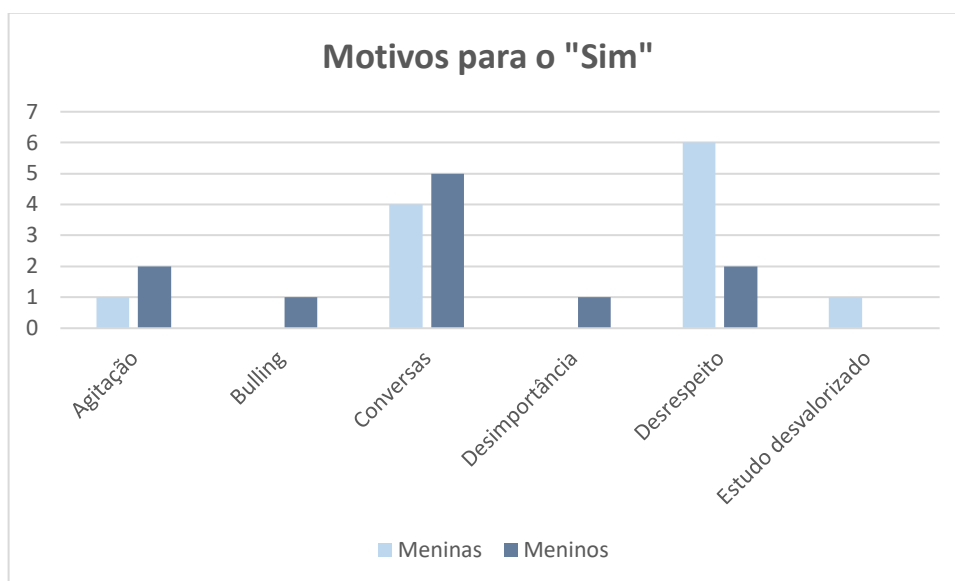
De forma geral, a eliminação de respostas negativas após a intervenção nos indicou que os alunos ampliaram a consciência sobre condutas inadequadas e passaram a refletir de forma mais detalhada sobre comportamentos que impactam a aula, evidenciando o efeito positivo das atividades pedagógicas na percepção ética, moral e socioemocional.

Figura 21: Respostas apresentadas relacionadas ao gênero (comparação questionários 1 e 2)

Fase 1



Fase 2



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Observamos aumento expressivo no número de respostas positivas para ambos os gêneros como demonstrado na Figura 21, acompanhado da completa eliminação das respostas negativas apresentadas anteriormente.

Entre as meninas, surgiram novas categorias de percepção, incluindo “desrespeito” (6 citações) e “desvalorização dos estudos” (1 citação), além de aumento das respostas relacionadas a “conversas” (4 citações). Entre os meninos, houve aumento nas respostas relacionadas a “conversas” (5 citações) e surgimento de “desrespeito” (2 citações), mantendo-se “agitação” e “*bullying*”.

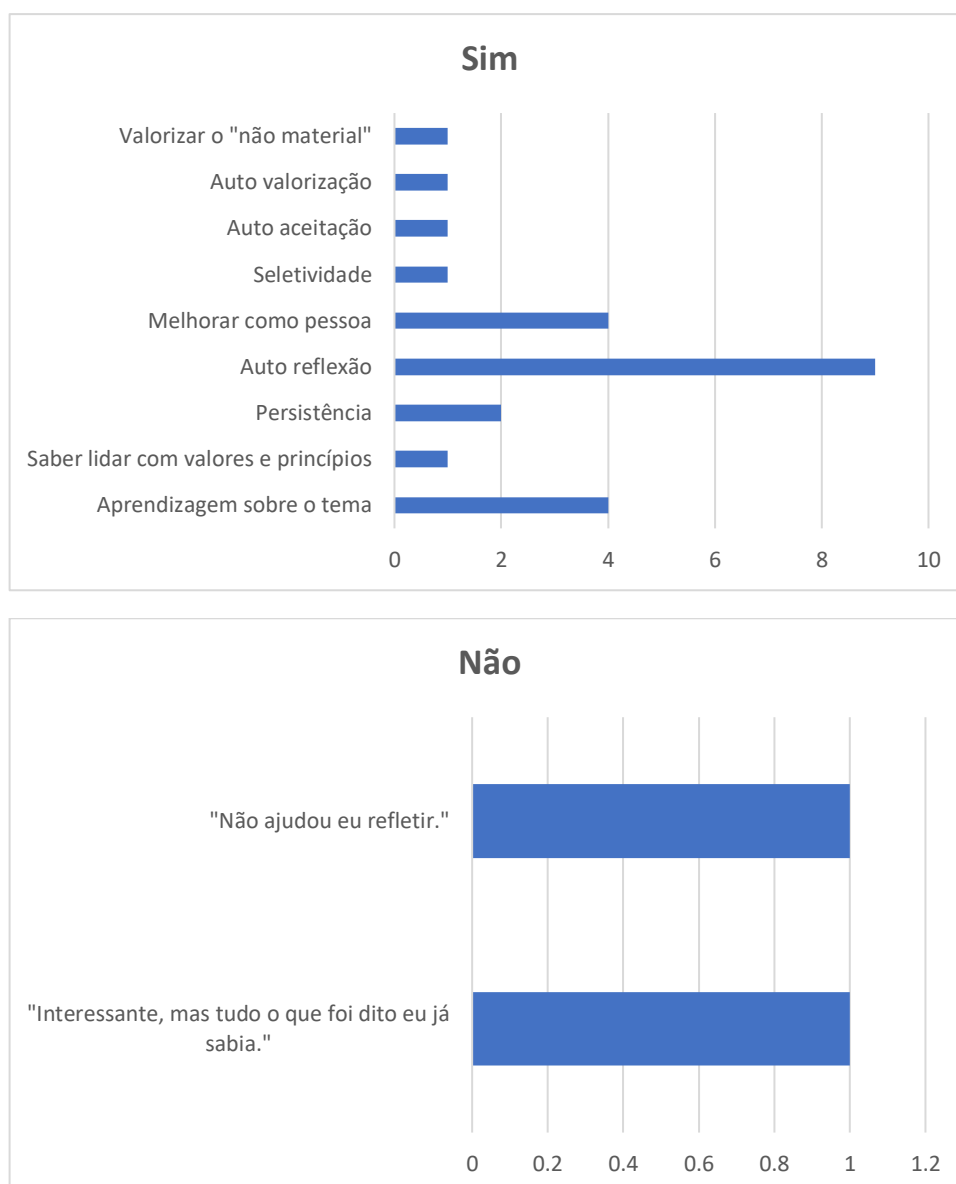
Essa comparação por gênero nos revelou tendências significativas. Podemos citar as seguintes: - Maior aumento na percepção de indisciplina entre as meninas, passando de 4 para 11 respostas positivas, enquanto os meninos aumentaram de 8 para 11 respostas; - Meninas identificaram com maior frequência comportamentos ligados ao desrespeito e à valorização dos estudos, evidenciando maior sensibilidade a aspectos éticos e acadêmicos; - Meninos mantiveram maior foco em conversas e agitação, sugerindo atenção a comportamentos que afetam diretamente a dinâmica da aula.

Importante destacarmos que ambos os gêneros passaram a diferenciar tipos de indisciplina, indicando desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva sobre comportamento coletivo.

De forma geral, podemos sugerir que a intervenção educativa contribuiu para que todos os alunos desenvolvessem uma maior sensibilidade socioemocional e ética, refletindo sobre valores, princípios e comportamento em sala de aula, com mudanças mais expressivas observadas entre as meninas.

Figura 22: Quais as contribuições que as aulas sobre “valores, princípios e ídolos” lhe trouxeram? O que você aprendeu sobre o assunto?

Fase 2



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Ao observarmos a Figura 22, fica evidente que a grande maioria dos alunos (20 citações) respondeu de forma afirmativa, indicando que as aulas tiveram contribuição significativa para a aprendizagem. Entre as principais dimensões apontadas, destacamos:

- Aprendizado conceitual sobre valores e princípios, evidenciando a assimilação de conceitos transmitidos durante as aulas;

- Autorreflexão e autoconhecimento, reconhecendo aspectos positivos e negativos de sua personalidade. Esse resultado evidenciou impacto direto da intervenção no desenvolvimento socioemocional e ético dos estudantes;

- Desenvolvimento de atitudes e comportamentos sociais, onde respostas como “Ser mais respeitosa e generosa”, “Melhorar hábitos e jeito de ser” e “Selecionar pessoas que me ajudam na vida” indicam que os alunos identificaram aplicação prática do aprendizado em seu cotidiano, reforçando comportamentos de respeito, colaboração e responsabilidade.

- Motivação e perseverança, onde alguns relatos mencionaram inspiração de ídolos ou lições de persistência, demonstrando que as aulas estimularam reflexão sobre resiliência, perseverança e atitude frente a desafios pessoais.

- Valorização pessoal e ética evidenciada em respostas como “Que eu tenho meu jeito de ser, esse jeito faz eu ser quem eu sou”, “Autovalorização” e “Saber os valores das coisas sem ser materiais” evidenciam que os alunos passaram a reconhecer a importância de princípios éticos e autoestima, consolidando aprendizagem relacionada a identidade e valores pessoais.

Essa diversidade de respostas nos sugere que as aulas foram eficazes em promover aprendizagem integral, contemplando aspectos cognitivos, éticos, socioemocionais e motivacionais, alinhados a práticas pedagógicas reflexivas e formativas.

Já ao analisarmos as respostas negativas percebemos que estas foram pontuais e representaram uma minoria (2 alunos), indicando variação individual na percepção de aprendizado, onde um aluno mencionou que, embora as aulas fossem interessantes, já possuía conhecimento prévio sobre o conteúdo, evidenciando que a intervenção não acrescentou novidade conceitual e o outro aluno afirmou que o

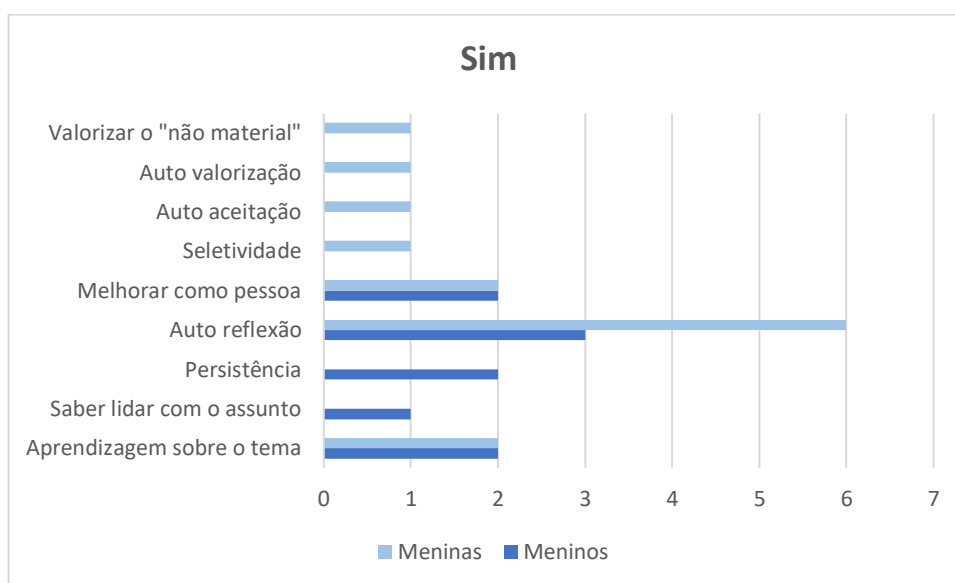
conteúdo não auxiliou em sua reflexão, indicando que nem todos os estudantes foram igualmente impactados no desenvolvimento de autorreflexão.

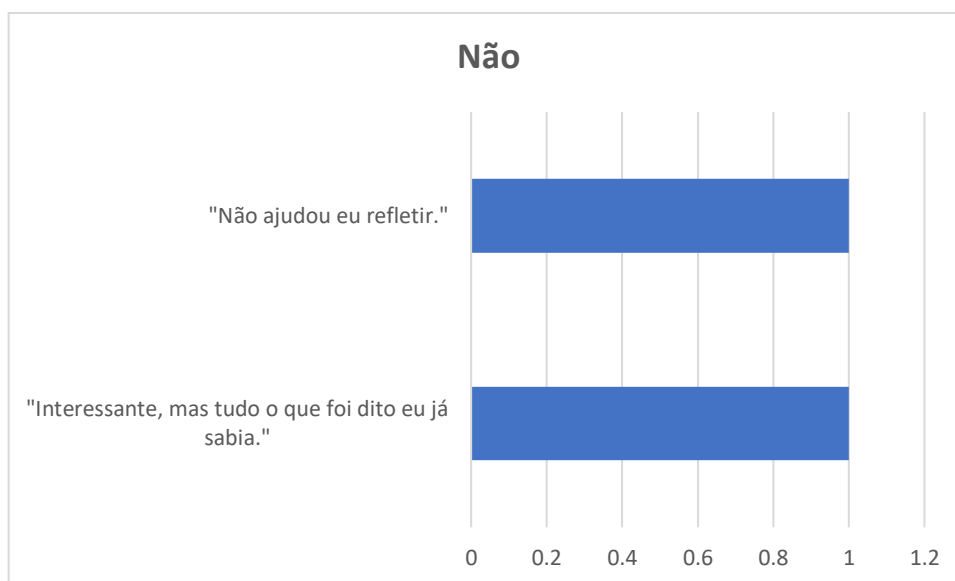
Esses resultados nos indicam que, apesar da eficácia geral da intervenção, a percepção de aprendizado é heterogênea, dependendo do conhecimento prévio, interesse individual e engajamento reflexivo dos alunos.

Sendo assim podemos dizer que os dados evidenciam que a sequência de aulas contribuiu para a aprendizagem ética, socioemocional e pessoal, demonstrando a relevância de práticas pedagógicas que integrem conteúdo conceitual, reflexão crítica e aplicação prática na formação integral dos estudantes.

Figura 23: Quais as contribuições que as aulas sobre “valores, princípios e ídolos” lhe trouxeram? O que você aprendeu sobre o assunto? - relacionadas ao gênero.

Fase 2





Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Na Figura 23 percebemos que os meninos destacaram principalmente dimensões relacionadas a aprendizagem conceitual, reflexão pessoal e motivação, sendo a “aprendizagem sobre o tema” (2 citações), “saber lidar com o assunto” (1 citação), “persistência” (2 citações); “autorreflexão” (3 citações) e “melhoria pessoal” (2 citações).

Essa distribuição sugere que os meninos perceberam a intervenção de forma mais ligada à aprendizagem conceitual e desenvolvimento de resiliência, além de reconhecerem mudanças pessoais, mas de maneira menos ampla em relação a aspectos éticos e de valorização pessoal.

Notamos que as meninas, por sua vez, apresentaram respostas mais diversificadas e profundas, abrangendo tanto reflexão pessoal quanto dimensões relacionadas à autoaceitação e valorização ética, ao terem respostas como “aprendizagem sobre o tema” (2 citações), “autorreflexão” (6 citações), “melhorar como pessoa” (2 citações), “seletividade” (1 citação) e “autoaceitação” (1 citação) e “autovalorização” (1 citação) e “valorização do ‘não material’” (1 citação).

Em síntese, os resultados nos mostram que a intervenção educativa contribuiu significativamente para o desenvolvimento integral dos alunos, promovendo aprendizagens cognitivas, éticas, socioemocionais e motivacionais, com nuances de percepção diferenciadas por gênero.

6.4 Criação dos eixos classificatórios

A sequência didática desenvolvida ao longo das oito aulas de Educação Física associada à análise dos resultados dos questionários teve como objetivo central promovermos a compreensão crítica sobre valores morais, éticos e sociais por meio de vivências corporais dialogadas, tomando o movimento como forma de expressão, reflexão e construção de sentido. Tal perspectiva está alinhada à concepção crítico-superadora e crítico-emancipatória da Educação Física, conforme defendem Bracht (1997) e Kunz (1994) respectivamente, para quem o corpo em movimento é também corpo cultural e político, produzindo aprendizagens que ultrapassam a dimensão técnica e alcançam a formação humana.

Nossa proposta buscou articular práticas corporais, discussões orientadas e atividades investigativas, como a pesquisa biográfica sobre ídolos, os vídeos apresentados e discutidos e o próprio tribunal, de modo a favorecer processos reflexivos e dialógicos, nos moldes propostos por Freire (1996). Assim, o conjunto de vivências corporais (corrida cega, corrida com uma perna, queimada com regras desiguais, mímica dos ídolos, basquete sentado, handebol sentado, vôlei sentado e jogo da bola vendada) funcionou como disparador para o desenvolvimento de valores, permitindo que os estudantes reconhecessem aspectos morais, éticos e sociais no contexto dos esportes e da convivência escolar.

Sendo assim, apresentamos o Quadro a seguir com informações sintetizadas sobre o que fora discutido facilitando a visualização do que foi levantado e discutido:

Quadro 13: Tabela de categorização

Categoria de Valores	Valores	Evidências nas Aulas (1 a 8)	Exemplos de Falas / Situações	Fundamentação Teórica
1. Valores Morais	Respeito	Surgiu nas práticas com limitações (corrida cega, corrida com uma perna, jogos sentados), na aceitação das regras e no cuidado com o colega.	“Professor, não dá pra correr assim, eu vou cair!”, “Tem que avisar antes!”	Piaget (1932) – respeito às regras e cooperação; Freire (1996) – ética do cuidado; La Taille (2002; 2016) – respeito moral.
	Responsabilidade	Evidente na necessidade de guiar o colega, conduzir a bola vendada e manter o grupo organizado durante as práticas cooperativas.	“Se você não falar, eu não sei pra onde ir.”	Piaget (1932) – responsabilidade compartilhada; Freire (1996) – responsabilidade pelo outro.
	Humildade	Manifestada no reconhecimento das próprias limitações nos jogos adaptados e na análise crítica dos ídolos.	“Me ajudaram a acertar o passe, quero ajudar também.”	La Taille (2016) – virtudes morais; Bracht (1997) – consciência coletiva no jogo.
	Justiça	Emergência de noções de equidade nas atividades com desigualdades (queimada com regras desiguais; jogos sentados).	“Agora eu entendi como é difícil pra quem tem desvantagem.”	La Taille (2002; 2016) – justiça como equilíbrio; Kunz (1994) – superação de desigualdades.
2. Valores Éticos	Empatia	Fortalecida especialmente nas atividades que exigiram vivenciar limitações físicas (corrida cega, bola vendada, jogos sentados).	“Dá pra saber onde tá a bola só pelo som.”	La Taille (2016) – descentralização afetiva; Darido (2007) – esporte como espaço de sensibilidade.
	Cooperação	Base das atividades coletivas: comunicação, estratégias conjuntas, construção de passes e coordenação nos jogos sentados.	“Toca pra mim que eu tô mais perto!”, “Vamos juntos!”	Piaget (1932) – moral da cooperação; Bracht (1997) – esporte como prática social.
	Solidariedade	Presente no apoio aos colegas, na paciência com dificuldades e nas análises dos ídolos (superação e cuidado).	“Passa devagar pra não cair!”, “Ajuda ela, tá difícil pra ela jogar assim.”	Freire (1996) – solidariedade como prática dialógica; La Taille (2016).
	Paciência	Necessária nos jogos adaptados, especialmente bola vendada e modalidades sentadas; espera ativa e cuidado com o ritmo do outro.	“Calma, eu espero você pegar.”	Kunz (1994) – diálogo no movimento; Darido (2011) – convivência cooperativa no esporte.
3. Valores Sociais	Pertencimento	Construído nas práticas coletivas, no trabalho sobre ídolos e na reflexão sobre inclusão.	“Se a gente não combinar quem pega, a bola vai cair toda hora.”	Betti (1991) – cultura corporal e identidade; Darido (2007).
	Diálogo	Recurso central nas atividades de orientação, nos debates pós-práticas e no jogo da bola vendada.	“Vai pra direita!”, “Tá comigo!”, “Passa devagar!”	Freire (1996) – diálogo como base da educação; Kunz (1994).
	Inclusão	Evidente nas modalidades adaptadas e nas reflexões sobre desigualdade e equidade.	“Aqui ninguém joga melhor que o outro só porque corre mais.”	Bracht (1997) – inclusão no esporte escolar; Darido (2007).
	Reconhecimento do outro	Percebido na necessidade de escutar, adaptar o jogo, valorizar diferenças e compreender dificuldades dos colegas.	“Agora eu sei como é difícil pra quem não pode levantar.”	La Taille (2016) – reconhecimento moral; Piaget (1932) – descentração.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

1. Valores Morais: respeito, responsabilidade, humildade e justiça

Os valores morais emergiram com força desde as primeiras aulas, especialmente nas discussões sobre “Valores e Princípios nos Esportes e na Vida”. Já nas aulas iniciais, diante das práticas de corrida cega e corrida de 100m com uma perna, os alunos evidenciaram a dificuldade de lidar com limitações e regras não

convencionais. Um deles afirmou: *“Professor, não dá pra correr assim, eu vou cair!”*. A fala nos revelou resistência frente ao desafio, mas também o reconhecimento da necessidade de responsabilidade sobre si e sobre o colega-guia. Para Piaget (1994), esse momento expressa a passagem da moral heterônoma, fundada no medo da punição, para uma moral de cooperação, na qual o sujeito assume responsabilidade e coordena regras com o outro.

Nas aulas sobre ética e justiça nos jogos (Aulas 3 e 4), especialmente na prática de queimada com regras desiguais, valores ligados ao respeito e à justiça tornaram-se evidentes. Quando um estudante reclamou: *“Mas professor, eles têm vantagem!”*, abriu-se espaço para discutir o sentido de equidade, e não apenas igualdade. A noção de justiça trabalhada por La Taille (2002), entendida como equilíbrio nas relações e consideração do outro, apareceu para nós quando outro aluno complementou: *“Mas é assim que quem tem mais dificuldade se sente, né? A gente tem que tentar jogar mesmo assim.”* A humildade moral surge quando os alunos reconhecem seus próprios privilégios e limites, deslocando-se de uma compreensão egocêntrica do jogo para a valorização do coletivo.

Nas aulas 5 e 6, ao analisarem seus ídolos, muitos alunos passaram a identificar valores morais nas trajetórias escolhidas. Expressões como *“Ele não desistiu mesmo machucado”* ou *“Ela sempre foi humilde com as outras atletas”* revelaram internalização de critérios morais ligados à responsabilidade, respeito e humildade, apresentando o ídolo como espelho moral, conforme discutido por La Taille (2002).

Nas aulas 7 e 8, durante o basquete, handebol e vôlei sentado, os valores morais tornaram-se ainda mais concretos nas interações. A fala de uma aluna, como *“Me ajudaram a acertar o passe, quero ajudar também”* nos evidenciou humildade e reconhecimento da importância do outro. No jogo da bola vendada, quando um aluno alertou: *“Tem que avisar antes!”*, destaca-se a responsabilidade simultânea pelo próprio ato e pelo bem-estar do colega, aproximando-se da noção de Freire (1996) de ética como cuidado e compromisso com o outro.

Assim, os valores morais, ao longo das oito aulas, emergiram como consequência direta das relações de respeito, responsabilidade compartilhada, justiça e humildade vivenciadas nas práticas corporais e nas discussões mediadas.

2. Valores Éticos: empatia, cooperação, solidariedade e paciência

Os valores éticos foram especialmente mobilizados nas vivências que exigiram reorganização corporal e trabalho coletivo, pois, como reconhecem Darido e Souza (2007), práticas esportivas em contexto escolar ampliam sua potência formativa quando colocam os estudantes em situações de interdependência.

Nas aulas iniciais, a corrida cega e a corrida com uma perna provocaram forte deslocamento corporal e emocional. Quando um aluno afirmou: *“Não dá para correr se ele não falar onde eu vou pisar”*, revelou-se a emergência da empatia e da cooperação, pois o êxito da dupla depende da capacidade de comunicação e paciência, valores éticos fundamentais para a convivência.

Durante as aulas 3 e 4, especialmente na queimada com regras desiguais e na mímica dos ídolos, expressões como *“Vamos ajudar eles primeiro, porque está mais difícil pra eles”* demonstram compreensão ética da solidariedade, que, segundo La Taille (2016), envolve reconhecer o lugar do outro e agir em benefício mútuo.

A análise ética ganhou profundidade com o trabalho biográfico (Aulas 5 e 6). Ao pesquisarem a trajetória de seus ídolos, muitos estudantes relataram episódios de superação, atitudes de cuidado e práticas de solidariedade. Para Betti (1991), a Educação Física deve favorecer a leitura crítica de valores culturais, e ao analisarem seus ídolos, os alunos passaram a compreender que a grandeza esportiva não é apenas técnica, mas ética.

Nas aulas práticas 7 e 8 (basquete, vôlei e handebol sentado), a ética se manifesta na cooperação espontânea: *“Toca pra mim que eu tô mais perto!”*, *“Vamos juntos!”*, *“Passa devagar pra não cair!”*. Esses enunciados revelaram descentralização afetiva, conceito que La Taille (2016) identifica como essencial para a construção da empatia moral.

No jogo da bola vendada, a ausência da visão potencializou a sensibilidade ética. A fala *“Dá pra saber onde tá a bola só pelo som”* indica não apenas adaptação sensorial, mas também disposição ética de escuta do outro, como defende Freire (1996). A paciência e a solidariedade explícita na fala *“Calma, eu espero você pegar”*, foram condições para que o jogo pudesse acontecer, evidenciando que a ética emerge das relações dialógicas e cooperativas.

Assim, nas oito aulas, a empatia, a cooperação, a paciência e a solidariedade não apenas apareceram, mas se fortaleceram por meio de vivências que exigiram descentralização, escuta e interdependência.

3. Valores Sociais: pertencimento, diálogo, inclusão e reconhecimento do outro

O terceiro eixo analítico nos revelou como as práticas corporais e os momentos de debate promoveram valores sociais essenciais para a convivência democrática na escola.

Desde as primeiras aulas, buscamos ter o diálogo como elemento estruturante. Essas práticas pedagógicas dialogam diretamente com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018, p. 10), que define como uma de suas competências gerais o “agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos e sustentáveis”.

As discussões iniciais sobre valores nos esportes nos propiciaram falas como *“Todo mundo quer ganhar, mas tem que saber perder”*, indicando a percepção de que a convivência esportiva requer reconhecimento mútuo e pertencimento ao grupo. Conforme argumenta Bracht (1997), a Educação Física escolar deve estimular a leitura crítica das relações sociais construídas no esporte, e isso se tornou visível nas interações orais entre os estudantes.

A inclusão ganhou centralidade nos jogos das aulas 3 e 4, especialmente na queimada com regras desiguais. As falas de reconhecimento do outro como *“Agora eu entendi como é difícil pra quem tem desvantagem”* nos revelaram tomada de consciência sobre desigualdades reais, aproximando-se da perspectiva **emancipatória** de Kunz (1994) sobre esportes alternativos como mecanismos de superação de exclusões.

Nas aulas 5 e 6, o pertencimento social e simbólico emergiu de forma significativa no trabalho sobre ídolos. Ao analisar suas biografias, muitos estudantes identificaram-se com histórias de esforço, dificuldades e conquistas, fortalecendo

vínculos identitários e ampliando a compreensão de fatores sociais que moldam trajetórias esportivas.

Nas aulas 7 e 8, práticas como basquete, vôlei e handebol sentado acentuaram valores sociais ligados à inclusão e ao reconhecimento do outro. Quando todos estão igualmente sentados, há uma forma de “igualdade simbólica”, expressão evidenciada no discurso dos estudantes. Um aluno afirmou: *“Aqui ninguém joga melhor que o outro só porque corre mais”*. Essa percepção reforça a noção de pertencimento e equidade nas relações, articulando-se à crítica de Darido e Souza (2007), para quem a Educação Física deve promover a participação significativa de todos, independentemente de habilidades.

No jogo da bola vendada, o valor social da escuta e do diálogo emergiu fortemente: *“Passa pra direita!”*, *“Tá comigo!”*, *“Cuidado, tá vindo aí!”*. A construção do ambiente coletivo dependia do reconhecimento do outro, pois a ausência da visão obrigava a valorização da comunicação e da confiança mútua.

De modo geral, foi possível identificarmos que os valores sociais se consolidaram ao longo das oito aulas por meio de experiências que tornaram concreta a vivência da inclusão, da cooperação ampliada e do reconhecimento do outro como condição para o jogo e para a vida coletiva.

Percebemos assim que a análise integrada das oito aulas nos demonstrou que a Educação Física Escolar, quando orientada por intencionalidade pedagógica e diálogo crítico, torna-se um espaço privilegiado para o desenvolvimento de valores morais, éticos e sociais. As práticas corporais adaptadas, os debates e o trabalho investigativo com biografias ofereceram aos alunos experiências concretas de respeito, cooperação, justiça, empatia e inclusão, alinhadas às perspectivas teóricas de Betti (1991), Bracht (1997), Darido e Souza (2007), Darido e Rangel (2011), Freire (1996), Kunz (1994), La Taille (2002; 2016) e Piaget (1994).

Assim, acreditamos que a cultura corporal de movimento, principal objeto de estudo da Educação Física Escolar, não é apenas expressão motora, mas também linguagem ética, território de convivência, espaço de formação moral e social, contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes e para a construção de sujeitos mais sensíveis, críticos e solidários.

6.5 Recurso Educacional

O Recurso Educacional foi elaborado a partir do plano de aula previamente validado. Inicialmente, aplicamos o primeiro questionário, cujos resultados foram submetidos a uma análise minuciosa. A partir dos dados obtidos, foi possível delinear a construção e a implementação do plano de aulas, estruturado de modo a responder às demandas evidenciadas na etapa diagnóstica.

Posteriormente, com a aplicação do segundo questionário, procedeu-se à avaliação da efetividade do plano proposto, tomando-se como parâmetro a comparação e a interpretação dos resultados alcançados em ambas as etapas. A partir desse resultado, elaboramos o Recurso Educacional em formato de ebook denominado “Valores éticos e Morais: como a Educação Física pode lhe auxiliar?” que está disponível no link do Repositório Institucional da Unesp.

<https://drive.google.com/file/d/1f9qWmYgCo7GLEJJBOPS09LQ6ekXKaDaL/view?usp=sharing>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa tivemos como objetivo compreender e analisar quais valores são considerados importantes por estudantes do ensino fundamental dos anos finais de uma escola pública estadual do interior do Estado de São Paulo, procurando identificar de que maneira esses valores se relacionam com comportamentos de indisciplina nas aulas de Educação Física, bem como compreender se tais valores sofrem influência de ídolos presentes nas diferentes mídias.

Acreditamos que a análise comparativa entre as fases 1 e 2 da pesquisa nos permitiu responder em parte a esses objetivos ao revelar mudanças significativas no modo como os estudantes compreendem, vivenciam e interpretam valores éticos e morais. De modo geral, os dados nos indicaram que após a intervenção pedagógica os alunos ampliaram sua capacidade de reconhecer comportamentos inadequados, identificar situações de conflito ético e refletir sobre as consequências de suas ações no contexto coletivo das aulas.

Essa evolução demonstra que os valores inicialmente identificados passaram a ser compreendidos de maneira mais crítica e contextualizada. Sendo assim nossos resultados nos sugerem que os estudantes iniciaram um processo de maior reconhecimento sobre valores como respeito, cooperação, empatia, justiça e responsabilidade nas relações estabelecidas durante as aulas de Educação Física.

É importante termos em mente que essa evolução não ocorre de forma espontânea, mas resulta de processos educativos intencionais e sistematizados, coerentes com o que descreve Piaget (1994) ao discutir a passagem da heteronomia para a autonomia moral, ou seja, quando os sujeitos deixam de agir apenas por imposição externa e passam a compreender o sentido das normas e a importância das relações baseadas no respeito mútuo. Da mesma forma nossos resultados também dialogam com as contribuições de La Taille (2006), pois nos evidenciam que a formação moral envolve o desenvolvimento de sentimentos morais, como empatia, vergonha e senso de responsabilidade, fundamentais para a convivência social.

Retomando à um dos objetivos da pesquisa, pudemos compreender de que maneira os valores identificados pelos estudantes se relacionam com comportamentos de indisciplina nas aulas de Educação Física, e os dados que obtivemos nos indicaram que após a intervenção pedagógica os alunos passaram a

reconhecer com maior clareza comportamentos associados à convivência inadequada no ambiente escolar, mencionando situações como desrespeito, exclusão, *bullying*, conversas paralelas, falta de cooperação e atitudes que prejudicam o coletivo. Esses dados evidenciaram que os estudantes ampliaram sua capacidade de interpretar criticamente situações de conflito presentes no cotidiano escolar.

Essa ampliação da criticidade também se relaciona com a perspectiva pedagógica defendida por Freire (1996), que compreende a educação como um processo de problematização da realidade e construção coletiva do conhecimento. Ao promovermos momentos de diálogo, reflexão e análise de situações concretas vivenciadas nas aulas, a intervenção pedagógica muito provavelmente favoreceu a construção de uma leitura mais crítica das relações sociais presentes no ambiente escolar.

Ao objetivarmos se os valores dos estudantes sofrem influência de ídolos presentes nas diferentes mídias, coletamos dados que nos indicaram que muitos alunos reconhecem atletas, influenciadores digitais e outras figuras públicas como referências de comportamento, entretanto, as atividades desenvolvidas ao longo da intervenção pedagógica possibilitaram que os estudantes refletissem de forma mais crítica sobre essas referências, reconhecendo que os ídolos podem representar tanto exemplos positivos quanto comportamentos questionáveis.

Assim sendo pudemos perceber que as discussões realizadas nas aulas permitiram problematizar a construção da imagem pública dessas figuras e estimular os alunos a refletirem sobre quais atitudes realmente merecem ser admiradas. Visualizamos tal fato como relevante na ampliação da capacidade de julgamento moral dos estudantes, nos evidenciando que a admiração por ídolos pode ser compreendida de forma mais consciente e crítica quando mediada por processos educativos.

Também tivemos revelações sobre as diferenças nas percepções entre meninos e meninas em relação aos comportamentos considerados inadequados no contexto das aulas. Embora ambos os grupos tenham apresentado avanços após a intervenção, observou-se que as meninas passaram a demonstrar maior sensibilidade para aspectos relacionados ao respeito e às relações interpessoais, enquanto os meninos mantiveram maior atenção para comportamentos inadequados mais visíveis. Para nós esses resultados reforçam a importância de práticas pedagógicas que

considerem as diferentes formas pelas quais os estudantes interpretam as relações sociais presentes no ambiente escolar.

Caminhando para o ponto de vista educacional e legal, os resultados desta pesquisa dialogam com princípios presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) e com orientações da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que destacam a importância do desenvolvimento de competências relacionadas à empatia, à cooperação, ao respeito às diferenças e à resolução de conflitos.

Contudo é importante destacarmos que o desenvolvimento moral não ocorre de maneira imediata ou definitiva, e portanto, os resultados desta pesquisa também nos alertam sobre a importância de que nosso recurso pedagógico, também denominado como recurso educacional, desenvolvido seja retomado e revisitado de forma periódica ao longo do processo educativo.

Defendemos que a continuidade e a recorrência de práticas pedagógicas voltadas à reflexão ética possam ampliar as possibilidades de internalização dos valores discutidos nas aulas, contribuindo para que tais aprendizagens se consolidem ao longo do tempo, e exatamente por esse motivo sugerimos a reutilização regular do recurso educacional elaborado nesta pesquisa para aumentar as probabilidades de que os resultados observados se fortaleçam e se mantenham de forma mais duradoura no cotidiano escolar.

No que se refere às contribuições desta pesquisa para a área da Educação Física, destacamos que o estudo evidencia a importância de abordagens pedagógicas que integrem práticas corporais e reflexões sobre valores, ética e convivência social. Ao propor uma intervenção pedagógica voltada à análise crítica de comportamentos e à discussão sobre ídolos presentes nas mídias, esta pesquisa oferece subsídios para que professores ampliem suas estratégias pedagógicas e explorem novas possibilidades educativas nas aulas de Educação Física o que vão ao encontro com diversos autores citados durante nosso trabalho como Beth (1991), Darido (2005), Kunz (1994), Bracht (1997), entre outros ao defenderem que as aulas de Educação Física constituem espaços privilegiados para o desenvolvimento de valores sociais, éticos e cooperativos, ao promover experiências corporais que envolvem interação, regras, cooperação e resolução de conflitos.

Acreditamos que nosso estudo também contribui para os objetivos do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), ao apresentarmos uma intervenção pedagógica aplicada ao contexto escolar e ao desenvolvermos um recurso educacional voltado à prática docente, reforçando o compromisso do programa com a produção de conhecimentos que dialoguem diretamente com os desafios enfrentados pelos professores da Educação Física atuantes na rede pública básica de educação.

Também é importante reconhecermos alguns limites desta pesquisa, como o fato de realizarmos nosso estudo em uma única escola da rede pública estadual e contarmos com um número específico de participantes, o que não pode generalizar os resultados para outros contextos educacionais. Além disso, o tempo de duração da intervenção pedagógica foi relativamente curto, o que não nos permite afirmar que as mudanças observadas se manteriam a longo prazo, e por isso sugerimos sempre que possível a revisitação ao tema, como mencionada anteriormente. Diante desses limites, sugerimos possibilidades para pesquisas futuras que possam ampliar as reflexões apresentadas neste estudo.

Acreditamos que investigações realizadas em diferentes contextos escolares, com maior diversidade de participantes e intervenções pedagógicas de maior duração, possam vir a contribuir para aprofundar a compreensão sobre o papel das práticas pedagógicas na formação ética dos estudantes. Uma possibilidade adicional é através de novos estudos ser explorado com maior profundidade a influência das mídias digitais e das redes sociais na construção de referências de ídolos entre jovens, bem como suas implicações para os valores e comportamentos no ambiente escolar.

Assim, os resultados desta pesquisa nos indicam que intervenções pedagógicas intencionais, fundamentadas teoricamente e articuladas às vivências corporais das aulas de Educação Física, possuem potencial para promover mudanças significativas na forma como os estudantes percebem, interpretam e avaliam comportamentos no contexto escolar. Ressaltamos que a Educação Física pode desempenhar papel relevante na formação moral, ética e social dos estudantes, contribuindo para a construção de ambientes escolares mais respeitosos, cooperativos e democráticos.

REFERÊNCIAS

ABADE B.A.; PEREIRA A.L.G. Ídolos e Apoio Emocional: Reflexões Sobre a Dinâmica do Fã Adolescente Contemporâneo. **JNT- Facit Business and Technology Journal**. Tocantins, v.1, n.28, p.74-92, 2021.

ALVES, H. C. A integração do educador físico na rede de proteção social: análise de um curso de capacitação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 3, p. 249-263, 2012.

APPLE, M. W. Educando o "cidadão econômico": mercados, padrões e desigualdade. In: TOMAZI, N. D. **Sociologia da educação**. São Paulo: Saraiva, p. 367-379, 2003.

ATAIDE, G. A.; CAVALCANTI, T. C. M. T. U. **A influência da mídia no comportamento infantil: os riscos sociais e psicológicos**. 2023. Artigo (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário de João Pessoa, UNIPÊ, João Pessoa, 2023.

AZEVEDO, V. V. D.; MEZZAROBIA, C.; ZOBOLI, F. A influência da mídia na construção de ídolos esportivos para os jovens. **Revista Kinesis**, Sergipe, v.1, n.32, p. 75-94, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/15603> Acesso em 24 jul. 2025.

BAGNARA, I. C.; FENSTERSEIFER, P. E. O desafio didático da Educação Física escolar: planejar, ensinar, avaliar. **Educación Física y Ciencia, Ensenada**, v.21, n.4, p.102, 2016.

BAIA, S. F.; ALMEIDA, L. M.; PEREIRA, L. R. Relações interpessoais na escola e o desenvolvimento local. **Interações**, Campo Grande, v. 42, n. 1, p. 1-14, 2021.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2007.

BARBOSA, M.A.; SOUZA, L.M. A educação física e o desenvolvimento social do adolescente. **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v.24, n.3, 2010, p.45-58.

BARCELOS, E. V.; SILVA, F. H. P.; PEIXOTO, M. M. A.; OLIVEIRA, M.F. C. Educação física e cidadania na prática educacional: análise da prática educativa fundamentada na ética e nos valores. **Biológicas & Saúde**, v. 12, n. 42, p.3, 2022.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, 2016.

BATISTA, T. M.; LOPES, R. C. B. A importância do professor na Educação Inclusiva. **Revista Faculdade FAMEN**, v.1, n.2, p.33-45, 2021.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. 2. ed. Campinas: Autores associados, 2005.

BENTO, J. O. Pedagogia do desporto: Definições, conceitos e orientações. In: GO TANI, BENTO, J. O.; PETERSON, R. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 3-90.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M. Educação Física e Mídia: novos olhares outras práticas. São Paulo: **Hucitec**, p. 91-137., 2003.

BOGDAN, R.; BEKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOMFIM, D. Como Nasce um Ídolo: o Mito e suas Narrativas. **Revista Opinião Filosófica**, Porto Alegre, v.6, n.1, p. 65-76, 2015.

BORGES, G. D. **Valores Morais na escola: para colher é preciso semear e cultivar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

BOTELHO R.G.; SOUZA J.M.C. *Bullying* e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, Marília, v.139, n.1, p.58-67, 2007.

BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRACHT, V. A Educação Física e a superação do tecnicismo. **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 9, n. 2, p. 7-26, 2003.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Brasília, 2006. Disponível em <https://portaleducamais.com/download-parametros-1/> . Acesso em 24 jul. 2025.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. **Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 13 jan. 2025. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2025/lei/l15100.htm Acesso em 24 jul. 2025.

CALDAS, G. Mídia, escola e leitura crítica do mundo. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 117-130, 2006.

CAMILO, R. C.; BETTI, M. Multiplicação e convergência das mídias: desafios para a educação física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 35, p. 13-24, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/17149> . Acesso em: 24 jul. 2025.

CHEUNG, C.K.; YUE, X.D. Identity achievement and idol worship among teenagers in Hong Kong. **International Journal of Adolescence and Youth**, v. 11, n. 1, p. 1-26, 2003.

CHEUNG, C.K.; YUE, X.D. Idol worship as compensation for parental attachment: a study of Chinese adolescents. **Journal of Child and Family Studies**, New York, v. 21, n. 5, p. 802–810, 2012.

COHEN, S. Social relationships and health. **American psychologist**, v. 59, n. 8, p. 676-684, 2004.

CORREA, M. M.; NOVAES, R. C.; TORRES, M. S.; SOUSA, M. S. C.; SANTOS, R. F.; TELLES, S. C. C. Bullying, violência e Educação Física nas escolas municipais do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 1-9, 2018.

CORTELLA, M. S.; LA TAILLE, Y. **Nos labirintos da moral**. Campinas: Papirus, 2005.

DANTAS, H. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: DANTAS, H; LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial Ltda., 1992. p. 85–98.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

DARIDO, S.C. **Educação física escolar: fundamentos e práticas pedagógicas**. São Paulo: Cortes, 2005.

DARIDO, S.C.; SOUZA, O.M. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas: Papirus, 2007.

DARIDO, S.C.; RANGEL, I. **Educação física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis: Vozes, 2005.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEWEY, J. **Democracy and Education**: an introduction to the philosophy of education. New York: Macmillan, 1938.

DICIO. Dicionário Online de Língua Portuguesa. 2025. Disponível em <https://www.dicio.com.br/valores/> ; <https://www.dicio.com.br/principios/> ; <https://www.dicio.com.br/idolo/> Acesso em 18 jun 2024.

DINIZ, I.K.S.; RODRIGUES, H.A.; DARIDO S.C. Os usos da mídia em aulas de Educação Física escolar: possibilidades e dificuldades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 183-202, 2012.

DUMKE, J. L. A Formação das Identidades das Juventudes Contemporâneas. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v.23, n. 43, p. 62-75, 2013.

DURÃES, G. M.; LESSA JÚNIOR, A.; BRAGA, D. T. P.; OLIVEIRA, J. A. G. Os desafios enfrentados pelos profissionais de Educação Física em escolas estaduais do município de Montes Claros-MG. **Educação Física em Revista**, Brasília, v.11, n.2, p. 1-12, 2017.

DURKHEIM, É. **O suicídio**. 2. ed. Tradução de Sérgio Telles. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FANTIN, M. **Mídia-Educação**: Conceitos, experiências, diálogo Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FENSTERSEIFER, P. E.; REZER, J. Educação física escolar: em busca da pedagogia da complexidade. **Educação Física em Revista**, Goiânia, v.10, n.1, p. 1-16, 2016.

FIORINI, M. L. S.; MANZINI, E. J. Dificuldades e sucessos de professores de Educação Física em relação à inclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.22, n.1, p. 49-64, 2016.

FLANZER, S. N. **A entrada na adolescência**. Estilos da Clínica, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 114-130, dez. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/46066> . Acesso em: 23 jul. 2025.

FRANÇOSO, S. e NEIRA, M. G. Contribuições do legado freiriano para o currículo da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.36, n.2, p. 531-546, 2014.

FRASER, B.P.; BROWN, W.J. Media, celebrities, and social influence: identification with Elvis Presley. **Mass communication and society**, v. 5, n. 2, p. 183-206, 2002.

FRASER, B. P.; BROWN, W. J. Media, celebrities, and social influence: identification with Elvis Presley. **Mass Communication and Society**, v. 5, n. 2, p. 183–206, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/261191094>. Acesso em: 23 jul. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUCHS, F.; FOLLE, A.; BENITES, L. C.; DUEK, V. P. Bullying e Educação Física escolar: uma revisão da produção científica. **Kinesis**, v. 39, n. 1, p. 1-15, 2021.

GARCIA, R. P. e LEMOS, K. **Temas (quase éticos) de Desporto**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2005.

GATTI, B.A. A gestão escolar democrática e o princípio de valorização e reconhecimento do trabalho do professor. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, p. 47-62, 2000.

GIUSTI, B. e MACHADO, A.A. O ídolo como a arquétipo para a sociedade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA APLICADA AO ESPORTE E À MOTRICIDADE HUMANA, 2009, São José do Rio Preto. **Revista Brasileira de Psicologia Aplicada ao Esporte e à Motricidade Humana**. São José do Rio Preto, 2009. p.109.

GOFF, J. L. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GUIMARÃES, A. A.; PELLINI, F. C.; ARAUJO, J. S. R.; MAZZINI M. M. Educação Física Escolar: Atitudes e Valores. **Rev. Motriz**, Rio Claro, v.7, n.2, p. 17-22, 2001.

ÍDOLO. **Michaelis, 2024**. Disponível em: (<https://michaelis.uol.com.br/modernoportugues/busca/portuguesbrasileiro/%C3%ADdolo>). Acesso em: 18 jun. 2024.

KAUR, L. Moral values among school going students in relation to their gender. **International Journal of Physiology, Nutrition and Physical Education**, v.1, n.1, p. 89-91, 2016.

KAUR, S. Moral values in education. **Journal of Ethnic Minorities Research**, v.8, n.1, p. 57-62, 2019.

KEHL, M. R. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KOGURE, T.; MENDES, R. O.; ANDREOTTI, L. Metodologias ativas no ensino superior: uma revisão integrativa na formação de professores de Educação Física. **Caderno de Educação Física e Esporte, Cascavel**, v.21, p.1–15, 2023.

KRUG, H. N. A indisciplina nas aulas de Educação Física na Educação Básica: as marcas docentes positivas e negativas. **Revista Saberes Docentes**, v. 4, n. 1, p. 123-137, 2019.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentimento de vergonha. *In*: LA TAILLE, Y. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Ed. Summus, 1996, p. 9-23.

LA TAILLE, Y. de. O sentimento de vergonha e suas relações com a moral. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n.15, v.1, p. 13-25, 2002.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LA TAILLE, Y. de. **Ética, moral e cidadania**: uma introdução à educação moral na escola. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LA TAILLE, Y. de. Moralidade e violência: a questão da legitimação de atos violentos. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 329–341, 2009.

LA TAILLE, Y. Moral e ética no mundo contemporâneo. **Revista USP**, n. 110, p. 29–42, 2016.

LA TAILLE, Y.; MENIN, M. S. S. **Crise de Valores ou Valores em Crise?** Porto Alegre: Artmed, 2009.

LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M.K.; DANTAS, H. **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LIMA, B. R. **A influência da mídia no comportamento infantil**. 2010. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Faculdade de tecnologia e ciências sociais aplicadas, UniCEUB, Brasília, 2010.

LIMA, E. V. de. Prática pedagógica e teoria pedagógica: o que as relações entre ambas nos indicam? **Educação Física em Revista**, Goiânia, v.1, n.1, p. 31-40, 2006.

LIMA, J. G. **Os segredos de Senna**. São Paulo: Abril, 2004.

LIMA, J. S.; SANTOS, G. L. Valores, educação infantil e desenvolvimento moral: concepções dos professores. **Educação e Formação**, v.3, n.8, p. 153-170, 2018.

LIMA, J. A.; SANTOS, P. H. Conflitos familiares e comportamento dos alunos nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 215-228, 2020.

LONGO, M. M. e LINS, M. J. S. C. Ética na formação docente em tempos de crise moral. **Rev. Pesquiseduca**, v.10, n.20, p. 90-103, 2018.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACINTYRE, A. **A short history of ethics**. Indiana. Paris: University of Notre Dame Press, 1998.

MACINTYRE, A. *Social Structures and their Threats to Moral Agency*. **Philosophy**, v. 76, n. 296, p. 311-329, 2001.

MAGALHÃES, B. O. A importância das Ciências Humanas na formação do profissional de Educação Física. **Revista de Ciências da Saúde**, v.7, n.3, p. 55-64, 2020.

MAIA, R. F.; SILVA, C. P.; MARQUES, M. T. S. P.; FERREIRA, K. C. V. A influência da mídia na sexualidade do adolescente. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Barueri, v.5, n.especial, p. 109-117, 2006.

MARQUES, A. P.; IAOCHITE, R. M. R. P. Formação de professores e as experiências de ensino: uma revisão sistemática. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v.29, n.62, p. 1-19, 2019.

MELLO, T.; RUBIO J.A.S. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. v.4, n.1. p.1-11; 2013.

MORAN, J. M. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Campinas: Papirus, 2015.

NASCIMENTO, C. G.; LOPES, L. S. Concepções construtivistas na Educação Física Escolar. **Revista Saje de Ciências Humanas e Sociais**, Juína, v.7, n.2, p.1-15, 2020.

NASCIMENTO, C. R.; SILVA, J. R. Emoções docentes e práticas pedagógicas: implicações das experiências familiares na atuação do professor. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-17, 2020.

NUNES, C. V.; AMORIM, T. C.; HALLAL, P. C. Percepção de adolescentes e adultos referente à influência da mídia sobre o estilo de vida. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Pelotas, v.15, n.2, p. 105-110, 2010.

NUNES, M. S.; ALMEIDA, R. G. O adoecimento do professor da educação básica no Brasil: apontamentos da última década de pesquisas. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v.20, n.6, p. 1–15, 2020.

NUÑEZ, R. T. Crise ética na contemporaneidade social brasileira. **Rev. Ciências políticas: Instituições e sistemas 2**, v.1, pag. 1-15, 2023.

OLIVEIRA, M. T.; GRAÇA, A. Teachers Procedures Related to Students Misbehaviour in the Physical Education Lesson. **Journal of Education, Technologies, and Health**, v. 3, n. 2, p. 9-24, 2020.

OLIVEIRA, H.M.; HANKE, B.C. Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 295-310, 2017.

OLIVEIRA, G. P.; SILVA, S. P. Cultura e educação em tempos de globalização: a construção de um outro mundo possível. In: **XI Jornadas de Sociologia de la UNLP**, 2022.

PACHECO, E. **Televisão, criança, imaginário e educação**. Campinas: Papirus, 2009.

PAIXÃO, J. A.; BARROSO, Y. W. S.; CUSTÓDIO, G. C. C. Formação do professor de Educação Física e as dificuldades no início de carreira em escolas de ensino básico. **Horizontes**, São Paulo, v.34, n.2, p. 57–68, 2016.

PASQUALETTO, A.; VEIT, E. A.; ARAÚJO, J. C. O ensino por projetos no ensino de Física: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v.17, n.1, p.1–26, 2017.

PERRENOUD, P. Former les enseignants dans des contextes sociaux mouvants: pratique réflexive et implication critique. **Revue des sciences de l'éducation**, Montréal, v. 25, n. 3, p. 533–570, 1999. Disponível em: https://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_1999/1999_26.html Acesso em: 23 jul. 2025.

PIAGET, J. **The Development of Thought: Equilibration of Cognitive Structures**. New York: Viking Press, 1977.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PIRES, G. L. A pesquisa em educação física e mídia nas ciências do esporte: um possível estado atual da arte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 09-22, 2003.

PRINCÍPIOS. **Significados,2024**. Disponível em: [\(https://www.significados.com.br/principios/\)](https://www.significados.com.br/principios/). Acesso em: 18 jun. 2024.

RANDONS, D. L.; BATTISTELLA, L. F.; GROHMANN, M. Z.; HOELZEL, C. G. M. A influência dos ídolos no comportamento de jovens consumidores. **Teoria e Evidência Econômica**, v.17, n.37, p. 240-263, 2011.

ROCHA, L. A.; KRUG, H. N. O contexto familiar e suas implicações no comportamento e na aprendizagem dos alunos de Educação Física. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 55, p. 94-108, 2018.

RUFINO, L. C. G.; DARIDO, S. C. Pesquisa-ação e educação física escolar: possibilidades de intervenção pedagógica. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 620–628, 2010.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, C. M. L. S. A. Dos. **Estatística Descritiva** – Manual de Auto-aprendizagem. Lisboa, Portugal: Edições Sílabo, 2018.

SANTOS, A. O.; PEREIRA, L. A. As relações familiares e o comportamento escolar: reflexões sobre o papel do professor diante dos conflitos socioemocionais. **Revista Educação e Humanidades**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 45-60, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**: para além da curvatura da vara. Campinas: UNICAMP, 2008.

SHENSA, A.; SIDANI, J. E.; MILLER, E.; COLDITZ, J. B.; PRIMACK, B. A. **Emotional support from social media and face-to-face relationships: associations with depression risk among young adults**. Journal of Affective Disorders, v. 260, p. 38–44, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7383439/> . Acesso em: 23 jul. 2025.

SHRIVASTAVA, S. K. Promotion of Moral Values Through Education. **International Journal of Research in Social Sciences**, v.7, n.6, p. 103-108, 2017.

SILVA, C. T.; MENEZES, L. M. Representações sociais de alunos sobre o professor de Educação Física escolar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 11, n. 2, p. 891-903, 2016.

SILVA, M. L. F. S. **Análise das dimensões afetivas nas relações professor-aluno**. 2001. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/296361> . Acesso em: 24 jul. 2025.

SILVA P.R.; LIMA, M.F. Inclusão e diversidade na educação física escolar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.26, n.2, p.123-136, 2012.

SILVA, S. P. A Educação Física entre o projeto social da modernidade sólida e da modernidade líquida. **Educação**, Santa Maria, v. 37, n. 3, p. 585–598, 2012.

SILVA, S. M.; OLIVEIRA, C. P.; SOUZA, R. T. Prevalência e fatores associados à prática de esportes individuais e coletivos em jovens. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 73-80, 2009.

SOUSA, K. C. P.; COELHO, R. P. O papel do professor como agente transformador da educação em meio à pandemia da covid-19. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v.21, n.36, 2021.

TAFFAREL, C. N. Z. **A Educação Física que temos e a que queremos**. Campinas: Papirus, 1992.

TANI, G. **Desenvolvimento motor e aprendizagem motora na infância e adolescência**. São Paulo: Cortez, 2003.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

TODA MATERIA. Significados: educação acessível para todos. 2011. Disponível em: <https://www.significados.com.br/?s=valores> Acesso em 18 jun 2024.

TOGNETTA, L. R. P. e LA TAILLE, Y. A Formação de Personalidades Éticas: Representações de Si e Moral. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Paulo, v.24 n.2, p. 181-188, 2008.

TURKLE, S. *The tethered self: technology reinvents intimacy and solitude*. **Continuing Higher Education Review**, Washington, v. 75, p. 28–31, 2011.

VALENTE, M. O. A educação para os valores. In: MOURÃO, C.; PIRES, E. L.; ABREU, I. **O ensino básico em Portugal**. Porto: Ed. Asa, 1989. p. 134-172.

VALE P.C.S.; AGUILLERA, F. Estresse dos professores de ensino fundamental em escolas públicas. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**. Salvador, v.1,n.5, p.86-94, 2016.

VALORES. **Significados,2024**. Disponível em: (https://www.significados.com.br/?s=valores). Acesso em: 18 jun. 2024.

VINHA, T.; TOGNETTA, L.; SILVA, L.; MENIN, S.; MORO, A. **Os problemas de convivência na escola**. São Paulo: Instituto Alana, 2021.

ZAPATERO, J.; RUBIO, L. M.; VILLAGRASA, L. ¿Se están consolidando las metodologías activas en Educación Física? Una mirada al profesorado de Educación Física en secundaria. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.24, n.4, p.1177–1190, 2018.

APÊNDICE 1

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TALE) (Conselho Nacional de Saúde, Resoluções 466/12 e 510/16)

ESTUDANTE

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntária(o) da pesquisa de mestrado intitulada “VALORES EM XEQUE: Ídolos como arquétipos e suas influências no comportamento dos alunos nas aulas de Educação Física.”, que será desenvolvida pelo professor Bruno Giusti, RG nº 44.027.992-6, Professor de Educação Física – PEB II, registro no sistema (RS)/PV 16.790.248/01 da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, discente do Programa de Mestrado Profissional PROEF Educação Física em Rede Nacional, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, campus de Rio Claro, sob a orientação da Profa. Doutora Maria Candida Soares Del-Masso, docente permanente do PROEF.

A pesquisa tem por objetivo compreender e analisar quais valores são importantes para os estudantes do ensino fundamental das séries finais de uma escola da rede pública estadual do interior do Estado de São Paulo e como esses valores podem refletir na indisciplina e mau comportamento nas aulas de Educação Física. Também objetiva conhecer se esses valores são influenciados por ídolos através do poder das diferentes mídias sociais.

Caso aceite participar desta pesquisa, sua participação acontecerá mediante a realização, via *Google Forms*, de um questionário contendo dados de identificação e 3 perguntas abertas, tendo o tempo de uma aula (45 minutos) para responderem questões a respeito de valores, princípios e suas relações com os ídolos.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta oferece alguns riscos, que embora sejam mínimos, estão relacionados especialmente aos sentimentos decorrentes da exposição das ideias e opiniões dos participantes que serão registradas na entrevista, como inibição, vergonha e desconforto. Para minimizar estes riscos, não haverá questões de foro íntimo ou pessoal. O participante poderá responder apenas às perguntas que desejar, sem nenhuma implicação.

Caso ocorra algum incidente o pesquisador tomará as providências para a solução imediata do problema. O participante poderá consultar o pesquisador responsável e/ou a orientadora da pesquisa, em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone pessoal e/ou da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida e poderá recusar-se a participar ou ainda abandonar o estudo a qualquer momento, sem nenhum tipo de penalização.

A aplicação dos questionários ocorrerá entre fevereiro, março e abril de 2025, após a aprovação desta pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-IB-UNESP-RC).

Em relação aos benefícios, a sua colaboração nesta pesquisa contribuirá para a compreensão acerca da concepção que os estudantes do Ensino Fundamental II possuem sobre os termos valores, princípios e ídolos, concepções essas que subsidiarão o material para a construção da sequência didática do Caderno de Educação Física. Dessa maneira, a partir dos diferentes

aspectos identificados na literatura e estudos de teóricos da área, somado à análise dos questionários, os dados poderão sugerir conteúdos para a implementação de uma Sequência Didática que após finalizada poderá auxiliar os professores de Educação Física em seu contexto profissional.

Os dados coletados neste estudo, serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que sua identidade pessoal será mantida em sigilo.

A qualquer momento, antes, durante ou após a pesquisa coloco-me à disposição para esclarecimentos sobre eventuais dúvidas que possam surgir. A participação é voluntária e sua recusa na participação não lhe provocará nenhum dano ou punição. O(a) Sr.(a) poderá retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. A participação não irá gerar nenhuma despesa, bem como, não terá qualquer tipo de remuneração.

Os dados utilizados na pesquisa são confidenciais e será retirada toda e qualquer referência nominal sobre sua identidade, para evitar que os dados possam ser identificados, portanto, será garantido sigilo e a privacidade da participação.

Se o (a) senhor (a) se sentir esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o senhor (a) e a outra com o pesquisador.

Rio Claro/SP, _____ de _____ de 20__

Pesquisadora Responsável

.....
Assinatura do (a) Participante

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: “VALORES EM XEQUE: Ídolos como arquétipos e suas influências no comportamento dos alunos nas aulas de Educação Física”.

Pesquisador Responsável: Bruno Giusti

Cargo/função: Mestrando do Programa de Mestrado Profissional PROEF Educação Física em Rede Nacional - Pesquisador Responsável

Instituição: Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro. Endereço: Avenida 24 A, 1515, Bela Vista. Cep: 13506-900 – Rio Claro – SP

Dados para Contato – E-mail: bruno.giusti@unesp.br

Orientadora: Profa. Dra. Maria Candida Soares Del-Masso

Instituição: FFC – Faculdade de Filosofia e Ciências / Unesp / campus de Marília (Professor Senior). Docente junto ao PROEF do Instituto de Biociências da UNESP campus de Rio Claro.

Cargo/Função: Docente e Pesquisadora

Endereço: Rua Dom Luís Lasanha, 400. CEP.: 04266-030 – São Paulo – SP

Dados para contato: (11) 2066-5817 E-mail: del.massso@unesp.br

Dados do participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP Telefone: (19) 3526-9678

Número do parecer: CAAE nº 84030224.7.0000.5465 e Parecer nº 7.433.182

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE) (Conselho Nacional de Saúde, Resoluções 466/12 e 510/16)

Seu (Sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa de mestrado intitulada “VALORES EM XEQUE: Ídolos como arquétipos e suas influências no comportamento dos alunos nas aulas de Educação Física.”, que será desenvolvida pelo professor Bruno Giusti, RG nº 44.027.992-6, Professor de Educação Física – PEB II, registro no sistema (RS)/PV 16.790.248/01 da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, discente do Programa de Mestrado Profissional PROEF Educação Física em Rede Nacional, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, campus de Rio Claro, sob a orientação da Profa. Doutora Maria Candida Soares Del-Masso, docente e pesquisadora do PROEF e do Centro de Desenvolvimento Profissional e Práticas Pedagógicas – CdeP3/UNESP.

A pesquisa tem por objetivo compreender e analisar quais valores são importantes para os estudantes do ensino fundamental das séries finais de uma escola da rede pública estadual do interior do Estado de São Paulo e como esses valores podem refletir na indisciplina e mau comportamento nas aulas de Educação Física. Também objetiva conhecer se esses valores são influenciados por ídolos através do poder das diferentes mídias sociais.

Caso autorize seu (sua) filho (a) participar desta pesquisa, a participação acontecerá mediante a realização, via *Google Forms*, de um questionário contendo dados de identificação e 3 perguntas abertas, tendo o tempo de uma aula (45 minutos) para responderem questões a respeito de valores, princípios e suas relações com os ídolos.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta oferece alguns riscos, que embora sejam mínimos, estão relacionados especialmente aos sentimentos decorrentes da exposição das ideias e opiniões dos participantes que serão registradas na entrevista, como inibição, vergonha e desconforto. Para minimizar estes riscos, não haverá questões de foro íntimo ou pessoal, o participante poderá responder apenas às perguntas que desejar, sem nenhuma implicação.

Caso ocorra algum incidente o pesquisador tomará as providências para a solução imediata do problema. O participante poderá consultar o pesquisador responsável e/ou a orientadora da pesquisa, em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone pessoal e/ou da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida e poderá recusar-se a participar ou ainda abandonar o estudo a qualquer momento, sem nenhum tipo de penalização.

A aplicação dos questionários ocorrerá entre os meses de fevereiro, março e abril de 2025, após a aprovação desta pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-IB-UNESP-RC).

Em relação aos benefícios, a sua colaboração nesta pesquisa contribuirá para a compreensão acerca da concepção que os estudantes do Ensino Fundamental II possuem sobre os termos valores, princípios e ídolos, concepções essas que subsidiarão o material para a construção da sequência didática do Caderno de Educação Física. Dessa maneira, a partir dos diferentes aspectos identificados na literatura e estudos de teóricos da área, somado à análise dos questionários, os dados poderão sugerir conteúdos para a implementação de uma Sequência Didática que após finalizada poderá auxiliar os professores de Educação Física em seu contexto profissional.

Os dados coletados neste estudo, serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que a identidade pessoal dos estudantes será mantida em sigilo.

A qualquer momento, antes, durante ou após a pesquisa coloco-me à disposição para esclarecimentos sobre eventuais dúvidas que possam surgir. A participação é voluntária e recusa na participação não provocará nenhum dano ou punição. O(a) Sr.(a) poderá retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma ao seu (sua) filho (a). A participação não irá gerar nenhuma despesa, bem como, não terá qualquer tipo de remuneração.

Os dados utilizados na pesquisa são confidenciais e será retirada toda e qualquer referência nominal sobre a identidade do estudante, para evitar que os dados possam ser identificados, portanto, será garantido sigilo e a privacidade da participação.

Se o (a) senhor (a) se sentir esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o senhor (a) e a outra com o pesquisador.

Rio Claro/SP, _____ de _____ de 20__

Pesquisadora Responsável

Assinatura do Pai ou Responsável

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: “VALORES EM XEQUE: Ídolos como arquétipos e suas influências no comportamento dos alunos nas aulas de Educação Física”.

Pesquisador Responsável: Bruno Giusti

Cargo/função: Mestrando do Programa de Mestrado Profissional PROEF Educação Física em Rede Nacional - Pesquisador Responsável

Instituição: Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro. Endereço: Avenida 24 A, 1515, Bela Vista. Cep: 13506-900 – Rio Claro – SP

Dados para Contato – E-mail: bruno.giusti@unesp.br

Orientadora: Profa. Dra. Maria Candida Soares Del-Masso

Instituição: FFC – Faculdade de Filosofia e Ciências / Unesp / campus de Marília (Professor Senior). Docente junto ao PROEF do Instituto de Biociências da UNESP campus de Rio Claro.

Cargo/Função: Docente e Pesquisadora

Endereço: Rua Dom Luís Lasanha, 400. CEP.: 04266-030 – São Paulo – SP

Dados para contato: (11) 2066-5817 E-mail: del.masso@unesp.br

Dados do participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP Telefone: (19) 3526-9678

Número do parecer: CAAE nº 84030224.7.0000.5465 e Parecer nº 7.433.182

APÊNDICE 3

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA (FASE 1)

Antes de iniciar as respostas, gostaríamos que você soubesse que esta é nossa pesquisa de mestrado que tem o nome “Valores em xeque: Ídolos como arquétipos e suas influências no comportamento dos estudantes nas aulas de Educação Física”.

Sua participação é muito importante para que possamos conhecer o que você pensa a respeito da temática que envolve valores, princípios e ídolos, temas que estão presentes em nosso contexto social.

Para que você possa responder as perguntas, apresentamos o significado dos termos que constam nos dicionários *on line*.

Valores: “Reunião das normas, preceitos morais e/ou regras sociais, que são passadas de uma pessoa, sociedade, grupo ou cultura para outra(s)” disponível em <https://www.dicio.com.br/valores/> .

“Valores são o conjunto de características de uma determinada pessoa ou organização que determinam a forma como estas se comportam e interagem com outros indivíduos e com o meio ambiente. Existem diversos tipos de valores: estéticos, religiosos, éticos, profissionais, familiares etc.” disponível em: <https://www.significados.com.br/?s=valores>

Princípios: “Regras; preceitos morais. Caráter; modo de se comportar que denota justiça, ética” disponível em <https://www.dicio.com.br/principios/>

Ídolo: “Celebridade por quem se tem grande admiração ou a quem se ama apaixonadamente: ele é o ídolo da juventude” disponível em <https://www.dicio.com.br/ídolo/>

Agora que você já leu e compreendeu o significado dos termos, vamos ao questionário.

Questões

Data de Nascimento:

Gênero (sexo): () feminino () masculino

Serie: () 6^a () 7^a () 8^a () 9^a

Turma: () A () B () C () D () E

Questão 1: Pense sobre você e escreva quais são os seus principais valores e princípios. Quais são mais presentes em você? Quais características de comportamento e atitudes que mais percebe em você?

De preferência responder em forma de itens.

Questão 2: Quais são seus ídolos? Quais atletas e/ou pessoas famosas te inspiram e te servem de referência? Por que você admira essas pessoas?

De preferência responder em forma de itens.

Questão 3: Na sua opinião, acontece muitos casos de indisciplina e falta de respeito nas aulas de Educação Física? Se sim, por quais motivos você acha que isso acontece?

De preferência responder em forma de itens.

APÊNDICE 4

PLANEJAMENTO DIDÁTICO (FASE 2)

PLANOS DE AULA (Valores, Princípios e a Influências dos Ídolos) – Educação Física – 8º Ano

Aula 1 – Valores e Princípios nos Esportes e na Vida

Competências:

- Valorizar a diversidade;
- Adotar comportamento ético em práticas corporais.

Objetivos:

- Definir e aplicar conceitos de valores e princípios;
- Definir e aplicar conceitos de respeito, cooperação e ética;
- Refletir sobre fair play no esporte e na vida.

Conteúdos:

- Valores, princípios e comportamento.

Procedimentos:

- Roda de conversa: O que significa “valores” de uma pessoa? / O que significa “princípios” de uma pessoa? O que significa jogar limpo?” - 10 min;
- Apresentação sobre definições conceituais sobre o tema acompanhado de exemplos – 20 min;
- Dinâmica “Corrida Cega” – alunos vendados guiados por pares – 10 min;
- Encerramento com discussão sobre sentimentos e atitudes esperadas dos colegas - 10 min.

Recursos:

- Televisão, cones e vendas.

Avaliação:

- Observação da participação;
- Respeito ao combinado,
- Profundidade da reflexão.

Aula 2 – Valores em Esportes Inclusivos

Competências:

- Cultura corporal diversificada.

Objetivos:

- Relembrar as vivências das práticas cooperativas durante o segundo bimestre;
- Refletir dinamicamente sobre valores nesses esportes.

Conteúdos:

- Esportes alternativos;
- Equidade;alunos
- Valores, princípios, resiliência e cooperação.

Procedimentos:

- Apresentação de vídeos sobre diferentes modalidades adaptadas e paralímpicas, bem como vídeos de pessoas com diferentes deficiências nas problemáticas do cotidiano - 20 min;
- Prática da corrida competitiva dos 100m com alunos utilizando apenas uma perna e outros com as duas pernas simultaneamente – 20 min;
- Roda de conversa sobre valores, princípios, resiliência e cooperação percebidos - 10 min.

Recursos:

- Televisão, canetão e lousa.

Avaliação:

- Observação da participação;
- Profundidade da reflexão.

Aula 3 – Ética e Justiça nos Jogos

Competências:

- Ética;
- Coletivismo.

Objetivos:

- Refletir sobre decisões justas e injustas no esporte e na vida.

Conteúdos:

- Justiça esportiva;
- A importância de regras.

Procedimentos:

- Jogo de queimada com regras alteradas favorecendo um dos times através de vantagens específicas – 30min;
- Debate sobre sensações e percepções - 10 min;
- O que significa ética e coletivismo? - 10 min.

Recursos:

- Bola, coletes, caneta, lousa.

Avaliação:

- Participação e senso crítico.

Aula 4 – Ídolos e Influência de Valores

Competências:

- Consciência sociocultural;
- Ética.

Objetivos:

- Identificar valores de ídolos;
- Reconhecer princípios e comportamentos positivos/negativos.

Conteúdos:

- Ídolos;
- Valores e princípios;
- Comportamentos éticos.

Procedimentos:

- Mímica e adivinhação: “Quem é seu ídolo? Por quê?” – 25 min
- Exibição de vídeos e trechos de filmes biográficos que mostrem determinadas situações de diferentes ídolos - 15 min
- Pedido para a próxima aula: “Dividir a sala em 4 grupos: cada grupo trará recortes sobre o ídolo que representará”. Escolher o ídolo de cada grupo nesse momento para não correr o risco de haver repetição entre os grupos – 10 min.

Recursos:

- Televisão, canetão e lousa.

Avaliação:

- Participação; - Argumentação.

Aula 5 – Ele merece ser seu Ídolo?

Competências:

- Consciência sociocultural;
- Valores e princípios;
- Ética.

Objetivos:

- Identificar valores de ídolos;
- Reconhecer princípios e comportamentos positivos/negativos;
- Desenvolver a argumentação e reflexão.

Conteúdos:

- Ídolos;
- Valores e princípios;
- Comportamentos éticos.

Procedimentos:

- Tribunal: “Ele merece ser seu ídolo? Por quê sim? Por quê não?”. Recorrer aos grupos montados na aula anterior e a seus materiais. – 40 min
- Pedido de trabalho individual para a próxima aula: “Faça uma biografia resumida sobre seu principal ídolo.” - 10 min

Recursos:

- Televisão, canetão e lousa.

Avaliação:

- Participação; - Argumentação.

Aula 6 – Mídia e Construção da Imagem de Ídolos

Competências:

- Análise crítica da mídia.

Objetivos:

- Analisar mensagens veiculadas em campanhas;
- Produzir um perfil crítico de um atleta.

Conteúdos:

- Mídia;
- Imagem pública;
- Estereótipos.

Procedimentos:

- Exibição de diferentes tipos de comerciais com atletas, atores, cantores e influencers - 20 min;
- Em uma cartolina, produção em grupo (os mesmos 4 grupos do tribunal) de uma propaganda sincera, contendo pontos positivos e negativos do ídolo representado no tribunal durante a aula anterior -30 min.

Recursos:

- Televisão; -Internet; - Cartolina; - Diferentes tipos de canetas.

Avaliação:

- Critérios de análise e reflexão crítica;
- Criatividade.

APÊNDICE 5

DESCRIÇÃO DETALHADA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Aula 1 – Valores e Princípios nos Esportes e na Vida / Aula 2 – Valores em Esportes Inclusivos

Conversa com os alunos:

Essas duas primeiras aulas tiveram como tema central a reflexão sobre valores e princípios, tendo como ponto de partida a problematização acerca do que os estudantes entendiam por “valores”. As respostas nos revelaram concepções variadas, como qualidade, caráter, educação, atitudes, empatia e características que distinguem a pessoa como boa ou ruim. Ao nosso ver essa diversidade reforça a compreensão de que os valores são construções sociais e subjetivas, desenvolvidas nas relações entre o sujeito e o meio, como defende Piaget (1994), ao afirmar que a moral não nasce pronta, mas se forma progressivamente na interação com os outros.

Em seguida, os alunos associaram a origem desses valores às aprendizagens familiares, reconhecendo a importância da transmissão intergeracional. Essa percepção aproxima-se do que Yves de La Taille (2006) denomina “herança moral”, entendida como o conjunto de valores transmitidos e reinterpretados nas relações familiares e sociais. Sabemos que tal concepção evidencia que o processo de formação ética é histórico e relacional.

Quando questionados sobre quais valores e princípios consideravam essenciais para a vida em sociedade, surgiram menções a respeito, honestidade, empatia, confiabilidade, alegria, prestatividade e comunicação, dimensões essas que expressam um sentido ético voltado à convivência e à cooperação.

Ao direcionarmos a aula para um momento de autorreflexão, por meio da questão “quais valores e princípios vocês mesmos possuem?”, observamos que alguns alunos afirmaram não reconhecer nenhum valor em si, enquanto outros citaram respeito, empatia, educação, honestidade, responsabilidade e até traços ligados à autoimagem, como ser engraçado ou orgulhoso.

Esse contraste revela a relação entre a valorização de comportamentos socialmente desejáveis e a dificuldade de autorreflexão sobre o próprio agir. Nesse sentido, Freire (1996) enfatiza que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, o que implica instigar o estudante a pensar sobre si e sobre o mundo de forma consciente e ética.

Nossa mediação pedagógica teve como objetivo relacionar a discussão abstrata sobre valores à prática concreta da Educação Física e dos esportes, introduzindo o conceito de fair play como ponto de referência. O jogar limpo foi compreendido pelos estudantes como não trapacear, não machucar o adversário e respeitar as regras. Essa reflexão ilustra o que Piaget (1994) descreve como a passagem da moral heterônoma, onde essa é baseada na obediência em relação à autoridade, para a moral autônoma, na qual o sujeito compreende o sentido das normas e age de acordo com princípios internalizados.

Percebemos que a transposição do conceito para a realidade escolar provocou reflexões sobre comportamentos cotidianos, como evitar agressões físicas ou verbais, respeitar combinados e participar ativamente das atividades. Posteriormente, a discussão foi ampliada para o contexto social, em que o fair play foi compreendido como não enganar, não humilhar, não trair e não ferir emocionalmente o outro. Essa progressão nos evidencia um processo pedagógico significativo, pois conecta valores abstratos à vivência prática e social, ampliando a compreensão ética dos estudantes. Apontamos que essa perspectiva está em consonância com Freire (1987), que defende a educação como um ato dialógico e transformador, no qual o conhecimento é construído a partir da realidade vivida.

Durante a aula, enfatizamos que as atitudes expressas em sala e nas práticas refletem posturas que se estendem à vida cotidiana. Assim, trapacear em um jogo escolar seria um indício de comportamentos semelhantes fora da escola. Essa relação direta entre a ética escolar e a vida social possibilita ao aluno compreender a moral como algo que transcende o espaço institucional. De acordo com La Taille (2009), a formação moral se concretiza quando o sujeito é capaz de agir de modo coerente entre o que pensa, sente e faz, ou seja, quando há alinhamento entre discurso e prática.

Problematizamos também a dificuldade de trabalhar valores em um contexto marcado por intensas transformações sociais, pois ao compararmos a escola atual

com a de duas décadas atrás, citamos um “choque de valores e princípios” que afeta tanto os estudantes quanto os professores. Percebemos na prática que esse cenário gera o desgaste de precisar reiterar normas básicas de convivência, o que torna as aulas cansativas e reduz o prazer de ensinar. Freire (1996) já alertava para esse desafio, ao destacar que o educador precisa reafirmar constantemente o compromisso ético com o respeito, a solidariedade e a responsabilidade, mesmo diante de uma sociedade em crise de valores.

Ao analisarmos esse quadro nos foi revelado que os principais prejudicados por essa ruptura são os próprios estudantes, que muitas vezes não compreendem as advertências recebidas e reproduzem comportamentos sem reflexão, de maneira automatizada. Como afirma Piaget (1977), quando diz que a verdadeira disciplina é aquela que o indivíduo impõe a si mesmo, resultado da interiorização consciente das regras e não da imposição externa.

Ao final da aula, provocamos os alunos a refletirem sobre a confiança depositada nos colegas, reconhecendo que essa confiança está diretamente ligada aos valores e princípios demonstrados no convívio. As respostas evidenciaram associações com experiências familiares, destacando mudanças nas formas de respeito aos pais e a crescente adultização da infância, observada em comportamentos, vestimentas e brincadeiras. Essa constatação dialoga com La Taille (2006), ao afirmar que as transformações culturais contemporâneas afetam a construção da moralidade infantil, gerando ambiguidades entre autonomia e permissividade.

Essa conversa com os alunos nos possibilitou articular a reflexão sobre valores e princípios a diferentes dimensões da vida dos estudantes, promovendo um processo dialógico que integra o pessoal, o escolar e o social. Apesar dos desafios apontados, essa experiência nos evidencia a importância de abordarmos temáticas éticas no cotidiano educacional, reafirmando o papel da Educação Física como espaço de formação integral e crítica dos sujeitos. Tal concepção encontra eco no pensamento de Freire (1996), que compreende a educação como prática da liberdade e humanização do ser.

Atividades práticas:

1 - “Corrida Cega”

Desenvolvemos essa atividade com o intuito de favorecer a reflexão sobre valores como confiança, respeito, cooperação e empatia entre os alunos.

Nossa proposta consistiu em formar duplas, em que um dos participantes permanecia com os olhos vendados, enquanto o outro tinha a função de guiá-lo verbalmente em um percurso. Após a primeira rodada, os papéis eram invertidos, de modo que todos pudessem vivenciar as duas perspectivas: a de conduzir e a de ser conduzido.

Desde o início, destacamos a importância da comunicação clara e respeitosa, orientando que o aluno que tem visão deveria guiar com cuidado e calma, lembrando que o colega não está vendo e depende da sua orientação. Acreditamos que é de grande importância haver essa introdução, pois assim situa a atividade não apenas como um jogo físico, mas como uma experiência ética, em que o agir sobre o outro exige responsabilidade e sensibilidade.

Durante a execução, observamos diferentes reações e níveis de confiança entre as duplas. Alguns alunos demonstraram insegurança inicial ao serem vendados, expressando frases como “professor, e se ele me deixar bater?” ou “vai devagar, hein!”, enquanto outros, ao contrário, riram e mostraram entusiasmo, confiando rapidamente no colega. Essa diversidade de respostas nos sugere, como aponta Piaget (1994), que as relações interpessoais no ambiente escolar se constroem a partir de trocas afetivo-cognitivas, nas quais o sujeito aprende a coordenar seu ponto de vista com o do outro.

Notamos que, diferente dos primeiros minutos de atividade, à medida que a dinâmica avançava, tornava-se perceptível o desenvolvimento da confiança e da cooperação. Os alunos-guia, em sua maioria, ao perceberem a vulnerabilidade do parceiro vendado, ajustavam seu tom de voz, ofereciam segurança e antecipavam obstáculos: “Agora tem um colega na frente, vira um pouco pra direita... isso, ótimo!”. Em alguns momentos, intervínhamos para reforçar a dimensão ética do cuidado, lembrando: “Não é uma disputa de velocidade, é uma atividade de confiança”. Valorizamos essa mediação docente, pois, segundo Freire (1996), o educador deve provocar o diálogo e a consciência crítica, conduzindo o aluno a refletir sobre o sentido de suas ações e suas implicações na relação com o outro.

Quando chegou o momento de inverter os papéis, o impacto pedagógico da atividade tornou-se ainda mais evidente. Alunos que inicialmente haviam conduzido com segurança demonstraram desconforto ao serem vendados, revelando verbalmente a mudança de percepção: “Agora é minha vez de me dar mal!”; “Isso é muito ruim!”. Essas falas espontâneas nos indicam a emergência de um processo empático, onde há a capacidade de se colocar no lugar do outro, não apenas de compreendê-lo, mas de sentir a experiência que o outro vive. Para Yves de La Taille (2006), esse movimento constitui uma das bases da formação dos valores morais, uma vez que o reconhecimento do outro como sujeito implica respeito e responsabilidade.

Do ponto de vista cognitivo e moral, percebemos que a Corrida Cega propiciou o exercício da descentralização, conceito central de Piaget (1994), que descreve a passagem do egocentrismo para a cooperação. Notamos que ao depender das instruções do colega, o aluno aprendeu que a confiança se constrói reciprocamente, ou seja, não se impõe, mas se conquista pela clareza da comunicação e pela coerência entre palavra e ação. Nesse sentido, a atividade traduz concretamente o princípio do respeito mútuo, que, segundo Piaget e La Taille, é a base da moral autônoma.

A análise dessa prática nos permite compreender a potência da Educação Física como espaço formativo que vai além da dimensão corporal, favorecendo o desenvolvimento integral dos estudantes.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

2 - Corrida de 100 metros com uma perna

Tivemos como objetivo provocar nos alunos uma reflexão prática sobre justiça, igualdade e equidade, articulando movimento corporal e consciência ética. A proposta consistiu em realizar uma corrida entre os alunos, na qual parte deles deveria correr utilizando apenas uma perna (com o outro membro dobrado e segurado), enquanto os demais corriam normalmente com as duas. Em seguida, fomos alterando as posições de largada, aproximando progressivamente os pontos de partida dos alunos que possuíam a limitação, até que a corrida se tornasse equilibrada e todos tivessem condições justas de competir.

A atividade iniciou em tom de curiosidade e ansiedade. Quando explicamos que alguns correriam com uma perna só, surgiram risadas e comentários entre os alunos: “Ah, assim é fácil pra quem tem as duas!”, “Vai ser impossível correr com uma só!”. Essas falas iniciais já revelavam o senso comum sobre competição e mérito, frequentemente associado à ideia de igualdade, onde todos cumprem a mesma tarefa sob as mesmas regras, ainda que em condições desiguais.

No primeiro momento da corrida, os alunos que utilizavam apenas uma perna ficaram evidentemente em desvantagem. Enquanto os demais cruzavam a linha de chegada rapidamente, esses alunos se esforçavam para completar o percurso,

despertando reações na turma: “Ah, professor, assim não vale!”, “Eles nunca vão ganhar desse jeito!”. Então intervimos com uma pergunta provocadora: “Se todos estão correndo a mesma distância, por que alguns não conseguem chegar junto?”. Essa mediação intencional, de caráter dialógico, reflete o que Paulo Freire (1996) chama de educação problematizadora, em que o professor não transmite respostas prontas, mas instiga a reflexão crítica sobre as situações vividas.

Na segunda rodada da corrida, alteramos a posição de largada, permitindo que os alunos com apenas uma perna partissem alguns metros à frente. Ainda assim, o desequilíbrio permanecia evidente. Novamente, a discussão emergiu: “Mesmo assim não dá tempo!”, “Tem que colocar a gente mais pra frente!”. A cada nova largada, ajustávamos a distância, até que, em determinado ponto, a corrida se tornou equilibrada e os alunos com uma perna conseguiam cruzar a linha de chegada praticamente ao mesmo tempo que os demais. Nesse instante, um estudante que corria apenas com uma perna comentou: “Agora vou ganhar!”.

Acreditamos que esse momento foi central para a compreensão do conceito de equidade, que é bastante distinto da simples igualdade. A experiência corporal tornou perceptível o que muitas vezes é abstrato, ou seja, tratar todos da mesma maneira nem sempre é justo. Como destaca Yves de La Taille (2006), a formação moral implica o desenvolvimento da capacidade de julgar eticamente, reconhecendo que o valor da justiça está ligado ao respeito pelas diferenças e à busca do equilíbrio entre as partes.

O exercício também nos remete à concepção piagetiana de cooperação e reciprocidade. Segundo Piaget (1994), a moral autônoma se constrói quando o sujeito é capaz de compreender as regras não como imposições externas, mas como acordos legítimos que visam o bem comum. Ao participarem da construção coletiva de uma corrida “justa”, acreditamos que os alunos experimentaram, na prática, o sentido da justiça como construção social, fruto de diálogo, reflexão e empatia.

Durante a conversa final, propomos que os alunos refletissem sobre o que havia mudado ao longo da atividade. As respostas revelaram o acontecimento de uma reflexão moral e afetivo: “A gente acha que ser justo é tratar igual, mas não é bem assim”, disse um aluno. Outro completou: “Tem que ver o lado do outro também”. Tais falas indicam o movimento de descentralização moral descrito por Piaget (1994), no qual o sujeito amplia seu olhar para além do próprio ponto de vista, considerando as necessidades e limitações do outro.

Acreditamos que nossa mediação docente foi essencial para consolidar esse processo. Inspirado na perspectiva freiriana, conduzimos a atividade como um ato de diálogo e conscientização, mostrando que a Educação Física pode ser um espaço privilegiado para o exercício da justiça e da empatia por meio do corpo e da ação. A corrida, tradicionalmente associada à competição e ao desempenho individual, foi ressignificada como experiência ética e coletiva, na qual o objetivo principal não era vencer, mas compreender o que significa ser justo.

Aula 3 – Ética e Justiça nos Jogos / Aula 4 – Ídolos e Influência de Valores

Conversa com os alunos:

Nosso debate teve como eixo central a reflexão sobre a deficiência visual e os esportes paralímpicos, articulando a atividade prática da aula anterior com discussões em grupo. A experiência inicial da aula anterior consistiu em colocarmos os estudantes em situação de privação visual, conduzidos por colegas, a fim de vivenciarmos as limitações e dependências geradas pela ausência da visão. Ao questionarmos sobre como se sentiram, os estudantes relataram medo, destacando a vulnerabilidade e a necessidade de confiança no parceiro. Esse sentimento de insegurança foi diretamente relacionado à confiança depositada no outro, evidenciando a importância da cooperação e da responsabilidade em situações de interdependência.

Tal vivência nos remete à concepção de Piaget (1994), segundo a qual as relações de cooperação são fundamentais para o desenvolvimento moral, pois é nelas que o sujeito aprende a se colocar no lugar do outro e a compreender as normas como expressão de respeito mútuo. A atividade, ao simularmos a experiência de deficiência, promoveu um exercício de descentralização, em que os estudantes foram convidados a sair de sua perspectiva habitual para compreender a realidade do outro, o que consideramos ser um movimento essencial para a formação da empatia e da consciência ética.

Buscamos construir assim, por meio da mediação pedagógica, um paralelo entre a vivência simulada e a vida em sociedade, ressaltando que as relações humanas são baseadas em confiança e convivência, e que a qualidade dessas relações depende dos valores e princípios de cada indivíduo. Essa reflexão vai ao

encontro do pensamento de Yves de La Taille (2006), ao argumentar que a convivência ética pressupõe o reconhecimento do outro como sujeito de valor e dignidade, o que exige atitudes de respeito, confiabilidade e reciprocidade. Procuramos enfatizar que a intimidade e a proximidade nas relações não são dadas de forma automática, mas construídas gradualmente, mediante convivência e práticas que demonstrem respeito e responsabilidade.

Ao problematizarmos a hipótese de realizarmos a atividade com um colega em quem não se confia, ficou evidente o risco físico e emocional percebido pelos estudantes, reforçando a ideia de que a confiança se constitui como um valor essencial nas interações sociais. Nos apoiamos na ideia de que essa dimensão ética da confiança é um elemento indispensável ao diálogo e à aprendizagem, pois “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1996, p. 31).

Em seguida, avançamos a aula para a articulação da prática vivenciada com a realidade dos esportes paralímpicos. Introduzimos vídeos sobre a temática com o intuito de ampliar a discussão, deslocando a atenção do exercício escolar para a compreensão das práticas esportivas de pessoas com deficiência e para os desafios enfrentados por elas no cotidiano. Essa transição pedagógica se mostrou significativa, pois, conforme Freire (1987), o processo educativo se torna transformador quando o educando é levado a ler o mundo a partir de novas perspectivas, relacionando a experiência vivida à realidade social concreta.

Percebemos que esta abordagem ampliou a reflexão, levando os alunos a relacionarem a atividade simbólica com situações reais, promovendo um processo de sensibilização e valorização da diversidade. Nesse sentido, o exercício de empatia experimentado pelos estudantes se aproxima da noção de “formação moral sensível” proposta por La Taille (2009), segundo a qual a ética se constrói não apenas pela razão, mas também pela emoção e pela capacidade de sentir o outro. A vivência corporal, nesse caso, foi o gatilho para a reflexão ética, pois a experiência da limitação despertou sentimento de solidariedade e respeito.

Sendo assim, a condução das aulas nos demonstra como a simulação prática, quando mediada de forma reflexiva, pode favorecer o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, confiança e solidariedade. Além disso, ao associarmos o exercício com o universo paralímpico, buscamos reforçar o papel

da Educação Física na formação de cidadãos conscientes da importância do respeito à diferença e do reconhecimento do outro como sujeito de direitos. Essa perspectiva vai ao encontro de Freire (1996, p. 59), ao destacar que “ensinar exige reconhecer-se como ser inacabado”, ou seja, aberto à alteridade e à diversidade humana.

Tal experiência evidencia, portanto, a potência da Educação Física não apenas como espaço de práticas corporais, mas também como campo de construção ética e cidadã, em que a convivência e os valores humanos se tornam objeto central da aprendizagem. Piaget (1977) já defendia que o desenvolvimento moral está intrinsecamente ligado à ação, sendo a experiência vivida o caminho para a interiorização de princípios éticos. Do mesmo modo, La Taille (2006) reforça que a educação moral precisa ser vivida, refletida e sentida, o que se concretiza plenamente em práticas como que desenvolvemos nesta aula.

Atividades Práticas:

1 - Vídeos modalidades paralímpicas e cotidianas

Os vídeos utilizados foram:



**JOGOS PARALÍMPICOS E TODAS
AS SUAS MODALIDADES.**

Dentro Do Esporte · 144 mil visualizações · há 4
anos

Fonte: <https://youtu.be/3Eq2aDJ4CNw?si=VTMEqhLTE9xwmrzN>



Desafios da inclusão: as dificuldades enfrentadas pelas p...
 Jornalismo TV Cultura · 2,7 mil visualizações · há 2 anos

Fonte: https://youtu.be/TwKAaVLx_RQ?si=SyTMsl-7glcy-d4l

Planejamos um momento de sensibilização e reflexão, articulando os conteúdos da Educação Física com a formação ética e cidadã dos alunos. Ao mostrarmos vídeos de atletas paralímpicos e pessoas com deficiência durante o cotidiano de nossa sociedade, tivemos como propósito provocar questionamentos sobre acessibilidade, superação, preconceito e reconhecimento do outro, estimulando a construção de valores como empatia, respeito e solidariedade.

Logo nas primeiras cenas, os alunos demonstraram surpresa diante das imagens de atletas competindo com próteses, cadeiras de rodas ou deficiências visuais. Um estudante comentou, em tom de espanto e admiração: “Olha como eles jogam bem mesmo sem enxergar direito!”, enquanto outro completou: “É difícil pra gente normal, imagina pra eles”. Essas falas, ainda que marcadas por uma visão inicial de diferença, revelam um processo de deslocamento reflexivo, no qual o aluno começa a reconhecer a capacidade e o esforço do outro para além da limitação física. Como ressalta La Taille (2006), esse movimento é o início da descentralização moral, que ocorre quando o sujeito amplia seu olhar e é capaz de atribuir valor e dignidade à experiência alheia.

À medida que os vídeos avançavam, percebemos que o grupo passou a observar os aspectos emocionais e humanos das narrativas. Durante um trecho que mostrava a rotina de um atleta paralímpico em seu treino diário, uma aluna observou: “Ele faz tudo sozinho, nem parece que tem deficiência.” Essa fala nos sugere o surgimento do valor da admiração pelo esforço e pela autonomia, deslocando o foco

da limitação para a capacidade. Em termos piagetianos, trata-se de um momento em que a percepção moral se torna mais autônoma, baseada em juízos próprios e não apenas em estereótipos sociais.

Ao medirmos as discussões, incentivamos o diálogo e a escuta respeitosa: “O que vocês acham que é mais difícil pra esses atletas: o treino ou o preconceito?” Provocamos um debate significativo, no qual surgiram falas como: “Acho que é o preconceito, porque treino dá pra melhorar, mas o olhar dos outros não dá pra mudar fácil.” A reflexão demonstra a emergência do valor da justiça e do respeito, pois os alunos passam a reconhecer as barreiras sociais como elementos que violam a igualdade e a dignidade das pessoas.

Ao final da atividade, muitos relataram ter mudado a forma de pensar sobre a deficiência. Uma aluna argumentou: “Antes eu achava que era só pena, agora vi que eles são fortes de verdade.” Esta fala reflete a construção de um sentimento de admiração empática, em que o respeito surge não da piedade, mas do reconhecimento do esforço e disciplina. Freire (1996) enfatiza que o processo educativo deve promover o reconhecimento do outro como sujeito do mundo, e é justamente isso que se observa: os alunos passam de uma visão assistencialista para uma percepção ética e solidária.

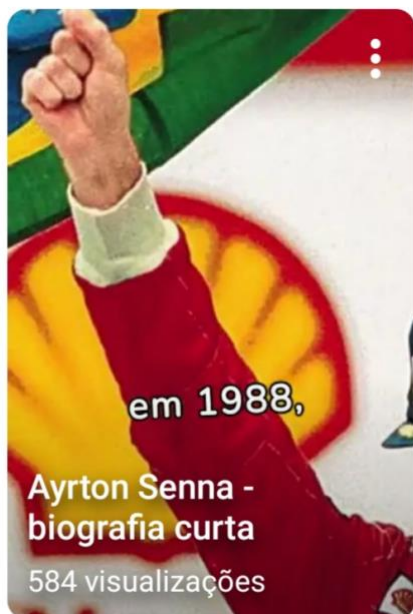
A exibição dos vídeos também permitiu discutirmos o papel social da Educação Física na valorização da diversidade e na promoção da inclusão. O contato com diferentes modalidades paralímpicas ampliou a compreensão dos alunos sobre as possibilidades do corpo humano, despertando valores de aceitação, equidade e empatia.

Portanto, foi possível quebrarmos a barreira do caráter informativo dos vídeos, pois conseguimos criar um momento de formação moral, em que os alunos foram convidados a exercitar a empatia, o respeito e a justiça.

Em síntese, a atividade com os vídeos sobre as modalidades paralímpicas e o cotidiano de pessoas com deficiência nos revelou um espaço de humanização e desenvolvimento moral, onde valores como empatia, respeito, solidariedade, justiça e aceitação da diversidade emergiram de forma significativa. Ao reconhecer a dignidade e a potência dos sujeitos retratados, os alunos também se reconheceram enquanto parte de uma sociedade plural, reafirmando que a Educação Física, quando pensada em perspectiva crítica e inclusiva, é um território fértil para a formação ética e cidadã.

2 - Trechos de vídeos biográficos de ídolos do esporte

Os vídeos utilizados foram:



Fonte: <https://youtube.com/shorts/nJWlwYXcmHQ?si=HtgZ-lhBLxd89GYy>



Fonte: <https://youtube.com/shorts/myRSrqKJvww?si=ZY4NIZJ5BXpKqZKG>



Fonte: <https://youtube.com/shorts/lot-GtRcfQo?si=02p6ivIKxaNhBDQ>



Fonte: <https://youtube.com/shorts/VMMoVrCSsn4?si=zvrbKCKC9fgXy7IY>

Organizamos esta atividade com o objetivo de promover a reflexão sobre valores, princípios e trajetórias de superação, utilizando os vídeos como recurso pedagógico para ampliar a compreensão sobre a vida de atletas e suas escolhas. Os alunos assistiram a trechos selecionados de diferentes vídeos biográficos, em que os ídolos esportivos enfrentavam desafios pessoais, profissionais e sociais, seguidos de discussão em grupo sobre os aprendizados extraídos das histórias.

Introduzimos a atividade destacando a relevância em observar não apenas os resultados esportivos, mas também os valores e princípios demonstrados pelos atletas: “Reparem nas escolhas que eles fazem, nos obstáculos que enfrentam e como lidam com dificuldades. O que podemos aprender sobre coragem, persistência e ética?”. Essa mediação inicial teve por objetivo situarmos a atividade como uma experiência ética e reflexiva, em consonância com a pedagogia crítica de Freire (1996), que valoriza o diálogo e a análise consciente de situações sociais e culturais.

Percebemos que durante a exibição dos trechos, os alunos manifestaram diferentes reações emocionais e cognitivas. Alguns expressaram admiração: “Nossa, ele treinou tanto mesmo depois de perder”, “É incrível como ela superou a dificuldade”. Outros manifestaram senso crítico: “Ele fez coisas erradas fora do esporte, mas ainda assim é ídolo?”, “Será que é certo admirar só pelo talento, mesmo que ele tenha atitudes ruins?”. Estas falas nos indicam que os alunos foram capazes de avaliar de forma ética e crítica a conduta do ídolo, distinguindo habilidades esportivas de comportamentos morais, vindo ao encontro do que sugere La Taille (2006).

As falas e observações dos alunos nos mostraram aprendizagens integradas entre aspectos afetivos, cognitivos e éticos: “Vi que não é só talento, tem que ter disciplina e caráter”, “Agora entendo que ser ídolo é mais que ganhar medalha”, “Aprendi que os erros fazem parte, mas é preciso aprender com eles”. A atividade demonstrou, portanto, que o recurso tecnológico é um recurso pedagógico poderoso, capaz de articular narrativa, emoção e reflexão ética, favorecendo a construção de valores e princípios em contexto escolar.

3 - Queimada com regras desiguais

Com essa atividade tivemos o objetivo de promover uma reflexão sobre os valores da justiça, igualdade, solidariedade e consciência crítica frente às desigualdades sociais. Para isso, organizamos duas equipes com condições distintas: uma delas possuía vantagens explícitas, como maior número de jogadores e regras mais favoráveis, como por exemplo quando para que um jogador desse time fosse eliminado, era necessário ser queimado três vezes. Já a equipe oposta, em desvantagem, contava com menos participantes e regras mais rigorosas: bastava ser atingido uma única vez para ir ao “cemitério”.

Desde o início, a proposta despertou curiosidade e inquietação nos alunos. Alguns questionaram o professor ainda na explicação: “Mas professor, assim não é justo!”, “Como a gente vai ganhar desse jeito?”. Outros aceitaram a situação com certo conformismo, dizendo: “Ah, vamos jogar mesmo assim, vai que a gente dá sorte”. Esse contraste de reações nos revelou, já no ponto de partida, diferentes percepções sobre justiça e meritocracia, pois enquanto alguns reconheciam a desigualdade estrutural, outros apostavam na superação individual como forma de compensá-la.

Durante o jogo, a assimetria das regras ficou evidente. O time favorecido dominava a partida, eliminando rapidamente os adversários. Em meio à agitação, ouviam-se comentários como: “A gente é muito melhor!”, “Nem precisa se esforçar, eles saem rapidinho!”. Do outro lado, o grupo desfavorecido expressava frustração: “Não dá nem vontade de jogar”, “Eles têm mais chance, é impossível ganhar!”. Nesse momento a única coisa que nos coube era observar essas reações, nos mantendo atentos, e permitindo que a experiência corporal evidenciasse a injustiça sentida na prática.

Após alguns minutos de jogo, interrompemos a atividade e promovemos uma conversa coletiva. Iniciamos com uma provocação: “O que vocês sentiram jogando assim? Foi divertido? Foi justo?”. As respostas emergiram de maneira espontânea: “Não é justo, professor”, “A gente ficou bravo”, “Eles tinham tudo a favor”. Essa discussão foi o ponto de virada da atividade, quando os alunos começaram a elaborar cognitivamente e afetivamente a experiência de desigualdade vivida.

Para Yves de La Taille (2006), a experiência moral surge quando o sujeito se vê diante de uma situação que provoca desequilíbrio entre o que é e o que deveria ser, levando-o à reflexão sobre valores como justiça, solidariedade e respeito. Nesse sentido, o jogo operou como um “laboratório ético”, em que a desigualdade não era apenas observada, mas sentida corporalmente, permitindo aos alunos compreenderem a diferença entre igualdade e justiça.

Utilizamos o diálogo como ferramenta de conscientização, conduzindo os alunos à compreensão crítica das estruturas de privilégio. Ao perguntar, por exemplo, “O que aconteceria se o mundo funcionasse sempre com regras como essas?”, abrimos espaço para que os estudantes conectassem a vivência do jogo a situações reais de desigualdade social. Um aluno comentou: “Tem gente que já começa a vida mais na frente, tipo quem tem mais dinheiro”. Outro completou: “É igual no jogo, uns

têm vantagem e outros têm que se virar mais”. Essas falas revelam um movimento de transposição simbólica, em que a experiência lúdica é reinterpretada à luz da realidade social.

Sob a ótica piagetiana, essa atividade favorece o desenvolvimento da moral autônoma, uma vez que os alunos, ao questionarem a legitimidade das regras, exercitam o julgamento ético e compreendem que as normas não são verdades absolutas, mas construções humanas passíveis de revisão. Piaget (1994) argumenta que a justiça autêntica nasce do diálogo e da reciprocidade, e não da obediência cega. Quando os alunos afirmam “não é justo jogar assim”, estão exercitando precisamente essa capacidade de avaliar criticamente o valor de uma regra.

No fechamento da atividade, propusemos uma nova rodada, desta vez com regras igualitárias. O ambiente mudou: a partida tornou-se mais equilibrada e participativa. Um aluno comentou: “Agora sim dá gosto de jogar!”. Essa transição de uma situação injusta para uma justa consolidou a aprendizagem ética, mostrando que a justiça se constrói coletivamente, e que a equidade não significa favorecer uns, mas garantir condições para que todos possam participar em igualdade de oportunidades.

Nos é novamente revelado o potencial da Educação Física como espaço de formação moral e crítica. Ao usar o jogo, tradicionalmente associado ao lazer ou à competição como instrumento de reflexão ética, o professor ampliou o sentido educativo da prática corporal.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

4 - Mímica dos Ídolos

Planejamos tal atividade com o objetivo de trabalhar a expressão corporal, a percepção das características dos ídolos e a comunicação não verbal, promovendo, ao mesmo tempo, reflexão sobre valores e princípios presentes nas trajetórias dessas figuras. A proposta consistiu no aluno representar, por meio de gestos e movimentos, um ídolo previamente escolhido, sem utilizar palavras, enquanto os demais tentavam adivinhar quem era o personagem.

Desde o início, enfatizamos a importância da observação atenta e do respeito às tentativas dos colegas: “Lembrem-se, não é só fazer igualzinho, mas mostrar o que vocês admiram nele e como ele age”. O objetivo dessa orientação foi introduzir a dimensão reflexiva da atividade, permitindo que os alunos mobilizassem não apenas habilidades motoras, mas também cognitivas e afetivas, na tentativa de comunicar os atributos do ídolo.

Durante a execução, observamos diferentes estratégias de representação e níveis de criatividade. Alguns alunos recorreram a gestos amplos e expressivos, enquanto outros enfatizaram movimentos específicos ligados às conquistas ou características pessoais do ídolo. Um aluno, ao representar Vinícius Júnior, correu e

simulou dribles com grande intensidade, enquanto outro, representando Lebron James, imitou o gesto de arremessar a bola e celebrar pontos importantes. Entre os colegas, surgiam comentários: “Ah, ele é jogador de basquete!”, “É o Vinícius, ele sempre dribla assim!”, indicando que a comunicação não verbal, dessa vez, havia sido efetiva.

Acreditamos que essa dinâmica favoreceu o desenvolvimento da percepção empática. Para La Taille (2006), a empatia constitui um valor essencial para a construção moral, pois envolve reconhecer no outro sentimentos, atitudes e princípios que podem inspirar comportamentos éticos. Ao tentar adivinhar os ídolos, os alunos não apenas interpretavam gestos, mas refletiam sobre as qualidades e características que consideram admiráveis, tais como persistência, carisma ou superação, incorporando elementos afetivos e morais em sua percepção.

Ao longo da atividade, também foi perceptível o exercício da cooperação e da escuta. Muitos alunos incentivavam colegas que estavam hesitantes, dizendo: “Mostra mais como ele joga!”, “Tenta mostrar a personalidade dele!”, evidenciando cuidado e suporte mútuo. Essas interações corroboram a perspectiva de Piaget (1994), segundo a qual a moralidade autônoma se constrói por meio da interação social, da observação e do ajuste de condutas, considerando o ponto de vista do outro.

O momento de adivinhação gerou, ainda, reflexões espontâneas sobre valores e princípios. Um aluno afirmou, ao reconhecer Alanzoca: “Ele faz muitas lides engraçadas e sempre ajuda a galera a se divertir.”, enquanto outro, ao adivinhar Cafu, comentou: “Parece que ele é muito esforçado”. Essas falas indicam que os alunos não apenas perceberam o ídolo fisicamente, mas também internalizaram valores de dedicação, liderança e carisma, conectando a representação corporal à compreensão ética da figura admirada.

Para finalizar introduzimos uma breve reflexão sobre a atividade, questionando: “O que vocês aprenderam sobre os seus ídolos e sobre vocês mesmos ao tentar representar e adivinhar?”. As respostas revelaram aprendizagens de ordem afetiva, cognitiva e ética: “Aprendi a prestar atenção no jeito de agir do outro”, “Foi difícil mostrar só com gestos, mas mostrei o que valorizo nele”. Esse conjunto de reflexões evidencia que a mímica funcionou como uma ferramenta de autoconhecimento e reflexão moral, permitindo que os alunos identificassem e compartilhassem valores significativos.

Aula 5 – Ele merece ser seu Ídolo? / Aula 6 – Mídia e Construção da Imagem de Ídolos

Conversa com os alunos:

Tivemos como foco nessa conversa a análise dos vídeos sobre os esportes paralímpicos e a vida cotidiana de pessoas com deficiência, com o objetivo de ampliar a reflexão dos estudantes sobre inclusão, acessibilidade e valores sociais. O ponto de partida foi a problematização acerca das dificuldades observadas nos vídeos, em que os alunos destacaram o esforço físico acentuado, os desafios de locomoção e mobilidade, bem como a necessidade de um forte preparo psicológico por parte dos atletas paralímpicos. Esses apontamentos evidenciaram a percepção da turma de que a prática esportiva, quando realizada por pessoas com deficiência, exige níveis elevados de superação, disciplina e resiliência, o que contribui para a valorização do protagonismo desses atletas.

Essa reflexão inicial dialoga com a concepção de Freire (1996), segundo a qual a educação deve “desvelar o mundo” e permitir que o sujeito compreenda criticamente a realidade, desenvolvendo uma postura ética diante das desigualdades.

Em seguida, direcionamos a discussão para a vida cotidiana das pessoas com deficiência. Neste momento os alunos identificaram dificuldades relacionadas ao preconceito, à falta de acessibilidade física em espaços urbanos e à exclusão em áreas como a educação e o mercado de trabalho. Essas observações nos revelaram a sensibilidade dos estudantes diante das barreiras sociais e estruturais que comprometem a inclusão. Alguns também destacaram medidas de compensação social, como vagas reservadas em estacionamentos e filas preferenciais, interpretando essas ações como expressões de valores como respeito e solidariedade.

Essas percepções refletem o que Yves de La Taille (2006) denomina de “dimensão ética da convivência”, na qual o agir moral não se reduz ao cumprimento de normas, mas à capacidade de reconhecer o outro como igual em dignidade.

A discussão em sala permitiu evidenciar que a inclusão não depende apenas de políticas públicas ou acessibilidade material, mas também de atitudes cotidianas orientadas por valores morais, como empatia, gentileza e justiça. Acreditamos que nossa mediação ajudou a ampliar o olhar dos estudantes, ressaltando que os problemas enfrentados pelas pessoas com deficiência têm sua raiz na ausência de princípios e valores que deveriam nortear a vida em sociedade.

Ao problematizarmos as atitudes de desrespeito e falta de gentileza, os alunos foram conduzidos à compreensão de que a base da exclusão social é, em grande parte, ética e cultural, e não apenas estrutural. Nesse sentido, Freire (1987) aponta que a educação crítica deve estimular o aluno a “ler o mundo” antes de “ler a palavra”, reconhecendo que as injustiças são resultado de relações humanas que precisam ser transformadas por meio do diálogo e da conscientização.

Assim, conseguimos enxergar que conceitos como acolhimento, empatia, respeito e cuidado foram destacados sendo fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Essa ênfase no aspecto moral e relacional remete ao pensamento de Piaget (1994), para quem o desenvolvimento da moralidade ocorre na interação social e na cooperação, e não por simples imposição de regras. Tal experiência vivenciada nas aulas, portanto, favoreceu o exercício da reciprocidade e da compreensão do outro, pilares da moral autônoma.

Notamos que outro aspecto relevante da aula foi a articulação entre as experiências práticas realizadas em aulas anteriores, como a simulação da deficiência visual, e a análise dos vídeos biográficos. Essa conexão pedagógica permitiu aos estudantes compreenderem que as vivências na Educação Física não estavam dissociadas da realidade social, mas dialogavam diretamente com os desafios enfrentados por pessoas com deficiência no cotidiano. Essa articulação teoria-prática reflete o princípio defendido por Freire (1996), segundo o qual o conhecimento é construído no encontro entre experiência e reflexão, possibilitando a formação de sujeitos éticos e críticos.

Percebemos que a aproximação entre prática corporal, mídia e debate ético favoreceu um processo de sensibilização que ultrapassa a dimensão escolar, ampliando o horizonte de reflexão para a vida em comunidade. Essa perspectiva é reforçada por La Taille (2009), ao afirmar que a educação moral deve promover a

formação de um “caráter ético”, no qual o agir responsável e solidário se manifesta tanto nas ações cotidianas quanto nas escolhas públicas.

Essa experiência pedagógica nos revela, portanto, a importância de integrar recursos audiovisuais, práticas corporais e debates na Educação Física, ampliando o papel da disciplina como espaço de formação integral.

1 - Análise de comerciais com ídolos

Os comerciais utilizados foram:



Neymar e Thiaguinho na praia
com @Guarana



Fonte: <https://youtu.be/R5N3pIIHY0Q?si=TugkAHBgEG1PjvEE>



Hortência - Comercial Havaianas
68M views · 2.9 mil visualizações · há 14 anos



Fonte: https://youtu.be/StU4wET-P_s?si=0gdA0OCeCcvRAmPE



Comercial Nike - Nossa Fadinha do Skate 🇧🇷🛹🏆🙌



Fonte: <https://youtube.com/watch?v=puf7nR5v24k&feature=shared>



Lebron James Nike Commercial - Swimming Pool



Fonte: https://youtu.be/YsoP6bjADic?si=d3aReIWib7ziYZ_T



Nike Commercial: Portugal vs Brasil



Fonte: <https://youtu.be/F2q7703-IFg?si=Ay6vM5yU3MYWHxhw>

Planejamos esta atividade com o objetivo de desenvolver nos alunos habilidades de leitura crítica da mídia, percepção ética e reflexão sobre valores e princípios associados à figura dos ídolos. Para isso, os alunos assistiram a diferentes comerciais em que ídolos esportistas eram protagonistas, promovendo produtos ou serviços, e, em seguida, discutimos em grupos as mensagens implícitas e os valores transmitidos.

Iniciamos a atividade contextualizando a importância da análise crítica da mídia: “Vocês já perceberam como os comerciais usam os ídolos para influenciar nosso comportamento? Vamos olhar com atenção e pensar: quais valores eles estão promovendo?”. Procuramos assim introduzir a dimensão ética da atividade, alinhada à pedagogia problematizadora de Freire (1996), que propõe a reflexão consciente sobre práticas sociais e culturais.

Durante a análise dos comerciais, surgiram reações variadas entre os alunos. Alguns manifestaram entusiasmo e identificação: “Olha é ele, que legal. Outros demonstraram pensamento crítico mais aguçado: “Ele tá mostrando isso só pra vender o produto.” Essas falas evidenciam o início de um processo de conscientização sobre manipulação e persuasão, fundamental para a formação de um olhar crítico diante da cultura midiática.

Em seguida, convidamos os grupos a refletirem sobre os valores e princípios implícitos nos comerciais. Alguns destacaram valores positivos, como perseverança, dedicação, solidariedade ou estilo de vida saudável. Outros, no entanto, identificaram mensagens problemáticas, o que nos evidenciou que os alunos foram capazes de desconstruir representações midiáticas, através de um movimento de reflexão moral e crítica, como proposto por La Taille (2006).

O debate coletivo permitiu a emergência da descentralização moral, conceito de Piaget (1994). Acreditamos que ao discutir os impactos e valores dos comerciais, os alunos aprenderam a considerar diferentes perspectivas, como o ponto de vista do ídolo, do publicitário e do público.

Ao final da atividade, o professor promovemos uma reflexão geral: “O que vocês aprenderam sobre os ídolos e sobre as mensagens dos comerciais?”. As respostas evidenciaram integração entre cognitivo, afetivo e moral: “Aprendi que não posso acreditar em tudo só porque ele é famoso”, “Percebi que os comerciais tentam mostrar uma coisa, mas nem sempre é o verdadeiro”. Essa síntese demonstra que a

atividade cumpriu seu propósito de desenvolver senso crítico e consciência ética, transformando a experiência em oportunidade de aprendizagem moral.

A atividade reforça novamente o papel da Educação Física como espaço não apenas de movimento, mas de formação integral do sujeito, integrando corpo, mente e ética.

2- Tribunal

Nossa proposta partiu da mediação do Professor, que assumiu o papel simbólico de juiz, com o objetivo de estimular o debate, a argumentação e a reflexão crítica sobre figuras de referência escolhidas pelos próprios alunos. A dinâmica envolveu a divisão da turma em cinco grupos, cada um responsável por representar um ídolo previamente pesquisado (Lebron James, Alanzoca, Cafu, Yuri Alberto e Vinícius Júnior) de modo a defender suas qualidades e, posteriormente, reconhecer também aspectos negativos de suas trajetórias.

Desde o início da atividade, organizamos a participação de forma dialógica, enfatizando o respeito à fala do outro e a escuta atenta: “Galera, para que o debate seja legal, eu preciso do silêncio”. Nossa postura de mediação reflete uma concepção de ensino inspirada em Freire (1996), quando defende a comunicação como base para a construção do conhecimento e da consciência crítica.

Ao propormos que os alunos debatessem e fizessem perguntas entre si, tivemos a intenção de deslocar o foco da aula de uma prática transmissiva para uma experiência interativa, em que o saber é construído coletivamente e o aluno assume o papel de sujeito ativo do processo educativo.

Na escolha dos ídolos, observamos uma diversidade significativa de referências, abrangendo esportistas, influenciadores digitais e jogadores de futebol. Esse conjunto revela a pluralidade de valores e identificações presentes no universo do jovem contemporâneo. As justificativas apresentadas pelos grupos evidenciam elementos afetivos, estéticos e éticos que sustentam suas escolhas.

O grupo que escolheu Lebron James, por exemplo, destacou sua “profissionalidade” e “movimentos no jogo”, apontando para o valor do esforço e da competência técnica. Já o grupo que defendeu o *streamer* Alanzoca enfatizou

aspectos como “carisma”, “humor” e a capacidade de “alegrar o dia”, revelando um tipo de admiração mais ligada à afetividade e à identificação pessoal.

Essas escolhas e justificativas nos permite compreender o que Yves de La Taille (2006) denomina de valores pessoais, que para ele são construções simbólicas que orientam as preferências, admirações e condutas, e que expressam a busca por um ideal de vida considerado bom. Quando os alunos afirmam, por exemplo, que “ele é uma pessoa boa” ou “alegra o meu dia”, estão revelando concepções implícitas sobre o que valorizam nas relações humanas e nas figuras públicas que os inspiram. Segundo La Taille (2006), o valor emerge da relação entre o sujeito e o outro, sendo fruto de uma dimensão tanto afetiva quanto cognitiva. Essa perspectiva dialoga também com Piaget (1994), que compreende a formação moral como resultado da interação social e da descentralização progressiva do eu, um movimento que para o autor, se expressa no exercício da escuta e na consideração das razões dos outros grupos.

O momento em que os grupos começaram a fazer perguntas uns aos outros foi especialmente significativo. Ao invertermos a direção tradicional da fala, a atividade abriu espaço para o protagonismo dos alunos e para o desenvolvimento da argumentação. Um dos alunos questionou: “Como vocês começaram a gostar de assistir os vídeos, as lives? Foi uma indicação de algum amigo, foi por descoberta própria?”. A resposta do outro grupo, ao relatar que o interesse surgiu “quando uma amiga começou a mostrar vídeos”, revela a influência da socialização e da cultura digital na formação de gostos e identidades.

Assim, o tribunal se transformou em um espaço de reconhecimento mútuo e de trocas simbólicas, aproximando-se da concepção freiriana de educação como prática de liberdade.

Em um segundo momento, conduzimos a reflexão sobre os aspectos negativos dos ídolos, problematizando a idealização excessiva: “Ninguém é perfeito. Vai pensando”. Essa virada discursiva foi essencial para deslocarmos o olhar dos alunos do campo da admiração incondicional para o da análise crítica.

As respostas, ainda que espontâneas, revelaram capacidade de reflexão moral e julgamento ético: um grupo afirmou que o ídolo “fala muito palavrão e tem crianças que o seguem”; outro mencionou que “colocou uma revista de pornografia no armário de um colega”, reconhecendo que “é uma brincadeira que passa dos limites”. Tais

enunciados nos evidenciam o início de um processo de avaliação moral, em que os alunos passam a ponderar as consequências das ações e a diferenciar comportamentos adequados e inadequados, movimento que, conforme Piaget (1994), marca a passagem da moral heterônoma à moral autônoma.

Ao final da aula, ampliamos a discussão, perguntando aos grupos qual ídolo escolheriam entre os dos colegas e por quê. As respostas foram atravessadas por valores como resiliência, superação e justiça, quando, por exemplo, um aluno afirmou que escolheria Vinícius Júnior “por causa do racismo que ele sofre, e ele supera isso”. Nessa fala, observa-se a presença do que La Taille (2006) chama de princípios morais, ou seja, valores generalizáveis que ultrapassam a esfera individual e dizem respeito ao modo como o sujeito compreende e se posiciona diante do outro.

O reconhecimento do preconceito e da superação aponta para o desenvolvimento da empatia e da justiça, categorias centrais na ética do respeito mútuo defendida por Piaget (1994) e La Taille. Oliveira e Dantas (1992).

Assim, observamos que o tribunal se configurou como uma estratégia pedagógica potente para o trabalho com valores e princípios no contexto da Educação Física. Através do jogo simbólico do julgamento, mobilizamos aspectos cognitivos, afetivos e morais, permitindo que os alunos elaborassem significados próprios sobre o comportamento humano, a responsabilidade e o convívio social. A aula também evidenciou que o espaço escolar pode acolher referências da cultura midiática juvenil sem perder sua função crítica e formativa, desde que o professor atue como mediador do pensamento e da escuta.

Percebemos que o ensino de Educação Física pode ultrapassar a dimensão técnica e corporal, promovendo a reflexão ética e o diálogo sobre os valores que estruturam as relações humanas. Ao colocarmos os alunos diante de seus próprios ídolos, a atividade lhes ofereceu a oportunidade de confrontar o ideal com o real, o desejo com a responsabilidade, e de exercitar o julgamento moral, elementos fundamentais para a formação integral e cidadã.

3 - Montagem de propaganda sincera em cartolina

Com essa atividade planejamos aprofundar a reflexão sobre valores, princípios éticos e comunicação responsável, dando continuidade às discussões iniciadas no

Tribunal dos Ídolos. Os alunos, organizados nos mesmos grupos do Tribunal, tinham como objetivo criar uma propaganda em cartolina sobre o ídolo que representaram anteriormente, expressando de forma sincera e crítica suas qualidades, conquistas e valores, sem recorrer a exageros ou distorções típicas de estratégias publicitárias comerciais.

Iniciamos a atividade contextualizando o objetivo: “A ideia aqui é mostrar quem o seu ídolo é de verdade, não só o que parece na mídia. Pensem nos valores que ele representa e como isso pode inspirar outras pessoas”. Buscamos assim situar a atividade como uma prática ética e reflexiva, conectando habilidades de comunicação à consciência moral, em consonância com a proposta de Freire (1996) de promover a educação problematizadora.

Durante a execução, os grupos se engajaram na seleção de informações e na criação visual da propaganda, discutindo quais características do ídolo mereciam destaque. Em muitos momentos, surgiram diálogos entre os alunos, ilustrando o processo de construção coletiva e crítica: “Vamos colocar que ele é persistente, isso todo mundo vai entender”, “Não exagera aqui, senão parece mentira”, “Ele já errou algumas vezes, mas aprendeu com isso, acho importante mostrar também”. Esses comentários demonstram a atenção à veracidade e à ética na representação.

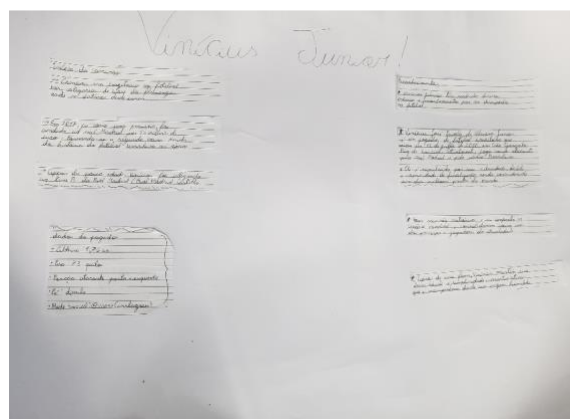
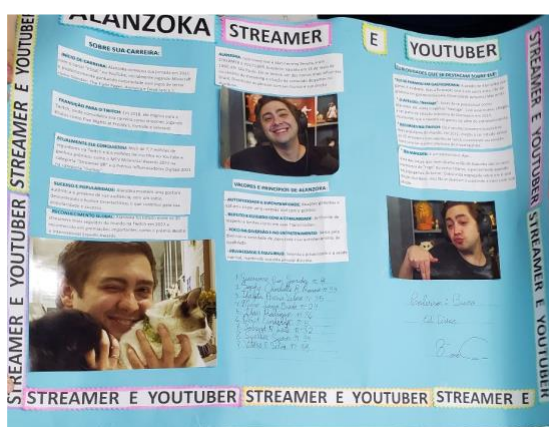
Alguns grupos recorreram à criatividade visual, utilizando desenhos, cores, slogans e pequenos textos para comunicar de forma clara os valores do ídolo. Durante a apresentação das ideias, surgiam falas espontâneas de reflexão ética: “Não precisamos só elogiar, podemos mostrar que ele também teve dificuldades”, “A propaganda sincera é mais interessante porque mostra que ele é humano”. Essas manifestações nos indicam a capacidade dos alunos de avaliar criticamente o conteúdo e o impacto da mensagem, exercitando empatia e reconhecimento da complexidade do outro, conforme enfatiza La Taille (2006).

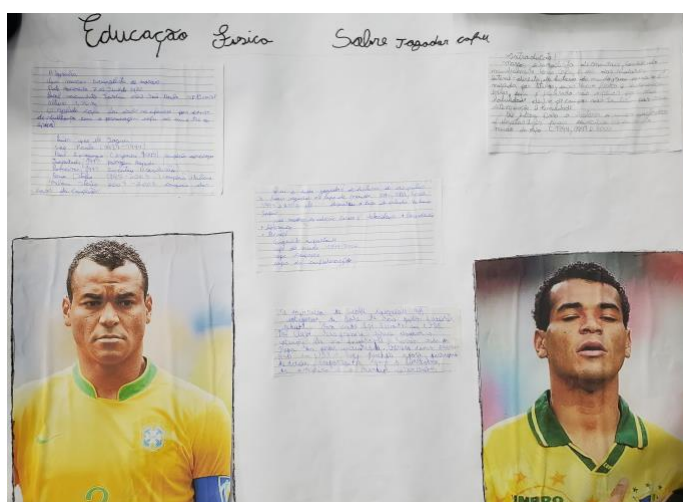
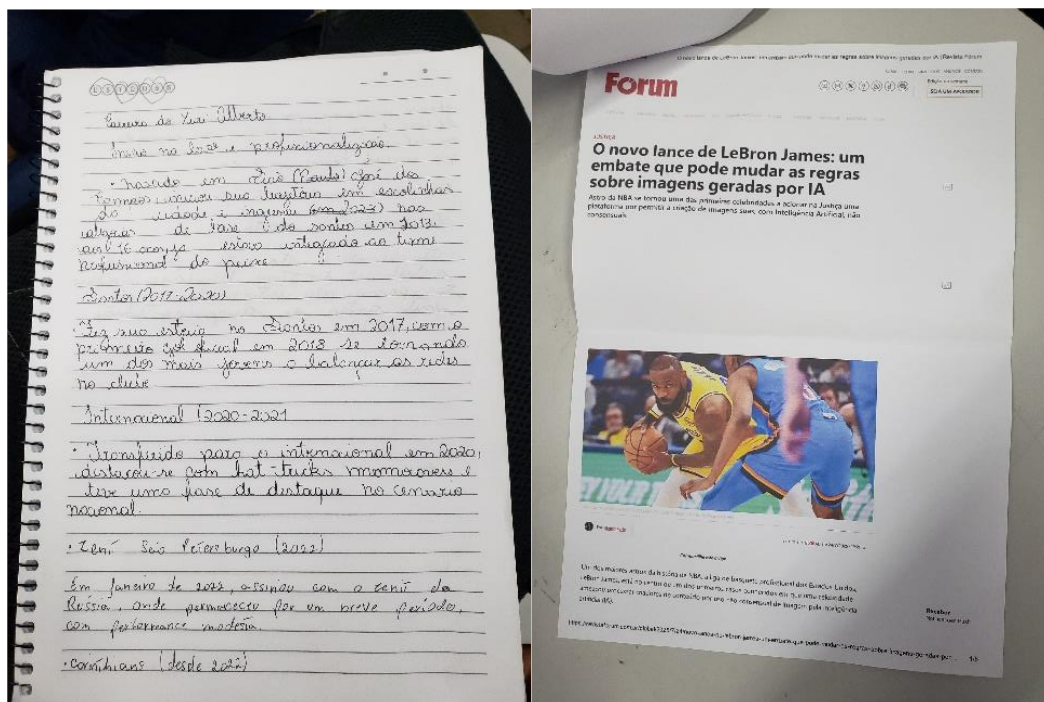
Ao final, cada grupo apresentou sua propaganda ao restante da turma. O professor incentivou comentários construtivos: “O que vocês aprenderam com a propaganda dos colegas? Concordam com a forma como eles retrataram o ídolo?”. As respostas revelaram aprendizagens de ordem cognitiva, afetiva e ética: “Apreendi que é importante mostrar o lado real das pessoas, não só o que parece legal”, “Dá pra perceber que todo ídolo tem qualidades e falhas. Ficou evidente para nós que esse diálogo final reforçou a dimensão crítica e reflexiva da atividade, evidenciando que a

Educação Física pode atuar como espaço de formação moral integral, articulando corpo, mente e valores.

A atividade de Montagem de “propaganda sincera” também funcionou como extensão prática do Tribunal dos Ídolos, consolidando aprendizagens anteriores sobre admiração, ética, valores e julgamento crítico. Ao transformar conceitos abstratos em representações visuais, buscamos fazer com que os alunos internalizassem o sentido da honestidade, coerência e respeito ao outro como princípios norteadores de suas produções.

A mesma característica foi encontrada ao recebermos, na aula seguinte, os trabalhos individuais sobre a biografia do ídolo escolhido.





Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Aulas 7 e 8 – Atividades extras

Recebimento do trabalho sobre as biografias:

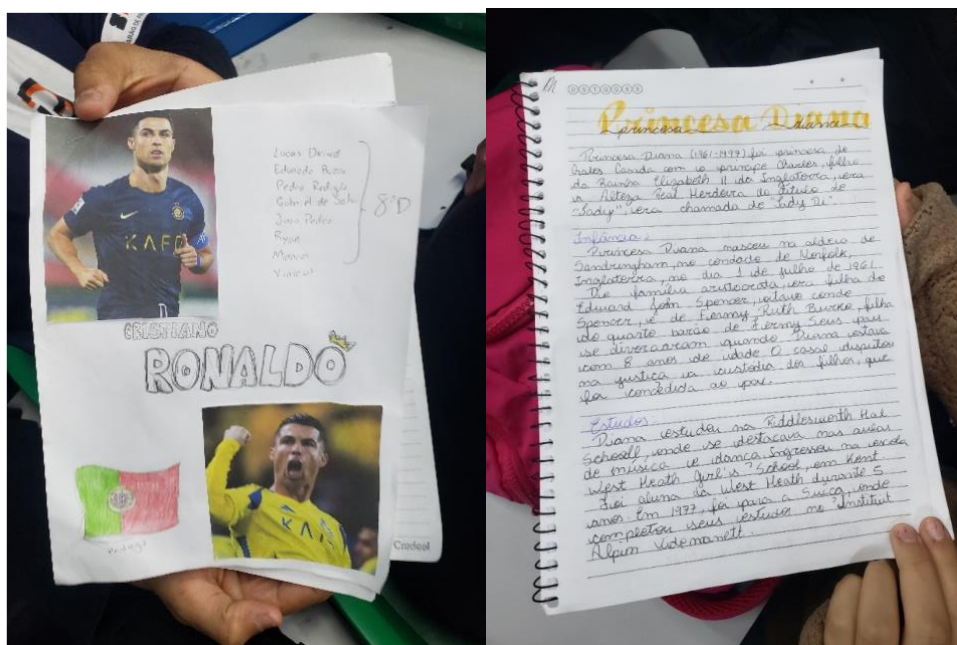
Percebemos que a proposta da atividade sobre a biografia do ídolo escolhido foi um desdobramento significativo das discussões anteriores sobre valores, princípios e exemplos de conduta. Solicitamos que os alunos pesquisassem e preparassem um pequeno trabalho escrito sobre a trajetória de uma personalidade admirada, preferencialmente do esporte, a ser entregue na aula seguinte. O objetivo foi que o

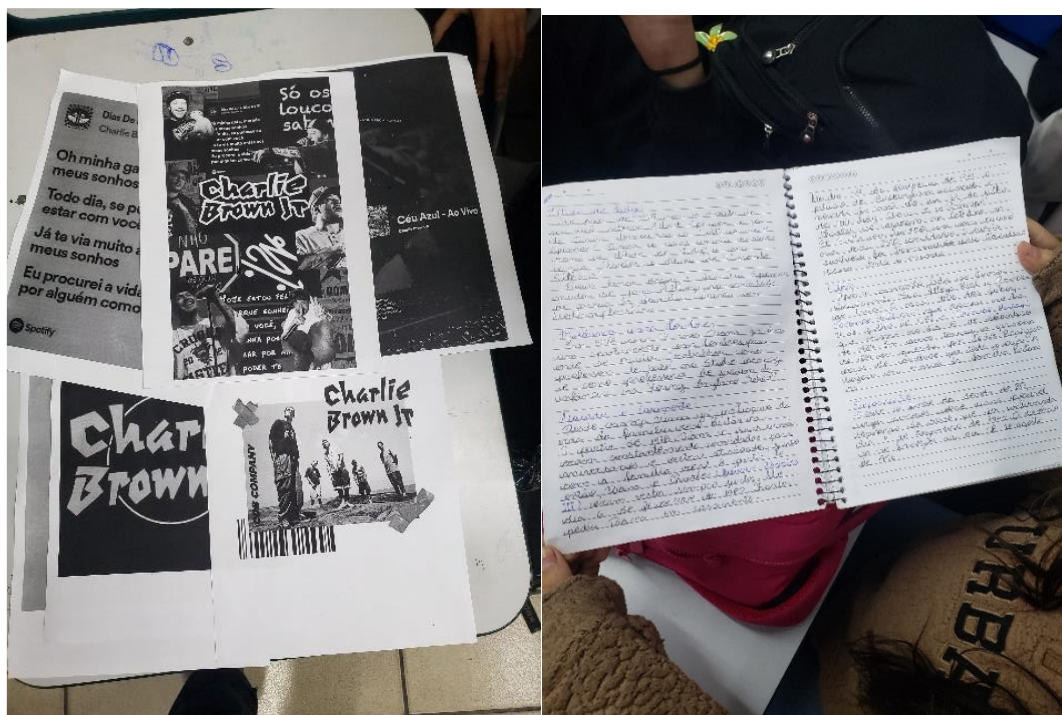
exercício de pesquisa e seleção despertasse a reflexão crítica sobre as razões que fundamentam a admiração por um ídolo e os valores morais implícitos nessa escolha.

Importante enfatizarmos que a atividade, portanto, não se limitou à produção escrita de uma biografia; foi um exercício de autoconhecimento e de construção de sentido moral. Ao selecionar, descrever e interpretar a trajetória de seus ídolos, os estudantes projetaram e reconheceram em si mesmos os valores que mais estimam, como persistência, solidariedade, coragem, humildade, responsabilidade, entre outros.

Acreditamos que o trabalho “Biografia do meu ídolo” evidenciou que o ídolo funciona como espelho moral, um mediador simbólico por meio do qual o aluno reflete sobre o que valoriza, o que deseja ser e o que rejeita. Ao reconhecer virtudes e contradições em seus modelos de admiração, os estudantes não apenas conheceram histórias inspiradoras, mas também aprenderam a olhar criticamente para os valores que orientam suas próprias ações, objetivo central da educação moral no contexto da Educação Física escolar.

Segue imagens de alguns exemplos de trabalhos entregues:





Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Atividades práticas:

Basquete sentado

Com essa prática tivemos a intenção de provocar nos alunos uma vivência corporal e moral que os levasse a refletir sobre valores humanos como cooperação, empatia, respeito, solidariedade e justiça. Ao modificar a lógica tradicional do jogo e exigir que todos permanecessem sentados, buscamos gerar uma ruptura na rotina motora dos estudantes, deslocando o foco da performance individual para o trabalho coletivo e o reconhecimento do outro.

Nos primeiros minutos de jogo, surgiram reações de frustração e estranhamento. Um aluno comentou: “Professor, assim não dá pra jogar direito!”. Isso nos revela uma característica de resistência à limitação e à adaptação. Para Piaget (1994), o contato com a regra e com a dificuldade é essencial para o desenvolvimento da moral da cooperação, pois força o sujeito a compreender que o jogo só acontece mediante o respeito a condições compartilhadas. Quando isso acontece, conseguimos perceber que os alunos começam a perceber que o desempenho individual perde sentido se não houver colaboração e diálogo com o grupo.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Conforme a atividade foi se desenvolvendo, a postura dos estudantes foi se transformando de maneira muito perceptível. Expressões como “Toca pra mim que eu tô mais perto!” e “Boa, quase foi!” indicam o surgimento de valores como cooperação e solidariedade, em que os alunos passam a reconhecer o esforço e a necessidade do outro. A valorização da tentativa e do apoio mútuo sugere o desenvolvimento da tolerância e da empatia, que, segundo La Taille (2006), constituem dimensões afetivas essenciais da formação moral. Sendo assim, o aluno deixa de valorizar apenas o êxito pessoal e passa dar crédito para o grupo como um todo. É possível enxergarmos aí uma transição entre o “eu” para o “nós”.

Conseguimos enxergar outros valores que emergiram de maneira sutil, mas não menos significativo. Como a persistência que apareceu quando, apesar da dificuldade imposta, os alunos continuam tentando acertar o arremesso e melhorar a coordenação coletiva. O respeito também se manifestou na escuta atenta das falas dos colegas e na aceitação das diferenças de habilidade. Já a humildade surgiu na consciência de que todos, em algum momento do jogo, iria precisar de ajuda. Foi

possível perceber isso em uma das falas de uma aluna: “Me ajudaram a acertar o passe, quero ajudar também.” Essa atitude reforça o caráter ético da atividade, aproximando-se da noção freiriana de educação dialógica, na qual o sujeito se forma no encontro e na solidariedade (Freire, 1996).

Handebol sentado

Aqui nosso objetivo foi estimular nos alunos a reflexão sobre inclusão, solidariedade e cooperação, a partir de uma vivência corporal que rompe com a lógica tradicional do esporte, pois ao jogarem sentados, os estudantes foram desafiados a repensar seus modos habituais de movimento e de relação com os colegas de equipe e adversários, experimentando um contexto em que o sucesso coletivo dependia diretamente da escuta, da coordenação e do respeito mútuo.

Nos primeiros momentos da prática, o desconforto e a resistência ficaram evidentes. Vivenciamos várias dificuldades de adaptação e como consequência, a necessidade de cooperação. Segundo Piaget (1994), situações em que as regras exigem reorganização coletiva favorecem a transição da moral heterônoma para a moral autônoma, pautada na compreensão e negociação das regras. Essa transição foi visível para nós à medida em que os alunos perceberam que, sem colaboração, o jogo simplesmente não acontecia.

Com o decorrer do jogo, os estudantes passaram a desenvolver novas estratégias, construindo formas de cooperação espontânea: “Fica mais perto pra eu passar!”, “Vamos juntos!”. Essas expressões nos revelam o surgimento de valores como cooperação, respeito e solidariedade, evidenciando um deslocamento do foco individual para o coletivo. Ao dependerem mais uns dos outros, os alunos experienciaram o que La Taille (2006) define como descentralização moral e afetiva, ou seja, desenvolveram a capacidade de perceber o ponto de vista e a necessidade do outro, condição esta fundamental para o desenvolvimento da empatia e da justiça.

Percebemos que a limitação física temporária, vivida por todos, despertou a empatia nos alunos. Essa situação sintetiza a vivência de valores como interdependência, humildade e reconhecimento do outro. Acreditamos que ao experimentar o limite do corpo, os alunos foram levados a compreender que o respeito

e a cooperação não são apenas exigências morais abstratas, mas condições reais de convivência e de pertencimento.

Notamos que a atividade também possibilitou o desenvolvimento do valor da justiça, que conforme La Taille (2006), seria a busca por equilíbrio nas relações. Tal situação ocorreu pois ao perceberem que todos estavam sujeitos às mesmas restrições e que o sucesso dependia do esforço coletivo, acreditamos que os alunos internalizaram uma noção prática de justiça, na qual as diferenças são compensadas pela cooperação e pelo cuidado.

Podemos informar que tal atividade se revelou uma potente ferramenta de formação moral, na medida em que articulou experiência corporal, emoção e reflexão crítica. Valores como cooperação, solidariedade, empatia, respeito, tolerância, humildade e justiça emergiram de forma significativa.

Temos mais um indício da potencialidade da Educação Física, pois essa prática confirma que o movimento, quando intencionalmente pedagógico, pode se tornar um meio privilegiado para a construção ética do sujeito e para o fortalecimento do senso de humanidade.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Vôlei sentado

Utilizamos o vôlei sentado como uma continuidade do trabalho com modalidades adaptadas, buscando levar os alunos a refletirem sobre inclusão, respeito às diferenças e equidade nas relações coletivas. Diferente do jogo convencional, o formato sentado exigiu uma reorganização completa das ações motoras e cognitivas, colocando todos os participantes diante de um novo desafio corporal e simbólico.

Assim como nos jogos anteriores, à medida que o jogo se desenvolvia, percebemos que os alunos passaram a perceber que o desempenho coletivo dependia menos da habilidade individual e mais da comunicação, paciência e solidariedade. Um deles comentou: “Se a gente não combinar quem pega, a bola vai cair toda hora.” Essa fala demonstra a emergência da cooperação como valor central, entendido, segundo Piaget (1994), como um estágio avançado de moralidade, no qual as regras são compreendidas e ajustadas em função do bem comum.

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi a forma como os estudantes valorizaram as pequenas conquistas. Um exemplo disso foi quando um grupo conseguia fazer uma sequência de passes sem deixar a bola cair, e esse fato era bastante celebrado. Tal alegria compartilhada expressa o valor da solidariedade, no sentido proposto por La Taille (2009), de que o prazer moral está vinculado ao reconhecimento do outro e à consciência de pertencimento a um coletivo.

Durante o jogo, também evidenciamos atitudes de empatia e paciência, especialmente em relação aos colegas que apresentavam maior dificuldade em se adaptar à posição sentada, refletindo a vivência do valor da compreensão e do cuidado, o que vai novamente ao encontro da perspectiva freiriana de educação dialógica, no qual o aprender é sempre um ato solidário, mediado pela escuta e pela valorização da experiência do outro (Freire, 1996).

Assim, o vôlei sentado nos mostrou ser um meio potente de aprendizagem moral e afetiva, estimulando o desenvolvimento de valores fundamentais à vida coletiva e à cidadania, como respeito, empatia, equidade e solidariedade, reafirmando mais uma vez o papel da Educação Física como espaço de formação integral e emancipadora.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Jogo da bola vendada

A atividade consistiu em organizar os alunos sentados em roda, todos vendados, com o desafio de passar uma bola envolta em uma sacola que produzia som ao ser movimentada. O objetivo aparente era simples: manter a bola circulando sem deixá-la parar. Na prática, a vivência mobilizou dimensões morais e afetivas, revelando a importância da confiança, da escuta e da cooperação para o convívio em grupo.

Nos primeiros momentos, percebemos um clima de insegurança e curiosidade. Alguns alunos demonstraram ansiedade ao colocar a venda. Notamos que a ausência da visão provocou uma ruptura simbólica importante, pois sem poder controlar visualmente o ambiente, os estudantes precisaram confiar no outro e desenvolver a escuta como forma de orientação. Essa situação, aparentemente lúdica, produziu o que La Taille (2006) denomina de experiência de descentralização afetiva, na qual o sujeito precisa abrir mão do controle individual e reconhecer o papel do outro como mediador da própria ação.

À medida que a bola começou a circular, as falas se tornaram mais colaborativas: “Vai pra direita!”, “Pegou aí?”, “Passa devagar pra não cair!”. Essas falas nos revelam o surgimento de valores como solidariedade, cooperação e

paciência, construídos pela necessidade de manter o jogo acontecendo. Nesse sentido, Piaget (1994) observa que o jogo coletivo é um espaço privilegiado para o desenvolvimento da moralidade autônoma, pois nele as regras são negociadas e a ação moral emerge da reciprocidade entre os participantes.

Durante a atividade, também foi possível percebermos o valor da confiança, fundamental para que o jogo acontecesse. Pois estando todos privados da visão, cada aluno dependia da honestidade e da responsabilidade dos colegas. Um deles, ao receber a bola de forma inesperada, disse: “Tem que avisar antes!”, e o outro respondeu: “Foi mal, achei que você já tava preparado.” Nessa conversa se manifesta a noção prática de cuidado e responsabilidade pelo outro, valores morais essenciais para a convivência, que, segundo Freire (1996), se constroem na prática dialógica, quando o sujeito reconhece o outro como parte constitutiva do próprio processo de aprender e ser.

Ao colocarmos a bola intencionalmente dentro de uma sacola, para que esta produzisse ruído, tivemos como objetivo trazer à tona a importância da atenção e da escuta sensível. Um aluno observou, após alguns minutos de prática: “Dá pra saber onde tá a bola só pelo barulho.” Esse comentário nos evidencia o desenvolvimento de uma sensibilidade ampliada, não apenas auditiva, mas ética, ou seja, a capacidade de ouvir o outro como forma de compreender o contexto coletivo. A escuta, nesse caso, tornou-se uma necessidade moral, pois todos deveriam colaborar para que o silêncio existisse no ambiente naquele momento.

Em termos pedagógicos, podemos afirmar que o jogo se mostrou potente para o desenvolvimento de valores como confiança, cooperação, paciência, escuta, solidariedade e responsabilidade, todos fundamentais para a convivência em sociedade.

Nessa atividade procuramos criar um ambiente de igualdade simbólica, no qual as diferenças físicas se diluíram e o grupo precisou funcionar como uma totalidade interdependente.

Do ponto de vista da Educação Física escolar, essa vivência nos reafirma que o movimento pode ser espaço de formação moral e emocional, na medida em que coloca o corpo em situações de desafio que exigem o exercício da sensibilidade e do respeito mútuo.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

APÊNDICE 6

DIÁRIO DE BORDO

Utilizamos o “diário de bordo” como instrumento de registro reflexivo durante a realização da intervenção pedagógica composta por oito aulas de Educação Física. Buscamos anotar percepções, falas significativas dos estudantes, situações vivenciadas durante as atividades e reflexões pedagógicas relacionadas à construção de valores morais, éticos e sociais no contexto escolar.

28/07/2025 - Aulas 1 e 2 – Valores e Princípios nos Esportes e na Vida / Valores em Esportes Inclusivos

Nas duas primeiras aulas iniciamos um debate sobre o significado de valores e princípios tanto no esporte quanto na vida cotidiana. Os estudantes ao serem questionados sobre o que entendiam por valores associaram o conceito a ideias como caráter, educação, qualidade, atitudes e características pessoais. Durante a conversa, alguns estudantes mencionaram que valores ajudam a definir se uma pessoa é “boa ou ruim”, como afirmou um dos alunos ao dizer que valor é “uma coisa que define se a pessoa é boa ou ruim”. Em outro momento, ao refletirem sobre valores pessoais, surgiram também falas que evidenciaram tensões entre discurso e prática, como quando um aluno afirmou não possuir “nenhum” valor, enquanto outro declarou possuir “respeito e empatia”, sendo questionado pelos colegas sobre se suas atitudes realmente demonstravam esses comportamentos.

Na sequência, discutimos o conceito de “jogar limpo”. Os estudantes mencionaram atitudes como “não trapacear”, “não subornar” e agir com “honestidade”, além de destacar que jogar limpo também significa “não querer machucar o adversário”. Essas falas evidenciaram que os estudantes já possuem referências morais associadas à honestidade, ao respeito e à responsabilidade nas práticas esportivas.

Na parte prática da aula realizamos atividades inclusivas, como a corrida cega, em que um aluno vendado era guiado por um colega, e uma corrida simulando limitações corporais. Durante essas atividades surgiram falas de orientação e cuidado entre os estudantes, como “calma, eu vou devagar para você não cair”, “confia em mim que eu te explico o caminho” e “é difícil ficar no lugar do outro”. Essas situações

evidenciaram a emergência de atitudes de cuidado, responsabilidade e cooperação entre os estudantes. Em outra atividade, ao vivenciarem a corrida com uma perna, alguns alunos comentaram: “é difícil demais, agora entendi o esforço das pessoas com deficiência” e “tem que esperar o colega conseguir se equilibrar”. Tais manifestações indicaram que a experiência despertou reflexões sobre as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência e sobre a importância da empatia nas relações sociais.

04/08/2025 - Aulas 3 e 4 – Ética e Justiça nos Jogos / Ídolos e Influência de Valores

Nas aulas seguintes retomamos as experiências anteriores, especialmente a atividade de condução com os olhos vendados. Ao serem questionados sobre como se sentiram ao depender do colega, muitos estudantes responderam imediatamente que sentiram “medo”. Esse relato revelou a dimensão emocional envolvida na confiança entre os participantes e abriu espaço para discutir responsabilidade e cuidado nas relações. Um dos alunos sintetizou essa percepção ao afirmar que, em uma situação como essa, é importante “não trair a confiança”, enquanto outro destacou que o colega poderia “machucar, querendo ou não”, reconhecendo assim a responsabilidade envolvida na condução do parceiro.

Realizamos também uma atividade de queimada com regras desiguais entre as equipes. A desigualdade intencional provocou reações imediatas dos alunos, que afirmaram que “não é justo eles terem mais vidas” e que “a gente fica em desvantagem”. Alguns estudantes chegaram a comentar que a situação parecia “até que estão trapaceando”. Ao mesmo tempo, surgiram também estratégias de cooperação, como quando alguns alunos afirmaram que “a gente tem que se ajudar mais porque eles estão com vantagem”.

Ainda nessas aulas desenvolvemos uma dinâmica de mímica em que os estudantes representavam ídolos escolhidos previamente. Durante a atividade observamos manifestações de cooperação e paciência entre os colegas, que incentivavam uns aos outros com comentários como “calma, deixa ele terminar a mímica” e “ajuda aí, gente, ele está tentando”. No debate que se seguiu, os alunos destacaram características admiradas em seus ídolos, como superação e solidariedade, afirmando, por exemplo, que admiram determinadas figuras porque “ele venceu muita coisa na vida, mesmo com dificuldade” ou porque “ajuda muita gente”.

11/08/2025 - Aulas 5 e 6 – Ele merece ser seu ídolo? / Mídia e Construção da Imagem de Ídolos

Nas aulas cinco e seis aprofundamos o debate sobre ídolos e influência social. Inicialmente discutimos dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência e os estudantes identificaram aspectos relacionados à falta de acesso e às desigualdades sociais. Um aluno destacou que existe “falta de acesso em todos os sentidos”, enquanto outros apontaram atitudes problemáticas presentes na convivência cotidiana, como “falta de respeito” e “falta de gentileza”.

Posteriormente realizamos a atividade denominada “Tribunal dos Ídolos”, na qual os grupos deveriam apresentar qualidades e também possíveis falhas de figuras públicas que admiravam. Durante essa dinâmica, os alunos demonstraram capacidade de analisar criticamente seus próprios ídolos. Um estudante comentou, por exemplo, que seu influenciador favorito “fala uns palavrões que não são necessários”, enquanto outro mencionou que determinado jogador “era meio maldoso nos vestiários”, destacando que esse tipo de comportamento “passa do limite”.

A atividade também exigiu organização coletiva, respeito ao tempo de fala e escuta entre os grupos. Em diversos momentos foi necessário orientar os estudantes para manter o silêncio e garantir que todos pudessem participar do debate. Mesmo assim, observamos interações interessantes entre os grupos, como quando um grupo questionou o outro perguntando “como vocês começaram a gostar das lives?”, demonstrando curiosidade e abertura para compreender as escolhas dos colegas.

Durante as discussões, também surgiram manifestações de solidariedade e reconhecimento das injustiças sociais, como quando um aluno comentou sobre o jogador Vinícius Júnior afirmando que admira o atleta porque “mesmo ele tendo sofrido muitos preconceitos, ele continuou”.

18/08/2025 - Aulas 7 e 8 – Práticas de esportes adaptados e apresentação das biografias dos ídolos

Nas duas últimas aulas realizamos vivências de esportes adaptados, como voleibol e basquetebol com adaptações nas regras, além de atividades que simulavam limitações sensoriais, como o jogo da bola vendada. Durante essas práticas, os estudantes demonstraram surpresa diante das dificuldades encontradas e comentaram entre si que “tem que esperar o colega conseguir se equilibrar” e que “a gente tem que combinar bem para conseguir jogar”.

Na atividade com a bola vendada, surgiram diversas falas de orientação entre os colegas, como “vai mais para a esquerda”, “cuidado” e “devagar que tem gente na frente”. Essas interações evidenciaram a importância da comunicação e da cooperação para o desenvolvimento da atividade, reforçando também a necessidade de confiança entre os participantes.

Posteriormente, os estudantes apresentaram os trabalhos sobre a biografia de personalidades que consideravam inspiradoras. As apresentações revelaram histórias marcadas por dedicação, superação e esforço pessoal. Em diversos momentos, os alunos justificaram suas escolhas afirmando que admiram determinados ídolos porque “não desistiram mesmo passando por dificuldades” ou porque “ajudam outras pessoas”.

Durante as apresentações, os estudantes demonstraram interesse pelas histórias relatadas pelos colegas e realizaram perguntas sobre as trajetórias apresentadas. Em alguns casos, foi possível observar que certos alunos passaram a valorizar também ídolos escolhidos por outros grupos, ampliando suas referências de admiração.

No encerramento da sequência de aulas realizamos uma reflexão coletiva sobre os valores discutidos ao longo de todo o processo. Os estudantes relacionaram as experiências vivenciadas nas atividades práticas e nos debates com conceitos como respeito, empatia, cooperação, justiça e solidariedade. Esse momento final indicou que as atividades desenvolvidas contribuíram para promover reflexões sobre valores no contexto das aulas de Educação Física, articulando experiências corporais, diálogo e análise crítica das práticas sociais.

APÊNDICE 7

Transcrição das respostas, na íntegra, dos estudantes durante as aplicações das aulas “não práticas” e respectivas análises.

Aula 1 – Valores e Princípios nos Esportes e na Vida / Aula 2 – Valores em Esportes

Professor - O que são valores?

Aluno 1 - “qualidade”; “educação e princípios”;

Aluno 2 - “caráter”;

Aluno 3 - “uma coisa que define se a pessoa é boa ou ruim”;

Aluno 4 - “características de uma pessoa”; “atitudes”;

Aluno 2 - “empatia como exemplo”.

Aluno 1 - “características”; “aprendeu com a família e leva para a vida.”

Professor - Que valores e princípios vocês acham importante que uma pessoa tenha?

Aluno 2 - “confiável; respeito; honestidade.”

Aluno 5 – “educação; empática; alegria; gentileza.”

Aluno 1 – “amigável; prestativo; ser bom ouvinte; ser comunicativa.”

Professor - Sobre vocês, quais valores e princípios que acham que tem?

Aluno 6 - “nenhum.”

Aluno 4 – “respeito e empatia” (a sala discordou);

Aluno 5 – “educação; honestidade; engraçado;

Aluno 1 – “orgulho; responsável”

Professor - Jogando para a Educação Física e para os esportes...Fair play: atitude de bom senso durante um jogo. Jogar limpo...

O que é jogar limpo para você?

Aluno 5 - “não trapacear; não subornar; honestidade.”

Aluno 7 – “não querer machucar o adversário.”

Professor - Transferindo para as nossas aulas...o que é jogar limpo?

Aluno 7 - “sem machucar os colegas; sem xingar; sem trapacear nos jogos.”

Aluno 1 – “seguir o combinado nas aulas de Educação Física”

Professor - Jogar limpo é ficar de fora da aula?

Aluno 1 - “Não”

Professor - Transferindo para as nossas vidas, o que é jogar limpo?

Aluno 1 - “não enganar ninguém; não se enganarem; não roubar; não trair.”

Aluno 8 – “não tirar sarro dos outros; não humilhar; não brigar.”

Aluno3 – “não brincar com sentimentos dos outros.”

Professor – “O jogar limpo tem tudo a ver com os valores e princípios que discutimos. Nosso comportamento nas aulas, nos jogos nada mais são do que o reflexo de quem somos fora da escola. Nosso perfil, nossas características. Por exemplo, se uma pessoa trapaceia em jogo que fazemos em nossas aulas, muito provavelmente ela faça a mesma coisa fora da escola em outras situações.

Se eu pensar em uma escola de 20, 25 anos atrás a escola era totalmente diferente. Tanto o comportamento dos alunos como dos professores. O sistema de funcionando. Toda essa mudança em pouco tempo gerou uma problemática difícil de ser controlada. Gerou um choque de valores e princípios.

Até o professor conseguir dar aula ele precisa quebrar uma série de valores e princípios, o que é desgastante. Torna a aula chata. O professor gosta

de dar aula, mas geralmente não gosta de ter que pedir o básico, o óbvio. Sendo assim, a aula se torna maçante, chata.

O maior prejudicado é o aluno que não entende o porquê está sendo chamado a atenção...porque ele vai levar pra vida. Repete um comportamento automatizado, sem pensar sobre isso. Apenas reproduz.

Pensem na sala de vocês...sem falar, apenas pensem em que colegas vocês confiam. Isso tá diretamente ligado aos valores e princípios que as pessoas demonstram.

Faz sentido essa conversa para vocês?”

Aluno 1 - “Sim”; “conversei sobre isso com meus pais, e eles estavam falando que realmente mudou, até maneira de se dirigir aos pais, que antigamente era ‘senhor’ e ‘senhora’;

Aluno 8 - “bebezinho usando corrente; menina criança de shorts curto, criança tem que usar coisa de criança”, as crianças nem brincam mais”.

Obs.: Então fomos para a prática

corrida cega;

corrida 100m uma perna, duas pernas;

vídeos modalidades paralímpicas e cotidianas ficou para a próxima aula.

Aula 3 – Ética e Justiça nos Jogos (queimada) / **Aula 4 – Ídolos e Influência de Valores** (mímica; filmes bibliográficos; pedido de material debate)

Aula sobre deficiência visual e paralímpicos.

Professor – “Pessoal, nessa atividade aí que a gente fez simulando aquela deficiência visual, então a sua dupla não enxergava, correto?

Como que vocês se sentiram quando vocês passaram a depender do outro?

Vocês tinham que ter confiança no outro?

Qual foi a sensação que vocês tiveram quando fizeram aquela atividade?"

Aluno 3 – “Medo.”

Aluno 9 – “Medo.”

Aluno 7 – “Medo.”

Aluno 1 – “Medo.”

Professor – “Pessoal, o que era importante nessa atividade?"

Aluno 3 – “Não trair a confiança.”

Aluno 1 – “Porque ele podia te machucar, querendo ou não.”

Professor – “Porque vocês não estavam enxergando nada, né? Que valores vocês acham que a gente tinha que ter? E principalmente o seu parceiro ali da atividade tinha que ter para que vocês se sentissem melhores para fazer?"

Aluno 2 – “Autocontrole.”

Aluno 4 – “Autocontrole para ele não ficar afobado e não conseguir te auxiliar.”

Aluno 7 – “Sinceridade.”

Professor – “E aí vocês concordam que se vocês tivessem uma visão positiva sobre os valores e princípios sobre a pessoa que foi o seu par naquela atividade, vocês ficariam mais tranquilos?”

Aluno 7 – “Sim...com certeza.”

Professor - “Então vocês concordam que o contrário também existe. Se você transmitir para os seus colegas, demonstrar através de comportamentos e atitudes que vocês são confiáveis, têm valores legais, princípios legais, o outro também se sentiria mais tranquilo a ficar vendado, sendo conduzido por você.

Então isso, pessoal, é uma relação direta, né?

A gente faz um paradoxo aí com a nossa situação do dia a dia.”

Aluno 3 – “Na maioria das vezes, a gente depende do outro.”

Professor – “A vida do ser humano é uma relação com o outro.”

Aluno 1 – “O tempo inteiro a gente está se relacionando com alguém.”

Professor – “E se a gente passa a ter uma relação com pessoas de valores maiores, melhores, princípios melhores, de determinados valores e princípios, tudo fica mais fácil.”

Aluno 1 - Isso deve partir da gente.

Professor – “Então, quando a gente fez aquela atividade paralímpica, simulando a deficiência visual, não é só a deficiência visual. na base, no princípio daquilo.

Se você tivesse feito com outro par, talvez a percepção da atividade teria sido totalmente diferente.

Imagina fazer uma brincadeira dessa com quem você não confia.

Se você fizesse uma brincadeira dessa com quem você não confia, como você ia se sentir?”

Aluno 4 – “Aí, ó, podendo dar a sua cara na parede.”

Aluno 8 – “Não tem uma proximidade, tem uma intimidade.”

Professor – “E a intimidade é construída como? Através do quê?”

Aluno 9 – “Relacionamentos, convivências.”

Aluno 1 – “E a gente tende a se aproximar e se relacionar com as pessoas que a gente confia mais.”

Professor – “Beleza, agora pessoal, eu separei dois vídeos para vocês, eu vou pôr na televisão, já linkando com essa atividade que relembramos sobre os esportes paralímpicos.

O primeiro é sobre esporte paralímpico e o segundo é sobre uma pessoa com deficiência no dia a dia.

Então primeiro assistam e depois a gente vai conversar sobre isso.”

Obs.: Foi pedido o material para o debate da próxima aula e fomos para a prática: vídeos que ficaram da aula anterior/ vídeos curtos de biografia/ queimada/ mímica.

Aula 5 – Ele merece ser seu Ídolo? / Aula 6 – Mídia e Construção da Imagem de Ídolos

Professor – “No vídeo dos esportes paralímpicos, quais foram as principais dificuldades que vocês enxergaram?”

Aluno 5 – “Um esforço acentuado.”

Professor – “Esforço acentuado, o que mais? O que mais? Quais são as dificuldades que vocês viram ali?”

Aluno 2 – “Dificuldade de aceso, visibilidade.”

Professor – “Isso quando a gente joga pro vídeo da vida real, né?”

Aluno 2 – “Sim.”

Professor – “É, mas nos esportes, para o atleta em geral, o que é mais difícil em relação a uma pessoa dita como não deficiente, ele praticar?”

Aluno 1 – “É muito mais difícil, mais complicado.”

Professor – “Quais são as desvantagens que existem?”

Aluno 1 – “De adaptação.”

Professor – “O que exige mais do atleta, da pessoa?”

Aluno 10 – “A pessoa tem que ter um psicológico bom.”

Aluno 3 – “A locomoção, a mobilidade.”

Aluno 11 – “O condicionamento, às vezes, é muito mais exigido, né? Dependendo do movimento que ele tem que fazer.”

Professor - Pessoal, e no dia a dia? Aquele vídeo do dia a dia, que mostra as dificuldades dos deficientes.

Qual dificuldade que vocês enxergaram?”

Aluno 4 - “Tem a questão dos preconceitos.”

Aluno 12 – “Falta de acesso em todos os sentidos. No sentido físico, de andar na rua, subir na calça.”

Aluno 13 – “Caos.”

Professor – “Sim. E vocês viram o que fala na reportagem?”

Aluno 1 - “Questão de estudo, mercado de trabalho. Então, também é um acesso que é mais difícil. E, para ser contratado.”

Aluno 12 – “Posso falar uma vantagem professor?”

Professor – “Pode.”

Aluno 12 – “Tem toda essa dificuldade, mas por um lado tem algumas regras que facilitam. Por exemplo no estacionamento, né? E a fila.”

Professor – “Isso diz respeito a um valor da sociedade. Que valor que é esse?”

Aluno 12 – “Uma inclusão, com respeito.”

Aluno 3 – “Você se coloca no lugar do outro.”

Aluno 1 – “Então é um valor ali que minimiza um pouco da dificuldade.”

Professor – “O que mais vocês enxergaram, galera? Essas pessoas que não respeitam. Quais problemas vocês enxergam ali? Quais valores vocês enxergam que não tem?”

Aluno 1 – “Falta de respeito.”

Aluno 3 – “Falta de gentileza.”

Professor – “Então veja, pessoal, que a problemática de uma sociedade, a base da problemática sempre é o valor em princípio. E a gente vê alguns valores que se não existir, não é possível que aconteçam as atividades, por exemplo, que a gente fez na Educação Física.”

“Quando a gente pensa nas atividades de Educação Física que a gente fez sobre as paralimpíadas e principalmente essa atividade da deficiência visual, que vocês dependiam dos seus pares, assistindo esses vídeos dos esportes paralímpicos e do dia a dia de um deficiente, das dificuldades, quais os principais valores que precisam existir na sociedade? Para que fique mais fácil para os deficientes.”

Aluno 5 – “Acolhimento.”

Aluno 10 – “Empatia.”

“Aluno 13 – “Respeito.”

Aluno 1 – “Carinho.”

Aluno 5 – “Sentimento.”

Professor – “Fica claro que qualquer problemática que a gente levantar vai ter como base os princípios e os valores?”

Se tiver uma sociedade ou pessoas embutidas ali que não tem determinados princípios e valores, tudo vai ficar mais difícil.”

Fomos para a prática: Tribunal;

Tribunal:

Professor – “Grupo 1, qual que é o ídolo?”

Aluno 3 – “Lebron James.”

Professor – “Beleza. Grupo 2, qual é o ídolo?”

Aluno 5 – “Alanzoka.”

Professor – “Grupo 3?”

Aluno 13 – “Cafu.”

Professor – “Obrigado. Grupo 4?”

Aluno 11 – “Yuri Alberto.”

Professor – “Obrigado.”

Professor – “São cinco grupos? Não é um grupo só aqui?”

Professor – “Então, pessoal, é melhor ser separado.”

Professor – “O combinado eram quatro grupos, né?”

Professor – “Qual que é o ídolo de vocês?”

Aluno 7 – “Vinícius Júnior.”

Professor – “Obrigado.”

Professor – “Galera, para que o debate seja legal, eu preciso do silêncio.”

Professor – “A primeira coisa que eu vou perguntar para os grupos, e vocês prestem atenção na resposta dos outros grupos, para poder debater depois.”

Professor – “Grupo 1. Qual foi o motivo que vocês escolheram Lebron James?”

Professor – “Quem for dar a resposta, dá a resposta em voz alta e a sala tem que estar em silêncio. É necessário que vocês ouçam a resposta dos grupos.”

Professor – “Grupo 1, qual o motivo que vocês escolheram o Lebron James?”

Aluno 3 – “Ah, porque eu acho um personagem muito importante também, e a gente gosta bastante do time dos Lakers, né, que é o Lakers dos Estados Unidos, né, e por causa que ele é bem profissional em jogo, assim, então, assim, entendeu?”

Aluno 6 – “Ele cria bastante movimento nesse jogo também, com bastante prática também.”

Professor – “Conseguiram ouvir o que o grupo 1 falou? Seria legal até que vocês anotassem para lembrar.”

Professor – “Grupo 2. Por que vocês escolheram Alanzoka?”

Aluno 5 – “Porque ele faz muitas lives, jogando jogos legais, e eu acho ele uma pessoa muito carismática, muito engraçada, e ele tem uma dicção um pouco duvidosa, e quando ele é...”

Aluno 4 – “Então, às vezes, ele alegre no meu dia, sabe?”

Aluno 5 – “E os jogos que eu jogo também, são jogos que eu me interessou, sabe? E o motivo dele fazer live na Twitch também é bem legal, porque eu consigo acessar e ver as lives dele, sabe? Eu escolhi ele por isso.”

Aluno 9 – “E porque eu acho que ele é uma pessoa boa, sabe?”

Professor – “Beleza. E foi fácil vocês entrarem em um acordo dos ídolos?”

Aluno 5 – “Porque a gente aqui no Brasil gosta bastante de ver lives de pessoas que jogam, então todo mundo chegou em consenso dele porque ele é bem legal.”

Professor – “Legal.”

Professor – “O grupo 1, foi fácil escolher? Todo mundo entrou de acordo rápido? Foi fácil?”

Aluno 3 – “Foi, né? Muito carinho, né?”

Professor – “Grupo 3.”

Aluno 14 – “Então, senhor, a gente colocou o Cafu por causa da história de persistência dele, que foi da hora que ele já foi rejeitado em mais de cinco primeiras, também que ele foi o capitão do tetra Campeonato do Penta Campeonato do Brasil, e

também que ele é ídolo na Roma, no Minas. Então ele é ídolo em vários times europeus.”

Professor – “Beleza, então ele é um bom profissional. Foi difícil vocês entrarem no acordo do ídolo?”

Aluno 13 – “Não.”

Professor – “Grupo 4?”

Aluno 11 - “Yuri Alberto. Porque a gente gosta muito da personalidade dele.”

Professor – “Todo mundo torce pro mesmo time, é isso?”

Aluno 15 – “Todo mundo...”

Professor – “Grupo 5, Vinícius Júnior. Por que vocês o escolheram?”

Aluno 7 – “A gente escolheu porque ele joga pelo Brasil e mesmo ele tendo sofrido muitos preconceitos ele continuou.”

Professor – “Tá, então ele é persistente...”

Professor – “Beleza, agora pessoal, eu quero o seguinte, um grupo vai começar a fazer perguntas para o outro. Então é importante que vocês fiquem em silêncio.”

Professor – “Vamos lá. Grupo 1, Lebron James. Qual grupo vocês escolhem para fazer a pergunta?”

Aluno 3 – “Alanzoka.”

Professor - “Que pergunta vocês querem fazer?”

Aluno 3 – “Como vocês começaram a gostar de assistir os vídeos, as lives? Foi uma indicação de algum amigo, foi por descoberta própria...?”

Aluno 5 – “Então, quando eu comecei a ser amiga da Sophie, ela começou a me mostrar muitos vídeos no Instagram e ela sempre me mandava alguns cortes das lives dele, e ele fala sobre coisas engraçadas, então acabou que comecei a seguir, sabe e quando ele jogava aquele joguinho sem noção, não sei se você conhece, começou a sair muitas falas engraçadas dele, daí que comecei a seguir mesmo.”

Professor - Beleza grupo 2. Quer fazer pergunta pra quem?

Aluno 5 – “Quando foi que o Lebron James começou a entrar pro mundo do basquete?”

Aluno 3 - “Ele começou no mundo do basquete desde que ele tinha os seus 12, 13 anos, na sua adolescência. Já o ano que ele entrou eu não sei muito bem.”

Aluno 8 – “Como que ele começou com esse jogo? Foi por motivação dos pais ou outro motivo?”

Aluno 10 - “Porque ele sempre gostou desse jogo. Teve uma vez que ele foi jogar basquete na escola e gostou, entendeu, e foi daí que ele começou a gostar de basquete.”

Professor – “Grupo 3 quer perguntar pra quem e o quê?”

Professor – “Pra quem quer a perguntar? Grupo 4 do Yuri Alberto? O que vocês querem perguntar?”

Aluno 12 – “Por que escolheram o Yuri Alberto e eu quero saber se elas sabem em que posição ele joga.”

Aluno 11 – “Nós já falamos. Escolhemos ele como pessoal e por causa da personalidade dele.”

Professor – “Foi basicamente a pergunta que eu fiz no início...”

Professor – “O Grupo 4 do Yuri Alberto quer perguntar pra quem?”

Aluno 11 – “Pro grupo do Vinícius Júnior.”

Professor – “Silêncio...”

Aluno 11 – “Em que time o Vinícius Júnior começou a jogar e em que time ele está agora?”

Aluno 16 – “Começou no Flamengo e atualmente joga no Real Madrid.”

Professor – “Muito bem. Pesquisaram a respeito.”

Professor – “Grupo 5, quer perguntar o que e pra quem?”

Aluno 17 – “Pro grupo 2, do Alanzoka.”

Professor – “Pode falar.”

Aluno 17 – “Quando o Alanzoka começou a gravar live?”

Aluno 5 - Foi em 2011. E ele começou jogando MineCraft, mas ele realmente bombou quanto ele começou a fazer uma live jogando um jogo que eu também não

sei pronunciar o nome rs, um jogo de terror, e daí as pessoas começaram a seguir ele e perceber que ele era muito carismático, e ele já ganhou prêmio mundial de melhor influenciador.”

Professor – Olha só, agora o juiz vai ser maldoso, mas no bom sentido. Eu não perguntei o porquê que vocês escolheram, agora eu vou voltar tudo. Grupo 1, LeBron James me falem coisas negativas dele

Aluno 3 – “Putz!”

Professor – “Alguma coisa que ele não é tão bom! Ninguém é perfeito. Vai pensando.”

Professor – “Grupo 2. Citem coisas que poderiam ser melhores no ídolo de vocês.”

Aluno 5 – “Assim, eu acho que ele poderia melhorar na parte de falar menos palavrão. As vezes ele fala uns palavrões que não é necessário, e tem muita criança que segue por causa dos joguinhos. Uma outra coisa é que as lives gravadas dele demoram muito pra carregar.”

Professor – “Grupo 3, o que daria pra melhorar no ídolo de vocês, ou pontos negativos?”

Aluno 13 – “Nas entrevistas, falaram que ele era meio maldoso nos vestiários. Teve uma vez no Millan que ele colocou uma revista de pornografia no armário de um outro jogador. Daí quando foram as crianças visitar o CET do Millan tava lá.”

Professor – “Ele colocou e esqueceu de tirar! É uma brincadeira que passa dos limites né.”

Aluno 5 – “Professor, posso falar uma coisa sobre o meu?”

Professor – “Pode.”

Aluno 5 – “Tem momentos que ele tá jogando os joguinhos dele e ele toma um susto e ele dá uns gritos. Assim, é engraçado os gritos dele, mas as vezes acho desnecessário, porque eu assisto os vídeos de fone e parece que vai estourar meus tímpanos.”

Professor – “Exagerado ele. rs”

Professor – “Grupo 4. O que daria para melhorar no Yuri Alberto?”

Aluno 11 – “Ele perde muitos gols, tem dificuldade de dominar e passar.”

Professor – “Mas e dele? Isso como jogador né. Mas alguma coisa dele como pessoa que vocês acham?”

Aluno 18 – “Não.”

Professor – “Não? Ele é perfeito?”

Aluno 11 – “Não sabemos citar.”

Professor – “Grupo 5 – “Coisas que daria para melhorar do Vinícius Júnior?”

Aluno 16 – “Nada.”

Professor – “Não tem nada pra melhorar nele pessoal?”

Aluno 7 – “Ele já tomou decisões erradas.”

Professor – “Sabe dar algum exemplo?”

Aluno 7 – “Tomou decisões erradas em campo.”

Professor – “Mas como assim? De xingar, de brigar...?”

Aluno 7 – “Isso.”

Professor – “E o grupo 1, já pensou em alguma coisa?”

Aluno 3 – “Teve um jogo que ele abandonou no meio por causa de problemas pessoais.”

Professor – “Então ele não foi tão profissional. É isso?”

Aluno 3 – “É.”

Professor – “Pessoal, uma última pergunta. O Grupo 1 se tivesse que escolher um dos ídolos dos outros grupos. Quem vocês escolheriam?”

Aluno 3 – “Alanzoka.”

Professor – “Vocês acham que o grupo 2 teve as melhores explicações?”

Aluno 3 – “Sim.”

Professor – “Grupo 2, quem vocês escolheriam?”

Aluno 5 – “A gente escolheria o Lebron James. Porém tem uma pauta a ser aberta. Depois que eu fiz o meu trabalho foi lançado o vídeo do Felca, e eu fiquei doida pra fazer o trabalho dele, então se eu puder escolher um que não está aqui seria o Felca, porque ele abriu uma pauta que deveria ser falada.”

Professor – “Legal. E a gente falou da adultização na aula passada.”

Aluno 5 – “Sim. E isso veio na minha cabeça na hora.”

Professor – “Grupo 3, qual outro ídolo vocês escolheriam?”

Aluno 13 – “Vinícius Júnior”.

Professor – “Por que?”

Aluno 13 – “Por causa do racismo que ele sofre, e ele supera isso.”

Professor – “Beleza, Grupo 4 quem vocês escolheriam? E por que?”

Aluno 11 – “Vinícius Júnior.”

Professor – “Grupo 5?”

Aluno 7 – “Lebron James.”

APÊNDICE 8

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA (FASE 2)

Questões

Data de Nascimento:

Gênero (sexo): () feminino () masculino

Serie: () 6^a () 7^a () 8^a () 9^a

Turma: () A () B () C () D () E

Questão 1: Pense sobre você e escreva quais são os seus principais valores e princípios. Quais são mais presentes em você? Quais características de comportamento e atitudes que mais percebe em você?

De preferência responder em forma de itens.

Questão 2: Quais são seus ídolos? Quais atletas e/ou pessoas famosas te inspiram e te servem de referência? Por que você admira essas pessoas?

De preferência responder em forma de itens.

Questão 3: Na sua opinião, acontece muitos casos de indisciplina e falta de respeito nas aulas de Educação Física? Se sim, por quais motivos você acha que isso acontece?

De preferência responder em forma de itens.

Questão 4: Quais as contribuições que as aulas sobre “valores, princípios e ídolos” lhe trouxeram? O que você aprendeu sobre o assunto?